Autora de *Impostora* e *A Guerra da Papoula*

R.F. KUANG



intrínseca

HISTÓRIA DE TAIPEI

Autora de *Impostora* e *A Guerra da Papoula*

R.F. KUANG



intrínseca

HISTÓRIA DE TAIPEI

R.F. KUANG

HISTÓRIA DE TAIPEI

Tradução de Yonghui Qio
e Ana Beatriz Omuro



Copyright © 2026 by R.F. Kuang

TÍTULO ORIGINAL
Taipei Story

COPIDESQUE
Gabriela Peres

REVISÃO
Leandro Tavares

LEITURA SENSÍVEL
Diana Passy Yip

DESIGN DE CAPA
Ploy Siripant

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Whooli Chen/Central Illustration Agency

E-ISBN
978-85-510-1875-0

Edição digital: 2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K96h

Kuang, R.F.
História de Taipei [recurso eletrônico] / R.F. Kuang ; tradução Ana Beatriz Omuro, Yonghui Qio. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2026.
recurso digital

Tradução de: Taipei story
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1875-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Omuro, Ana Beatriz. II. Qio, Yonghui. III. Título.

26-105810.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

 intrinseca.com.br

 @intrinseca

 editoraintrinseca

 @intrinseca

 @editoraintrinseca

 intrinsecaeditora

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Nota da autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

钟德睿

Capítulo 7

Agradecimentos

Sobre a autora

Para Gonggong e Popo

NOTA DA AUTORA

Este livro utiliza sistemas de transliteração do mandarim, já que a narradora, Lily Chen, se depara com eles. Quase todos os nomes e as frases em mandarim são transliterados usando o *pinyin*, pois esse é o sistema mais adotado no ensino de mandarim nos Estados Unidos. Abri algumas exceções para as já conhecidas transliterações no sistema Wade-Giles (por exemplo, "Chiang Kai-shek" em vez de "Jiang Jieshi") ou quando Lily está consultando uma fonte que utiliza um sistema diferente (por exemplo, "Chiung Yao" em vez de "Qiong Yao").

História de Taipei é um romance que aborda equívocos: quase todos os encontros nas páginas a seguir incluem erros de tradução, problemas de comunicação e mal-entendidos. O livro brinca, em especial, com as noções de autoridade e autenticidade reivindicadas pela diáspora e com as maneiras pelas quais Taiwan foi mitificada nas fantasias hegemônicas dos Estados Unidos e da China continental. Levando em consideração como, durante boa parte de sua história, outros países tentaram falar em nome de Taiwan e sobrepor suas narrativas às da ilha, espero que minha obra possa servir como ponto de partida para leitores interessados em conhecer Taiwan por meio da escrita de autores que a chamam de lar. Recomendo aqueles que escrevem sobre história e identidade taiwanesa modernas, como Kaori Lai (*Portraits in White*), Bai Xianyong (*Taipei People*), Chen Yingzhen (*Exiles at Home*), Wu Ming-yi (*The Stolen Bicycle*) e Yang Shuang-zi (*Taiwan Travelogue*). As obras estão disponíveis em inglês.


Panasonic

1

Quando cheguei ao portão de embarque no Aeroporto Internacional de Boston, descobri que havia muitos estudantes sino-americanos no voo da United partindo de Boston para Taipei, com escala em São Francisco.

Na verdade, reconheci uma entre eles. Tínhamos frequentado algumas aulas juntas, e eu tinha quase certeza de que o nome dela era Joyce ou Jessica. Eu não conhecia os outros. Mas sabia que eram sino-americanos a caminho de Taipei para estudar chinês, porque estávamos na primeira semana de junho, época em que começavam todos os cursos intensivos de idiomas durante o verão, e porque eles estavam questionando se a escala seria longa o bastante, se teriam que passar por outra inspeção de segurança e se teriam que despachar as malas de novo antes do próximo voo. Pareciam chineses, mas não chineses *chineses*. Dava para perceber pelo bronzeado de verão, as bochechas coradas, o cabelo castanho queimado de sol. Sino-americanos pareciam chineses que tinham passado por uma grelha.

Duas daquelas pessoas eram claramente amigas, e o restante parecia pelo menos se conhecer. Uma menina usava um moletom de Harvard, então presumi que fossem estudantes locais. Talvez estivessem a caminho da Academia de Harvard em Taipei, uma instituição rival do programa que eu cursaria. Alguns conversavam sobre suas listas de desejos, quase todos envolvendo comida: a famosa sopa taiwanesa de carne com macarrão, os bolinhos com sopa de trufa negra no Din Tai Fung original, os *takoyaki* e cubos de carne grelhados do Mercado Noturno de Shilin, o frango assado do Hawker Chan.

Aquelas comidas também estavam na minha lista de desejos. Tínhamos lido os mesmos blogs de viagem. Estávamos todos a caminho da mesma cidade para fazer as mesmas coisas nas mesmas ruazinhas. Isso não deveria ter me surpreendido, mas era estranho compartilhar um itinerário com tantos estudantes iguais a mim, partindo do mesmo aeroporto no mesmo dia, dando a volta ao

mundo pelo mesmo motivo. Uma hora antes, enquanto me despedia de meus pais, eu me senti uma adulta aventureira: lá estava eu, indo passar dez semanas em um país que eu nunca havia visitado, para aprender uma língua que havia esquecido fazia muito tempo. Eu estava embarcando em uma jornada de amadurecimento para me reconectar à minha cultura. E muitos estudantes estavam prestes a embarcar em uma jornada com esse mesmo propósito.

Entramos no avião. A garota com o moletom de Harvard e um de seus novos amigos estavam sentados na fileira à frente da minha. Os dois ficaram maravilhados com a coincidência e, como esperado, começaram a flertar. Ele frequentava o MIT. Ela estudava, sim, em Harvard. Por acaso ela conhecia Priya? Priya de Choate? Por acaso ele conhecia Pete? Pete do clube de cinema? Sim, nossa! Que mundo pequeno. Depois ele iria viajar pelo Japão; cinco dias em Tóquio, cinco em Quioto. Ela iria para a China continental visitar alguns parentes.

— Meus avós moram em Guangzhou — contou a garota ao rapaz. — Mas eu nunca passei muito tempo com eles. Assim que eu aprimorar meu chinês, vou poder conhecer os dois de verdade.

Minha família também era de Guangzhou! Eu também queria poder conhecer meus avós! Quase me estiquei no assento e dei um tapinha no ombro dela para compartilhar essa informação, mas pensei em como me sentiria se uma enxerida me desse um tapinha no ombro para se intrometer na conversa, e fiquei quieta.

Os dois descobriram que haviam usado o mesmo livro didático de chinês naquele semestre, e o rapaz começou a fazer piadas com um dos personagens do livro, Wang Peng. Será que Wang Peng vai ficar com Li You? Wang Peng não é um galã? A garota riu, e eu senti uma antipatia intensa e repentina pelos dois. Eu conhecia bem aquele tipo. Podia apostar que eram da Bay Area. Que haviam cursado Kumon ou Russian Math durante a infância. Que haviam se juntado a clubes asiático-americanos na faculdade, onde aprenderam a fazer arte com técnicas de cortar papel, a servir chá e praticaram caligrafia em tapetes especiais que ficavam pretos ao serem molhados com água em vez de tinta, para que seus traços irregulares e tremidos desaparecessem depois de secos. Podia apostar que choravam com filmes de Ang Lee e fingiam entender os de Wong Kar-wai. Que davam envelopes vermelhos aos amigos durante o Ano-Novo Lunar, cheios de bilhetinhos fofinhos, como se fossem cartões de Dia dos Namorados. Que

compravam bolinhos da lua dormidos em mercadinhos asiáticos superfaturados durante o Festival de Meio do Outono, uma prova de que seguiam as antigas tradições. Que tiravam selfies com esses bolinhos da lua e postavam no Instagram, com legendas copiadas e coladas do Google Tradutor: 中秋節快樂!

Os motores foram acionados, e eu tive dificuldade de acompanhar a conversa. Queria escutar os dois falarem em chinês para confirmar que a entonação deles era ruim, que seu vocabulário era limitado, que eram, em sua essência, mais americanizados, mais corrompidos do que eu.

Mas o chinês deles não era nem melhor nem pior que o meu. Eu também havia usado o livro didático *Chinês Integrado*. Eu também conhecia Wang Peng. Estávamos no mesmo itinerário para preencher as mesmas lacunas gritantes, e a única coisa que resolveria isso era a passagem do tempo, dez semanas em Taipei, imersos em nossa língua materna, até que voltássemos com entonações perfeitas fluindo de nossa boca e já não fôssemos tão ruins em sermos chineses.

* * *

Algumas semanas antes, eu havia realizado duas provas de admissão pela internet para determinar meu nível de fluência no idioma. Uma era escrita, a outra era uma entrevista. A prova escrita era estruturada de forma que as perguntas ficavam cada vez mais difíceis conforme eu avançava, mas eu estava confiante até chegar à última parte.

Era de interpretação de texto: quatro parágrafos densos em chinês, seguidos por quatro questões de múltipla escolha. Eu sempre entrava em pânico diante de parágrafos inteiros em chinês. Sozinhos, os ideogramas a certa altura ficavam legíveis para mim. Juntos, formavam uma Grande Muralha impenetrável; os traços se misturavam, e, mesmo se eu avaliasse um caractere por vez, não conseguia decifrar rápido o bastante para conectar todos aos respectivos significados.

Eu ficava checando o cronômetro. Só me restavam onze minutos. Corri o olhar pelo primeiro trecho, na tentativa de desvendar a mensagem, mas eu só conseguia compreender frases aleatórias. Era uma carta enviada por uma estudante universitária aos pais. Disso eu sabia porque começava com as palavras "Queridos mamãe e papai" e encerrava com "da sua filha, fulana de tal". Eu era

péssima com nomes em chinês. Eles eram sempre compostos de substantivos raros que significavam coisas como "flor de ameixeira" ou "incandescência", termos que eu não tinha o menor motivo para estudar. Fulana de tal até que estava indo bem naquele semestre. Havia algo sobre provas e férias de inverno. Algo sobre uma janela aberta. A partir daí, perdi o fio da meada.

Pulei para as perguntas. As duas primeiras eram bem fáceis. De quem era aquela carta? De uma estudante universitária. Qual era o semestre? De inverno. A terceira pergunta era: "Por que o quarto dela estava sujo?"

Por quê, hein? Tentei pescar mais dicas a partir de fragmentos do trecho. A janela estava aberta, e algo havia caído da escrivaninha. Dei meu palpite e escolhi a última resposta: *Por causa de um ladrão*.

Os dois trechos seguintes abordavam motos e métodos contraceptivos. Não tive tempo de ler os textos; mal conseguia entender as perguntas. Escolhi respostas baseadas no senso comum. Por que o trânsito era um problema em Taipei? Porque havia carros demais. Por que cada vez mais mulheres taiwanesas usavam métodos contraceptivos? Porque ter filhos era caro. De repente, me ocorreu que eu poderia jogar os trechos num aplicativo de tradução, já que o site da prova não tinha protocolos para impedir as pessoas de trapacearem. Mas eu resisti à tentação. Tinha que ser sincera quanto aos meus pontos fracos.

O último trecho estava escrito em chinês clássico. A relação entre o chinês clássico e o mandarim moderno era semelhante à do latim com o inglês: ninguém falava assim no dia a dia, mas citá-lo fazia a pessoa parecer mais inteligente. Eu havia decidido, muito tempo atrás, que não tinha motivo para aprender, muito menos usar, chinês clássico, então apenas rolei a página e enviei a prova.

* * *

A entrevista foi feita por videochamada. Eu estava nervosa, mesmo que o objetivo fosse mostrar o que eu não sabia para que pudessem me ensinar ao longo do verão. Eu tinha certeza de que eles descobririam logo de cara que eu não conseguia falar nada de chinês e não passava de uma fraude, incapaz de aprender qualquer coisa. Eu queria ter metido a cara nos livros no dia anterior, mas não consegui me preparar direito porque, se eu conseguisse aprender um idioma inteiro da noite para o dia, então nem precisaria ir para Taipei.

Tudo foi agendado no horário de Taipei: a entrevista aconteceria à meia-noite do meu fuso. Quando entrei na sala virtual, vi na janelinha do vídeo duas mulheres sentadas diante de uma mesa. Uma era mais velha e usava óculos; a outra era mais jovem e parecia mais amigável. As duas se apresentaram, respectivamente, como professora Zhang e professora Huang.

— Fale um pouquinho sobre você — pediu a professora Huang.

Foi ela quem conduziu a entrevista. A professora Zhang fazia anotações e, vez ou outra, sorria sem erguer o olhar.

— Eu estou indo para o segundo ano do curso de Estudos do Leste da Ásia na Universidade Yale.

Consegui dizer tudo isso com muita naturalidade, já que havia pesquisado as traduções de "Yale" e "Estudos do Leste da Ásia" na noite anterior. Havia colocado uma folhinha de cola na tela do computador: traduções para frases como "falante de língua de herança", "imigrei quando era bebê", "ambiente não chinês" e "esqueci todo o meu vocabulário porque nunca tive motivo para falar chinês".

— Que tipo de aula você tem interesse em cursar? — perguntou a professora Huang.

— Aula?

— Isso! Temos uma enorme variedade de aulas por aqui. Você pode escolher eletivas sobre cultura, história, literatura e cinema.

— Eu gosto de literatura — respondi com um aceno. — Literatura!

— Ah, que bom! Você lê literatura chinesa?

— Eu leio literatura chinesa.

Eu tinha lido autores chineses traduzidos para o inglês para um seminário de literatura mundial, e torci para que aquilo contasse.

— Quais são os autores chineses de que você gosta?

De repente, eu não conseguia me lembrar do nome de um único autor chinês, exceto Lu Xun, que eu não queria mencionar porque ele era considerado o pai da literatura chinesa moderna. Responder "Lu Xun" seria o equivalente a declarar que meu autor inglês favorito era Shakespeare. Por fim, consegui dizer:

— Zhang Ailing.

— Ah, que incrível! Ela é bem conhecida na China. Você pode falar mais um pouquinho sobre o que te interessa nas obras dela?

Eu estava encrencada. Tínhamos saído do roteiro. Eu queria dizer que tinha lido Zhang Ailing apenas em traduções para o inglês, e mesmo assim seu poder descritivo e suas reflexões sobre as relações interpessoais haviam me deixado de queixo caído, e que eu achava sua foto de autora em preto e branco, em que ela usava um *cheongsam* elegante, ao mesmo tempo sedutora e pretensiosa, algo que me levara a refletir sobre o significado de ser uma autora mulher que desejava receber o reconhecimento dos críticos e também parecer bonita. Mas eu não sabia como dizer nada disso em chinês.

Esses eram os termos que eu conhecia: "Segunda Guerra Mundial", "Xangai", "cidade", "relacionamentos". Todos eram palavras-chave que eu acreditava estarem associadas a Zhang Ailing. Costurei esses conceitos com a gramática de que dispunha enquanto repetia que achava tudo aquilo muito, muito interessante. As professoras Huang e Zhang não deram qualquer indício de que aquela resposta fosse boa ou ruim.

— Você tem alguma outra pergunta, ou algo mais que gostaria de nos dizer?

— Ah, não — respondi. — Hã, eu…

Queria dizer que estava ansiosa para fazer o curso, mas, na hora, esqueci como se dizia isso. Acho que nunca haviam me ensinado a dizer que estava ansiosa para algo. Em vez disso, falei:

— Fico muito feliz de poder ir para Taiwan. E estudar. Com vocês.

— Também ficamos muito felizes com sua vinda — respondeu a professora Huang. Ela abriu um enorme sorriso e acenou, mexendo os dedos. — Tchau, tchau!

Elas saíram da reunião. Fiquei sentada por um tempo à minha mesa, encarando as mãos.

* * *

Anna estava à minha espera no portão de desembarque. Ela havia chegado meia hora mais cedo, num voo de conexão vindo de Tóquio. Tínhamos compartilhado os números dos nossos voos, estudado os mapas dos terminais e combinado um ponto de encontro para o caso de ficarmos sem sinal de celular, e ainda assim pareceu um milagre termos nos reencontrado ali, do outro lado do mundo. Observamos o estado uma da outra, mau hálito, remela nos olhos, cabelo oleoso,

e demos risada.

— Você tem que ver como são os banheiros — comentou Anna. — São os banheiros públicos mais limpos que eu já vi na vida.

Compramos passagens para o trem expresso roxo, que nos levaria do aeroporto à Estação Central de Taipei em meia hora. Tínhamos pesquisado aquela rota nos mínimos detalhes e até assistido ao vídeo de um viajante registrando toda a jornada, mas ainda assim foi um alívio quando descobrimos que a maquininha de bilheteria existia de verdade, que as passagens custavam o mesmo valor que constava na internet e que o trem roxo chegou de fato. Retornamos à superfície, e eu contemplei a vastidão de arranha-céus contrastando com as colinas que desabrochavam em montanhas. Eu tinha lido que Taipei era uma cidade construída dentro de um vale, numa ilha, o que significava chuvas abundantes. Tudo vivia coberto de orvalho. Taipei não tinha o brilho intenso que eu associava aos trópicos: nada de praias douradas, nada de azuis vibrantes. Era tudo um borrão úmido de montanhas e florestas cintilantes sob uma camada molhada de verde.

Anna e eu éramos as únicas turistas em nosso vagão. Ninguém mais carregava malas tão volumosas, e ninguém mais estava boquiaberto diante das janelas, como se nunca tivesse visto montanhas na vida. Imaginei que fossem trabalhadores ou moradores locais voltando de viagens curtas. Meu peito ficou apertado, e, enquanto admirava as colinas ondulantes ao nosso redor, senti os olhos arderem. Eu não sabia como interpretar esse sentimento. Será que era possível sentir saudade de um lugar onde você nunca esteve?

* * *

Anna e eu tínhamos ficado amigas porque sentávamos lado a lado na aula de chinês. A primeira coisa que reparei foi na risada dela. Anna ria toda vez que alguém cometia um erro bobo, como quando diziam “cavalo” no lugar de “mãe”, ou “prostituta” em vez de “galinha”, ou quando se esqueciam de usar a partícula de tempo 了, então, em vez de falar “Eu fiz meu dever de casa”, os alunos soltavam um “Eu faço meu dever de casa!”, em pânico. Não era uma risada maldosa. Era bonitinho, uma risadinha involuntária, e na maior parte do tempo Anna ria de si. Ela tinha um rosto redondo de bebê, cheio de boas intenções. A

risada dela descontraía a turma inteira. Podíamos nos arriscar, cometer erros, porque no pior dos cenários isso faria Anna rir. Eu sempre formava dupla com ela nos trabalhos, e estávamos sempre rindo tanto que não conseguíamos terminar os diálogos das tarefas, como quando tive que fingir ser a mãe dela, decepcionada com suas notas, ou quando ela precisou confessar que tinha uma quedinha pela minha irmã.

Eu não conhecia Anna muito bem fora da sala de aula. Na verdade, fiquei surpresa quando ouvi a voz dela no aeroporto. Era raro falarmos em inglês pessoalmente; desde o fim do semestre letivo, tínhamos conversado só por mensagens e e-mails. Mas eu tinha a impressão de que era melhor assim. Teria sido esquisito ir até Taipei com qualquer outro amigo do primeiro ano da faculdade, aqueles que conheciam minha versão em inglês, meu eu de verdade. Anna só me conhecia em chinês. Isso queria dizer que eu poderia construir uma identidade ali, na frente dela, sem me sentir uma farsa.

* * *

Tínhamos comprado chips de celular no aeroporto, e, no caminho entre Taoyuan e Taipei, comecei a ter sinal. Mandei uma mensagem para a minha família: *Cheguei bem, estou indo para o apartamento*. Mesmo sendo tarde da noite onde estavam, meus pais responderam em poucos segundos.

Se cuide, disse meu pai.

Tome muito cuidado e beba apenas água filtrada ou mineral, alertou minha mãe.

Jasmine, minha irmã mais velha, não respondeu; ela nunca dava as caras no grupo da família. Mas havia uma mensagem da minha irmã mais nova, Flora. *Você já chegou?*

Aquilo era uma trégua. Flora e eu havíamos brigado antes da viagem. Eu já tinha me esquecido do motivo da discussão — talvez algo idiota, como ela ter ou não roubado meu short de pijama favorito —, mas a situação havia tomado as proporções de um evento apocalíptico. Flora não me acompanhara até o aeroporto, e eu não havia me despedido dela. Eu sabia que a tinha deixado no meio de uma crise familiar, do tipo que acontecia de meses em meses. Também sabia que, mais do que raiva, ela tinha medo de ficar sozinha. Isso me enchia de culpa, mas não o bastante para cancelar a viagem.

Cheguei!

Enviei uma foto das colinas para ela.

Legal, escreveu Flora. *Você vai ver a vovó e o vovô?*

Senti uma pontada de irritação.

Não durante esta viagem.

Mas não fica bem perto?

Fica a algumas horas daqui. Mas eu não tenho visto para a China continental.

Houve silêncio da parte dela. Depois: *É que parece meio esquisito viajar até aí e não ir lá ver os dois.*

Mas Flora sabia que eu não tinha visto. Esteve presente durante essa briga. Ela só estava perguntando para ser cruel. Eu não respondi, e ela não me mandou mais nada.

* * *

Fizemos baldeação para a linha vermelha na Estação Central de Taipei. Compramos cartões de metrô, que eram de aproximação, e os recarregamos com dinheiro, um processo que demorou mais do que me pareceu necessário. Não dava para comprar cartões nas maquininhas, só recarregá-los, então precisamos pedir ajuda a um homem numa cabine de atendimento, mas ele só aceitava dinheiro em espécie, então encontramos um caixa eletrônico e nos revezamos sacando dinheiro e vigiando os arredores para não sermos assaltadas. Eu havia pegado esse hábito de minha mãe. Não importava em que cidade você estivesse: qualquer caixa eletrônico era um lugar visado para assaltos. Pagamos cem novos dólares taiwaneses pelo cartão em si e depois tivemos que acrescentar a tarifa do transporte. Nós pesquisamos: seiscentos novos dólares taiwaneses pareciam dar para o gasto. A taxa de câmbio era de trinta novos dólares taiwaneses para cada dólar americano, então eram vinte dólares num cartão de metrô, e isso parecia uma quantia razoável para se gastar em um mês.

Eu estava me acostumando a dividir tudo por trinta. Anna e eu tínhamos recebido ajuda de custo de um programa governamental taiwanês que incentivava alunos estrangeiros a estudar chinês em instituições locais, o que significava que o dinheiro da bolsa de estudos seria na moeda taiwanesa, mas isso pouco importava. Eu só conseguia compreender o valor das coisas ao converter para

dólar.

O sistema de metrô era incrível. Divisórias de vidro impecáveis separavam os trens das plataformas. Os passageiros eram educados e faziam fila entre as linhas pintadas no chão. As luzes faziam contagem regressiva em intervalos de cinco segundos, informando o tempo até a chegada do próximo trem, que nunca estava a mais de cinco minutos de distância. No horário exato, o trem da linha vermelha até Xiangshan deslizou sem percalços até a plataforma.

Descemos na estação Dongmen. Arrastamos nossas malas escadas acima e seguimos pela saída 6, conforme nosso senhorio nos instruiu, e surgimos na calçada acidentada da rua Yongkang. As lojas de vitrines abertas ofereciam raspadinha de gelo com xarope de fruta, *bubble teas*, tigelas de macarrão, fatias de pitaia, ramos inteiros de lichia e *longan*, pãezinhos de porco no vapor, além de biscoito água e sal com recheio de *nougat* e panquecas de cebolinha. A disposição das coisas me impressionou. Ao contrário de New Haven, onde tudo ficava trancado atrás de vidro, ali as iguarias ficavam a céu aberto, eram enfiadas na sua cara, os preços anunciados em letreiros de madeira pendurados. Não era necessário conhecer as palavras; bastava apontar. Três funcionários da mesma loja tentaram me oferecer amostras de morangos liofilizados, e eu queria saber uma maneira mais coloquial de responder do que:

— Não quer, não quer, obrigada.

* * *

Lee, nosso senhorio, estava à nossa espera na frente de uma cafeteria, como prometido. Nosso apartamento ficava no complexo sem identificação ao lado. Ele nos conduziu escada acima, e, assim que destrancou a porta, nós percebemos que havíamos cometido um erro terrível.

Anna e eu tínhamos escolhido aquele apartamento de temporada depois de semanas lendo blogs de viagem, ajustando nossos orçamentos e passando o pente-fino em anúncios de imóveis por toda a cidade. Nosso curso oferecia uma série de opções de moradia, mas eram dormitórios caros e repletos de alunos estrangeiros. Tínhamos decidido morar em um bairro descolado e poupar um pouco de dinheiro. Não queríamos viajar até Taiwan para ficar isoladas entre estadunidenses.

De repente víamos que as fotos no anúncio do site tinham disfarçado um estúdio minúsculo como um apartamento espaçoso de um quarto. A cama ficava atrás de um biombo de treliça: aquele era o quarto. O sofá que parecera ter oito lugares na verdade tinha apenas dois e era curto demais para servir de cama a menos que a pessoa encolhesse os joelhos até o peito. Para piorar, o móvel ficava encaixado tão perto da mesinha de centro que, mesmo para alguém sentado, não havia espaço para colocar as pernas. O banheiro era limpo, pelo menos, mas pequeno. O chuveiro ficava posicionado logo acima do vaso sanitário, e era por isso que o suporte de papel higiênico era protegido por uma tampa de metal.

— Tudo fica molhado na hora do banho — alertou Lee. — Eu tenho algumas sacolas plásticas se vocês precisarem manter algum item seco.

Não era para jogarmos papel higiênico no vaso sanitário. Lee enfatizou esse detalhe várias vezes. Os canos eram muito velhos e entupiam com facilidade. Isso valia para a maioria dos banheiros da cidade. Taiwan não era como os Estados Unidos. Se jogássemos papel no vaso, ele entupiria e talvez até alagasse o prédio inteiro.

— Por favor, por favor, por favor — implorou o homem, as mãos unidas com força, como se estivesse rezando. — Não se esqueçam.

A cozinha e a máquina lava e seca estavam enfiadas em uma varandinha externa estreita fechada com uma parede de ripas grossas de ferro. Isso evitava que a fumaça da cozinha entrasse no prédio.

— Não fechem a porta se estiverem sozinhas — avisou o sujeito. — Ela tem tranca automática, então vocês vão ficar presas aqui até alguém na rua chamar a polícia.

Lee nos passou a senha do wi-fi, nos mostrou onde ficavam os sacos de lixo, onde encher nossas garrafas de água e onde descartar o lixo. Havia três lixeiras: não recicláveis, recicláveis e papel higiênico usado. Ele quis saber se tínhamos perguntas e, quando dissemos que não, foi embora.

Anna e eu zanzamos pelo cômodo e conversamos.

Estávamos um pouco decepcionadas com Lee, mas não queríamos exigir um reembolso. Ele tinha sido tão simpático pelo WhatsApp. Havia se comunicado com a gente todos os dias daquela semana e até mesmo se oferecido para nos arranjar um táxi. Ele se referia a nós como “Minhas queridas e estimadas convidadas” ou “Queridíssimas Anna e Lily” e terminava cada mensagem com

vários emojis de coração. A essa altura, Lee parecia ser da família.

O que faríamos? Nós duas tínhamos passado o último ano dormindo em camas de solteiro espremidas ao lado de colegas de quarto de quem não gostávamos muito, e aquela intimidade forçada nos deixara mais preocupadas com nossa privacidade. Dividir a mesma cama, protegidas apenas pelo biombo, e tomar banho por cima do vaso sanitário parecia estar além da nossa capacidade.

— Acho que cidades asiáticas não têm tanto espaço — raciocinou Anna. — Seria igual em qualquer outro lugar.

— E a gente não vai passar muito tempo aqui — falei.

— Pois é, só precisamos de um lugar para dormir.

Decidimos que tentaríamos dormir juntas na cama e, se isso nos incomodasse, uma de nós iria para o sofá. Poderíamos ir revezando. A gente daria conta. Isso nos ajudaria a formar caráter. Nossos pais, que frequentaram a faculdade na China, haviam dormido em beliches minúsculos em quartos com seis, oito, dez pessoas. Nossos pais tinham sobrevivido ao *comunismo*. Será que não poderíamos ser tão resilientes também?

* * *

No dia seguinte, estudamos nossos trajetos, pegamos o ônibus 278 da estação Wende até o ponto na Estrada Fuxing Sul e depois andamos mais dez minutos até a Universidade Nacional de Taiwan.

Nosso curso ficava no terceiro andar. Havia outro curso de chinês de verão no segundo, mas eu nunca tinha ouvido falar dele. Não era um dos programas aprovados pelo departamento de bolsas de estudo da nossa universidade. Tudo nele parecia menos sério. As paredes estavam cobertas com cartazes enormes e vibrantes de caracteres chineses básicos como 好 e 日 e panfletos que retratavam estudantes acenando e sorrindo em um campo. Todos eles usavam short de basquete. Pareciam felizes demais.

Continuamos a subir as escadas. Não havia cartazes no terceiro andar. Uma televisão posicionada acima da entrada exibia um *chengyu* diário, uma expressão idiomática com quatro palavras em chinês. O daquele dia era 學海無涯, que significava "o mar do aprendizado não tem limites". Entendi que deveria ser um incentivo, mas parecia uma ameaça. Era assim mesmo que eu me sentia quanto a

aprender chinês. Estava sempre me afogando no que eu não sabia.

* * *

Pensamos que tínhamos chegado cedo para a orientação, mas a sala de aula principal já estava lotada, então tivemos que nos espremer no fundo das fileiras de carteiras até encontrar dois lugares vazios.

— Oi, Lily!

Levei um instante para reconhecer o rapaz sentado ao meu lado. Era Skipper Leys. Eu conhecia aquele rosto, só era muito inesperado naquele contexto. Eu não sabia que Skipper estava estudando chinês. Ele morava no meu dormitório da faculdade, mas não éramos próximos. Eu não conhecia ninguém que fosse próximo de Skipper, já que o consenso era de que ele era meio esquisitão. Andava com a postura tão certinha que chegava a ser inquietante, não piscava quando falava e usava um blazer aonde quer que fosse, até no bandejão. Seu principal traço de personalidade era que estava recebendo treinamento para se tornar oficial das Forças Armadas estadunidenses.

Perguntei como ele estava.

— Meu verão tem sido bem interessante.

Skipper sempre falava de um jeito formal. Ele já tinha feito um estágio em pesquisa com duração de três semanas com um acadêmico de Harvard que era famoso por aplicar a Armadilha de Tucídides às relações sino-americanas. A teoria afirmava o seguinte: os Estados Unidos eram uma potência em declínio, a China era uma potência em ascensão, então, assim como Esparta e Atenas, as duas nações estavam destinadas ao conflito. Skipper tinha a intenção de trabalhar na inteligência da Aeronáutica depois de se formar, então havia decidido estudar chinês em Taiwan, que ele acreditava ser o aliado mais importante dos Estados Unidos na região Ásia-Pacífico. Skipper acreditava que precisávamos nos preparar para uma guerra por Taiwan que iria estourar até o fim da década. No momento, havia diversos fatores mantendo a China na linha. Era difícil, de um ponto de vista logístico, que a China organizasse uma invasão terrestre, já que uma cordilheira protegia todas as zonas mais populosas de Taiwan. Além disso, Taiwan era lar dos fabricantes de semicondutores mais valiosos do mundo, tendo um "escudo de silício", então a China não arriscaria danificar esses recursos com

uma campanha de bombardeio. Aliás, o ELP, que Skipper explicou ser o Exército de Libertação Popular, teria primeiro que cruzar o Estreito de Taiwan para desembarcar tropas terrestres na ilha, e não seria uma travessia fácil, já que os Estados Unidos tinham navios de guerra estacionados bem ali. Ainda assim, essa *détente* não duraria muito tempo. Aquilo estava fadado a acontecer; tínhamos que nos preparar. Por acaso eu tinha parentes em Taiwan ou na China continental? Meus avós? Que pena, talvez eu devesse considerar levar os dois para os Estados Unidos. Skipper tinha conexões com os deputados do estado se eu precisasse de ajuda com os vistos.

Ele transmitiu tudo isso em sussurros esbaforidos e urgentes, pouco antes de um professor assistente ir até a frente da sala e começar a repassar a política de frequência nas aulas do curso.

* * *

— A regra mais importante de nosso programa é o compromisso com o idioma — declarou a professora Xu, diretora do curso durante mais de uma década. Sua maior alegria era ajudar alunos a desvendar as belezas do idioma chinês. — É proibido falar qualquer idioma além do chinês no departamento. Se precisarem fazer uma ligação, vão para o lado de fora. Se quiserem conversar com seus amigos em inglês, precisam descer até o segundo andar. Temos uma política de três advertências. Depois de dois avisos, vocês serão convidados a se retirar do curso. Todos entenderam?

Nós assentimos. A professora Xu continuou:

— Vocês já devem ter ouvido falar que este programa tem a fama de ser intenso. Aqui, não vamos 放牛吃草. Por acaso alguém sabe o significado dessa expressão?

Ninguém levantou a mão. A professora Xu explicou: significava apenas que teríamos que nos esforçar. Não sairíamos para pastar grama à vontade feito vacas. Eles nos fariam merecer nossa grama. A metáfora não ia tão longe, mas tive uma visão repentina de nossa turma se arrastando pelos campos de gramática e vocabulário, mastigando e digerindo o conhecimento com nossos quatro estômagos.

Não precisaríamos escrever ideogramas à mão e poderíamos digitar todos os

nossos deveres de casa. Houve um suspiro coletivo de alívio. Alguém chegou a comemorar em voz alta. Essa era a pior parte de se aprender chinês: passar horas treinando a escrita de ideogramas repetidas vezes até que a memória muscular fosse gravada no cérebro. Ao longo do primeiro ano de faculdade, eu havia preenchido pilhas de folhas de papel com o que minha colega de quarto chamou de "rabisquinhos". Mesmo muito tempo depois de ter aprendido a reconhecer os ideogramas de primeira, eu ainda sentia dificuldade de escrevê-los. Estava presa num limbo nebuloso entre reconhecer a aparência de um ideograma e saber a sequência exata de traços para se chegar àquele resultado. Com frequência eu achava que meu chinês iria progredir de vento em popa se não precisasse escrever caracteres como 繼續 e 截斷, e fiquei muito feliz que aqueles professores concordavam.

— Aprender a escrever ideogramas à mão ocupa muito tempo de aula — explicou a professora Xu. — E também pode ser difícil para os professores lerem a caligrafia de vocês. Agora todos usam computadores para digitar os ideogramas, e muitos falantes nativos de chinês também não conseguem escrever os caracteres à mão. Então acreditamos que, desde que vocês os reconheçam, não haverá problemas.

Ela nos apresentou o cronograma do curso. Faríamos uma prova oral e uma escrita na nossa penúltima semana, além de uma prova final antes de recebermos nossos certificados de conclusão. Também faríamos uma apresentação: teríamos que escrever e memorizar um discurso de pelo menos dez minutos ou mil ideogramas e proferi-lo diante de todo o corpo docente. Teríamos a opção de fazer excursões em grupo para Jiufen e Maokong, e receberíamos mais informações sobre os passeios depois. Essas viagens teriam um custo extra, e as vagas eram limitadas. Não eram obrigatórias. Aquele curso não era uma experiência cultural; o principal objetivo era colocar a mão na massa.

— Bem, é assim que vai ser — concluiu a professora Xu, unindo as mãos. — Reconhecemos que a carga de tarefas é bem alta, mas acreditamos que vocês conseguem cumprir esse desafio. Acreditamos que estão aqui porque querem aprimorar o chinês de vocês. Se quiserem uma experiência mais descontraída durante o verão, podem ir se matricular no curso do segundo andar.

Essa era a segunda vez que ela mencionava o segundo andar. A mensagem era clara: poderíamos nos divertir naquele verão, mas aí seríamos analfabetos.

* * *

Depois da orientação, os alunos se dividiram em dois grupos: metade formou fila para fazer a carteirinha de estudante e a outra metade partiu para uma visita guiada pelo campus.

— Ai, meu Deus — sussurrou Anna, mas em chinês, de forma que soou como *Ai, meus céus!* — Olha, é o JC.

Eu espiei a fila. Lá estava ele: curvado sobre o balcão de inscrição, batucando a caneta nos formulários. Mesmo de costas, eu sabia que era ele por causa da altura e dos cachos soltos e escuros na nuca.

John Cahan-Song era famoso. Éramos bons em ignorar gente famosa em Yale. Só no meu dormitório moravam um antigo ginasta olímpico, a herdeira de uma dinastia petrolífera e uma atriz mirim que recentemente tinha sido assassinada em seu programa de televisão. Até poderíamos procurar imagens dessas pessoas nas horas vagas ou ler seus perfis na revista *The Cut*, mas, caso estivéssemos diante delas no bandejão, ainda teríamos que fingir que não sabíamos quem eram. Claro, todo mundo estava megaciente da presença delas. Sempre soubemos quem eram e o que faziam. Eu, por exemplo, sabia que JC tinha um difusor de lavanda em seu dormitório, que Luca Guadagnino era seu diretor favorito e que ele acompanhava as meninas de volta para casa depois de terem transado, mas só depois de escurecer.

JC não era famoso por mérito próprio, e sim por conta de sua mãe, Lydia Cahan-Song, uma professora de linguística que havia sido alçada à fama graças a um TED Talk seguido de uma biografia best-seller sobre como ela havia criado os filhos para falarem cinco idiomas com fluência quase nativa. Ela e o marido falavam apenas inglês e chinês, então haviam contratado duas *au pairs*: uma da França e outra da Suécia, que, somadas, falavam alemão, francês e italiano. A irmã mais velha de JC, Justine, estava no primeiro ano da faculdade de direito e era lindíssima. Os irmãos eram bem conhecidos no TikTok. Eles faziam um esquete recorrente em que começavam uma briga em um idioma e passavam para outro com toda a naturalidade, dando uma volta ao mundo enquanto pequenos emojis de bandeiras brotavam ao fundo do vídeo. Eu não era obcecada pelos irmãos; o algoritmo simplesmente empurrava o conteúdo deles para mim. Eu ficava mexendo no celular, distraída, e de repente lá estavam eles. Assisti ao vídeo

de JC cantarolando uma canção de ninar francesa para um coelhinho mais vezes do que eu ousaria admitir.

Mas até John Cahan-Song precisava aprimorar seu chinês! Isso me reconfortava. E nos colocava em pé de igualdade. Pelo visto, nem mesmo os famosos do TikTok conseguiam pastar grama à vontade.

* * *

A visita era guiada por uma universitária recém-formada chamada Cassidy, que havia participado do programa durante vários semestres como aluna antes de viver seu sonho: ajudar outras pessoas em sua jornada pela língua chinesa.

Ela nos contou que a Universidade Nacional de Taiwan, a NTU, foi construída em 1920 pelo governo colonial japonês, mas foi renomeada e restabelecida como uma instituição chinesa depois da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Conforme avançávamos, eu tentava desvendar o que tornava a NTU tão asiática para mim. Talvez fossem as flores de lótus flutuando no Lago da Lua Embriagada, ou as enormes palmeiras cercando a alameda central. Ou os nomes dos dormitórios; ali, eram designados como Quarto Dormitório das Mulheres e Oitavo Dormitório dos Homens em vez de serem chamados pelos nomes de antigos escravocratas. Ou os enormes bicicletários em cada bloco. Eu nunca tinha visto tantos ciclistas num campus universitário. Eles entravam e saíam das faixas espaçosas de ciclovia, mexendo no celular enquanto pedalavam, sem as mãos no guidão.

Cassidy nos conduziu por uma barraquinha de macarrão, uma lanchonete e uma loja de produtos agrícolas (o departamento de agronomia da NTU era famoso por suas vacas, e nos incentivaram a voltar e provar os sanduíches de sorvete), depois nos levou pelo centro estudantil. Ali era uma boa opção para o almoço, explicou Cassidy; além de barata, a comida não era tão ruim quanto parecia. Havia uma padaria, um quiosque de bolinhos cozidos no vapor, um de *bubble tea* e até mesmo um bufê vegetariano a quilo, onde podíamos servir nossas próprias tigelas de arroz de uma panela enorme. Não havia ar-condicionado apesar do calor sufocante. Ventiladores de parede gigantescos zumbiam de todos os cantos. Estudantes taiwaneses estavam sentados e debruçados sobre seus livros didáticos.

Do lado de fora, todos nos amontoamos em torno de uma estrutura alta de metal: quatro mastros se estendendo até o céu, depois afundando para sustentar um sino de bronze. Aquele era o Sino Fu, assim chamado por conta de um dos antigos reitores da universidade.

— O reitor Fu era muito amado no campus — explicou Cassidy. — Teve uma vez, durante o período de lei marcial, depois de uma manifestação estudantil, que o governo enviou policiais para invadir o campus atrás de simpatizantes do comunismo, e o reitor Fu se recusou a deixar os guardas passarem pelos portões. Ele disse que aqui era um lugar de aprendizado, e não de política. Se machucassem qualquer um dos estudantes, ele mesmo os enfrentaria.

Alguém perguntou a Cassidy se havia muitos simpatizantes do comunismo durante a Guerra Fria. Ela encarou o sujeito como se ele fosse idiota, depois respondeu:

— Olha, a China continental fica, tipo, bem ali.

* * *

Enviei algumas fotos do campus para os meus pais. Eu não sabia ao certo qual era o humor deles no momento, mas em geral bastava conversar sobre assuntos acadêmicos para animar os dois. Eles tinham ficado radiantes quando fui aceita no curso de verão. Ao que parecia, a Universidade Nacional de Taiwan era uma instituição de muito prestígio, como se fosse a Harvard de Taiwan. Meu pai perguntou se eu já havia feito algum contato com os alunos ou os professores.

Na verdade, não, respondi por mensagem. *Todos os meus colegas de turma são alunos de intercâmbio. E os professores de idiomas não são professores concursados, são só instrutores.*

Isso era confuso porque, em chinês, o mesmo título era usado tanto para professores quanto para instrutores de esqui: 老師.

Meu pai sugeriu que eu comparecesse a algumas aulas de física se eu tivesse tempo. Minha mãe queria saber se todos os professores eram taiwaneses.

Acho que sim, escrevi.

Não tem problema, disse minha mãe. *Só não pegue o sotaque taiwanês!*

Perguntei qual era o problema do sotaque taiwanês.

Nenhum, escreveu ela. *Não tem nada errado com o sotaque taiwanês, ele é bastante*

doce. Um instante se passou, e aí ela acrescentou: *Por favor, não perca o seu sotaque de Beijing.*

Minha instrutora de idioma da faculdade era uma mulher de Beijing. Ao longo do meu primeiro ano, fui adotando a pronúncia dela aos poucos, para a alegria da minha mãe: as sílabas pronunciadas de forma clara e assertiva, o som de *er* adicionado ao acaso ao fim de quase todas as palavras. Eu imaginei que o sotaque de Beijing fosse como o inglês da rainha. Era um pouquinho irritante, mas indicava que você tinha classe e era melhor do que os outros.

"Você está começando a falar que nem a tia Sharon", minha mãe gostava de dizer. Era um elogio. Tia Sharon era sua melhor amiga da igreja. A maioria das amigas de igreja dela eram cantonesas ou fujianesas. Tia Sharon era a única de Beijing e era reconhecida por todos como uma senhora elegante. Depois da missa de domingo, ela gostava de me puxar para um canto e me mostrar fotos de suas férias na Europa. Em todas as imagens, ela estava parada diante de monumentos famosos na mesma pose: os pés dispostos na terceira posição de balé, os braços erguidos com graciosidade ao lado do corpo, os polegares tocando os dedos indicadores. Tia Sharon falava apenas em chinês, exceto quando trocava de idioma no meio da conversa para usar sua frase favorita em inglês: "Não é do meu agrado."

Pessoas que não eram do agrado da tia Sharon: a pianista substituta (que se vestia de forma casual demais), o pastor dos jovens (cujos dentes eram brancos demais), a nova esposa de seu filho Benji (que era recém-chegada de Xangai e não tratava tia Sharon com o devido respeito).

O sotaque taiwanês, em comparação, era famoso por ser simpático. Eu tinha visto um vídeo que viralizou de uma influenciadora de Beijing emocionada com a gentileza da comissária de bordo durante um voo para Taipei. Mas minha mãe não queria que eu adotasse esse sotaque. Ela tinha medo de que a gentileza excessiva pudesse me atrasar na vida. Queria que eu aprendesse a soar maldosa e rica. Assim, minhas oportunidades seriam infinitas.

* * *

Depois da visita guiada, nós voltamos ao departamento para buscar nossos livros didáticos. Podíamos escolher entre ideogramas tradicionais ou simplificados. Até

onde eu sabia, a China continental usava os simplificados porque o presidente Mao, um revolucionário comunista, acreditava que camponeses analfabetos poderiam se libertar dos grilhões da ignorância caso o idioma se despisse de seus floreios desnecessários. Enquanto isso, Hong Kong, Taiwan e muitas outras comunidades chinesas diaspóricas ainda usavam ideogramas tradicionais, porque, além de odiar os comunistas, recusavam-se a apagar milhares de anos de história e cultura.

Eu conseguia ler os dois sistemas de escrita, então escolhi o tradicional. Não tinha um bom motivo para isso. Simplesmente parecia ser mais complicado, e eu sempre senti que havia certa virtude em escolher o caminho mais difícil, ao menos quando se tratava dos estudos.

Entrei no saguão e folheei cada volume. Livros didáticos novos sempre me davam certo prazer masoquista. Eu gostava do peso deles. Gostava de ter uma prévia de todas as coisas que eu não sabia. Ficava empolgada com a quantidade de trabalho a ser feito: as horas que eu passaria mergulhada de cabeça nesses blocos de texto, destrinchando cada detalhe até compreender tudo. Parecia uma promessa. Ao fim do curso, eu seria capaz de ler tudo naqueles livros. Todo aquele peso entraria na minha cabeça.

* * *

Naquela noite, no apartamento alugado, Anna e eu conversamos apenas em chinês. Tínhamos decidido que deveríamos honrar o compromisso com o idioma mesmo dentro de casa, para garantir a experiência imersiva completa. Se não lembrássemos o termo para "chuveiro" ou "máquina de lavar", então teríamos que pesquisar, e isso nos ajudaria a aumentar nosso vocabulário.

Depois de uma hora de conversa, eu quis dar na cara dela. Não pelas coisas que Anna dizia, mas pelo jeito como dizia: delicado, afetado, de alguma maneira tanto ingênuo quanto passivo-agressivo. Ela elevava o tom de voz em pelo menos uma oitava ao falar em chinês, tão agudo que chegava a machucar meus ouvidos. Eu nunca havia me sentido assim em relação a ela durante as aulas. Mas, quando não estávamos interpretando uma cena ou lendo o livro didático, quando Anna estava apenas sendo ela mesma, eu não a suportava. Em chinês, Anna era uma criancinha mimada.

Como eu poderia abordar o assunto sem ser uma escrota? Tentei comentar:

— Sabe, a sua personalidade em chinês é diferente.

Anna franziu a testa. Eu sabia que ela queria perguntar em que sentido, mas, como não conseguia formular a frase, o que saiu foi:

— Do que você está falando?

Eu queria responder "Você parece uma pirralha birrenta, e a sua voz me dá nos nervos". Mas eu não conhecia nenhuma dessas palavras, então falei:

— Você parece uma criancinha. A sua voz… é mais aguda.

— A sua também é diferente — respondeu Anna. — Você fica… — Ela pegou o celular, digitou algo em seu aplicativo de dicionário e então declarou: — Dócil e incerta.

Nós duas ficamos em silêncio. Será que ela também estava pensando nos pais?

* * *

Teríamos um fim de semana prolongado antes do início das aulas, na próxima terça-feira. Um grupo de conversa das pessoas de Yale havia se materializado: eu e Anna, Skipper, dois alunos do nosso grupo de calouros — Devin e Belinda — e JC. Era a primeira vez de todo mundo em Taipei, mas todos nós tínhamos recebido as mesmas dicas de viagem e concordávamos quanto ao primeiro passeio: explorar os monumentos da Praça da Liberdade, ir até o Museu do Palácio Nacional, comer no mercado noturno e pegar o elevador até o topo do Taipei 101. Algumas daquelas dicas pareciam missões de um conto de fadas. *Ao pôr do sol, vá até a base da Montanha do Elefante, procure pela loja com as lanternas vermelhas e encontre uma sopa de carne vegana com macarrão feita com cogumelo juba-de-leão.* Mas esses eram caminhos conhecidos. Dito e feito, a sopa de macarrão vegana apareceu.

Logo surgiu uma hierarquia de autoridade cultural um pouco relacionada ao nível de fluência, mas sobretudo com suposições sobre raça: na base estavam Devin e Skipper, que eram brancos; depois Belinda, que era chinesa, mas adotada; depois JC, cujo sotaque era tão ruim que chegava a ser suspeito, já que ele deveria falar como um nativo. Anna e eu estávamos no topo. Embora fosse nossa primeira vez em Taiwan, nós duas já havíamos viajado em família para a China continental, e isso bastava. Assim, nós dávamos as ordens:

interpretávamos o que os outros não conseguiam entender; decidíamos qual linha de trem pegar e em que restaurantes comer; e explicávamos os costumes locais para os outros, embora, na maior parte do tempo, estivéssemos só repassando as dicas encontradas no Google. Às vezes eu ia de fininho ao banheiro só para procurar algo no celular, porque gostava de ter todas as respostas.

Fizemos uma peregrinação até o Din Tai Fung original, o império dos bolinhos com recheio ensopado que tinha filiais espalhadas pelo mundo todo. Paramos sob os conhecidos ideogramas vermelhos às seis da tarde, horário que achávamos cedo para jantar, e nos deparamos com uma fila dando a volta no quarteirão. Mas não esperamos por muito tempo. O lugar era enorme. A fachada pequena escondia um labirinto subterrâneo que se estendia por dois andares, e, enquanto éramos conduzidos até nossos lugares, passamos por paredes de vidro que nos permitiam assistir aos chefs fechando com precisão as pregas daqueles famosos bolinhos com recheio ensopado: dezoito dobras, vinte e um gramas cada.

Ouvimos com muita atenção enquanto a garçonete nos ensinava o jeito ideal de saborear a iguaria: deveríamos experimentar primeiro sem molho, aproveitando os sabores naturais, depois mergulhar o bolinho numa mistura de três partes de vinagre para uma de molho de soja. Pedimos uma cestinha de todos os tipos de bolinho. Saboreamos cada mordida com uma reverência orgástica, gemendo quando mordíamos o topo e o caldo explodia em nossa boca.

— Puta merda — disse a mulher na mesa ao lado, em inglês. Ela repetia isso em intervalos regulares, sempre que provava outro prato. — Puta *merda*!

JC queria saber como eles colocavam toda aquela sopa dentro dos bolinhos, e pelo menos três de nós gritamos a resposta, porque havíamos visto em um vídeo, uma matéria, um documentário: a sopa está gelatinosa quando os cozinheiros a envolvem com a massa; eles esfriam o caldo com gelatina em pó até que fique sólido, depois é derretido de novo ao ser cozido no vapor.

Pedimos a conta e rimos do valor total. Pagamos menos do que o equivalente a vinte dólares por pessoa. Aquela mesma refeição num restaurante em Nova York teria nos custado centenas de dólares. Estávamos eufóricos, como se tivéssemos descoberto um segredo incrível. Será que havia um bolinho com recheio ensopado ainda melhor em algum lugar, num pé-sujo menos conhecido? E quem se importava com isso?

* * *

Já no Museu do Palácio Nacional, seguimos direto para as exposições das peças principais: a *Acelga de Jadeíta* e a *Pedra em Formato de Carne*. Eram bem o que os nomes davam a entender: um pedaço de jadeíta verde e branco esculpido como uma acelga e um pedaço de jaspe com camadas marrons esculpido no formato de um cubo de barriga de porco, com uma fatia grossa de gordura gelatinosa por cima da carne fibrosa. Ao que parecia, todos sabiam que deveriam ver aquelas peças primeiro: dezenas de visitantes se amontoavam ao redor do saguão, e nós todos esperamos com paciência até que, um por um, pudéssemos tirar fotos fazendo sinal de paz e amor em frente ao vidro. A *Acelga de Jadeíta* era brilhante demais para se passar por uma acelga de verdade, mas a *Pedra em Formato de Carne* era tão realista que dava medo. Eu quase conseguia sentir meus dentes afundando na gordura.

Anna havia descoberto que logo ao lado havia um restaurante onde poderíamos pedir pratos inspirados nas esculturas. Pensamos em ir almoçar lá, mas havia outra fila quilométrica do lado de fora, e parecia trabalho demais por uma simples acelga.

Na entrada, um guia turístico conduziu um grupo de estadunidenses até a bilheteria.

— Quando os nacionalistas estavam perdendo a Guerra Civil Chinesa, empacotaram alguns de seus melhores artefatos dentro de caixotes e os enviaram para Taiwan — informou o guia. — A ideia era que, desde que tivessem o patrimônio cultural da nação, eles manteriam uma reivindicação legítima ao poder. Isso é bobeira, claro, mas muitos ainda acreditam que, apesar de os comunistas governarem a China continental, a alma da China vive aqui. Depois da Guerra Fria, e em especial depois da Revolução Cultural, muitos chineses continentais vinham a Taiwan para visitar a cultura que haviam perdido.

Então não era só eu. Todos ali estavam em busca de um resquício de sua terra natal.

* * *

Perambulamos até um complexo comercial gigantesco, onde encontramos a

Eslite, a maior livraria de Taiwan, aberta vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, que se estendia por oito andares e onde se podia comprar de tudo, desde uma luminária de mesa (andar B1) até um kit de aromaterapia (andar 5F). Nosso chinês ainda não era bom o bastante para desvendar os títulos dos livros. Passamos um tempo na seção de Línguas Estrangeiras, mas sem muito interesse; parecia bobagem comprar livros anglófonos em Taiwan. De toda forma, quase todos os exemplares estavam lacrados, então não seria possível folhear sem comprar algum. Em vez disso, compramos materiais de papelaria: borrachas em formato de coelhinho, cadernos em formato de hambúrguer e canetas em gel com pompons e sininhos prateados que tilintavam quando você escrevia.

Havia almanaques de bolso no balcão dos caixas, que previam a sorte de acordo com o calendário lunar. Nós os folheamos até junho. Aquele era um bom dia para pedir bênçãos, ajustar roupas, começar um negócio e erguer vigas. E um dia ruim para desmontar altares, usar roupas de luto e fazer a viagem inaugural de um barco.

* * *

Skipper comprou uma bata de algodão em uma barraquinha de rua. O vendedor lhe disse que a roupa tinha sido desenhada pela filha dele, que estava estudando design de moda em Paris. Era do mesmo tecido usado por marcas de luxo: Gucci, Prada, todas elas compravam a matéria-prima da mesma fábrica. Ficaria mais macia a cada lavagem e o manteria fresco por horas. Skipper vestiu a bata, e durante o resto do dia nós o chamamos de Jesus Branco.

* * *

Fomos até o Mercado Noturno de Ningxia quando o sol se pôs e esfriou o bastante para cogitarmos a ideia de comer ao ar livre. Decidimos que passaríamos pelas barraquinhas e daríamos uma olhada em tudo antes de escolher nosso jantar. Assim poderíamos agir com prudência em vez de comprar a primeira coisa que aparecesse pela frente. Mas tudo era tão barato que poderíamos experimentar várias iguarias por meros centavos por porção: baldes de suco gelado de melancia; bolinhas de *takoyaki* chiando em suas fôrmas; cubos de carne

com molho *teriyaki*; *lamian*, o macarrão puxado à mão; bolinhos de gergelim fritos com recheio de inhame e carne de porco desidratada; lula grelhada; lula frita; espetinhos de batata em formato de espiral, fritos em tonéis de óleo borbulhante. Encontramos uma barraquinha de tofu fedido: isso era lendário e obrigatório. Todos tapamos o nariz e provamos um pedacinho cada, e concordamos que não era tão ruim assim. Skipper insistiu que não o achava nem um pouco fedido, mas não comeu mais. Encontramos uma barraquinha que vendia *oh-chien*, as famosas panquecas de ostra de Taiwan. Consegui explicar por que eram famosas, já que havia pesquisado na noite anterior: elas foram inventadas por Koxinga, o general rebelde, que fritou ostras e fécula de batata para salvar seus homens da fome durante a campanha contra os holandeses. Concordamos que as panquecas de ostra não eram nada de mais, e um pouco mais pegajosas do que gostaríamos. Mas deviam ter um sabor incrível para alguém que estivesse morrendo de fome numa praia.

Decidimos nos amontoar numa lanchonete que vendia raspadinhas de gelo porque havia cadeiras de plástico e ar-condicionado. JC acabou com duas garrafas de água num minuto cravado. Na mesa ao lado, um grupo de turistas brancos soltava exclamações admiradas por cima das bandejas. Nunca tinham experimentado pérolas de tapioca e erguiam as esferas até os olhos como se fossem espécimes exóticos.

— Que textura — comentavam enquanto faziam caras e bocas. — Mas que textura única!

Encontrei o olhar de Anna, e nós demos risada.

"QQ" era a palavra certa. Eu havia lido diversos artigos sobre o assunto. QQ era aquela textura macia e consistente: não algo exatamente borrachudo, nem parecido com plástico, nem artificial, e sim puro, quase fofo. QQ era bochechas rechonchudas e mascotes saltitantes; era o *bubble tea*, gelatina de aloe vera e bolinhas de arroz glutinoso. Gostar de QQ era como ter ouvido absoluto: ou você tinha a sorte de nascer assim, ou poderia se esforçar ao máximo para adquirir a habilidade, com resultados duvidosos. Esse era um motivo besta para se sentir superior aos outros turistas, mas, naquele momento, foi como me senti. Eu tinha o direito de estar naquele lugar, ao contrário deles, porque eu gostava de comidas resistentes e macias.

* * *

De manhã, nos empanturramos de frutas frescas da barraquinha do outro lado da rua: pêssegos brancos enormes, mangas douradas, peras-asiáticas crocantes, tangerinas em que a casca se desprendia ao menor puxão. Compramos um ramo de lichias de um vermelho-ferrugem do tamanho da nossa mão, e os frutos explodiam com um sumo tão grudento que só conseguíamos comê-los do lado de fora, no parque, curvados sobre sacolas de plástico para reunir os respingos, e, mesmo assim, as formigas formavam fileiras ansiosas em torno de nossos pés. Eu nunca havia provado lichias como essas nos Estados Unidos. Nem se comparavam àquelas coisinhas marrons e murchas que só conseguíamos encontrar durante três meses por ano no 99 Ranch Market. Eu tinha vagas lembranças de seguir minha avó num parque em Guangzhou, implorando por mais uma. Mas ela sempre dizia que não, porque lichias eram cheias de "fogo", e tanto fogo assim me faria mal. Eu nunca soube o que isso significava, embora eu tenha sentido uma ardência na garganta quando terminamos o ramo. Eu havia decifrado o segredo. Será que o fogo simbolizava inflamação?

A pitaia foi a melhor parte: uma mistura perfeita entre doce e azedo; mais denso na língua do que melancia, mas ainda tão macia que daria para comer só de colher, ou, melhor ainda, cortar em fatias e descascar a pele enquanto mastigava. A pitaia tinha variantes brancas, amarelas e roxas, mas as roxas eram quase potes de tinta. Eu descobri isso no banheiro. Quando me limpei, parecia que havia pintado o papel com canetinha. Encarei a bacia do vaso. A água parecia radioativa. Sementes pretas flutuavam na superfície, não digeridas, cobertas de gosma. Quase chamei Anna para dar uma olhada. Mas eu estava sem meu celular e não sabia a palavra em chinês para "pigmento".

* * *

Descobrimos que Taipei 101 era o décimo primeiro arranha-céu mais alto do mundo e que fora o mais alto na época em que o construíram em 2004, antes de ser superado pelo Burj Khalifa. Dava para ver o edifício de qualquer ponto na cidade. Quando escalamos a Montanha do Elefante e ficamos sem sinal de celular, usamos o arranha-céu para encontrar o caminho de volta.

— Parece um monte de embalagens de comida para viagem — comentou Skipper. — É racista dizer isso? Parecem oito embalagens de comida chinesa para viagem, uma empilhada em cima da outra.

Compramos ingressos para pegar o elevador especial até o mirante no topo. O trajeto só levou trinta segundos. Os números passavam zunindo pelo mostrador enquanto subíamos em disparada pelos cento e um andares do arranha-céu. Não houve som nem tremor para indicar que estávamos nos mexendo. Nossos ouvidos estalavam, e todos nós pressionamos os dedos nas têmporas ao mesmo tempo.

No último andar, havia pontos de observação ao longo das janelas de vidro panorâmicas. Algumas áreas eram destinadas para fotos com a cidade inteira lá embaixo, e outras eram decoradas com cenários variados, de modo que era possível, por exemplo, tirar fotos em um trono de fada. Encostei o corpo contra o vidro e forcei a vista o máximo que conseguia para observar o horizonte, tentando vislumbrar o mar além das montanhas.

Víamos com frequência cartazes de um mascote redondo preto e amarelo, com um rosto que lembrava uma tomada. A tradução dizia "Amortecedor Bebê". A princípio, pensei que fosse uma tradução errada de "cobertor" e me perguntei por que um "Cobertor de Bebê" estava estampado por todo o último andar do prédio mais alto de Taipei. Mas então encontramos um texto explicativo e descobrimos que era *mesmo* um amortecedor sísmico. Era um termo técnico. O Amortecedor Bebê representava a gigantesca esfera de aço pendurada feito um pêndulo dentro do Taipei 101 para manter o arranha-céu estável em caso de terremotos.

Descemos um andar para que pudéssemos ver esse amortecedor em ação. Ao longo do corredor havia telas transmitindo gravações do Taipei 101 balançando durante tufões. A cidade estava localizada acima de uma falha geológica e, ao que parecia, presenciava centenas de terremotos de baixa magnitude por ano. Algum dia talvez a cidade inteira desabasse, e até mesmo aquele amortecedor sísmico despencaria até o solo. Mas ainda não. O amortecedor sísmico tinha cor de mel, vários níveis feito uma colmeia e era pendurado no teto por quatro cordões dourados. Parecia um bombom Ferrero Rocher imenso. Quando eu me aproximei, vi que ele tremia de leve. Tirei uma foto e enviei por mensagem para o meu pai, que havia estudado engenharia na faculdade.

Inércia, respondeu ele. *Uma força muito poderosa.*

* * *

Lá embaixo, na praça de alimentação no subsolo do Taipei 101, passamos vergonha tentando pedir o almoço. Por algum motivo, substantivos de comida eram os mais difíceis de se aprender. Palavras como "hambúrguer", "tigela" e "assado" eram tranquilas, mas também havia termos específicos como "osmanthus" e "hibisco", que quase não eram usados em conversas no dia a dia e, portanto, eram impossíveis de se decifrar em um cardápio. Anna e eu tentamos pedir o prato executivo da barraquinha de comida sichuanesa, mas tivemos dificuldade de escolher nossas guarnições de legumes. Não sabíamos as palavras para pepino, cogumelo-ostra e lótus. Eu devia ter aprendido os termos em algum momento, mas, na hora, não consegui me lembrar. O melhor que eu conseguia fazer era apontar e assentir.

— Esse, esse… e esse.

Sempre tive dificuldade de pedir comida chinesa em casa. Restaurantes chineses eram onde os sino-americanos iam para passar vergonha. De vez em quando, eu me sentia muito confiante e tentava pedir pelos meus amigos. 四位, eu dizia à recepcionista, o que literalmente significava "quatro posições"; figurativamente, queria dizer "Gostaríamos de uma mesa para quatro pessoas". Depois nos sentávamos, e eu inspecionava o cardápio, decorando os nomes de pratos que eu sabia que iríamos querer. 魚香茄子, berinjela salteada com alho. 宮保雞丁, frango *kung pao*, o frango xadrez. Eu ensaiava esses nomes em voz baixa, para que não precisasse ficar conferindo um a um no cardápio quando chegasse a hora. Às vezes, alguém queria experimentar algo novo, mas eu os dissuadia se não soubesse os ideogramas envolvidos. Ervilhas-tortas com camarão? Nem pensar.

O garçom passava, e eu recitava com naturalidade o nosso pedido, até pedia por um bule de chá de jasmim e tigelas de arroz para todos. Isso me rendia tanta admiração! O garçom só falava comigo. Eu era o canal de comunicação ali, e meus amigos me fitavam, deslumbrados, enquanto eu conduzia a interação.

Mas aí vinham as modificações. Alguém queria saber se a acelga era cozida

em caldo de galinha, ou se era um prato vegetariano. Alguém queria mudar o nível de pimenta do frango xadrez. Um desastre, pois de repente eu precisava sair do roteiro, e todos observavam enquanto eu me atrapalhava com as palavras, remendando-as em frases imperfeitas. Alguém era alérgico a amendoim, mas eu não me lembrava da palavra para "amendoim". *Por acaso isso aqui tem, hã… hã*. O mais próximo que eu conseguia pensar era o termo para "amêndoas", porque gelatina de amêndoa era uma das minhas sobremesas favoritas. E eu não sabia a palavra para alergia. Sabia apenas que tinha relação com a palavra "sensível", mas chamar meu amigo de sensível não ajudaria a esclarecer a situação. Amendoins eram um caso de vida ou morte; eu não poderia arriscar.

No instante em que eu voltava a usar o inglês, o garçom me lançava um olhar de quem entendia tudo. E então o restante do pedido acontecia em inglês, e eu afundava na minha cadeira, tendo a minha autoridade diminuída. 花生, eu me lembraria, já tarde demais. Amendoim era 花生, lógico, dã. Eu poderia voltar ao chinês com pedidos como "água", "mais chá" ou "a conta". Mas não faria sentido algum. Já haviam me desmascarado.

* * *

Na padaria, eu ainda não havia aberto a boca quando a moça no caixa informou meu total em inglês. Isso também aconteceu na barraquinha de *bubble tea*, no correio e na loja de guarda-chuvas.

— Isso é normal — disse Skipper. — Jovens taiwaneses gostam de praticar o inglês deles.

Ainda assim, eu me senti marcada. O que será que havia me entregado?

* * *

Pegamos a linha vermelha até a Praça da Liberdade e subimos os oitenta e nove degraus até o Memorial Chiang Kai-shek, onde ficava a grande estátua de bronze do primeiro presidente de Taiwan. Eu me dei conta de que não fazia a menor ideia de qual era a fama de Chiang Kai-shek ali: se as pessoas o adoravam (por ter fundado a nação), se o detestavam (por toda a repressão autoritária), ou se o admiravam e aceitavam seus defeitos do jeito que os estadunidenses faziam

com George Washington. Não muito longe dali ficava o Parque Memorial da Paz 228. Tivemos uma breve discussão sobre a origem do monumento. Anna tinha certeza de que a paz simbolizava a *détente* da Guerra Fria, e Belinda acreditava que era em relação aos japoneses. Quando consultamos a internet, vimos que nenhuma delas estava certa: era relacionado ao Massacre de 28 de fevereiro de 1947, em que os nacionalistas haviam assassinado milhares de civis que protestavam contra o governo de Chiang Kai-shek. JC disse que ele tinha lido uma matéria recente sobre como Taiwan debatia se deveria remover todas as estátuas públicas de Chiang Kai-shek, e isso fez com que nos sentíssemos piores em relação às nossas selfies no memorial.

Durante as minhas aulas de história no primeiro ano da faculdade, eu tive a impressão de que Chiang Kai-shek havia sido um presidente corrupto, um líder em tempos de guerra tão obcecado em erradicar os comunistas que um de seus generais precisou sequestrá-lo para que começasse a enfrentar os japoneses. Minha mãe, que era da China continental, certa vez me contou que ela crescera chamando o sujeito de Chiang Kai-reka, um trocadilho com "careca". Ela disse que os comunistas eram ótimos em inventar insultos baseados na aparência física. Quando criança, ela e as coleguinhas de sala saltitavam rua abaixo e cantavam: *Os Chiang ficaram tão pobres depois de fugirem para Taiwan que não conseguiam nem comprar roupas, só um biquíni, e eles tentaram cobrir a frente, depois as costas, mas não adiantou: a bunda deles continuava de fora.*

Isso tinha uma sonoridade melhor em chinês.

* * *

Havia uma eleição local se aproximando. Vimos cartazes eleitorais por toda a cidade, retratos inspiradores e slogans chamativos, mas não conseguíamos entender quais partidos eram mais democráticos nem quais eram contra ou a favor da independência, tampouco se apoiar a independência era a opinião politicamente correta. Durante um bom tempo, fiquei confusa quanto ao status geopolítico de Taiwan, em grande parte porque nenhum dos meus professores jamais me dera uma explicação clara. Todos tocavam no assunto com fortes eufemismos. Sempre faziam perguntas indiretas para determinar meu posicionamento: por acaso eu tinha nascido na China continental? Onde na

China continental? Por acaso eu tinha família em Hong Kong? Algum dos meus parentes fazia parte do Partido? Então eu não deveria saber o que achar de Taiwan?

Depois de um semestre de Introdução à História da China porém, eu enfim havia adquirido certo conhecimento do assunto, e estes eram os fatos essenciais a respeito de Taiwan, a meu ver:

1. Em 1949, o Partido Comunista da China venceu a Guerra Civil Chinesa. Isso era bom ou ruim, dependendo se você era comunista ou não.
2. O Partido Nacionalista, que não eram os comunistas, logo fugiu para Taipei, que foi declarada a capital temporária da China. Isso era bom ou ruim, dependendo se você era um *waishengren* ou um *benshengren*. Em resumo, já havia muitos povos morando em Taiwan, alguns de etnias chinesas e outros não, que sentiam que estavam se dando muito bem antes de os nacionalistas assumirem o controle.
   2a. Essa parte da história também era contestada, já que, antes da chegada dos nacionalistas, a ilha estava sob domínio colonial japonês. Mas isso eram outros quinhentos.
3. Uma vez em Taiwan, os nacionalistas juraram que iriam se reagrupar e recuperar a China continental, mas isso jamais aconteceu. Os estadunidenses, seus aliados mais próximos, não queriam comprometer recursos com uma guerra civil prolongada na China. Estavam ocupados demais com todos os outros conflitos acontecendo durante a Guerra Fria.
4. Presos na ilha, os nacionalistas estabeleceram um regime repressivo de lei marcial. Isso foi ruim para todo mundo.
5. Durante a Guerra Fria, a China perseguiu todos os suspeitos de serem capitalistas, e Taiwan perseguiu todos os suspeitos de serem comunistas. Isso foi ruim para todo mundo que se viu do lado errado do estreito. Também foi ruim para todo mundo que ficou no meio do fogo cruzado, não importava o que tivessem feito.
6. Conforme a Guerra Fria avançava, a China continental se desvinculou da Rússia, abriu-se para o restante do mundo e convenceu a ONU a

deixá-la substituir Taiwan na Assembleia Geral. Isso foi bom para a China continental e ruim para Taiwan.
7. A lei marcial foi suspensa em 1987, e Taiwan se tornou uma democracia. Isso foi bom para todo mundo.

E esse era o estado atual das coisas. A China considerava Taiwan como parte de seu território, mas Taiwan tinha o próprio governo e realizava as próprias eleições. Os Estados Unidos fizeram promessas de segurança em prol de Taiwan. Tudo isso era bom ou ruim dependendo de qual era a sua opinião quanto ao imperialismo estadunidense, ao autoritarismo chinês e à autodeterminação taiwanesa. De certa perspectiva, Taiwan era o último bastião de democracia contra a China, uma ilha que representava o que a China livre poderia ter sido, e deveria ser protegida a qualquer custo. De outra, Taiwan era uma fortaleza de simpatizantes imperialistas feita de refém pelo império e ansiosa para voltar a fazer parte da pátria-mãe, como era seu direito.

Mas eu havia aprendido que as coisas não eram tão simples. Taiwan não era tão democrática assim, e a China não era tão comunista assim. Já nem era possível ser um comunista de verdade na China. Havíamos aprendido isso em Yale com Rayer, nossa assistente de ensino de chinês, na primavera anterior. Rayer era organizadora da associação dos estudantes de pós-graduação. Ela havia faltado a um terço de nossas aulas naquele semestre porque a associação estava em greve, mas ainda gostávamos dela, porque Rayer achava que notas eram propaganda neoliberal — ela nos contou no início do semestre que todos receberíamos nota máxima. Rayer disse que o Partido havia se esquecido de suas promessas à classe trabalhadora, e organizadores proletários estavam sendo presos ou ameaçados, e alguns deles haviam de fato fugido para Taiwan, que era paradoxalmente um porto seguro para os verdadeiros esquerdistas. Não dava para dividir o mundo em categorias ideológicas, alegou Rayer. Nações comunistas e capitalistas eram os mesmos antros de exploração; não havia diferença alguma. Na metade do semestre, ela nos contou que alguém havia feito uma queixa anônima de que "assistentes de professores deveriam ser menos politizados", e depois disso nossas aulas não foram mais tão interessantes.

* * *

— Puta merda! — exclamou Anna.

— O que foi?

— Suas pernas.

Durante toda a manhã, cocei um ponto na parte de trás de minha perna, sem prestar muita atenção. Eu girei o corpo, olhei para baixo e soltei um gritinho. Havia pelo menos uma dúzia de picadas vermelhas nas minhas pernas, do tamanho de moedas de vinte e cinco centavos, espalhadas dos tornozelos até as coxas. Anna ergueu a própria saia. Também tinha sido picada, e havia caroços por todas as nádegas. Ela gemeu.

— Será que é uma reação alérgica? — perguntei. — Será que a gente vai morrer?

Nós demos uma olhada na internet. Anna pegou uma caneta em gel e desenhou alguns círculos ao redor das maiores picadas. Em algumas horas, elas dobraram de tamanho. Isso nos assustou. Mas, como não estávamos zonzas nem ofegantes, decidimos não ir ao pronto-socorro.

Os mosquitos dali deviam ser de espécies diferentes, com uma composição química distinta em seu veneno. Picadas de mosquito nunca me incomodaram tanto assim nos Estados Unidos. Mas aquelas doíam para cacete e não paravam de coçar. Não dava nem para chamar de coceira. Era uma dor aguda que ia até os ossos. Quando eu fechava os olhos, imaginava uma dúzia de facas quentes se cravando na minha carne.

Por que os mosquitos nos escolheram como alvo? Por que todos os moradores locais tinham uma pele tão lisinha e intacta? Será que era o nosso sangue estadunidense alimentado com hambúrgueres?

Saímos correndo até a Watsons, a farmácia local. Vasculhamos as prateleiras atrás de tubinhos de spray com rótulos contra insetos, mas não conseguimos encontrar nenhum. Fomos até um funcionário. Nenhuma de nós sabia a palavra para repelente, então Anna apontou para nossas pernas.

— Temos um problema para resolver — disse ela.

— Ah — respondeu a funcionária, que nos levou até a frente da loja, onde havia latas de Off! em um laranja berrante empilhadas na vitrine.

Estavam em promoção por conta do verão: três tubos pelo preço de dois. Compramos seis.

* * *

Belinda descobriu que o Festival de Cinema de Taipei ainda estava acontecendo naquele fim de semana e sugeriu que fôssemos a uma sessão. Nós todos concordamos. Festivais de cinema pareciam enriquecedores, exatamente o tipo de experiência que só se poderia conseguir em um ambiente imersivo no idioma estrangeiro. Mas não havia filmes em mandarim na programação de domingo. Aquele dia parecia ser dedicado sobretudo à Nouvelle Vague francesa, com um pouco de surrealismo alemão entre uma e outra exibição. Todos os filmes chineses na programação tinham sido filmados em Hong Kong, o que significava que estavam em cantonês, dialeto que nenhum de nós falava.

Escolhemos ver *Lost* (迷), filme de estreia do diretor Fan Ho, de Hong Kong. A programação nos informava que *Lost* tinha, de fato, sido perdido: após sua estreia em Cannes, em 1970, todos os rolos de filme foram destruídos ou ficaram desaparecidos por meio século. O panfleto não explicava o motivo. A única cópia que restava, uma bitola 35 mm com legendas em alemão, foi localizada pelo Instituto Reel to Reel. Todos ficamos espantados ao descobrir isso. Se não fosse obra do destino, jamais assistiríamos a esse filme. Era possível que jamais o víssemos de novo. Não parecia o tipo de coisa que daria para assistir por streaming em casa.

Lost contava a história da crise de identidade de um rapaz em Hong Kong nos anos 1950, depois da Guerra Civil Chinesa e de a China continental, Hong Kong e Taiwan terem se tornado, na prática, países diferentes. O jovem estava preso entre dois polos: a China e a tradição versus o Ocidente e a modernidade. Esses polos eram representados por duas mulheres. No início do filme, o homem conhece uma jovem de cabelo preto longo e desgrenhado que mora num castelo abandonado. Dá para ver que ela não bate bem da cabeça, mas é muito bonita e misteriosa, então os dois se apaixonam. Juntos, eles fazem várias atividades chinesas tradicionais: leem clássicos, tocam cítara, admiram a caligrafia em seus leques. Mas a tragédia anda à espreita. A moça tem medo de forças que é incapaz de nomear. Ela diz ao homem que alguém está vindo atrás dela, que a levarão embora e ele nunca mais vai vê-la. O homem jura que vai ajudá-la a escapar do castelo antes que isso aconteça, mas, quando volta no dia seguinte, ela não está mais lá. O homem sai correndo pelos corredores vazios, gritando o nome dela. O

castelo está abandonado. Ele se dá conta de que está completamente sozinho, numa ruínas de relíquias esquecidas. Talvez estivesse sozinho todo aquele tempo.

Desolado, o homem então vai a uma festa, onde conhece outra mulher, de delineado grosso, cabelo volumoso e roupas ocidentais. Ela está dançando em cima de uma mesa. O nome dela é Beibei. O homem e Beibei vão até um quarto no sótão de algum lugar e transam. Depois, ele sente nojo dela: fica sentado contra a parede e começa a chorar. Ela pergunta como ele está, mas o homem fecha a cara e se recusa a conversar. No dia seguinte, ele sai andando por um campo. Beibei aparece usando equipamento de caça. Ela dá um tiro sem querer, acerta a bala na cabeça do sujeito e ele acaba em coma. Esse é o fim do filme. Todos nós ficamos sentados em silêncio, sem saber direito se deveríamos rir. Não sabíamos como interpretar aquele coma.

* * *

Ao sairmos do cinema, nos retraímos com o sol e o calor do lado de fora depois de tantas horas na escuridão fria. Devin amou o filme. Ele sentia que era uma exploração brilhante da alienação cultural, da meia-vida de assimilação, da violência do colonialismo britânico. Eu achei que o protagonista era um pouco birrento, e Anna concordou. Para ela, estava óbvio que o diretor odiava mulheres, e, se Beibei queria dançar em cima de mesas e usar roupas ocidentais e dar tiros com uma arma, era seu direito. Por que o rapaz escolhera dormir com ela e depois ficara emburrado? Por que a ocidentalização era algo tão ruim? Todos nós havíamos crescido nos Estados Unidos; será que isso nos tornava tão maus assim?

Conforme descíamos os degraus do lado de fora, senti uma pressão repentina no quadril. Eu me virei. Um rapaz da minha idade estava tombado contra mim. Fiquei tensa e tive medo de… quê? Eu não sabia. Ele desabou no chão: um movimento delicado e fluido, mais um escorregão do que uma queda. Por um instante, ninguém percebeu. Anna e Devin seguiram em frente e passaram por mim.

— Gente…! — gritei.

Eles se viraram, me olharam e, depois do que pareceu uma eternidade, viram o rapaz caído. Várias pessoas já haviam se aglomerado em torno dele, afagando

sua cabeça, procurando sua pulsação.

— Será que deveríamos chamar uma ambulância? — perguntou Anna.

Todos nós pegamos o celular, mas ninguém ligou. Não sabíamos os números dos serviços de emergência em Taiwan. Tínhamos aprendido durante a orientação — alguma sequência com noves, uns e zeros —, só que, naquele momento, eu não conseguia me lembrar nem pesquisar na internet; meus dedos tremiam demais para digitar.

Alguém gritou pedindo água. Uma pessoa abriu a jaqueta do rapaz. Outra aninhou a cabeça dele enquanto murmurava coisas em chinês. Eram amigos dele? Transeuntes? Eu não conseguia distinguir. A mulher aninhando a cabeça dele ergueu o olhar.

— Parem de ficar encarando! — esbravejou ela. — Não fiquem amontoados em cima dele.

Nós nos afastamos.

* * *

Cruzamos a praça e nos afastamos da multidão. Eu me sentia um pouco criminosa, embora não tivéssemos feito nada errado. Espiei por cima do ombro. O rapaz estava sentado, de olhos abertos, e bebia uma garrafa de água.

— Deve ter sido insolação — sugeriu JC. — Ele parece estar bem.

Mas eu fiquei remoendo a cena. Quando senti a presença do rapaz, meu primeiro instinto foi me afastar de súbito. Ele havia desmaiado contra mim, precisava de ajuda, e eu só o deixei cair.

A única desculpa que me ocorreu era que eu tinha me sentido incapaz de interferir. Como se tudo naquela cidade acontecesse através de uma parede de vidro, e, se não estivéssemos pagando, não tínhamos a permissão de interagir. Só nos restava observar.

— Puta merda.

Devin pegou o celular. Eu me virei para olhar. Do outro lado da praça, um velho carregava uma caixa de som portátil enquanto caminhava ao lado de um cachorro andando de skate.

* * *

Será que eu era um ser humano feio?

Tinha acabado de ler *A Small Place*, de Jamaica Kincaid, durante um seminário de escrita na primavera. O livro havia me deixado uma forte impressão na época, e, no momento, eu não conseguia parar de pensar nele. *Um turista é um ser humano feio*, escreveu Kincaid. *Uma coisa feia, é isso que você é quando se torna um turista, uma coisa feia e vazia, uma coisa idiota, um lixo ambulante parando aqui e ali para admirar isso e provar aquilo, sem jamais imaginar que os residentes do lugar em que você acabou de parar não te suportam.*

Mas Kincaid escreveu sobre visitantes britânicos em Antígua. Por "você", ela estava se referindo a turistas europeus brancos descendentes de escravocratas. Com certeza nosso contexto é diferente. Nós não tínhamos uma relação colonial com aquele lugar, tínhamos? Não estávamos ali para observar os nativos, comer em clubes de campo, solicitar os serviços das meninas da ilha ou desfrutar das praias particulares inacessíveis aos moradores locais. Estávamos ali para aprender, para criar laços mais profundos com o lugar. Com certeza Kincaid não estava falando de nós.

Mas nenhum de nós era taiwanês. Nenhum de nós tinha família ali. A maioria de nós só estava ali porque, naquele momento, Taiwan era mais receptivo com viajantes estadunidenses do que a China continental, senão teríamos ido para Beijing, e de fato isso foi motivo de uma grande desavença com os meus pais: eu ter escolhido o programa mais distante dos meus parentes porque eu queria ir aonde todos os meus amigos iriam e não queria me dar ao trabalho de baixar uma VPN. Eu poderia visitar meus avós em qualquer outro verão. Eu queria me tornar chinesa ali, nos meus termos. A questão era o anonimato, mas isso significava que aquele lugar não tinha nada a ver comigo, que nenhum berço de pertencimento justificava meus deslizes.

Tudo isso cruzava a minha mente toda vez que fazíamos algo errado, mesmo que sem querer: quando não conseguíamos formar fila nas linhas marcadas nas plataformas de metrô; quando derramávamos *bubble tea* nos vagões, onde evidentemente era proibido comer e beber; quando ficávamos do lado errado das escadas rolantes, bloqueando a passa-
gem de trabalhadores que corriam para pegar seus trens; quando derrubávamos colheres de plástico, papéis de canudo e notas fiscais no chão e não os recolhíamos; quando levávamos tempo demais para fazer um pedido porque não

conseguíamos ler os cardápios; quando atrasávamos a fila no balcão de pudim de tofu porque não entendíamos que a palavra para "colher" ali era 湯匙, e não 勺子; quando entrávamos na frente de bicicletas e lambretas sem olhar, e os motoristas desviavam com um palavrão. Será que os moradores locais nos toleravam? Será que nos detestavam? Será que sequer pensavam na gente?

* * *

Anna e eu tínhamos grandes planos para a segunda-feira. Sairíamos para beber leite de soja e comer palitos de massa frita na famosa loja de café da manhã do outro lado da rua. Depois iríamos comer no Parque Florestal Da'an, ali perto. Passaríamos um tempo em um cat café e faríamos amizade com um gato tigrado gordinho famoso no Instagram e começaríamos as leituras da semana. Depois iríamos ao shopping em Ximen, daríamos uma olhada nos quiosques de acessórios e assistiríamos aos artistas de rua até a hora do jantar.

Em vez disso, nós dormimos. Era para acordarmos às oito da manhã. Toda vez que um alarme tocava, a gente se debatia e fazia de tudo para silenciar os celulares. Esse ciclo se repetiu durante horas. A certa altura, eu abri as cortinas, já que a luz do dia deveria nos ajudar a regular nossos ciclos circadianos, mas Anna reclamou, fazendo drama, até que eu as fechasse com um puxão.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que me sentira tão esgotada. Era difícil até erguer o braço. Eu poderia ter saído da cama se tentasse, mas só com uma força de vontade descomunal. A distância entre pensamento e ação era um esforço hercúleo. Eu me imaginei me levantando e indo até lá fora, para o calor, para o sol, para a rotina grudenta de protetor solar e repelente, e só essa ideia já me desanimava.

Acabei me lembrando de um romance que eu tinha lido fazia pouco tempo e que falava da África colonial. No primeiro capítulo, um soldado britânico, um dos vilões, chegava ao seu novo posto num traje bacana, ostentando suas medalhas; era um oficial de patente mais alta, que estava ali para foder com a vida das pessoas. Mas o calor era escaldante; ele não conseguia nem subir as escadas. Esse detalhe parecia relevante para nossa situação atual. Estávamos em uma terra estrangeira. Tínhamos invadido os trópicos e sido derrotados. Já era fim de tarde quando enfim saímos do prédio, e só conseguimos ir até o

mercadinho 7-Eleven da esquina. Anna comprou um pacote de espaguete de micro-ondas, e eu comprei um cachorro-quente.

* * *

Será que aquilo era choque cultural?

Como parte da orientação do programa de estudos, tínhamos comparecido a uma sessão informativa obrigatória sobre como lidar com o choque cultural. Ou seja, a desorientação que surgia ao se deparar com uma nova maneira de viver. Isso poderia levar a estresse e ansiedade, sentimentos de hostilidade, crises de choro, mudanças no apetite, sensação de fracasso e uma relutância a se relacionar com pessoas novas. Se sentíssemos os efeitos do choque cultural, deveríamos Pensar Positivo, Confiar no Processo e Manter a Mente Aberta.

Eu tinha noção de que o choque cultural era uma possibilidade, só não achava que poderia acontecer comigo. Isso era coisa de gente ensinando inglês em vilarejos rurais no Leste Europeu, onde não havia internet nem água encanada. Taipei era uma cidade de primeiro mundo. Tinha até Starbucks. Tudo bem, era minha primeira vez ali, mas eu havia presumido que algo na minha constituição me protegeria, do mesmo jeito que bebês herdavam anticorpos da mãe. Quando analisei essa suposição, ficou claro que era absurda, mas eu tinha levado aquela crença para a minha primeira semana em Taipei. Achava que, por ser chinesa, aquele lugar faria com que eu me sentisse em casa.

* * *

Percebi que minhas dores de cabeça eram causadas pelas placas na rua.

Eu nunca precisei decifrar as placas de rua nos Estados Unidos. Não tinha que pensar de maneira consciente sobre o ato de ler: apenas olhava, e o significado se revelava de imediato. Em Taipei, os textos eram uma barreira diante do significado, e eu precisava desacelerar toda vez que queria descobrir algo. Nunca havia considerado como a habilidade de ler facilitava o dia a dia. Parecia natural olhar as placas e na mesma hora discernir para qual plataforma de metrô eu precisava me dirigir, o caminho até as saídas certas, o horário de funcionamento de uma cafeteria, as regras do parque para cachorros. Ali em Taipei, eu olhava e

esperava já saber, mas não sabia. Era como se eu tivesse que fazer cálculos complicados toda vez que abria os olhos. Durante meu seminário de filosofia no primeiro ano da faculdade, havíamos conversado sobre como seres humanos não viviam no mundo real em si, e sim dentro de uma ordem simbólica inventada. De repente, eu passei a entender o que aquilo significava.

* * *

Anna e eu conseguimos realizar apenas uma tarefa naquele dia: nos arrastamos até a Uniqlo pouco antes de a loja fechar.

Tínhamos errado feio nas escolhas de roupas para a viagem. Sabíamos que fazia calor em Taipei, mas não tanto assim. Nem mesmo as peças mais frescas traziam algum alívio. O problema não era expor a pele, algo desaconselhável, já que o índice UV era letal, mas aguentar o peso: o tecido acumulava suor e condensação ao longo do dia, e então amassava e irritava a pele. Havíamos colocado na mala muitos croppeds com elásticos apertados e logo descobrimos que isso garantia que nossa cintura ficaria dolorida e cheia de coceira. Os únicos tecidos que poderíamos vestir neste clima eram algodão e linho, e quanto mais folgado, melhor.

Na Uniqlo, passamos reto por macacões, saias e blusas peplum bonitinhas e fomos direto para as roupas básicas no fundo da loja. Encontrei alguns vestidos de algodão compridos numa promoção de três pelo preço de dois. Eram todos do mesmo modelo, só que em cores diferentes: azul, preto e verde com branco. Não tinham cintura marcada nem silhueta ou botões. Eu revezaria entre eles até que o verão acabasse: um em uso, outro lavando e o último secando.

— Eu não consigo entender — comentou Anna enquanto encarava, através da janela, um trio de mulheres taiwanesas lindas usando terninhos escuros, sem um único fio de cabelo fora do lugar. — Por acaso elas não *suam*?

* * *

Chegou a terça-feira, o dia do acerto de contas. Minha primeira aula era Pensamento e Sociedade com a professora Cai: uma disciplina básica, em que eu aprenderia as estruturas gramaticais essenciais e o vocabulário apropriado para o

meu nível de chinês.

Todas as salas de aula no terceiro andar eram minúsculas: sendo bem sincera, eram escritórios grandes o bastante para abrigar quatro carteiras espremidas e uma lousa. Nosso curso se orgulhava das turmas pequenas: dessa maneira, ninguém poderia se distrair, e todos teriam ampla oportunidade de falar. Havia quinze alunos na minha aula de chinês em Yale, e era sempre possível se sentar no fundo nos dias em que o cérebro não pegava no tranco. Ali estávamos bem no meio, na linha de fogo. Essa era a questão. Vigilância constante! Jamais conseguiríamos desligar o cérebro. Poderíamos ser forçados a falar em chinês a qualquer momento.

A professora Cai pediu que cada um se apresentasse. Éramos todas mulheres, e todas com idades parecidas. Eu me perguntei se aquilo era proposital. Shanhong tinha acabado de se formar na faculdade na Nova Zelândia. Yuxiu e Liping eram alunas de graduação na Universidade Nacional de Singapura. Elas haviam estudado chinês clássico na escola, e eu sentia inveja de suas caligrafias claras e caprichadas. Escrevemos nossos nomes chineses na lousa, e a professora Cai disse que eram excelentes; bem literários, bem chineses. Ela ficou empolgada com a nossa turma.

— Eu gosto de dar aula para mulheres — admitiu ela. — São sempre as melhores alunas. Vocês todas parecem bem atentas, bem dedicadas.

Ficamos radiantes. Éramos, no fim das contas, boas filhas de imigrantes.

— Já que vocês todas são falantes de língua de herança, não precisamos perder tempo com pronúncia — anunciou a professora, batendo palmas. — Vamos seguir o cronograma um pouco mais rápido, se todas concordarem. Em geral, só conseguimos passar por seis lições em um semestre, mas acho que podemos chegar a nove ou dez.

Queríamos fazer jus à boa impressão que ela tinha de nós, então assentimos. Sim, poderíamos dobrar a quantidade de leituras. Sim, poderíamos encarar mais dever de casa. Sem problema algum.

A professora Cai nos pediu para dar uma olhada no sumário. O livro didático da disciplina era uma coletânea de textos que abordavam diversos aspectos da vida e da cultura taiwanesa moderna. Fiquei aliviada ao perceber que pelo menos os títulos eram legíveis para mim: “Problemas de saúde enfrentados pelas pessoas modernas”, “A visão do povo chinês acerca de deuses e espíritos”, “A

responsabilidade dos estudantes universitários", "Texto escrito e linguagem", "O valor social de histórias antigas", "Características especiais do pensamento chinês" e assim por diante.

Não eram assuntos muito interessantes, mas ainda assim eu senti uma pontada de ansiedade. Nunca fui muito boa debatendo questões sociais em chinês. Para mim, era mais fácil recitar uma expressão sobre uma mulher cuja beleza arrasaria cidades do que falar sobre história ou política. Meu cérebro travava toda vez que eu tentava esmiuçar esses substantivos abstratos: sociedade, economia, população, meio ambiente, governo, política, guerra, paz, história, socialismo, comunismo e afins. Eram fáceis de serem gerados, fáceis de se traduzir e muitos dos termos eram construídos a partir dos mesmos ideogramas. Por exemplo, "sociedade" era 社會 e "-ismo" era 主義, então "socialismo" era simplesmente 社會主義, "sociedade" + "-ismo". O problema não era que o vocabulário fosse tão difícil, e sim que eu não conseguia juntar as palavras em combinações interessantes. Tudo que eu conseguia bolar era bobo. *Governos decretam políticas. A população está diminuindo. A população está crescendo.* Se eu quisesse dizer mais sobre o assunto, precisava combinar esses blocos para chegar ao cerne da questão, mas os pensamentos nunca ficavam mais complexos do que isso. Durante a minha prova oral na primavera anterior, me perguntaram sobre as pressões demográficas de uma população envelhecida, e eu havia respondido:

Hum.

Essa pergunta… é bem difícil de dizer.

Mulheres não querem bebês.

Bebês estão com medo… Quero dizer, bebês dão medo.

O governo não as protege. O governo não protege as mulheres.

Então é claro que a população envelhece.

Mas os idosos também precisam ser protegidos. Quero dizer, precisam de planos de saúde.

O governo também não os protege.

Portanto, envelhecer é bem ruim.

Pensamento e Sociedade iria dar um jeito em mim. Ao fim do verão, eu seria capaz de conversar sobre saúde pública, as mudanças na demografia taiwanesa, as armadilhas dos apegos regionais do povo chinês, as origens do sistema de escrita

chinês e o papel dos romances na sociedade chinesa contemporânea. Eu também enfim saberia o termo correto para "pandemia".

* * *

Depois tive minha primeira eletiva, Literatura Taiwanesa Moderna, com a professora Lin, a instrutora mais jovem e bonita do corpo docente. Muitos dos alunos regulares estavam apaixonados por ela e ficavam flertando com a professora no corredor durante o intervalo de dez minutos entre as aulas. Eu me perguntava como era receber flertes de pessoas que não dominavam seu idioma. *Eu esse fim de semana descobri um segredo. Sim… uma cafeteria para gatos! Você gosta também dos gatos?*

Havia apenas dois outros alunos cursando Literatura Taiwanesa Moderna. Meijuan era de Myanmar e falava mandarim com um sotaque espirituoso e preciso. Todos os irmãos dela eram médicos, e ela própria cursava medicina, mas estava tirando um tempo da faculdade para aprimorar seu chinês. Até explicou por que a fluência no idioma seria útil para a carreira médica de alguém em Myanmar, mas eu não consegui entender.

Shuya era estudante de pós-graduação na UCLA. Eu tinha certeza de que ele era russo. Não tinha sotaque russo nem nada do tipo; só presumi que Shuya fosse a versão sinicizada de Shulya, que me parecia ser um nome russo, ou pelo menos eslávico. Eu tinha lido *Os irmãos Karamázov* no voo até Taipei, então, na minha cabeça, eram associações naturais. Além disso, Shuya tinha uma expressão séria e falava com uma inflexão vagarosa e profunda. O que poderia ser mais russo do que isso? Mais tarde, na área de convivência dos estudantes, descobri que seu nome em inglês era Nathan e que ele era de Wyoming, nos Estados Unidos. Eu me senti traída. Quem o havia batizado de Shuya?

* * *

Anna e eu não tínhamos o mesmo horário de almoço, mas eu estava animada para me aventurar sozinha. Eu sabia que ao norte do campus, do outro lado da estrada principal, havia diversas ruas com restaurantes populares entre os estudantes taiwaneses. Eu tinha pesquisado vários deles e me decidido por uma

barraquinha de *onigiri* cheia de avaliações positivas. Eu tinha encontrado o cardápio — ideogramas escritos em giz numa lousa —, dando zoom em uma das fotos. Também havia pesquisado os caracteres, então sabia como pronunciar as palavras para *onigiri* de atum e *onigiri* de salmão grelhado. Estava com o dinheiro contado no bolso; queria que a interação fosse descomplicada. Mas a barraquinha de *onigiri* não estava ali. Eu parei onde meu celular indicava que o lugar deveria estar e tudo o que vi foi uma parede de tijolos. A avaliação mais recente era de três dias antes. Então era improvável que a barraquinha tivesse fechado do nada. Talvez só abrisse em determinados dias da semana. Mas não havia sequer uma vitrine vazia com uma placa de FECHADO. Não havia nada que indicasse que uma lojinha de *onigiri* já tivesse existido ali.

Andei de um lado para o outro da rua, olhando feio para o espaço vazio. Me senti completamente derrotada. Não era nada grave — eu não queria *tanto assim* comer *onigiri* —, mas havia perdido a confiança na minha habilidade de processar informações externas. Sentia que estava perdendo o pé da realidade. A internet havia prometido que aquela barraquinha estaria ali, e não estava.

Estava quente feito um forno do lado de fora. Meu pescoço estava grudento de suor. Eu deveria ter escolhido um restaurante qualquer e entrado, mas não conseguia parar de andar. Precisava resolver aquela falha no sistema. Então era assim que trilheiros sumiam e morriam de insolação a apenas alguns metros da trilha? A mente se esvaía aos poucos, e aí a pessoa tomava uma decisão pior do que a outra até morrer.

— Oi, Lily!

Era JC. Havíamos passado o fim de semana inteiro juntos, mas ainda assim fiquei surpresa de ele saber meu nome. Nunca tínhamos conversado só nós dois. Ele estava sempre falando com Skipper, ou Devin, ou Belinda, ou com o grupo todo ao mesmo tempo. Aquela era a primeira vez que olhávamos no olho um do outro.

— Acho que mais ninguém tem esse horário de almoço — comentou ele. — Aonde você estava indo?

— Eu não estou conseguindo decidir — respondi.

— Deu para perceber. Eu te vi do outro lado da rua. Você passou um minuto virando a cabeça de um lado para o outro.

Expliquei sobre a barraquinha de *onigiri* e as avaliações do Google Maps.

— Nossa, que esquisito — disse JC. — Mas eu estou com muita fome. Precisa mesmo ser *onigiri*?

Decidimos que eu estava pensando demais no assunto. Ainda haveria mais sessenta almoços antes de irmos embora de Taipei. Se o daquele dia fosse ruim, poderíamos tentar de novo no dia seguinte. Podíamos nos dar ao luxo de desperdiçar uma refeição. Fomos andando até o primeiro restaurante na esquina, que acabou sendo maravilhoso: um boteco de arroz com frango de Hainan, que servia uma opção de três cortes diferentes de carne macia no vapor por cima de arroz amarelo cozido em caldo.

Pedimos os pratos executivos, que vinham acompanhados de chá gelado. Eu me sentei debaixo do ar-condicionado, aproveitando o vento frio no meu pescoço. Aos poucos, minha mente voltou à vida, e eu analisei minha situação.

Ali estava eu, com o famoso JC. E aí? Havia uma assimetria de informação tão grande entre nós dois. JC não sabia quase nada sobre mim. Mas eu tinha assistido a diversos vídeos da mãe dele no YouTube, visto todos os TikToks de sua irmã e lido uma matéria da *Time* em que JC, criancinha, contava até dez em francês, para o encanto do repórter. Eu sabia que ele morava em Davenport e, na primavera anterior, tinha se envolvido com uma patinadora artística olímpica que acabara de se aposentar. E ali estava eu, com minha bata larguinha, sem maquiagem, as bochechas ardendo, pingando de suor. Por que ele deveria se importar com o que eu tinha a dizer?

Por sorte, JC ficou feliz de conduzir a conversa. Ele não se importava em falar de si. Eu só precisava fazer algumas perguntas, e ele cuidava do resto. O dia dele estava indo bem até então. A disciplina Pensamento e Sociedade passava muito dever de casa, mas ele estava animado com a eletiva do período da manhã. A aula girava em torno de discutir os episódios de uma novela de época chamada *Um toque de verde*, que era baseada num conto do escritor taiwanês Bai Xianyong. A história acompanhava duas esposas de pilotos da Força Aérea chinesa durante a Segunda Guerra Mundial.

— É bem triste — comentou JC. — Ainda estamos no primeiro episódio, então acabamos de conhecer os personagens principais. É bem bonitinho. Tem um piloto figurão que se apaixonou por uma menina tímida. Mas dá para perceber que vai ser só tragédia… Quero dizer, a música passa uma sensação de tragédia.

Perguntei se ele tinha lido o conto, e JC respondeu que estava tentando evitar spoilers. Mas era uma novela sobre a Segunda Guerra Mundial, afinal. Ele previa que o piloto, e talvez a namorada, morreriam numa queda de avião ou numa troca de tiros com os japoneses.

JC era muito cheiroso. Fiquei chocada com a descoberta. Eu nunca tinha imaginado que suor masculino poderia ter um cheiro bom, mas sentada ali eu senti uma atração intensa pela parte úmida na lombar dele. Eu queria afundar o rosto ali. Fiquei até zonza. Baixei o garfo; de repente, perdi o apetite. O que estava acontecendo comigo?

— Droga — falou JC, checando a hora. — Desculpe, era para eu ligar para a minha mãe.

— Ah… tudo bem, sem problemas.

— Mas foi bem legal. — Ele reuniu seus pertences e foi em direção à porta, acenando por cima do ombro. — Vamos experimentar o lugar de lámen amanhã? Me encontra no saguão?

— Sim, claro!

Eu acenei de volta, perplexa.

JC queria almoçar comigo de novo. No dia seguinte. Pela primeira vez na vida, eu tinha dito as coisas certas. Eu tinha passado.

* * *

Ainda me restavam vinte minutos do intervalo de almoço, então fui até a biblioteca e tentei adiantar as leituras para a aula de Literatura Taiwanesa Moderna.

Eu sempre estudava as listas de vocabulário que acompanhavam cada página de texto antes de abordar a história em si. Era mais eficiente fazer fichas com resumos primeiro, para que eu não precisasse ficar parando para anotar termos desconhecidos. Tudo que eu sabia sobre aquela história era o título — "O peixe" —, mas o vocabulário relevante que eu deveria encontrar na primeira página incluía:

悸動: palpitar　　卡車: caminhão

臀部: nádegas　　魚鱗: escamas de peixe

曼陀鈴親: bandolim

Nossa, pensei. *Aonde aquela história iria?*

* * *

Minha eletiva seguinte era Reflexões sobre Atualidades com a professora Shen.

Era cansativo conhecer tantas pessoas novas, então fiquei aliviada quando vi que Yuxiu e Liping também estavam na minha turma de Atualidades. O quarto aluno se apresentou como Baodeng, o que significava que seu nome em inglês devia ser Ben ou Brad. Baodeng era loiro de olhos azuis e usava uma camisa dos Warriors. Ele estudava chinês desde os dez anos porque os pais acreditavam que aquilo seria útil no mundo dos negócios. O sotaque dele era perfeito, hipnotizante. Toda vez que ele falava, eu entendia por que meus pais eram obcecados por vídeos que viralizavam no WeChat de homens brancos executando *pingshu*. Era como assistir a um cachorro dançar salsa. Baodeng nos contou que ele já havia feito alguns amigos taiwaneses enquanto jogava basquete no parque, e naquele momento eu decidi que acreditava na paz mundial.

Passaríamos quatro dias em cada lição do livro didático. Primeiro, faríamos uma leitura a frio do texto: 冷讀. Ler a frio significava que não deveríamos avaliar o texto antes de lermos em voz alta, mas nenhum de nós estava disposto a correr esse risco. A pior sensação do mundo era fazer uma pausa diante de um ideograma desconhecido e implorar que a instrutora te salvasse. E, de fato, quando treinamos a leitura a frio do primeiro artigo do livro didático — "A disseminação do ebola no Congo" —, todos estavam estranhamente bem-preparados. Baodeng nem hesitou no termo "febre hemorrágica".

Em seguida, cada um de nós pesquisaria uma resposta para uma das "perguntas adicionais" ao fim do texto e compartilharíamos nossos aprendizados com o restante da turma. A professora Shen havia preparado algumas folhas com frases formais para se usar ao discutir questões sociais com outras pessoas. Quanto mais conseguíssemos incluir essas frases em conversas do dia a dia, mais espertos iríamos parecer. Nós as lemos em voz alta:

- Concordo plenamente.
- De fato, é verdade.
- Discordo categoricamente.
- Baseado(a) na minha experiência pessoal, _____.
- De um ponto de vista diferente, _____.
- Em última análise, _____.

Nossa última tarefa era decidir a lista de leitura para o verão. O livro didático era composto de matérias de jornal reais em chinês dos últimos anos. As manchetes me fascinavam; eram tão aleatórias e específicas. Uma exibia: "A cidade de Paris declara guerra contra a gordofobia." Outra: "Bill Gates reinventa o vaso sanitário para oferecer um saneamento mais seguro." E outra: "A diabetes é culpa de quem convive com a doença? Comentário do Ministro da Economia do Japão gera críticas." A professora Shen nos disse que as matérias tinham sido selecionadas para nos oferecer vocabulário em assuntos variados. Nunca se sabia quando precisaríamos discutir como "Testes genéticos podem reforçar o racismo".

O livro didático incluía dezesseis matérias desse tipo, um número grande demais para ser abordado em dez semanas, então marcamos aquelas que nos interessavam mais. Ninguém queria discutir a ameaça crescente aos alimentos por causa do declínio na biodiversidade, mas todos queriam ler sobre como uma universidade feminina do Japão havia decidido aceitar alunas trans.

* * *

Minha última aula do dia era individual, uma monitoria particular. A sala ficava no quarto andar, no fim do corredor. Eu abri a porta, e alguém do lado de dentro gritou:

— Chen Li-Li! Pode entrar!

Eu entrei.

— Oi…

— É um prazer conhecer você!

A professora Sun era uma mulher baixinha com rugas profundas ao redor dos olhos. Seu tom de voz habitual era nas alturas. Ela não parecia ter problemas de

audição, porque tinha ouvidos de águia até para meus balbucios, mas amava enunciar o ponto de exclamação. Logo entendi por que a colocaram no fim do corredor. Não era só uma questão de volume, mas de tom. A voz dela parecia uma sirene, e eu dava um pulo toda vez que a ouvia.

— Me fale um pouquinho sobre você!

Eu repassei o básico: que havia nascido em Guangzhou, que minha família havia se mudado para os Estados Unidos quando eu era pequena, que falava chinês quando era criança, mas havia me esquecido de quase tudo e estava fazendo um grande esforço para estudar o idioma já adulta.

— Ah, tudo bem! Então você tem um bom ouvido para os tons e tem um senso intuitivo para a gramática, mas precisa expandir o vocabulário e encontrar maneiras mais complexas de se expressar, não é isso?

Fiquei espantada. Ninguém nunca havia descrito meu nível de chinês com tanta precisão. No ensino médio, sempre me colocavam em turmas bem abaixo ou bem acima das minhas habilidades. A vantagem de ser falante de língua de herança levava a um malabarismo bizarro de quase fluência e lacunas fundamentais chocantes, mas eu nunca sabia como explicar a questão, então apenas dizia aos meus professores que "Eu falava um pouquinho de chinês em casa".

— Eu sinto que consigo ouvir como tudo deveria ser. Eu só não sei como falar por conta própria.

— Tudo bem, acho que entendi! — Ela se levantou e avançou até a lousa. — Você sabe o que é uma construção resultativa?

— Não…?

— Consegue reconhecer esse padrão?

Ela escreveu alguns ideogramas no quadro: 打不開, 看得到, 穿不上. "Não consigo abrir, consigo ver, mas não consigo usar."

— Ah! — exclamei. — Bem, isso é fácil. É só…

Mas eu não sabia articular como esse padrão funcionava. Eu nem sabia como traduzir aquilo para o inglês. Sabia muito bem o que aquelas palavras significavam, mas só em chinês.

— É uma estrutura gramatical muito complexa! Eu tenho alunos estadunidenses que jamais conseguem dominar. E tenho alunos fazendo pesquisa avançada em chinês clássico que ainda não têm um entendimento intuitivo da

construção resultativa. Mas você não tem a menor dificuldade. Sabe o que isso significa?

— Que eu vou aprender mais rápido?

— Não! — O tom de voz dela disparou. — Significa que você é preguiçosa. Eu conheço seu tipo! Como algumas coisas são fáceis, você acha que tudo vai ser fácil. Mas, na verdade, você tem maior tendência a cometer erros porque confia no seu ouvido interno, que só funciona às vezes. Você vai ter muita dificuldade de desenvolver um repertório gramatical mais complexo a menos que trate o idioma chinês com a mesma seriedade que trataria qualquer outra língua estrangeira, como o francês. Tudo bem, Lily?

Eu senti uma vontade repentina de chorar.

— Tudo bem.

— Ótimo! Agora, vamos ao vocabulário de hoje! — Ela apontou para a tela do computador. — 症狀. Use isso numa frase!

Ao fim dos cinquenta minutos de aula, parecia que eu tinha levado um choque. A professora Sun me perguntou se eu estava me adaptando a Taipei, e eu disse que na maior parte do tempo estava tudo bem, tirando os mosquitos.

— Ah! — gritou ela. — Compre um spray japonês!

Ela mostrou a marca no monitor para que eu pudesse reconhecer a embalagem na farmácia Watsons: um tônico azul vibrante com um rótulo em *katakana*.

— Tem um ingrediente que é proibido nos Estados Unidos. Não sei. Talvez seja um veneno… talvez deixe seus filhos deformados, haha. Mas vai acabar com a coceira, com toda a certeza!

* * *

Fiquei perplexa ao vez a luz do sol quando saí do prédio. Eram só quatro da tarde. Por dentro, eu sentia que eram duas da manhã. Pensei nas pilhas de dever de casa acumulado e quis me encolher em posição fetal.

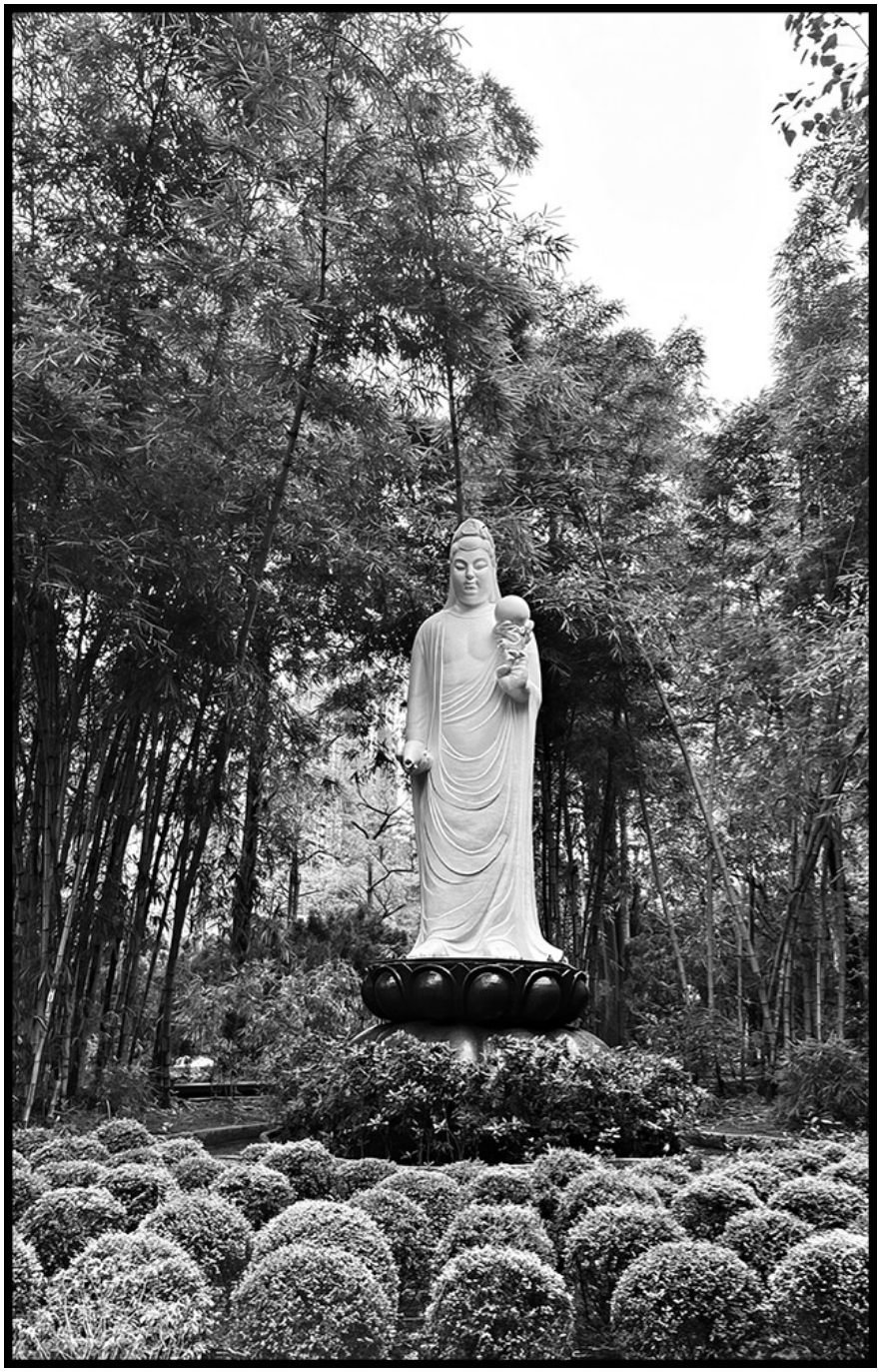
Anna também estava acabada. Em vez de me esperar na área comum dos estudantes, ela havia mandado mensagem dizendo que já tinha voltado para casa. Nossa ideia era dar uma passadinha numa cafeteria ali perto depois da aula, mas ela estava, de acordo com as próprias palavras, lutando pela própria vida. Anna

escrevera isso em chinês, então a frase dizia algo como "travando uma guerra pelo meu bem". Quando voltei ao apartamento, ela estava esparramada de bruços no sofá, e os livros didáticos estavam espalhados no chão. Eu cutuquei seu calcanhar. Ela gemeu. Adotei a mesma pose no chão, e ficamos deitadas ali em silêncio por um instante, nos mexendo apenas para coçar as picadas de mosquito.

Tentamos descobrir por que estávamos tão cansadas. A conversa foi titubeante, mas, depois de muitas consultas ao dicionário, bolamos uma teoria. No ensino médio, esse tipo de rotina era moleza. Tínhamos aula das oito da manhã até as quatro da tarde todos os dias, com dever de casa para mais tarde, e isso era normal. Mas um ano de faculdade, onde às vezes só tínhamos uma aula de tarde, ou às vezes aula nenhuma, havia nos deixado mal acostumadas. Éramos incapazes de nos empenhar. Estávamos condenadas ao fracasso.

— Vamos ficar mais duronas — comentou Anna. Ela digitou algo no celular e leu: — Seremos temperadas cem vezes para nos tornarmos aço.

Mas eu não me sentia forte como aço. O deslumbramento inicial havia perdido o efeito. Não havia mais nada empolgante em Taipei; nem os cartões de metrô coloridos, nem a abundância de lojinhas de *bubble tea*, nem os banheiros públicos limpinhos, nem os ônibus e trens que operavam de forma milagrosamente pontual. Tudo que eu conseguia notar eram as humilhações: como não era seguro beber água da torneira; como tínhamos que encher nossas garrafas de água em um bebedouro no corredor; como a máquina de lavar nunca secava por completo as nossas roupas, só as deixava quentes e úmidas, de forma que era necessário pendurar tudo sobre cadeiras, cama, parapeitos, toda superfície com borda; como aquele apartamento, que era pequeno demais para duas pessoas, não tinha cadeiras nem escrivaninhas. Para fazer o nosso dever de casa, tínhamos que nos esparramar na cama, o que dava torcicolo; ou então ir a uma cafeteria, e isso significava voltar a nos aventurar no calor com os mosquitos, passando outra camada de repelente no corpo inteiro, até ficarmos grudentas e manchadas. As férias tinham acabado. Estávamos ali para estudar.



2

Ao fim da semana, tínhamos criado uma rotina. Todas as manhãs, Anna e eu saíamos para tomar café na 7-Eleven da esquina: uma combinação de frutas cortadas, pãezinhos de trigo no vapor, leite de soja e ovos cozidos no chá. Anna tomava banho primeiro e ia para o curso; então eu tomava banho e saía uma hora depois. Passava duas horas na aula, e depois encontrava JC para o almoço. Eu sentia uma adrenalina quando descia as escadas e o via me esperando no saguão. Sempre achava que aquele seria o dia em que ele teria outros planos ou decidiria que eu não era tão interessante quanto ele tinha imaginado. Mas ele sempre estava lá. John Cahan-Song poderia almoçar com qualquer pessoa em Taipei, e mesmo assim escolhia almoçar comigo.

Experimentávamos restaurantes novos todos os dias. Até então, tínhamos provado macarrão indonésio salteado, ensopado de tofu coreano e sopa de *wonton* de camarão. Ainda não tínhamos encontrado *onigiri*, mas a esperança seguia viva. Descobri que JC ficava ansioso ao pensar no futuro; que não queria ser professor universitário, porque os pais tinham seguido a carreira acadêmica e ele não queria passar a vida inteira à sombra deles, mas também não sabia o que mais poderia fazer com um diploma em sociolinguística; e que ele amava a irmã, mas, por ter pouco apreço por seu atual namorado, que ela conhecera em um evento para influenciadores, os dois não estavam se falando no momento. Eu também não estava falando com minhas irmãs. JC perguntou se elas estavam namorando otários, e eu disse que não; uma delas gostava de fingir que eu não existia, e a outra era uma fedelha mimada. Nós concordamos: famílias eram complicadas.

Todas as tardes, Anna esperava por mim na área de convivência até o fim da minha aula individual e voltávamos juntas ao apartamento. Na maioria dos dias, parávamos no caminho para comprar *bubble tea* ou pudim de tofu doce. Então, depois de um tempo de "recuperação", com Anna deitada de bruços na cama, eu

deitada de costas no sofá, íamos para uma das cafeterias da nossa rua para fazer o dever de casa. Anna gostava do Come True Coffee porque eles serviam panquecas fofinhas de sete centímetros com calda de ube. Eu gostava do Youmoutoohana porque eles serviam chá de cevada com osmanthus e ofereciam água quente à vontade, e porque tocavam covers melancólicos de músicas em inglês cantadas com um sotaque japonês tão forte que as letras eram incompreensíveis.

Quase sempre ficávamos nas cafeterias até elas fecharem; isso queria dizer que, não importava o que acontecesse, parávamos de estudar às onze da noite em ponto. Concordamos que tínhamos que priorizar o sono; não podíamos virar a noite. Tínhamos descoberto que o segredo para sobreviver a um curso intensivo de chinês era aceitar que nunca estaríamos totalmente preparadas para a aula. Eu sempre fui uma aluna dedicada: gostava de revisar o dever de casa e de repassar as listas de vocabulário até ter certeza de que sabia todas as palavras de cor. Ali, isso era impossível. Havia coisa demais para fazer. Não havia tempo para estudar, apenas para assimilar conteúdo suficiente em ritmo frenético para sobreviver à aula do dia seguinte.

Apesar disso, eu estava aprendendo. A transformação estava acontecendo como prometido. Eu não tinha mais que me esforçar para lembrar aqueles conectivos comuns: "porque", "portanto", "entretanto", "apesar de". A repetição constante e forçada suavizava a hesitação constrangedora nas frases cotidianas. De repente, eu já sabia conversar sobre o tempo. Já conseguia reservar uma mesa para duas pessoas.

Minhas estruturas frasais também estavam melhorando. Eu conhecia orações mais complexas e conseguia manter padrões de pensamento mais longos em relações lógicas com mais nuances antes de dizer algo em voz alta. Era tão legal expressar um pensamento sem antes ter que repetir a ideia várias vezes na cabeça. Eu podia simplesmente *pensar*, e o que saía era o que eu queria dizer. A melhor sensação era quando eu conseguia chegar ao fim de uma frase sem fazer uma pausa para encontrar a palavra certa, quando todo o vocabulário estava presente e se encaixava direitinho. Meu maquinário mental estava ficando lubrificado. Quase dava para ouvir os cliques e chiados satisfatórios.

— É verdade que podemos dedicar a mesma ênfase à educação moral, intelectual, física e social, mas ao mesmo tempo não se pode negar que a

realização intelectual é o padrão em geral reconhecido pela maior parte das pessoas no ensino superior — falei de uma só vez, sem pausas.

A professora Sun aplaudiu.

— Uau!

* * *

Comecei a ir para o curso cada vez mais cedo para praticar meu chinês com qualquer um que estivesse na área de convivência. Não ficava tão preocupada em incomodar desconhecidos quanto me sentia em casa. O peso de uma conversa era diferente quando os dois envolvidos eram ruins na comunicação. As regras normais que ditavam os limites sociais não se aplicavam. Nada era intrusivo demais. Dava para apenas chegar em alguém e dizer "Colega, você parece ser um atleta. Isso é verdade?".

Nosso programa atraía muitos alunos estrangeiros não estadunidenses, que me fascinavam porque eu sempre esquecia que outros países tinham as próprias relações bilaterais com a China. Gostava de ouvir alunos estrangeiros falando chinês, porque de algum modo eu sempre conseguia distinguir a origem dos sotaques. Havia o chinês com sotaque alemão, o chinês com sotaque italiano, o chinês com sotaque francês. Não conseguia identificar as mudanças fonéticas por trás deles. Só sabia que estavam ali.

Eu passava a maioria das manhãs conversando com uma garota alemã chamada Mageli (Margrit, em seu país). Os pais de Margrit eram missionários, então ela tinha passado a infância em Nanjing, e, portanto, falava com um sotaque melhor do que a maioria dos alunos. Margrit me contou que todos os tios e tias dela trabalhavam em variados departamentos de sinologia na Europa. Ela me mostrou o resumo de um artigo do qual seu tio fora coautor sobre o teatro folclórico de Yunnan.

— É de família — disse ela. — Não sei por que, mas calhou de todos nós desenvolvermos um profundo interesse acadêmico pela China.

Todo mundo era um pouco apaixonado por Margrit. Ela tinha pernas longas de dançarina, cabelo loiro ondulado e sempre usava vestidos compridos de seda que abraçavam suas curvas. Margrit não era muito mais velha que eu, mas já tinha um noivo, Helmut, que estudava agronomia em Zurique. O sonho de

Helmut e Margrit era assumir a fazenda de ovelhas do tio de Helmut quando ele se aposentasse. Os dois sempre se falavam por telefone durante os intervalos de almoço de Margrit, quando Helmut tinha acabado de acordar. Na maioria das tardes, enquanto eu saía com JC, via Margrit sorrindo e andando de um lado para o outro na calçada em frente ao departamento. Uma vez, ela virou a câmera para que Helmut pudesse me dar um oi, mas ele não pareceu muito interessado em mim.

Quando Margrit não estava na área comum, eu passava as manhãs conversando com um aluno italiano da graduação chamado Baoluo, isto é, Paolo, que tinha um rosto comprido e contemplativo e prendia o cabelo em uma trança oleosa que ia até a base das costas. Além de ser falante nativo de italiano e vêneto, Paolo também era fluente em francês, alemão e inglês. Estava se dedicando a um bacharelado em geografia, sem pressa de se formar, que ele dizia ser mais ou menos uma mistura de estudos sociais e relações internacionais. O processo era lento porque ele vivia fazendo pausas para sair mochilando pelo mundo. O chinês era sua terceira língua asiática. Ele tinha passado alguns anos do ensino médio no Japão e trocava cartas com um amigo da Coreia do Sul.

Perguntei a Paolo por que ele gostava tanto de aprender outras línguas. Ele me disse que tudo havia começado no ensino fundamental. Estava estudando francês na escola e descobriu que, se escrevesse em seu diário em francês, os pais dele, que Paolo descreveu como "pessoas sem instrução", jamais descobririam o conteúdo das páginas. À medida que sua necessidade de manter segredos crescia — ele não especificou o motivo, só que acontecera —, foi necessário apelar para cada vez mais idiomas para manter os pensamentos escondidos do resto do mundo.

Eu nunca tinha conhecido alguém que aprendia outras línguas com o objetivo evidente de não ser compreendido. Isso me fez pensar na autora Yiyun Li, que eu tinha lido no semestre anterior em uma aula sobre literatura asiático-americana. Contei a Paolo sobre como Yiyun Li tinha parado de escrever em chinês, sua língua nativa, e começado a publicar em inglês quando adulta. Ela tinha considerado o abandono total do chinês uma espécie de suicídio, uma fuga daquilo que não podia ser dito.

Perguntei a Paolo se ele tinha enterrado alguma parte de si em italiano. Ele me lançou um olhar desconfiado.

— Isso é muito pessoal — declarou ele, e começou a arrumar a mochila.

* * *

Algumas vezes ao entardecer, bem quando o sol se punha, Anna e eu gostávamos de caminhar pelo Parque Florestal Da'an.

Dividíamos o parque com aposentados. Todas as noites, passávamos por um pelotão de senhorzinhos praticando *tai chi*, ou mulheres com coletes acolchoados idênticos dançando em sincronia uma canção folclórica vinda de uma caixa de som, enquanto uma instrutora com boné de beisebol laranja-vibrante e um headset com microfone berrava instruções. Uma vez, fomos empurradas para fora da trilha por um idoso que corria com pesos de academia presos aos pulsos e tornozelos. Ele não devia ter menos de setenta anos. Tinha panturrilhas saradas, do tamanho de uma laranja.

Eu estava tentando me curar da tendência de presumir que toda pessoa asiática que eu encontrava era um parente, mas não conseguia evitar. Durante a maior parte da infância, havia mais chances de uma pessoa asiática em determinado lugar ser da minha família, ou pelo menos uma amiga da família, do que não ser. Então, toda vez que eu passava por uma pessoa idosa no caminho, sentia um anseio protetor no peito. E, toda vez que elas me olhavam, eu sorria e acenava, e sempre ficava confusa quando elas não acenavam de volta.

* * *

Anna ligava para os pais toda noite antes de dormir. Ela sempre ia para o corredor para conversar, mas as paredes eram finas, e sua voz animada me alcançava como se ela estivesse bem ao meu lado. Ela falava em inglês na maior parte do tempo, com uma quantidade crescente de frases açucaradas em chinês jogadas entre pensamentos. Estava amando Taipei; já conseguia citar Confúcio, por acaso eles queriam ouvir sobre Confúcio? Estava comendo muita coisa boa, e ia ganhar tanto peso, haha, que faria uma dieta de sucos detox quando voltasse; os professores eram uns amores, e ela estava muito empolgada para ver todo mundo em agosto, quando o curso terminasse; sim, os voos estavam marcados na agenda; sim, ela chegaria ao aeroporto com duas horas de antecedência; mandem

um abraço para Victor, abracem Muffin por ela, amo muito vocês, a gente se fala amanhã.

Eu não tinha notícias dos meus pais desde o meu primeiro fim de semana em Taipei. Isso era normal — era comum eles passarem semanas sem me ligar —, mas eu me preocupava, sim, se estava tudo bem. Tentei ligar uma vez, mas ninguém atendeu. Mandei mensagem para Flora, para ver se havia algum problema, e ela respondeu *O drama de sempre*, seguido por um emoji dando de ombros. Interpretei isso como um sinal de que a eterna guerra entre Jasmine e meus pais estava pegando fogo, em oposição aos momentos frios mais frequentes, porém estáveis, e que Flora devia ter passado a maior parte da última semana no quarto, com fones de ouvido para bloquear o barulho. E era egoísta da minha parte, mas eu estava feliz por estar tão longe de tudo aquilo.

Você está bem?, perguntei.

É, tudo indo, respondeu Flora. Um instante depois: *Aproveite Taipei.*

* * *

Na segunda-feira seguinte, descobri que tinha perdido todo o meu progresso. Passei a manhã inteira mole e devagar. O vocabulário novo não estava se fixando como antes. Ao longo das duas aulas da manhã, tive que lutar contra o impulso de responder em inglês. Eu me perguntei se estaria doente, mas não conseguia identificar nada errado comigo. Tinha me sentido bem de manhã, e não estava com dor de cabeça. Era tudo cognitivo. Achei que aprender um idioma seria uma trajetória ascendente e suave, então fiquei chocada ao descobrir que de repente tinha começado a falar como uma criança de cinco anos. Estremeci ao ouvir meu sotaque. Em geral, não tinha problemas com os tons, mas naquele dia passei o tempo todo lutando para corrigir a língua. *Tons!* A única habilidade que eu pensava ter herdado! Minha fala estava marcada por pausas longas e lentas enquanto eu buscava frases que tinha aprendido havia muito tempo e que desapareceram de um jeito repentino e misterioso. A professora Cai pediu que eu usasse o termo para "produto interno bruto" em uma frase, e eu não consegui me lembrar da palavra "aumento".

Quando cheguei à minha aula individual, senti que precisava me desculpar com antecedência.

— Não sei o que está acontecendo comigo hoje — declarei e dei várias batidinhas na testa para enfatizar. — Meu cérebro não está funcionando.

— Isso é normal — garantiu a professora Sun. — Você sente que está progredindo bastante, e de repente tudo fica mais difícil. Seu cérebro está formando novas conexões, mas isso requer a quebra de todas as conexões antigas. Você está esvaziando a casa, abrindo espaço para a mobília nova.

— Mas estou falando como uma idiota.

— Na verdade — corrigiu a professora Sun —, você sempre falou como uma idiota. É um progresso considerável que agora perceba isso.

* * *

Então a assimilação não seria tão rápida quanto eu esperava. Eu teria que redobrar meus esforços.

Havia um prazer corajoso nisso. Eu gostava do verbo 求學, *qiúxué*, que significava "estudar" ou "fazer pesquisa". Mas o ideograma 求 também podia significar "buscar", "procurar", "exigir". Em novelas de época, os personagens viviam dizendo 我求你 uns aos outros; "eu lhe suplico, por favor, não mate meu filho, por favor, não me mande para o exílio". O ideograma 求 carregava um senso de urgência. A pessoa poderia morrer se não chegasse ao que estava 求-ando. Eu gostava da ideia de que o conhecimento era algo a ser buscado com desespero, com lanternas e pás, desenterrando pepitas de ouro. O ouro não iria cair nas minhas mãos sem mais nem menos, claro. Eu teria que cavar com mais afinco: ler mais trechos, criar mais fichas de estudo, construir mais frases. Tudo ainda podia acontecer. Era apenas uma questão de tempo.

* * *

Na aula de Atualidades, eu sempre tropeçava nas transliterações. Muitos nomes próprios eram traduzidos não pelo significado, mas por quaisquer caracteres que se adequassem melhor ao som. Então Manchester virava 曼徹斯特 (*mànchèsītè*), Geórgia virava 喬治亞 (*qiáozhìyà*) e Morehouse virava 莫爾豪斯 (*mòěrháosī*). Eu nunca conseguia pronunciar os termos com fluidez quando fazíamos leituras a

frio. Era sempre um vaivém mental para decidir se eu deveria entoar o chinês ou só usar a pronúncia inglesa. Se o objetivo da transliteração era se aproximar do som original, então me parecia que eu deveria só dizer "Manchester", "Geórgia" e "Morehouse" no lugar das elaboradas aproximações em *pinyin*, que sempre soavam um pouco racistas em voz alta, como se eu estivesse imitando uma pessoa com inglês imperfeito. Mas a professora Shen fazia uma careta sempre que eu usava a pronúncia inglesa.

— Por favor, Lily — dizia ela. — Aqui nós falamos em chinês.

* * *

Eu preferia quando as palavras estrangeiras transliteradas tinham o próprio significado. O empréstimo lexical para Coca-Cola era 可口可樂, que se lia *kěkǒukělè* e significava "saboroso e interessante". Para "mito" era 迷思, *mísī*, que significava "pensamentos confusos", ou, como eu o traduzia, "pensamentos que viajaram por um labirinto". O empréstimo lexical para "proletariado" era 普羅, *pǔluó*, o termo para "popular" junto do usado para "reunir". E para "jazz" era 爵士, *juéshì*, que também era o termo para "cavalheiro", e nesse caso eu logo pensava em Louis Armstrong e Nat King Cole, trajando terno e ajeitando o colarinho.

Mas às vezes os ideogramas não tinham nada a ver com o significado. Por exemplo, 粉絲, *fěnsī*, era o empréstimo lexical para "fãs", porque os caracteres tinham uma sonoridade semelhante ao termo. Mas 粉絲 também significava "macarrão", e, quando falávamos dos *fěnsī* de uma estrela do pop, eu sempre pensava em uma tigela de macarrão de arroz gelado, dançando em êxtase e adoração.

* * *

Estávamos progredindo muito pouco na minha aula individual. Nunca terminávamos a lista diária de vocabulário porque eu fazia muitas perguntas sobre cada termo. Eu precisava entender as conotações exatas e todas as situações em que eu poderia usar cada um deles. Por exemplo: 分瓜, cortar um melão,

alocar, partir em pedaços. Seria possível cortar o melão de uma propriedade, e todos os herdeiros brigariam pelas sobras. Mas será que cortar o melão tinha que ser uma coisa ruim? E quanto aos recursos infinitos? Daria para dividir o melão do amor dos seus pais?

— Parece que você faz questão de procurar os usos menos plausíveis de cada termo — acusou a professora Sun.

Tentei explicar que eram os casos implausíveis que me ajudariam a entender os limites das frases. De que outro jeito eu poderia fazer trocadilhos? Não seria essa a diferença entre entender a língua e saber usá-la?

A professora Sun sugeriu que eu focasse menos em fazer trocadilhos e mais em usar as palavras no contexto certo.

— O problema dos trocadilhos linguísticos é que você só pode fazer isso quando já conhece todas as regras — explicou ela. — Se você é fluente e desconstrói uma língua, todos pensam que você é muito inteligente. Então poetas podem fazer o que bem entenderem. Mas, se você não é fluente e desconstrói a língua, então as pessoas só pensam que você não sabe falar.

* * *

Mas os taiwaneses brincavam com o inglês o tempo todo, e com frequência não muito bem.

Tem termos sem pé nem cabeça em inglês por todo lado na cidade. Em uma única tarde, vi camisetas com as frases "Viva LivrE ou Borboleta", "Eu gosto comer vacas e você" e "Xaninha acaricia boceta". Certo dia, vi uma mulher arrumadinha de meia-idade toda orgulhosa com um cardigã de veludo com letras garrafais repetidas que diziam "VÁ FODER". Esses casos pareciam mais do que traduções equivocadas. Não conseguia nem imaginar qual teria sido o texto original. Alguém devia estar de sacanagem. Alguém estava usando uma língua do jeito errado só porque era engraçado: porque gostava da aparência de uma letra ou da posição de uma vírgula.

No aglomerado de restaurantes ao norte do campus, havia um de pizza e massa chamado Eu Sou Massa, com uma placa em inglês que dizia: "Antes, eu odeio massa. Agora, é mi-
nha vida."

* * *

— Existe som de V em chinês? — perguntou Anna bem tarde certa noite, quando eu achava que ela já tinha ido dormir fazia um bom tempo.

Eu ainda estava acordada, então refleti sobre o assunto. Era complicado. Foi difícil ter certeza até revisar cada frase que tinha falado mais cedo, cada palavra que tinha estudado no meu glossário, para confirmar a ausência do som.

— Caramba. Acho que não.

— Então a gente praticamente não fez o som de V desde que chegou aqui.

— Acho que não?

— Vuh — disse ela.

— V-v-v-v-v-v — soltei, feito um motor.

— Veeeeeeee — enunciou ela, igual à máquina do alfabeto de Henry Higgins em *Minha Bela Dama*.

* * *

A professora Cai nos explicou que existia algo chamado "sotaque ABC", termo que vinha de "American-born Chinese". Algumas pessoas de origem chinesa nascidas nos Estados Unidos adquiriam esse sotaque quando tinham muita preguiça de distinguir diferentes formações de consoantes. Ela insistia que apenas homens usavam esse sotaque, mas o motivo não ficou claro para nós. Na opinião da professora, as mulheres eram mais dedicadas em todos os aspectos, simples assim. Nenhuma de nós tinha o sotaque ABC, graças a Deus. Ela não aguentaria ouvir aquela baboseira o dia inteiro.

Alguns rapazes que haviam crescido nos Estados Unidos, em especial na Califórnia, frisou ela, sem mais explicações, achavam que não precisavam se esforçar na pronúncia do chinês porque isso estava no sangue. Então a língua deles permanecia achatada, e eles nunca aprendiam a distinguir o *zh* do *zs*, ou o *ch* do *c's*. Nem sabiam que estavam fazendo isso, porque não conseguiam escutar a diferença. Eram incuráveis. Mas a reviravolta era que os homens taiwaneses também tinham começado a adotar esse sotaque na tentativa de conquistar as mulheres, porque isso os fazia soar como estadunidenses, que, no geral, tinham mais dinheiro e abriam caminho para um *green card*.

— E funciona? — perguntou Shanhong.

A professora Cai pareceu ofendida.

— Mesmo hoje, muitas pessoas querem ir para os Estados Unidos.

* * *

— Ei, aliás — disse Anna, então ergueu os olhos do livro didático. Estávamos estudando juntas no Youmoutoohana. — Será que dá para você parar de deixar manchinhas pretas no piso do banheiro, por favor?

Eu também tinha reparado nas manchinhas pretas nadando no chão da área do chuveiro. Tinha presumido que Anna as estava trazendo da rua. Sabia que não era eu, porque sempre tirava os sapatos na entrada.

— Não estou deixando manchinhas pretas — falei.

— Então de onde elas vêm?

— Talvez já estivessem debaixo da porta. Talvez a água as esteja puxando para fora.

— Já faz duas semanas — argumentou ela. — As manchinhas não estão mais saindo debaixo da porta.

Ainda havia manchinhas, e, durante os dias que se seguiram, Anna soltava suspiros dramáticos no banheiro enquanto as limpava com um esfregão.

Os suspiros me deixaram ressentida. *Se ela fosse uma adulta madura*, pensei, *simplesmente abriria a porta e diria que tinha encontrado mais manchas.* Formulei essa opinião em chinês de acordo com a estrutura frasal que tinha aprendido naquela manhã: X deve fazer Y. Adultos maduros devem comunicar suas queixas com falas firmes e diretas, e não com suspiros dramáticos em banheiros.

* * *

Anna estava de mau humor porque tinha acabado de voltar de um almoço com uma das amigas de faculdade da mãe dela. Anna só havia visto a mulher uma vez até então, quando tinha três anos, mas a conexão familiar era suficiente para que precisasse se dirigir a ela como "tia Wen" e fazer três baldeações de trem pela cidade para encontrá-la em um lugar de sua preferência. As duas tinham comido em um restaurante sofisticado de *dim sum* localizado dentro de um hotel. Tia

Wen não estava nem hospedada no hotel. Apenas reservara o almoço lá, porque o lugar era muito elegante.

Quando tia Wen viu Anna, exclamou que ela havia engordado.

— O que é uma coisa absurda de se dizer — comentou Anna —, já que da última vez que ela me viu eu não tinha nem um metro de altura.

Então tia Wen pediu quase todos os itens do cardápio, insistindo que Anna provasse tudo, e passou as duas horas seguintes fazendo perguntas muito específicas sobre a família de Anna, sobretudo relacionadas ao seu irmão mais novo, Victor.

Anna explicou que Victor era um assunto delicado na família por conta do TDAH não diagnosticado, que fazia com que ele fosse incapaz de completar as tarefas de seu curso.

— Ele tem problemas de atenção — contou Anna. — Não consegue olhar para um livro didático por mais de um minuto. Fica com vontade de chorar.

Victor só tirava notas sete e oito, o que para os pais de Anna era tão ruim quanto ser um traficante. Fazia anos que ela insistia que o deixassem tomar os medicamentos adequados, mas os pais não acreditavam em remédios ocidentais, já que isso seria uma admissão de derrota.

Anna se sentia culpada. Tinha falado demais: ninguém podia saber sobre o TDAH de Victor nem sobre suas notas baixas. Era como admitir que ele tinha sífilis. Tia Wen poderia espalhar a informação por toda a China, e em pouco tempo todos saberiam que Victor era incapaz de fazer o próprio dever de casa.

— Mas você nem sabe se é TDAH mesmo — falei.

— Todo mundo tem TDAH — retrucou Anna. — O que mais pode ser?

Ela explicou que a mãe e tia Wen tinham competido pela mesma bolsa de estudos durante a faculdade na China, e que só a mãe tinha ganhado um subsídio para ir aos Estados Unidos fazer a pós-graduação. O visto americano era motivo de grande inveja na época. No momento, tia Wen era rica e podia contratar um motorista particular para levá-la ao outro lado da cidade para um almoço em um restaurante dentro de um hotel. Mesmo assim, ela sentia que precisava puxar a mãe de Anna para baixo. Meus pais tinham os próprios rivais que gostavam de me chamar de gorda, então eu entendia a situação.

Perguntei se pelo menos a comida estava boa, e Anna deu de ombros.

— Foi impressionante — admitiu. — Serviram um cesto de peras douradas,

só que não eram peras. Eram bolinhos de gergelim fritos em imersão que pareciam peras. Tinham até um cabinho de chocolate para imitar o talo. Também serviram pãezinhos de gergelim cozidos no vapor que pareciam cogumelos, e fatias de cogumelo tostadas para lembrar bifes.

Tia Wen não parou de testar Anna, perguntando quais comidas eram reais ou falsas. Ela notava a semelhança? Tinha sido enganada? Em Taiwan, ao que parecia, alta gastronomia envolvia fazer uma comida se parecer com outra. Tia Wen perguntou a Anna se havia algum chef nos Estados Unidos capaz de executar imitações como aquelas, e Anna lhe contou sobre uma confeiteira que ela seguia no Instagram que fazia bolos em formato de objetos do cotidiano, até mesmo um sapato, ou um vaso sanitário. Eram tão realistas que chegava a assustar. Ela mostrou a tia Wen um vídeo em que o namorado da confeiteira tentava abrir a maçaneta do apartamento, e só então descobria que era feita de bolo. Tia Wen não achou isso muito impressionante.

* * *

Na aula de Literatura Taiwanesa Moderna, Meijuan anunciou uma descoberta importante: tinha entendido por que os restaurantes viviam lhe dizendo que alguns pratos não eram vegetarianos, quando estava óbvio que eram feitos sem carne. Não lhe serviam nem brócolis refogado. Em Taipei, pessoas vegetarianas em geral eram budistas, e muitos budistas não comiam alho, cebola ou pimenta, porque eram "temperos fortes", sabores que poderiam atrapalhar a meditação e despertar paixões, porque eram muito estimulantes. O problema era que quase todos os pratos saborosos eram feitos com alho, cebola ou pimenta. Então Meijuan passara várias semanas sobrevivendo à base de banana e pãezinhos cozidos no vapor, porque ela não conseguia pedir nenhuma comida vegetariana. A questão era que Meijuan também era budista. Só não achava que comer alho a deixaria com tesão.

* * *

O segredo para o sucesso na aula de Pensamento e Sociedade era usar muitos *chengyu*.

Os *chengyu* eram expressões idiomáticas, em geral de quatro caracteres, e quase sempre invocavam um conto folclórico ou faziam alusão a um texto clássico. Por exemplo: 畫蛇添足, "acrescentar pés ao desenho de uma cobra". A história por trás da frase envolvia uma disputa entre dois artistas. Eles estavam tentando decidir quem pintava a melhor cobra. Um dos artistas terminou sua pintura muito rápido, ficou entediado e então a estragou acrescentando detalhes desnecessários, como pés. Dava para usar esse *chengyu* em vários contextos: para criticar uma redação ou tirar sarro das roupas de alguém. Mas era preciso ter cuidado para não o confundir com outro *chengyu*: 畫龍點睛, "pintar um dragão e fazer um ponto em seus olhos". Nesse caso, os detalhes extras eram uma coisa boa. O pontinho nos olhos ajudava o dragão a ganhar vida e sair voando.

Usar *chengyu* era como usar o vocabulário nas redações do vestibular: quanto mais você usava, mais inteligente parecia. Em nossa aula, soltar um *chengyu* espontâneo era como dar um mortal para trás sobre as carteiras. Todos suspiravam de espanto e aplaudiam. Por que o mercado de trabalho era tão difícil para recém-formados? Porque "havia monges demais e mingau de menos". Por que o sistema de saúde dos Estados Unidos era tão caro? Porque "todos saíam perdendo quando lobos e chacais se uniam". Nós adorávamos utilizar um *chengyu* na hora certa. A professora Cai ficava muito feliz.

De vez em quando, os *chengyu* tinham mais de quatro caracteres. A professora Cai nos ensinou um muito bom: 半路殺出個程咬金, "no meio do caminho surge um Cheng Yaojin". Ele foi um general imprudente e atrapalhado da dinastia Tang, conhecido por aparecer de repente e salvar o dia. Isso nem sempre era uma coisa boa. Ninguém queria que Cheng Yaojin aparecesse brandindo o machado sem primeiro avaliar a situação. Ele estragava todos os seus planos.

* * *

— Você acha que o JC está a fim de mim? — perguntou Anna.

Fiquei tão surpresa com a pergunta que quase ri. JC? Anna? Quando? Mas ela estava falando sério. Seu rosto parecia franco, sincero. Tive que assumir uma expressão cuidadosa e neutra antes de responder.

— Por que você acha isso?

— Semana passada, sei lá. Pensei ter sentido algo. — Anna girou a caneta. — Você almoça com ele, certo?

— Isso.

— Então será que você poderia falar de mim? Sentir a… — Ela queria dizer "vibe", dava para entender, mas não existia um termo equivalente em chinês. — Sentir o clima?

Eu não sabia por que odiava essa possibilidade. Eu mesma nunca tinha cogitado um envolvimento amoroso com JC; parecia algo tão impensável que chegava a ser absurdo. Então não podia estar com ciúmes; não era uma competição. Mesmo assim, a visão dos olhos arregalados e esperançosos de Anna me deixou constrangida.

— Não sei — respondi. — Parece meio esquisito.

— É só ser sutil. Tipo, vê se ele fala de mim. Ou podíamos ir todos juntos a uma cafeteria depois da aula. Você pode sugerir isso para ele?

— Certo, tudo bem.

— Talvez esta semana?

— Vou tentar.

Puxei meu notebook para mais perto. Não queria mais falar sobre esse assunto. A ideia de Anna e JC juntos me dava uma coceira estranha na lateral do corpo, como uma picada de mosquito da qual eu não conseguia me livrar. Pensar em JC andando de mãos dadas com Anna… Não, algumas coisas simplesmente não eram para ser.

Tentei me concentrar na minha apresentação. Toda semana tínhamos que escrever um ensaio para a aula de Pensamento e Sociedade, corrigir o texto com nosso tutor pessoal e depois apresentá-lo para nossos colegas. Os ensaios precisavam ter oitocentas palavras. Eu vivia escrevendo metade de uma frase, selecionando o documento inteiro e verificando a contagem de palavras. De algum modo, sempre ficava decepcionada quando o texto crescia em incrementos de apenas cinco ou dez palavras.

Tínhamos liberdade para escolher o tema, mas era aí que eu me atrapalhava. Não queria escolher um que fosse difícil demais, porque aí eu teria que pesquisar para escrever o ensaio, em vez de só traduzir tudo para o chinês. Mas também não queria usar um argumento fácil com o qual não concordava só porque se encaixaria no vocabulário e na gramática de que eu dispunha no momento.

Mesmo assim, não importava o quanto eu me esforçasse, sempre considerava meus pensamentos distorcidos e simplificados quando os transmitia para o chinês. Era muito mais fácil dizer "Alunos que estão doentes não deveriam ir à aula" do que "Com as ferramentas do ensino a distância, deveríamos ser capazes de atender a todos".

Esse era o problema de só ter acesso a estruturas gramaticais simples. Seu modo de pensar ficava simplificado também. Se eu soubesse orações complexas, então as teria usado, mas havíamos estudado apenas duas lições do nosso livro didático.

Tínhamos que usar ao menos três estruturas gramaticais do capítulo atual em cada apresentação. Então tudo que eu escrevesse tinha que expressar a seguinte lógica:

- Eu prefiro _____ a _____.
- De todo modo, _____.
- Embora _____, nem por isso _____.

Eu estava com dificuldade para manter o foco, e a picada de mosquito não parava de coçar.

Embora JC tivesse sido legal com Anna, nem por isso precisava gostar dela.

De todo modo, decidi não me importar.

* * *

No meio do caminho havia uma Anna.

Ela queria se juntar a JC e a mim para o almoço. Não me deu nenhum aviso. Só estava ali no saguão esperando, toda sorridente, quando desci as escadas para encontrar JC.

— Ah! — exclamei. — Oi!

— Ah, oi — disse JC, que tinha acabado de perceber que ela estava ali.

— Minha tutora individual ficou doente — explicou Anna. — Aonde vamos?

Decidimos experimentar o restaurante de sushi de esteira ao sul do campus. Como era uma esteira única, não havia cabines de quatro lugares, apenas uma enorme mesa que se estendia no meio do restaurante. Tivemos que nos sentar em

fila no balcão. Anna e eu nos sentamos nas pontas, e JC, no meio. Sempre que alguém falava, tínhamos que nos inclinar ou virar para o outro lado para fazer contato visual. E, se eu quisesse dizer algo a Anna, ou vice-versa, então precisávamos nos debruçar sobre o balcão e falar na frente de JC. Isso dava a tudo um ar de rivalidade, embora eu não soubesse se era a única que se sentia assim. Será que JC também estava irritado com aquela intrusão? Será que também desejava que Anna desaparecesse dali?

A situação começou a ficar tensa com os palitinhos. Todos os outros utensílios estavam dispostos diante dos nossos lugares, como guardanapos, pratinhos para o molho de soja e o wasabi, e até mesmo pequenos bules de água quente para o chá, mas os palitinhos não estavam em lugar nenhum. Anna queria falar com o garçom, mas ele estava tão ocupado ajudando um grupo a se acomodar que não conseguimos chamar sua atenção. Por fim, vi um casal do outro lado da esteira tirando os palitinhos de uma gaveta debaixo da mesa. Nós nos agachamos, e lá estava: uma linha quase invisível no balcão. Jamais a teríamos encontrado por conta própria.

— A gente deveria só ter se levantado e perguntado a alguém — comentou JC.

— Eu não queria parecer uma estrangeira — admiti.

— Pois é, a Lily odeia quando as pessoas sabem que ela é de fora — explicou Anna.

— Qual é o problema de parecer estrangeira? — perguntou JC.

— Não tem problema nenhum — respondi. — Eu acho… Sei lá. Acho que só gosto muito de tentar me misturar.

— Eles não vão te tratar mal se souberem que você é estrangeira — argumentou Anna, em inglês, como tínhamos passado a falar ali. A voz dela em inglês era mais grave, cruel. Ela nunca soava tão sarcástica em chinês. — Taipei é conhecida por ser uma cidade amigável.

— Eu sei, não estou preocupada com isso — rebati e me remexi na cadeira. — Só quero tentar viver como se fosse daqui.

— Lily é muito insegura com a chinesidade dela — explicou Anna a JC.

Mas a questão não era só minha chinesidade. Desde que me entendia por gente, eu adorava observar como as pessoas levavam a vida. Sempre que viajava, gostava de observar desconhecidos em suas rotinas: o caminho para o trabalho, a

escolha de almoço, os parques onde caminhavam ao fim do expediente, as lojas de conveniência onde compravam máscaras descartáveis para o metrô ou caixas de leite desnatado para misturar no café. Eu gostava de passear pelas lojas de conveniência, de observar as pessoas caminhando pelas estações de metrô. Fazia isso nos Estados Unidos também. Adorava caminhar à noite pelas ruas quando estavam todos dentro de casa, ainda mais no inverno, olhando para cada sala de estar com luz quente e acolhedora enquanto passava. Que tipo de pessoa eu seria se morasse na casa com as bandeirinhas de times de futebol? Com os presépios? Com a coleção enorme de DVDs do Fellini? Sempre sentia uma inveja estranha até mesmo dos indícios mais mundanos de uma outra vida, uma coleção de canecas, uma pilha de livros preparatórios para provas, sem razão nenhuma além do fato de que aquela vida não era a minha.

Tentei explicar tudo isso a JC e Anna.

— Vocês nunca quiseram entrar na vida de outra pessoa? Só por uns minutinhos, só para ver como é?

— Na verdade, não — respondeu Anna. — Estou feliz com quem sou. Quero dizer, no geral, a gente tem muita sorte de ter a vida que tem.

— Não, eu também estou feliz com a minha vida! Só tenho muita curiosidade sobre as outras pessoas. Tipo… É tão injusto que a gente só possa viver uma vez, e que só possa vivenciar o mundo a partir de uma perspectiva. Penso sobre isso em relação a outros corpos também. Outros gêneros, ou corpos muito diferentes do meu. O seu, por exemplo. — Olhei para JC. — Gostaria de saber como é viver na sua pele por algumas horas.

— Isso parece uma coisa sexual — comentou JC.

— Não é bem uma coisa sexual. Na verdade… Acho que talvez pudesse ser uma coisa sexual, mas não para mim. Só sou curiosa. Como é o mundo se você é alto? Ou se tem pelos em lugares onde eu não tenho? Ou se seus braços e suas pernas são mais fortes, ou mais compridos, como os seus?

— Estou muito lisonjeado, continue — disse JC.

— Pare de flertar — disparou Anna.

Nós dois fingimos não a ouvir. JC colocou a mão sob o queixo, se mexendo um pouco na minha direção.

— Mas você não pode só tentar?

— Tentar o quê?

— Vir para cá, virar taiwanesa. Seu chinês já é ótimo, você poderia simplesmente ver como é, não poderia?

— Bem… Eu gostaria.

Andava pensando no assunto. Havia algo diferente em Taipei. Em todos os outros países que eu já havia visitado, observar as pessoas tinha sido uma mera fantasia. Seria preciso uma intervenção divina para eu me misturar aos outros na Alemanha, por exemplo; eu só poderia me tornar uma pessoa chamada Heide ou Anneliese se tivesse nascido como alguém bem diferente. Em Taipei, porém, eu tinha a matéria-prima necessária, por assim dizer.

Seria muito difícil. Exigiria recomeçar, não apenas com a cidadania, a faculdade, a conta bancária e o acompanhamento médico, mas com todo o processo de socialização, de vir a ser em um idioma diferente. Mas haveria tanto prazer nisso. Eu seria apresentada a um mundo novo de cultura: novos livros infantis para ler, séries com as quais ficar obcecada, programas de TV para assistir. No meu primeiro ano de faculdade, lamentei não conseguir me divertir com meus livros favoritos como antes. Tudo parecia sem graça, como se minhas melhores aventuras tivessem chegado ao fim. Mas eu poderia ter uma segunda adolescência em chinês. E, conforme ficava mais fluente, fantasiava mais com minha sósia de Taipei: uma pessoa que não precisava reaprender chinês, pois sempre o tivera; uma versão paralela de mim que não carregava o fardo da inadequação, que não repetia saudações hesitantes para os avós em chamada de vídeo, que não precisava perguntar acanhada aos pais se por acaso era feriado, pois passara a vida toda celebrando o Ano-Novo Lunar em casa com uma família grande e feliz.

— Não sei — opinou Anna. — Acho que você está sendo meio crítica.

— Como assim? — perguntei.

— Tipo, por que esconder quem você é? Você *não é* taiwanesa, é estadunidense. Você é igualzinha ao resto de nós.

— Não era isso que eu estava tentando dizer.

— Mas é assim que você age aqui. Morre de vergonha quando a gente faz qualquer coisa errada. Fala disso o tempo inteiro. Outro dia mesmo, você me deu a maior bronca por não separar o lixo reciclável.

Senti que Anna estava sendo muito agressiva sem motivo.

— Eles levam a reciclagem a sério aqui.

— Foi só um lencinho usado, não era o fim do mundo.

JC virava a cabeça de mim para Anna. Ele sentia, assim como nós duas, que a dinâmica tinha ficado polarizada. Tinha sido requisitado a julgar entre nós duas, como Páris e as deusas, e isso era ridículo, e era tudo culpa de Anna.

Diplomático, ele disse:

— Acho que é bem natural querer se misturar ao lugar onde se está. É como um mecanismo de sobrevivência,
certo?

Anna deu de ombros.

— É, acho que sim.

— Certo — falei.

Eu só queria que eles mudassem de assunto. JC também não tinha me entendido. Não mesmo.

* * *

Naquela tarde, enquanto eu caminhava de volta para casa, pensei em todos os motivos pelos quais não gostava de Anna.

Ao longo das últimas três semanas, eu tinha acumulado uma série de queixas. Talvez fosse menos maduro do que só falar com ela quando os problemas surgiam, mas remoer o assunto me dava certa sensação de justiça. Se aquilo fosse parar no tribunal um dia… Ah, nossa, eu teria acusações de sobra.

1. Anna sempre revisava o conteúdo das listas de vocabulário logo cedo. Ela repetia todos os termos em voz alta e enunciava as palavras de um jeito exagerado, como se estivesse cantando na ópera de Pequim, mesmo sabendo que eu estava tentando dormir.
2. Eu tinha quase certeza de que ela andava fazendo xixi no chuveiro, embora a gente tenha combinado de não fazer isso. Ela jurava que não estava, mas eu sentia o cheiro às vezes, um leve odor de amônia no ar.
3. Ela não estava respeitando a cama. Tínhamos concordado que só nos deitaríamos na cama depois de tomar banho, já que, graças ao suor e ao repelente, estávamos sempre cobertas com algum tipo de óleo. Eu seguia essa regra à risca, mas era comum Anna voltar da aula e se jogar

de bruços no colchão. “É só a colcha”, dizia ela, com o mesmo tom que alguns caras diriam “É só a pontinha”. Tentei explicar que dava na mesma, mas ela não acreditou em mim, e àquela altura a cama estava coberta de manchas amareladas no formato dela.

4. Ela tinha comprado um par de sandálias de couro, e por algum motivo sempre as levava para dentro de casa e deixava o cômodo todo fedido. Pedi que ela deixasse os sapatos no corredor, junto dos meus, e ela me disse que todo mundo tinha chulé no verão.
5. De tempos em tempos, ela reclamava que a comida de Taipei a estava deixando gorda, que seus shorts estavam apertados e que ela ia começar a ter mais cuidado com a alimentação. Mas não quis jogar fora os refrigerantes e pães de leite de taro que havia guardado na geladeira, então vivia tentando empurrar tudo para mim. “Por favor”, dizia ela. “Coma isso, alguém tem que comer.” Mas por que eu faria isso? Por que não era um problema *eu* ficar gorda?
6. Apesar de (5), ela criou gosto por biscoitos de cebolinha e *nougat*, um petisco taiwanês popular, feito com duas bolachas de água e sal com cebolinha formando um sanduíche recheado com *nougat*. Eu também gostava delas, mas Anna era obcecada. Levava uma caixa nova para casa a cada poucos dias e devorava tudo enquanto estudava, deixando manchas gordurosas por toda a cama, pela mesa e pelo chão. Eu a tinha visto limpar os dedos na mesa enquanto lia; quando ofereci um lencinho, ela respondeu: “Não, tô de boa.”

Anna deixava traços de si em todo canto e achava que, como não estava em casa, não tinha problema. Mas eu também morava ali. Teria que ficar naquele apartamento pelas sete semanas seguintes, e estava me afogando na sujeirada dela, e ela não estava nem aí.

* * *

Skipper arranjou uma namorada taiwanesa chamada Tingting. Ela era estudante de engenharia na NTU e estava fazendo cursos de verão para se formar mais cedo. Os dois tinham trocado olhares na barraca de bolinhos do centro

estudantil. Eu os via juntos em todo canto do campus, em geral caminhando, a mão de Skipper enfiada no bolso de trás de Tingting e repousada na bunda dela.

Ele perguntou para mim e para JC, de um jeito bastante formal, se sairíamos para jantar com os dois. Fiquei lisonjeada por ele nos ver como uma unidade. Respondemos "é claro, pode escolher a hora e o lugar". Skipper ficou feliz da vida. Contou que Tingting queria comida italiana. Ela conhecia um bom restaurante; ele nos mandaria o endereço por mensagem. Foi assim que acabamos no Eu Sou Massa, o restaurante com aquela encantadora placa sem pé nem cabeça. Skipper e JC pediram o "macarrão com tomate e cubos de carne". Tingting pediu o "risoto de creme de tomate". Eu pedi o "pesto apimentado veg", que, de acordo com a foto, vinha com repolho salteado.

Tingting tinha cabelo preto bem liso, sobrancelhas finas impecáveis e um inglês perfeito. Havia frequentado acampamentos de verão em Los Angeles durante o ensino médio. Os pais dela amavam a Califórnia; tinham ido à Disneylândia três vezes. Ela andava planejando fazer um semestre de intercâmbio na Universidade Brown na primavera seguinte, mas, depois de conhecer Skipper, estava cogitando ir para Yale. Por acaso nós gostávamos de New Haven? Os índices de criminalidade eram altos mesmo? New Haven era um lugar seguro para mulheres à noite? Ela achava que o trabalho de Skipper com o Departamento de Defesa era muito importante e ficava feliz de ver que mais estadunidenses estavam levando as necessidades de defesa de Taiwan a sério.

— Acho que você é o dicionário ambulante dele — comentou JC.

— O quê?

— Dicionário ambulante. Essa é a piada, não é? Você arranja uma namorada chinesa quando estiver no exterior, e aí tem um dicionário.

— Não sou um dicionário — protestou Tingting. — Não ajudo Skipper com o dever de casa dele.

— Não quis ofender — avisou JC.

— O chinês do Skipper é muito bom — declarou Tingting.

— Claro, tenho certeza.

JC se recostou na cadeira, perplexo.

Skipper levou um cubo de carne à boca, e Tingting deu um apertãozinho na mão dele.

Fiquei surpresa com o quanto os dois protegiam um ao outro. Estavam sentados um pouco na diagonal, formando um muro defensivo contra nós, como se aquilo fosse uma coletiva de imprensa e estivessem nos desafiando a tirar sarro deles. *Se ao menos o presidente Chiang Kai-shek e sua esposa tivessem demonstrado tal energia*, pensei. Aí os nacionalistas teriam vencido a guerra.

— Então, eles são meio esquisitos, né? — perguntou JC enquanto andávamos até o metrô.

Mas eu fiquei comovida. Será que algum dia alguém me amaria daquele jeito?

* * *

Eu era bonita?

Eu era bonita na Ásia?

Eram perguntas diferentes. Nos Estados Unidos, dava para ser bonita com a pele bronzeada e curvas. Em Taipei, havia apenas um padrão de beleza, e ele pulava na minha cara em cada vitrine, capa de revista e tela de TV. Estava estampado no rótulo de cada produto na Watsons, cada máscara facial, hidratante e creme clareador. O padrão era fada celestial pré-adolescente; pele pálida de porcelana e cabelo preto lustroso; seios inexistentes; sorrisos discretos e elegantes; dentes à mostra só se fossem branquíssimos. Às vezes um toque de rosa pigmentado debaixo dos olhos, um leve toque de conjuntivite. A internet me informou que esse era o estilo *douyin* de maquiagem para os olhos. O objetivo era parecer uma concubina de uma novela chinesa, alguém sempre sob o risco de ser assassinada por uma rival, ou de cometer suicídio por não conseguir dar um filho ao imperador.

Tingting era bonita na Ásia: tinha tornozelos esguios, pulsos diminutos e uma pele tão pálida que dava para ver as veias azuis nas bochechas.

Eu sempre via propagandas de uma marca de roupas esportivas femininas espalhadas pela cidade: uma moça usando um casaco de corrida lilás, apoiada em uma parede de tijolos. Aquilo era a prova de que o marketing funcionava, porque, quanto mais eu via o anúncio, mais eu desejava ter aquela silhueta, ter um corpo que tivesse apenas linhas retas. A mulher sorria, mas os ombros estavam caídos em uma pose de desânimo. *Não importa quantos pesos eu levante ou quantos quilômetros eu corra*, dizia ela. *Ai de mim! Serei sempre delicada deste jeito.*

Uma vez tentei imitar a pose. Algo se agitou dentro de mim, uma espécie de faceirice submissa. Assustada, passei os braços ao redor do corpo e continuei andando.

* * *

Perguntei a Margrit como era possível saber quando estávamos nos apaixonando por alguém. Tinha acabado de aprender uma frase relevante na disciplina Literatura Taiwanesa Moderna: 愛上, literalmente "amar" + "sobre" alguém, que na minha cabeça era como entregar o coração em uma bandeja. Como você sabia que havia algo? Como fazia a outra pessoa corresponder?

— Conheci meu noivo quando estávamos no ensino médio — contou Margrit. — Nunca foi uma questão se daria certo ou não. Soubemos logo de cara que éramos metades da mesma laranja. Então, sabe, eu sempre tive um relacionamento de paixão mútua. Helmut e eu nos consideramos muito sortudos nesse quesito. Nunca vivemos a angústia do romance adolescente. Tudo tem sido… — Ela fez um gesto de nivelar com a mão. — Qual é a palavra?

— Estável — respondi.

— Isso! Estável. Como uma economia pode ser. Enfim, no meu caso, esse problema foi resolvido muito tempo atrás. — Ela me deu tapinhas no ombro. — Sinto muito por não ter sido mais útil.

* * *

De todo modo, nada disso fazia diferença, porque o principal obstáculo para ficar bonita era que eu vivia encharcada.

Não importava se estava chovendo ou não. Eu ficava encharcada mesmo nos dias claros e ensolarados. Nunca sabia se era suor ou condensação, mas vivia com uma segunda pele escorregadia. Tomar banho pouco ajudava. Removia o suor, por um tempo, mas aí era impossível ficar seca. Anna tinha queimado um fusível secando o cabelo na nossa primeira semana, então nós duas morríamos de medo de usar o secador. Nossas toalhas estavam sempre molhadas, e o apartamento era tão úmido que nem adiantava deixar as coisas secarem ao natural. Os banhos deixavam tudo ensopado, a pia, nossos itens de higiene e até o papel higiênico se

a gente não o colocasse do lado de fora do banheiro. O piso de azulejo demorava o dia inteiro para secar, o que significava que o único momento em que o banheiro tinha um mínimo de conforto era quando chegávamos da aula. Fora isso, precisávamos pisar na água e secar os pés do melhor jeito possível em um tapete de banheiro ensopado e embolorado.

Tentei me convencer de que precisaria me acostumar com aquela nova vida. Meus pais eram de províncias litorâneas; tinham crescido no calor. Talvez ao longo do tempo meu corpo fosse se adaptar ao ambiente, meus poros fossem encolher, minhas glândulas sudoríparas fossem secar e meus tornozelos fossem afinar um pouco, e aí eu seria como as garotas taiwanesas que via no metrô com mangas compridas em um dia de verão sem nenhuma mancha nas axilas. A capacidade de fazer tudo isso estava no meu DNA. Mas a transformação estava incompleta. No momento, eu me sentia presa dentro do meu corpo, e todas as minhas irritações fervilhavam sob minha pele, sem ter para onde fugir.

* * *

Na sexta-feira, Anna e eu pegamos um ônibus para a Fembooks, uma livraria queer e feminista localizada em Gongguan. Tínhamos sido convidadas para um evento literário por Rayer, nossa assistente de ensino marxista do semestre anterior. Rayer nos mandara um e-mail no começo da semana. Acabara de se lembrar que estávamos em Taipei. Estávamos bem acomodadas? Ela faria uma apresentação sobre ficção queer taiwanesa às oito horas na sexta e adoraria contar com a nossa presença.

Quando chegamos ao local indicado no mapa do celular, encontramos uma fila longa serpenteando pela calçada. Ficamos impressionadas. Pelo visto, Rayer era muito mais importante do que tínhamos imaginado. Esperamos dez minutos até eu mostrar a uma pessoa o convite do evento e perguntar se estava lá para ver a apresentação. "Não, não", respondeu. Havia uma casa de espetáculos perto da livraria. A fila era para um show. Ninguém sabia de que evento eu estava falando. Anna perguntou onde ficava a Fembooks, e uma outra pessoa apontou uma placa mais adiante no quarteirão.

A livraria ficava no topo de uma escadaria longa e estreita. Consistia em um único cômodo espaçoso: bem-iluminado, com paredes verde-menta repletas de

estantes brancas. A única pessoa lá dentro era uma mulher que lia numa banqueta no canto da sala. Ela vestia uma blusa de crochê com gola redonda e sandálias brancas que despontavam sob a saia esvoaçante também branca. Era muito bonita, e talvez eu a tenha encarado um pouco mais do que deveria. Ela estava folheando uma edição traduzida de *O álbum branco*, de Joan Didion. Eu só tinha lido uma parte do livro para um seminário sobre o ensaio moderno, e aprendi que Didion tinha muito a dizer sobre a Califórnia, que o marido dela tinha morrido de infarto e que ela não era feminista. Eu me perguntei como esses conceitos teriam se traduzido em Taiwan. E o que aquela mulher pensava a respeito de Joan Didion, qual era a relevância de Didion na vida dela e se as divagações da autora sobre a década de 1960 na Califórnia lhe traziam algum esclarecimento, ou se eram tão distantes quanto as divagações de Bai Xianyong sobre Taipei no pós-guerra eram para mim.

Anna perguntou a ela, em chinês:

— Você veio para a leitura de Rayer?

A mulher ergueu a cabeça.

— Vai ter uma leitura?

— Isso, nossa professora vai falar.

Anna não sabia como falar "assistente de ensino" em chinês, então usou uma frase que sugeria que Rayer era nossa professora.

— Ah, entendi.

A mulher olhou ao redor por um momento. Então devolveu o livro de Joan Didion à prateleira e pegou a bolsa.

Depois que ela foi embora, só sobramos nós duas. Li e reli o e-mail de Rayer, para o caso de termos confundido o horário. Por fim, uma livreira emergiu de uma salinha nos fundos. Anna lhe perguntou onde era o banheiro, e a mulher apontou para o fim do corredor. Inclinei a cabeça, tentando ver quantos dos títulos eu conseguia ler. A fonte caligráfica dificultava a tarefa. *Blá-blá-blá minha vida*. *Blá-blá-blá sociedade moderna*. Eu não parava de tirar livros das prateleiras e colocar todos de volta no lugar, sem saber o que estava procurando. As capas tinham muitos desenhos de linhas abstratas em forma de seios e vaginas e fotos de mulheres esguias com terninhos, de braços cruzados, com sorrisos de dentes à mostra.

Rayer chegou alguns minutos depois das oito. Pareceu muito feliz em nos ver

ali, e até nos abraçou, como se fôssemos amigas íntimas em vez de ex-alunas.

— Vocês vieram! — exclamou ela em inglês. — O que estão achando do curso?

— É bem puxado — respondeu Anna. — Estamos exaustas.

— Mas vale a pena. Vai ser excelente para o chinês de vocês. Estão hospedadas no Taipei Paradise?

Explicamos sobre o apartamento e nosso senhorio, e que tínhamos lido que a rua Yongkang ficava em um dos bairros mais descolados de Taipei.

— Ótimo — disse Rayer. — É assim que se faz. Não dá para passar o tempo todo com estudantes dos Estados Unidos, senão vocês nunca vão ter a experiência imersiva.

Um punhado de gente foi entrando na livraria. Nós nos reunimos ao redor de uma mesa de reuniões, e a livreira ligou um projetor. Em um slide, se lia: Rayer Chang, estudante de doutorado em Literatura e Línguas do Leste da Ásia.

A livreira ficou de pé.

— É um grande prazer receber Rayer esta noite — anunciou ela. — No ano passado, eu estava cuidando da livraria quando essa jovem entrou e perguntou se poderia trabalhar aqui em meio período. Uma estudante dos Estados Unidos nunca tinha me perguntado se podia trabalhar na minha loja! É muito gratificante ver estadunidenses terem tanto interesse na literatura taiwanesa. Este verão, Rayer voltou e perguntou se alguém teria interesse em ler romances queer taiwaneses para os estudos dela, então encontramos alguns clientes regulares para formar um grupo de leitura.

A livreira apresentou as outras três pessoas na mesa, que eram, em ordem, uma publicitária, uma gerente de redes sociais e uma pós-graduanda em estudos de mídia. Anna e eu trocamos olhares impressionados. Parecia algo tão maduro formar um grupo de leitura com completos desconhecidos, ainda mais em outra língua, em outro país.

— Agora Rayer vai resumir algumas de suas ideias para nós — concluiu a livreira.

Rayer subiu ao púlpito e começou a nos explicar, em chinês, os romances que tinha lido.

Ela começou com *Paper Marriage*, de Chen Ruoxi. Eu conhecia esse livro! Tinha inspirado o filme *O Banquete de Casamento*, de Ang Lee, sobre um homem

gay taiwanês-americano que armava um casamento de fachada com sua inquilina chinesa para que ela conseguisse um *green card* e ele pudesse convencer os pais conservadores de que vivia feliz com uma mulher. Mas ele a engravidava por acidente depois de ficar bêbado na noite do casamento, o que desencadeava várias confusões. Rayer explicou que *Paper Marriage* tecnicamente não era um romance queer, já que tinha sido escrito por uma mulher heterossexual. Mas talvez mulheres heterossexuais pudessem acessar um tipo de experiência queer à sua maneira. Por exemplo, será que não poderíamos considerar a estratégia de se casar para resistir à violência das fronteiras um ato queer de rebeldia contra a instituição heteronormativa do casamento? Um imigrante sem documentos era queer. Um inquilino incapaz de pagar o aluguel era queer. Na verdade, argumentou Rayer, qualquer pessoa que não se encaixasse nas restrições do estado neoliberal heteronormativo era queer.

— Hã.

Anna ergueu a mão, mas a livreira disse que haveria um momento para perguntas no fim.

Em seguida, Rayer nos contou sobre o romance *Notes of a Desolate Man*, de Zhu Tianwen. Outro título que eu conhecia! Eu o tinha lido em uma edição traduzida para uma aula de Ficção Chinesa Contemporânea. Não gostei muito dele, porque me pareceu um relato sentimentaloide e estereotipado de um homem homossexual viciado em sexo com amigos que estavam morrendo de Aids. Gostei ainda menos quando descobri que tinha sido escrito por uma mulher hétero (Rayer parecia ter lido apenas mulheres héteros que escreviam sobre homens gays). Enquanto pesquisava sobre o livro para um trabalho acadêmico, descobri que muitos outros críticos não gostavam do texto justamente porque retratava homens gays taiwaneses apenas como viciados em sexo que morriam de Aids. De acordo com Rayer, o livro era uma reflexão sobre a superficialidade estética da globalização, e o vício em sexo era uma metáfora para o consumismo desenfreado.

Ela passou para um livro do qual eu nunca tinha ouvido falar. Tinha uma capa escura que se parecia um pouco com uma vagina e um pouco com o mar.

— Agora, esta história é muito interessante, porque é um dos primeiros textos taiwaneses a se debruçar sobre… sobre… — Ela hesitou e pegou o celular. Leu suas anotações, piscando. — A se debruçar… — Suas bochechas ficaram

vermelhas. — Perdão — disse em inglês. — Um segundo.

— O olhar feminino — sugeriu a livreira.

— Isso — falou Rayer. — Como eu ia dizendo… Este texto se debruça sobre o olhar feminino, um… um erotismo, sem os homens.

Mas ela tinha perdido o fio da meada. Continuou a travar; as pausas ficaram mais longas. Dava para ver as gotas de suor se acumulando em suas têmporas. Os minutos se arrastavam até as nove horas. Rayer seguia falando, mas ficou claro que ela não conseguia de fato conversar com fluência sobre aqueles assuntos em chinês; só podia ler as anotações no celular. Ela nos deu mais exemplos sobre como mulheres héteros podiam ser queer, e então passou a argumentar que romances sobre homens queer eram na verdade uma metáfora para o relacionamento entre Taiwan e a China continental.

Ao se encaminhar para o fim da palestra, ela mencionou que aqueles romances seriam a base de sua tese de doutorado.

Isso me deixou horrorizada. O quanto Rayer tinha compreendido daqueles romances? Se mal conseguia falar sobre o tema em chinês, como poderia escrever sobre o assunto com detalhes suficientes para produzir um conhecimento original? Eu já tinha dificuldade com os livros que lia em inglês. Não me sentia nem um pouco apta a escrever sequer uma monografia sobre eles.

Então me ocorreu que, ao longo do semestre, eu de fato nunca tinha ouvido Rayer falar muito em chinês. Ela sempre recitava palavras de uma lista preparada ou pedia que lêssemos frases do livro didático em voz alta. O chinês dela era melhor do que o nosso, claro, mas nem por isso poderia ser considerado bom.

Se até Rayer, que era doutoranda e tinha passado o verão inteiro conversando com amigos taiwaneses e lendo literatura taiwanesa, não conseguia articular uma simples frase sobre um livro que havia lido, então que esperança restava para nós?

Enfim Rayer concluiu a apresentação de slides. Todos bateram palmas. A livreira desligou o projetor, e Rayer desceu do púlpito. Não dava para dizer ao certo o que ela achava do próprio desempenho. Ainda estava com as bochechas coradas e exibia um brilho estranho nos olhos. Parecia ofegante, como se tivesse acabado de correr em uma esteira.

— Isso foi muito interessante — disse Anna a ela. — Em especial a parte sobre *Paper Marriage*. Gostei do seu argumento de que a mulher hétero também é queer.

— Não é? A palavra queer é um rótulo tão expansível — concordou Rayer e fechou o zíper da bolsa. — Estamos indo a um bar, querem vir junto?

— Temos muito dever de casa — respondeu Anna, o que era verdade.

— Claro, sem problemas.

Rayer nos abraçou de novo e insistiu para que mantivéssemos contato. Ela ficaria em Taipei pelo resto do verão fazendo pesquisas para a tese. Tínhamos que deixar que ela nos levasse para jantar. Ela conhecia ótimos restaurantes com estrelas Michelin; nós precisávamos provar *dim sum* vegetariano com pato a Pequim à base de cogumelos. Era para falarmos com ela se precisássemos de qualquer coisa, fosse o que fosse. Ela nos mandaria um e-mail.

Anna e eu ficamos em silêncio até estarmos a um quarteirão de distância da livraria. Naquela noite abafada, Taipei parecia mais inacessível do que nunca. Eu não conseguia decifrar um único letreiro em neon.

— Talvez ela não seja boa falando em público — teorizou Anna.

— Ela não sabia a palavra para "pênis" — respondi.

* * *

Sempre acreditei que saber chinês seria útil para a carreira, mas de repente parecia que as opções eram mais limitadas do que eu tinha imaginado. Eu não queria passar vergonha no meio acadêmico, como Rayer, ou trabalhar com inteligência militar, como Skipper. Então de que servia o meu chinês?

No início da primavera, eu tinha participado de uma palestra sobre carreiras na área de Estudos do Leste da Ásia durante a feira de profissões da universidade. O palestrante que tinha estudado chinês era um homem branco chamado Henry que trabalhava em uma *think tank* em Washington, D.C. Todos os outros começaram destacando as muitas oportunidades que saber japonês ou coreano tinha lhes proporcionado, mas Henry nos disse que precisava ser honesto.

— O apogeu das relações sino-americanas já passou — declarara ele. — A covid destruiu tudo. As zonas de expatriados morreram. O crescimento econômico desacelerou, o boom dos negócios acabou, e empresas estrangeiras não abrem mais vagas. Firmas de consultoria educacional estão sendo fechadas, então vocês não podem nem arranjar emprego como professores particulares de

inglês. Quero dizer, é só olhar o destino escolhido por quem está indo estudar fora. Quantos de vocês já ouviram falar de um programa específico em Taipei?

Uma dúzia ergueu as mãos.

— Exato — disse Henry. — No passado, ninguém participava desse programa a menos que estivesse interessado em chinês clássico. O programa de Taipei era o Patinho Feio dos cursos de língua chinesa. O padrão-ouro era um curso em Beijing. Mas ninguém mais quer ir para Beijing, porque não é seguro o suficiente. Todo mundo quer ir para Taiwan, porque o país está sob proteção dos Estados Unidos, mas vai saber por quanto tempo isso vai durar? Este presidente não liga para Taiwan; este presidente vai dar aos ditadores o que eles quiserem, seja lá o que for, e em pouco tempo Taiwan vai ter o mesmo destino que Hong Kong, e aí estaremos todos fodidos.

De acordo com Henry, estávamos em uma rota acelerada rumo a um grande conflito de poder, e os canais de diálogo entre Oriente e Ocidente estavam se deteriorando a cada dia.

— Aprender chinês com fins profissionais agora é o campo de dois tipos de pessoa — prosseguiu ele. — *Wen* ou *wu*. Literatura ou guerra. Estudiosos que leem romances antigos e irrelevantes na torre de marfim ou o Departamento de Defesa. Façam sua escolha.

Aquilo me abalou. Todos os participantes daquela feira de profissões esperavam viver uma existência transpacífica, ir e vir de um mundo para o outro. Se Henry estivesse certo, contudo, esse movimento não era mais possível, e nossa única opção de carreira era nos prepararmos para a guerra.

* * *

Fomos orientados a não abordar assuntos sensíveis de natureza política com nossos professores. Caso contrário, eles poderiam ficar desconfortáveis ou, pior ainda, acabar encrencados com o governo. Mas a professora Sun não parecia se importar. Ela gostava de mencionar assuntos sem relevância evidente para minhas leituras, só para me deixar sem jeito. Na minha opinião, os Estados Unidos tinham razão em vender armas para Taiwan? Eu achava que os Estados Unidos protegeriam Taiwan no caso de uma invasão? Achava que os Estados Unidos eram uma democracia? Eu tentava ser cautelosa com as respostas, mas

pouco importava o que eu dissesse, porque a professora Sun achava todas hilárias.

— É claro que você pensa assim — dizia ela. — Você é estadunidense!

Certa vez, perguntei se ela apoiava a independência de Taiwan, e ela caiu na gargalhada.

— Por que eu iria querer isso?

— Porque você é taiwanesa?

— Eu não sou taiwanesa! Quero dizer, eu *sou* taiwanesa, mas também sou chinesa. Quer saber de onde sou?

Na tela do computador, ela abriu um mapa da China continental. Circulou algumas províncias no noroeste com a caneta laser.

— Meu pai, daqui. Minha mãe, daqui. Nossos túmulos ancestrais estão na China. Minha cultura inteira tem raízes na China. Este lugar é meu lar. Esta terra. E você quer que eu seja independente disso?

— Então você acha que a China deveria governar Taiwan?

Ela caiu na gargalhada outra vez.

— Não! Eu acho que o governo taiwanês deveria governar a China!

A revelação me deixou perplexa. Nunca tinha conhecido alguém que pensasse assim. No meu entendimento, os soldados que fugiram da China continental depois de 1949 viviam prometendo que a reconquistariam algum dia, mas, à medida que o tempo foi passando, todos acabaram desistindo desse sonho. A ideia de Taiwan governar a China continental parecia tão improvável quanto o governo estadual do Havaí assumir o controle de todo os Estados Unidos.

— Você acha que isso pode acontecer enquanto ainda estivermos vivas?

A professora Sun soltou um suspiro teatral.

— Veja bem, nenhum de nós poderia ter previsto o que aconteceu nas últimas décadas. Quem poderia ter previsto os comunistas? Quem poderia ter imaginado que eles assumiriam o controle da China continental? Ou que os nacionalistas imporiam a lei marcial e que Taiwan se tornaria uma democracia? O que aconteceu nos últimos anos era inimaginável.

Nesse ponto, ela usou uma frase que vinha praticando comigo, 不可思議, "aquilo que não pode ser imaginado ou compreendido", e bateu na mesa.

— Quem imaginava que o Muro de Berlim ia cair? Que a União Soviética ia se despedaçar? Que a China ia se abrir? Quem imaginava que qualquer uma dessas coisas ia acontecer? — Ela ergueu as mãos. — Então, quem sabe?

Quando eu refletia sobre tudo que sabia a respeito da China e dos Estados Unidos, da política de grandes potências, de semicondutores e Donald Trump e Xi Jinping, não conseguia mesmo enxergar uma saída para a situação atual. Mas gostava do otimismo da professora Sun. Era a simples lógica de que tudo o que vai volta. Se a história era capaz de estraçalhar mapas, fechar fronteiras e separar famílias pelo mundo, se a história era capaz de causar toda essa destruição no decorrer de várias décadas, por que a maré não poderia virar de novo? Por que os governantes autoritários não poderiam perder o poder? Por que os exilados não poderiam voltar para casa?

* * *

Quando saí do chuveiro, peguei Anna mexendo no meu celular.

— O que você está fazendo?

Ela largou o aparelho na hora, rápido o bastante para eu saber que tinha feito algo errado.

— Só estava dando uma olhada.

Ela usou a construção verbal dupla para "olhar", 看看, *kàn kàn*, que em chinês podia suavizar o peso de um verbo. 看 era algo intenso; 看看 era inocente, nada sério. Mas aquilo *era* sério, e o choque da traição veio acompanhado de uma satisfação ardente, como se eu tivesse razão em odiar Anna, como se toda a minha irritação fosse justificada.

Desbloqueei a tela do celular. Anna tinha olhado minhas mensagens com JC. Ele tinha me perguntado o que eu queria almoçar no dia seguinte, se preferia o restaurante coreano de *bibimbap* ou o quiosque de macarrão de Singapura. Se eu tinha aguentado o *hot pot* de Chongqing, haha. Emoji de suor, emoji de cocô.

— Eu vi que ele te mandou mensagem — disse Anna, como se isso fosse uma justificativa.

— Mas é meu celular.

— Bem, você sabe que eu gosto dele.

— Mas você não pode sair mexendo no celular dos outros.

Tínhamos voltado a falar inglês. O chinês não atendia às nossas nuances de implicatura. Em inglês, Anna era mais esperta, tinha certa aspereza na voz; a fachada de menina inocente desabava, e eu via a malícia escondida por trás. Ela

sabia o que queria e sabia que eu estava no caminho. Anna tinha uma leitura melhor da situação do que eu havia imaginado.

— Mas não é nada particular, né? — O tom era forçado, alegre. — Tipo, vocês só almoçam, certo?

— Anna…

Eu queria arrancar aquela expressão insolente da cara dela. Era a mesma que minha irmã Flora fazia o tempo todo: quando roubava meus materiais de arte, lia meu diário ou pegava minhas roupas sem pedir. Era a cara da arrogância de quem julgava ter direito a tudo. Todas as minhas coisas eram dela.

— Você só… Isso é uma invasão de privacidade bem séria. Você não pode fazer isso.

— Tá bem, desculpe. — Ela balançou as mãos. — Foi errado, estou tão cansada que não pensei direito.

Ela disse isso em um tom brusco e animado, como se aquilo tivesse sido um mero deslize, como se ela esperasse que eu apenas esquecesse o assunto. Não estava nem um pouco arrependida.

Mas ela foi bem atenciosa nos dias que se seguiram, comprando *bubble tea* e pudim de tofu para mim sem que eu pedisse, e parou de deixar os sapatos dentro de casa, então tentei parar de ter raiva dela. Nós ainda tínhamos que viver sob o mesmo teto, e eu não podia ficar o tempo todo desconfiada. As resoluções de Schrödinger da Guerra Fria de repente faziam sentido para mim. Alguns conflitos tinham mesmo que ser esquecidos.

* * *

Na segunda-feira seguinte fomos obrigados a participar de uma palestra vespertina sobre política taiwanesa, ministrada pelo professor Liao, um pesquisador da Academia Sinica. Nenhum de nós tinha qualquer interesse em política taiwanesa, mas mesmo assim estávamos animados para a experiência. Cada novo encontro era um teste para nossa capacidade linguística. Se conseguíssemos entender uma palestra inteira em chinês, então, uau, estávamos mesmo no caminho certo para a fluência.

Eu estava bem confiante quando o professor Liao começou a apresentação, porque ele disse muitos clichês sobre como estava empolgado por conversar com

estudantes dos Estados Unidos, como era maravilhoso nos dedicarmos a aprender chinês e a aprofundar as relações sino-americanas. Eram frases fáceis. Já as tínhamos ouvido uma dezena de vezes. Então ele entrou no tema da palestra, e eu não consegui entender mais nada.

O problema era que ele não parava de repetir uma palavra-chave, mas eu não sabia o que ela significava. Pensei que tinha algo a ver com o sistema eleitoral. Algo sobre revogar o mandato de autoridades eleitas. Algo sobre corrupção. Quando pesquisei a frase no meu aplicativo de dicionário, só encontrei as definições das palavras isoladas, mas elas não se combinavam em nada que fosse inteligível. Era um termo técnico, isso era evidente, mas indecifrável sem o devido contexto.

Eu conseguia entender todas as palavras *ao redor* daquele termo, o tecido conjuntivo. O que eu compreendi: essa COISA era de imensa importância na contemporaneidade. A COISA estava no âmago de uma intensa discordância acadêmica. Eu até entendi, porque tinha aprendido a estrutura gramatical naquela manhã, que a COISA era de *importância crucial para todos os envolvidos*.

Dava para ver, pelas expressões vazias ao meu redor, que ninguém mais sabia o que era a COISA. O professor Liao fez uma observação, e todos nós assentimos. Ele quis saber se tínhamos alguma pergunta antes de seguir com a palestra, e todos negamos com a cabeça. Tínhamos dominado a arte de assentir e sorrir sem entender nada, a expressão típica de quando não se fazia a menor ideia do que a outra pessoa estava falando, ou quando a mente dava branco e parecia impossível recuperar o fio da meada. O sorriso era discreto. Não dava para abrir um sorriso largo demais ou parecer muito empolgado, porque aí daria a entender que tínhamos uma opinião formada. Mas já que éramos todos muito bons nesse sorriso, o professor Liao pensava que sabíamos direitinho do que ele estava falando.

Quando terminou a palestra, o professor Liao nos disse que estava muito impressionado com nossa dedicação ao chinês.

— Vocês devem ter muito orgulho de si mesmos — declarou. — Suas habilidades linguísticas são notáveis. Fiz essa palestra da mesma forma que faria se estivesse falando com alunos de graduação aqui em Taiwan. Então, se vocês conseguiram entender tudo, são fluentes o bastante para fazer um curso universitário em chinês.

Ele quis saber outra vez se tínhamos alguma pergunta, mas ninguém levantou a mão.

* * *

Na minha aula individual, eu vivia empacando entre a frase tecnicamente correta e aquela que um falante nativo diria.

Minha frustração era agravada pelo fato de que o chinês não tinha regras gramaticais. Ou melhor, não tinha regras comparáveis aos extensivos esqueletos gramaticais do latim ou de outras línguas românicas. O chinês não tinha formas masculinas ou femininas. Verbos chineses não eram conjugados nem tinham tempos. Para dizer "eu corro" ou "eu estou correndo" ou "eu corri" ou "eu corria", você usaria os mesmos caracteres: 我跑, "eu" + "correr". Seria necessário acrescentar outras palavras, dicas sobre o tempo, sobre o início ou o término de tal atividade, para deixar claro quando a ação ocorreu.

Mas isso não queria dizer que o chinês não seguia regras. Havia classes gramaticais distintas e formas aceitáveis de combiná-las. Era possível aprender essas formas por meio do reconhecimento de padrões, e era por isso que passávamos boa parte das aulas encaixando palavras novas nesses padrões, e também por isso que precisávamos reproduzir essas estruturas em nossas redações. Mas sempre havia exceções, e não dava para saber quais eram até que alguém lhe dissesse que sua frase estava errada. Mesmo nessas horas, seu interlocutor podia não dar uma explicação quanto ao equívoco na frase. Às vezes, quando a professora Sun corrigia minha fala, a única explicação era "Não é assim que uma pessoa chinesa falaria isso. Soa estranho".

Tudo isso significava que não existia um método sistemático de estudar chinês. Nas aulas de latim do ensino médio, eu tinha partido do geral para o particular. Ao estudar chinês, eu tinha que ir do particular para o geral. Era tudo tentativa e erro, um jogo de insistência: era necessário mergulhar de cabeça no idioma várias e várias vezes e torcer para ter absorvido regras não escritas o suficiente até que sua professora enfim parasse de rir da sua cara.

* * *

Nada disso teria sido necessário se eu tivesse aprendido chinês do jeito que deveria. Se tivesse aprendido chinês na infância, no ritmo de uma criança com o cérebro em expansão, poderia ter evitado a vergonhosa adolescência diaspórica — a risadinha nervosa, o "desculpe, meu chinês não é muito bom", a decepção dos mais velhos, os cardápios indecifráveis, as tatuagens intraduzíveis. Minha mãe adorava me mandar vídeos no WeChat de homens brancos recitando poesia da dinastia Tang com sotaques de Beijing perfeitos. "Veja só", dizia ela, "não é impressionante?" Se aqueles gringos conseguiam pegar o jeito, por que eu não conseguiria?

Mas onde eu poderia ter pegado o jeito? Quem teria me ensinado?

Havia aulas de chinês aos domingos na faculdade comunitária local, onde afundávamos os lápis no chiclete seco grudado na parte de baixo das carteiras e tentávamos não morrer de tédio enquanto o pai da minha amiga Michelle nos conduzia por recitações de combinações vogal-consoante em *pinyin*, em todos os quatro tons, e nos ensinava a ordem dos traços dos radicais mais comuns. Fazíamos os caracteres mais simples de novo e de novo, dentro de caixinhas quadradas impressas: 一, 二, 上, 下; um, dois, em cima, embaixo. O clima da aula era autoritário, assim como eu presumia que tinha sido a educação no vilarejo do pai de Michelle. Era importante para nossos pais que tivéssemos o gostinho da disciplina da antiga nação. Eles esperavam que ficássemos de pé e gritássemos "Olá, professor!" em uníssono no começo da aula e depois que nos curvássemos e gritássemos "Obrigado, professor!" uma vez que as três horas intermináveis acabassem.

Certa vez, o pai de Michelle me pegou desenhando sob a mesa e me fez passar o caderno pela sala para que todos pudessem ver meus desenhos. "Explique o que é isso!", gritou. Eu tinha desenhado Luke Skywalker, só que ele era um caubói e estava montado num cavalo comigo, vestida como a Donzela Marian de *Robin Hood*, na versão raposa; as mãos dele estavam na minha cintura, e eu tinha seios. Porém, como eu não sabia dizer nada disso em chinês, tudo que consegui falar foi "Eu tive um sonho".

Havia recitações, tantas delas. A cada poucas semanas nós recebíamos um trecho de literatura clássica chinesa — uma passagem dos *Analectos*, uma linha do *Zhuangzi*, um verso de poesia da dinastia Tang —, e tínhamos que memorizar tudo para uma recitação cerimonial diante de uma plateia composta por todos os

nossos colegas e seus pais. Gerações de crianças antes de nós tinham aprendido chinês memorizando os clássicos. Essa prática instilaria a música e o ritmo do idioma em nós. Mas a única coisa de que eu me lembrava daqueles anos era um poema escrito por uma criança de sete anos sobre gansos, e mesmo assim apenas o primeiro verso: *gansos, gansos, gansos!*

Não dava para aprender chinês assim. Não era uma língua vivida. Era motivo de vergonha, um revirar de olhos, o ponteiro dos minutos se arrastando. Era a ordem dos traços refeita mil vezes sem jamais deixar uma marca em nossa mente, era poesia da dinastia Tang memorizada em meio ao pânico ofuscante em corredores frios e bolorentos. Eram palavras escritas na água.

A pior parte era como meus pais amavam essas recitações. O poema dos gansos os extasiava. Os *Analectos* quase os levavam às lágrimas. Dava para ver na cara deles: estavam sonhando com pátios fechados e escolas de vilarejos. E, quando íamos embora para casa, quando minhas irmãs e eu voltávamos a tagarelar em inglês, parecia uma indulgência terrível. Eu sabia o que meus pais desejavam: um conjunto alinhado de filhas, presas no conservadorismo seguro de seu passado, e não corrompidas pelos valores dos Estados Unidos nem vitimadas por aqueles desconcertantes transtornos estadunidenses. Mas eu não podia dar isso a eles, não a menos que voltasse no tempo e os impedisse de ir para os Estados Unidos.

* * *

A maioria dos meus amigos do primeiro ano estava fazendo intercâmbio no exterior durante o verão, mas eu era a única estudando a língua nativa dos próprios pais. Todos estavam postando fotos invejáveis de Barcelona, Paris ou Berlim, cidades de infinitas possibilidades, portais para um outro mundo onde não conheciam ninguém e não tinham parentes, onde os rivais de seus pais no ensino médio não podiam chamá-los de gordos. *A Guerra Civil Espanhola foi mesmo uma loucura*, publicou minha amiga Isabelle, acenando no topo do Castelo de Montjuïc.

Eu tinha tanta inveja das pessoas que estudavam uma língua estrangeira só porque era estrangeira. Imagine só escolher uma língua ao acaso — espanhol, francês, alemão, qualquer coisa — e estar em um lugar onde ninguém esperava

que você soubesse sequer a palavra para "pão", onde as pessoas ficassem impressionadas só de você conseguir dizer *un vermut, gracias*. Imagine estudar uma língua que só representasse a diferença. História fatual que parecesse ficção. Vocabulário que não evocasse memórias de gritos à noite. Como seria isso?

* * *

Não estava acontecendo rápido o suficiente.

Eu queria que o mundo dos símbolos se abrisse para mim do jeito que acontecia em inglês. Queria andar pela rua sem ter que parar e decifrar as placas, uma a uma. Queria entender com um único olhar: ali era o oftalmologista, ali era uma agência de pequenos empréstimos para idosos, ali estavam as instruções de voto para as próximas eleições. Queria entreouvir conversas no metrô e entender todo o contexto. Não queria fritar a mente ao olhar o cardápio da Starbucks. Queria romper essa barreira, mas não conseguia acelerar minha dose diária de vocabulário, por mais que me empenhasse nas fichas de estudo; ainda precisava pausar e estreitar os olhos, vasculhando meu catálogo mental de radicais até decifrar o rótulo do xarope de lavanda.

Eu estava desenvolvendo algo que chamava de "teoria de exposição da língua". Acreditava que a língua era absorvida sobretudo por meio de interações diárias, com a inferência de conexões entre as coisas, do jeito que Helen Keller tinha inferido o sinal para água ao senti-la sob a torneira. Tudo que você aprendia em uma aula de idiomas só dava nome às conexões que você já tinha identificado. Quando aprendíamos o que eram verbos na aula de inglês, não era como se tivéssemos descoberto as ações naquele momento. Só tínhamos enfim aprendido o nome para aquela categoria de palavra.

A solução, então: exposição, exposição interminável. Caminhar por aí, processar os ruídos de fundo, absorver as interações, imitar os moradores locais feito um papagaio até parecer natural. Será que eu poderia fazer isso em apenas dez semanas? Será que conseguiria soar como uma nativa?

* * *

Quando mencionei isso a JC e Anna, JC declarou que precisávamos aproveitar

melhor nosso tempo livre.

— Temos que sair mais! Fazer uns passeios bate-volta! Sair de Taipei. Na verdade, é um crime a gente ainda não ter saído do centro da cidade.

Ele nos mostrou o celular. Havia um aplicativo que reunia os melhores descontos em experiências culturais nas redondezas. Por acaso não queríamos fazer massagens no Village Spa? Dar uma volta no Teleférico de Maokong? Alugar um carro para conhecer o Desfiladeiro de Taroko?

— Lily se sente culpada por gastar o dinheiro da bolsa — contou Anna.

Ela tinha se juntado a nós para almoçar de novo, já que a professora da aula individual não parava de cancelar com uma frequência bastante suspeita.

Anna estava sendo rancorosa. Na noite anterior, eu lhe dissera que achava que o Ministério da Educação de Taiwan não ia querer pagar por uma blusa de seda de três mil novos dólares taiwaneses, e não que não deveríamos gastar nosso dinheiro com nada.

— A bolsa é destinada ao enriquecimento cultural — argumentou JC. — O objetivo é gastar. E alguns desses pacotes são ridiculamente baratos. Olha só isso. — Ele parou de rolar a página. — Um quarto de luxo num resort de fontes termais em Beitou. É uma oferta absurda! Está, tipo, cinquenta dólares por noite!

Ele nos mostrou uma série de imagens promocionais no celular: piso de tatame; bufê de café da manhã; um grupo de mulheres lindas enroladas em toalhas brancas, rindo enquanto enfiavam os pés no que parecia ser uma água verde radioativa.

— Querem ir?

— Acho que está muito calor para entrarmos em fontes termais — disse Anna.

— Mas acho que lá tem fontes de água fria também. — JC clicou na página de reservas. — Vai, vamos lá. É só uma hora de trem.

Eu não sabia bem o que dizer. Depois de um ano na faculdade, ainda tinha dificuldade para lidar com minha nova autonomia. Odiava sair da rotina: acordar cedo, estudar bastante e ir dormir na minha cama. O mais ousado que tinha feito no semestre anterior tinha sido sair com algumas garotas do dormitório depois de um espetáculo da Broadway, e, embora tivéssemos voltado para casa em segurança antes das duas da manhã, passei o tempo todo apavorada. Não era

medo de ficar encrencada. Como meus pais ficariam sabendo, afinal? Eu só sentia um horror moral, como se estivesse perdendo disciplina e virtude e sendo corrompida pela preguiça.

— Só tem uma cama — observou Anna.

— Mas o quarto custa só cinquenta dólares — insistiu JC. — Isso é, tipo, dezesseis por pessoa. É uma bagatela.

Anna e eu trocamos olhares. Dava para ler o que ela achava em seu rosto; estávamos seguindo o mesmo raciocínio. Queríamos mesmo dividir uma cama? E se apenas uma de nós dividisse a cama com JC e a outra tivesse que dormir sozinha no chão? E se uma de nós não fosse, e a outra pudesse dividir a cama com JC? De todo modo, eu não queria ser o tipo de pessoa que tinha pudor de dormir no mesmo quarto que um homem, ou que não estava aberta a experiências culturais novas e estranhamente acessíveis.

— Tudo bem — concordei.

— Tudo bem — ecoou Anna sem perder tempo. — Quando?

— Neste sábado — respondeu JC, muito empolgado e totalmente alheio ao nosso drama psicológico. — Vou reservar agora mesmo.

* * *

A previsão do tempo prometia tempestades para os próximos cinco dias, e de fato passamos cinco dias consecutivos sem ver o sol uma vez sequer. A cidade estava envolta em um cinza úmido. A chuva nunca era uma garoa leve. Sempre se anunciava com o estalo de um trovão e então despencava em torrentes grossas e violentas, contra as quais guarda-chuvas e capas de chuva eram inúteis. Na melhor das hipóteses, protegiam os livros didáticos, mas as gotas vinham de todos os ângulos, às vezes na horizontal, então sempre chegávamos ensopados ao nosso destino, exceto pelo pescoço.

A água se acumulava entre doze e quinze centímetros nas ruas. Nossos sapatos nunca secavam. Nós os deixávamos no peitoril da janela, mas continuavam úmidos e gelados, não importava quanto tempo passassem lá. Compramos chinelos feiosos de plástico impermeável, mas ficamos com bolhas entre os dedos dos pés. Os corredores do curso foram tomados pelo ruído de sapatos ensopados. Assistíamos às aulas tremendo de frio, os lábios azulados e os dedos enrugados.

Não podíamos ligar o aquecedor. Era a política do departamento. Não podíamos usar o aquecedor no verão. Era desperdício de energia.

Como alguém conseguia viver daquele jeito? Como o céu podia ter tanta água? Quando aquilo acabaria?

— É a época de chuvas — explicou a professora Sun, contemplando a vista da janela. — Vocês sabiam que em Taipei chove durante dois terços do ano?

* * *

Na aula de Atualidades, apresentamos nossa "pesquisa complementar" sobre banheiros.

Tínhamos descoberto que o segredo para nos mantermos entretidos durante a aula era levar as informações mais estranhas que conseguíssemos encontrar para a discussão em grupo. Fora isso, a aula não era desafiadora. A gramática das reportagens era sempre simples e direta, então extraíamos mais da disciplina se conseguíssemos levar a discussão para direções inesperadas. Desse modo, aprendíamos termos mais interessantes, como "colapso colonial" e "reprodução assexuada".

Nossa leitura semanal era sobre a Revolução dos Banheiros declarada por Xi Jinping em 2015: uma campanha para melhorar a qualidade dos banheiros públicos da China continental. Eu era a única na turma que já tinha estado na China continental, então contei a todos sobre os banheiros que havia usado nas minhas viagens de infância à cidade natal do meu pai, um lugar ao qual minhas irmãs e eu sempre nos referíamos apenas como "o vilarejo". Não eram bem fossas no chão. A maioria tinha revestimento, com uma alavanca para descarga ou um pedal, mas ainda assim era preciso se agachar em cima de um buraco para fazer suas necessidades. Nunca havia papel higiênico. Você tinha que comprar pacotes de lencinhos em bancas de cigarro e se lembrar de enfiar um no bolso sempre que saía de casa.

— Mas esse jeito de evacuar pode ser bom para o corpo — expliquei. — Pesquisas indicam que evacuar nessa posição alivia a pressão no intestino e ajuda as fezes a saírem com mais facilidade. Dessa forma, a privada ocidental é como muitas das convenções do imperialismo: piora as coisas sem motivo nenhum.

Yuxiu nos contou sobre um programa de voluntariado do qual participara com

sua turma do ensino médio no verão anterior à formatura. Eles foram ao Camboja para construir casas para os moradores pobres da zona rural. Porém, como não havia moradias no vilarejo, ela e os colegas precisaram dormir em tendas num campo aberto, e tinham que caminhar até uma trilha na margem do bosque sempre que desejavam se aliviar.

— Era um campo gigantesco de merda — revelou ela. — Você precisava contornar os tijolos que alguém tinha jogado no campo para encontrar um lugar onde ninguém havia cagado, e depois precisava torcer para não cair.

Baodeng nos contou sobre mulheres na Índia que paravam de consumir líquidos em dado momento do dia para não precisarem usar banheiros públicos depois de escurecer, porque temiam ser estupradas.

Todo mundo concordou com Xi Jinping nessa: o acesso a banheiros era um direito humano fundamental.

* * *

Por ironia do destino, a privada do nosso apartamento entupiu. A descarga não funcionava. Um pingo de água escorria quando eu puxava a alavanca, e aí a nojeira polpuda e amarela no vaso se mexia um pouco, subindo de onde estava antes.

— Não use o banheiro — avisei a Anna e me sentei para mandar mensagem para Lee, o senhorio.

Ele se desculpou: não estava na cidade, mas poderia ir ao apartamento no dia seguinte com um encanador. Perguntou se estávamos jogando o papel higiênico na privada, e a única resposta honesta que eu pude dar foi: *talvez?*

Eu sabia que não podia ser culpa minha, porque tinha seguido as instruções de Lee à risca. Sempre me limpava e depois dobrava o papel higiênico usado duas vezes, para que não tivéssemos que encostar na sujeira quando tirássemos o lixo. Eu sabia que Anna não fazia isso, porque via quadrados com manchas marrons e amarelas no topo da lata de lixo o tempo todo.

Perguntei a Anna se ela andava jogando o papel higiênico na privada sem querer.

— É claro que não — respondeu ela.

— Bem, eu também não, então como ela entupiu?

— O encanamento é antigo. É claro que vai entupir.

Não havia banheiros públicos no prédio, então tínhamos que correr até a Youmoutoohana para fazer xixi. A cafeteria fechava às onze, o que faríamos então? O banheiro do parque ficava a apenas dois minutos a pé, mas essa parecia uma distância intransponível na escuridão.

Eu sempre precisava ir ao banheiro no meio da noite. Não conseguia dormir se tivesse a menor vontadezinha de fazer xixi. Sempre tivera vergonha da minha bexiga hiperativa; era como uma falha de caráter. Mas não havia nada que eu pudesse fazer àquela altura. Teríamos que sobreviver até o dia seguinte.

Sugeri que fizéssemos xixi em copos de plástico e os despejássemos na pia, mas Anna disse que isso era nojento.

— A privada não está tão cheia — argumentou ela. — Podemos só continuar usando e tentar não encher.

— Mas aí quando o encanador vier, vai ter que enfiar a mão naquela sujeira toda.

— Então vamos tentar não encher *tanto* assim.

Concordamos que tentaríamos beber o mínimo de água possível e torcer pelo melhor. Fiz um xixi bem longo durante o banho e despejei sabonete corporal no chão para ajudar o líquido a descer pelo ralo. Havia várias frases em chinês com o sentido de "urinar", mas a que eu mais gostava era 小解; 小: "pequeno"; e 解: "liberar", "libertar", "desatar". Então, fazer xixi: uma pequena liberação momentânea.

* * *

Paolo me contou uma teoria que estava desenvolvendo. Ele acreditava que era impossível mentir em um idioma que a pessoa não dominasse.

— Pense só — disse ele. — Você já mentiu na aula? Mesmo sobre assuntos delicados?

Eu precisava discutir assuntos delicados o tempo todo em sala de aula. Na disciplina Pensamento e Sociedade, a professora Cai vivia pedindo que expressássemos nossa opinião sobre temas variados: se os serviços de saúde deveriam ser privatizados, se o governo deveria dar às mulheres subsídios para que engravidassem. E eu de fato sempre tentava ser honesta, mesmo que tivesse

que simplificar minha opinião de "justiça reprodutiva afeta mulheres em todas as camadas da sociedade" para "dar à luz é muito difícil". Acho que eu poderia ter mentido. Mas isso parecia mais trabalhoso: primeiro, seria necessário inventar uma opinião na qual não acreditava, depois teria que encontrar as palavras correspondentes em chinês.

Paolo falou que não era isso que ele queria dizer. Sua ideia era, na verdade, que um nível baixo de fluência restaurava na pessoa o nível de ingenuidade e inocência de uma criança. Se seus padrões linguísticos fossem francos e diretos, assim seriam seus pensamentos. Por exemplo, sempre que ele se apresentava, dizia que seus hobbies eram cinema e literatura. O chinês dele não era bom o bastante para sinalizar gosto ou pretensão. Ele tinha apenas aqueles blocos de construção básicos. Não sabia dizer "expressionismo alemão" (embora tivesse descoberto, depois de pesquisar).

Perguntei a ele como isso se alinhava à sua missão de usar o idioma como escudo. Ele admitiu que aquilo o perturbava.

— É uma motivação maior para adquirir fluência — declarou. — Até eu conseguir manipular o idioma de modo a esconder meus pensamentos, vou continuar vulnerável.

A palavra que ele usou para "manipular" foi a mesma para "amassar", no sentido de "amassar massa de pizza".

Talvez fosse esse o problema entre mim e Anna. Não conseguíamos esconder nada uma da outra. Não éramos capazes de ser diplomáticas, muito menos desonestas. Nós duas sabíamos o que a outra desejava e queríamos muito essas coisas, e isso era fatal.



3

A chuva enfim deu trégua. Acordamos com o sol quente no rosto, e Anna me fez levantar cedo para darmos uma volta na rua e tomarmos café da manhã: pãezinhos cozidos no vapor e leite de soja.

— Voltei a gostar de Taipei — cantarolou ela. — Voltei a gostar da minha vida.

Os pãezinhos no vapor eram macios e doces. O leite de soja era servido de um recipiente de madeira e fazia minha garganta coçar de um jeito agradável e áspero.

Preciso ser mais legal com a Anna, pensei.

Ela tinha um crush, o que era constrangedor, mas no fundo era uma pessoa meiga. A luz do sol me ajudava a me lembrar disso. Eu a vi mordiscando um pãozinho cozido e senti uma onda de afeto, do tipo que sentiria por um pequeno animal silvestre.

Anna foi para a aula, e eu fiquei em casa, esperando a máquina terminar o ciclo de lavagem para eu poder pendurar nossas roupas. Ainda estava relaxando na cama quando o chão começou a tremer.

Algo tilintou dentro do banheiro. Eu me sentei, perplexa. Levei os dedos ao rosto. Dava para sentir as vibrações na mandíbula. Um terremoto? Eu não me lembrava do que deveria fazer durante um terremoto. Algo envolvendo portas, ou sair de casa, o que era mesmo? As calçadas eram tão estreitas; e se os prédios desabassem em cima de mim? O que era pior: ser esmagada por destroços ou sufocar aos poucos em um pequeno bolsão de ar? Eu não parava de pensar em um vídeo viral sobre uma cama projetada para resistir a terremotos que se transformava em uma jaula de metal. Qual seria a utilidade disso?, desdenhavam os comentários. Criar um caixão de aço, onde a pessoa poderia definhar por dias, morrendo lentamente com a falta de comida
e água?

O tremor continuava. Vi a água sacudindo no copo. Evidência visual; não era coisa da minha cabeça. Decidi que tinha tempo para escapar. Peguei o celular e as chaves e saí correndo escada abaixo. Tinha acabado de abrir a porta para a rua quando os tremores pararam.

Pisei descalça na rua. O dia estava claro, estranhamente normal. Na calçada oposta, a vendedora de *jianbing* despejava a massa na chapa, e uma fila de clientes dobrava a esquina, usando o celular, contando o troco. A rua Yongkang estava movimentada como sempre: casais caminhavam de mãos dadas, mães empurravam carrinhos de bebê, vendedores colocavam marmitas em sacos plásticos. Tudo parecia normal.

Será que eu tinha sido a única a sentir o tremor? Andei a esmo pela calçada, sem saber se estava sonhando. De repente, senti uma picada na panturrilha direita. Tinha saído do prédio sem passar o repelente!

Voltei para dentro. Sentada na cama, pesquisei no Google "Terremoto, Taipei", mas os resultados no topo da página eram do mês de abril, sobre como o Taipei 101 não havia desabado apesar de uma série de terremotos recentes. Tentei pesquisar em chinês, mas também não deu em nada. Como isso era possível? Será que eu tinha sido a única a sentir o terremoto? Eles podiam ser tão direcionados?

Meu celular vibrou. JC estava ligando. Atendi na hora.

— Você está bem? — falei.

— O quê?

— Você sentiu o terremoto?

— Desculpe, o quê?

— O terremoto agora há pouco, você não…?

— Então, é o seguinte — interrompeu JC, como se mal tivesse me ouvido. — Sabe a reserva no resort em Beitou?

— Hã?

— Então, eu pensei que tinha reservado para o sábado, mas vi errado as datas da promoção, então na verdade fiz a reserva para hoje. Tipo, hoje à tarde.

— Ah.

Precisei de um breve momento para processar a informação. Ainda estava me perguntando qual era a relação disso com o terremoto.

— Certo…?

— Então, você ainda quer ir?

Quase comentei que tinha aula naquele dia. Mas JC devia imaginar isso, porque ele também tinha aula todos os dias da semana, então estava claro que a pergunta era se eu queria matar aula com ele.

— Você não pode só alterar a reserva?

— Não, é uma promoção limitada, então não tem reembolso.

— Mas a Anna já foi para a aula.

— Você não pode mandar mensagem para ela ou algo do tipo? — JC parecia impaciente. — Talvez ela possa encontrar a gente mais tarde.

— Bem, ela deve estar na aula agora.

Eu sabia que Anna deixava o celular no armário durante o dia. Então só daria para falar com ela no intervalo do almoço.

— Não dá para a gente esperar até depois da aula? — sugeri.

— Acho que não vai fazer sentido ir tão tarde. A gente só iria chegar lá depois de escurecer, e aí não valeria a pena.

— Entendi.

De repente, me ocorreu que talvez JC não quisesse que Anna fosse, que talvez a ausência dela fosse o objetivo. Mas será que eu queria ir se Anna tivesse sido excluída de propósito? E, se JC não a queria lá, por que iria querer minha companhia?

— Eu quero muito ir — falou JC. — Acho que a experiência vai valer a pena. E gostaria muito que você fosse também, mas acho que você deveria decidir bem rápido se a gente vai aproveitar ou não.

Tudo isso foi dito em um tom leve e tranquilo, mas ainda parecia que ele estava irritado comigo.

Tentei considerar o que seria mais ofensivo: ir ou não ir. Não queria abandonar Anna. O passeio de repente parecia forçado e estressante, e não divertido e espontâneo. Por outro lado, parecia indelicado recusar o convite de JC quando ele já tinha pagado a reserva. Não havia um meio-termo, nenhuma opção que preservasse a relação que eu tinha com os dois.

— Tudo bem — respondi. — Tudo bem, vamos lá.

* * *

Combinamos de nos encontrar na linha vermelha em meia hora. JC estava a apenas uma estação de distância e me avisou por mensagem que estava em um dos vagões do meio. Quando o trem chegou, ele saiu e acenou para mim, e eu corri até a porta. O horário de pico havia acabado. Tínhamos uma fileira inteira de bancos à nossa disposição.

— Oi — disse ele.

Eu me sentei ao lado dele e enfiei a mochila entre as pernas. Tinha levado todos os meus livros didáticos, só para o caso de termos tempo livre, ou para o caso de eu ficar entediada.

— Oi.

— Foi mal pela confusão.

— Não, tudo bem. Você sentiu o terremoto hoje de manhã?

— Quê?

— Foi tão esquisito — falei. — Eu estava deitada na cama e senti o chão do apartamento se mexer, e aí as coisas começaram a cair da prateleira do banheiro.

JC franziu a testa.

— Não senti nada.

— Será que foi só no meu bairro?

— Vamos ver.

JC pegou o celular.

— Tem um site do governo que monitora essas coisas — explicou ele, me mostrando a tela. O último terremoto registrado tinha acontecido havia mais de dois meses. — Pois é, nada.

— Que estranho. Talvez eles ainda não tenham atualizado.

— Ou talvez tenha sido um sonho?

— Não tem como. Minhas coisas caíram da prateleira do banheiro. Eu vi.

— Hum.

JC me observou por um tempo, depois deu de ombros.

Eu me inclinei para a frente no banco, encarando os joelhos.

Por que eu era a única que se importava com aquele terremoto? Ninguém queria saber a verdade?

Eu me sentia muito incomodada. Vários acontecimentos tinham ocorrido em rápida sucessão, todos inesperados, e eu não sabia o que fazer. O dia estava saindo completamente do controle. Eu não tinha poder sobre nada. As coisas

aconteceriam como bem entendessem, e só me restava aceitar as consequências.

Estava com dificuldade de processar que aquilo era real: que eu estava em um trem ao lado de JC, que iríamos passar dois dias juntos, a sós. Pensei na cena da festa em *Lost*, quando o protagonista trocava olhares com a melindrosa ocidental, e aí eles saíam para transar, do nada. Eu me sentia suspensa em um estado de descrença narrativa, como se minha vida tivesse se tornado um filme em que tudo era possível pelo simples fato de eu estar em Taipei. Eu poderia trocar olhares com alguém, e isso bastaria; sem deliberação, sem me preocupar se ele também gostava de mim ou sequer sabia que eu existia. Poderíamos apenas sair e transar, e depois nos sentar em cantos separados e ponderar o que isso representava para nossas identidades nacionais, nosso relacionamento com a modernidade e nosso envolvimento com o
colonialismo.

— Você acha que a gente deveria mandar um e-mail pedindo uma ausência justificada? — perguntou JC.

Era uma piada. Ele tinha usado o termo em chinês para tirar uma folga justificada: 請假. Uma frase engraçadinha, porque 請 também podia ter o sentido de convidar alguém. Então, de certa forma, você não estava pedindo uma folga; estava convidando alguém a te dar um descanso.

— Haha — respondi.

— Não, é sério. Não seria o certo avisar os professores que vamos faltar?

— Acho que sim?

Senti uma pontada de ansiedade. Nunca tinha quebrado as regras com uma indiferença tão descarada. Não sabia quais seriam as consequências. Suspensão? Expulsão? Morte?

O que estávamos fazendo ali? JC e eu só nos conhecíamos fazia um mês. Não éramos amigos próximos. Eu temia que aquele passeio fosse na verdade um desafio do qual nenhum de nós podia recuar, um custo irrecuperável de cinquenta dólares, e que só estávamos seguindo os planos porque a reserva já estava feita, e *desistir* seria mais socialmente desestabilizador do que apenas aceitar nosso destino.

Mas que destino era esse? O que o roteiro dizia que deveria acontecer em Beitou? A promessa óbvia de sexo pairava entre nós, mas até então JC não dera o menor sinal de que se interessava por mim desse jeito. Com o tempo, eu havia

aprendido que, quando garotos queriam transar comigo, eles logo começavam a encontrar desculpas para me tocar: mão na mão, pele na pele, um braço sorrateiro ao redor dos meus ombros. Mas JC estava apenas sentado ao meu lado, debruçado sobre o celular como se fôssemos dois desconhecidos. Parecia que ele estava entretido com um jogo envolvendo estilingues. Peguei meu celular também e comecei a revisar minhas fichas de vocabulário da semana.

— Olá!

Não percebi que a senhora sentada à nossa frente estava falando comigo. Ela repetiu a saudação com mais ênfase, e eu ergui os olhos.

Então apontou para minha garrafa de água.

— Não é permitido comer nem beber no metrô.

Eu sabia dessa regra. Só presumira que tinha a ver com o uso obrigatório de máscaras, que ninguém mais obedecia àquela altura, ou com limpeza, o que parecia excluir a água.

— Nem água?

Ela soltou um suspiro alto, mais alto do que eu julgava necessário para a situação, e se levantou. Eu me encolhi. Pensei que ela fosse arrancar a garrafa de mim, mas ela seguiu até o meio do vagão e bateu com os nós dos dedos em um cartaz na parede.

— Olhe aqui. Tem uma multa.

Eu nem estava mais bebendo.

— Tudo bem.

— Então você tem que guardar isso.

As pessoas estavam encarando. Até o marido da mulher parecia constrangido com a situação. Ele não parava de olhar de relance para nós e depois para os próprios sapatos.

JC apertou meu pulso. Eu recolhi o braço. Tinha a sensação de que todos estavam me tratando com muita intimidade naquele dia.

— Ei.

A mulher acenou de novo para mim. Relutante, ergui os olhos.

— Para onde estão indo? — perguntou ela.

Olhei para JC.

— Beitou — respondeu ele.

— Beitou! O que vão fazer lá?

— Vamos dar uma olhada nas fontes termais.

— *Beitou* — disse ela ao marido, como se aquilo fosse absurdo, como se os dois nunca tivessem conhecido alguém que tivesse visitado *Beitou*.

Eu não sabia se o homem tinha escutado. Não importava o que a mulher dissesse, ele só continuava olhando para a frente, com aquela expressão impassível típica dos homens chineses de certa idade.

— Eles vão dar uma olhada nas *fontes termais*. Em um dia como este.

O marido resmungou. Cruzei os braços e os apertei contra o peito. Ninguém mais no vagão abriu a boca no restante do trajeto.

* * *

Beitou era idêntica aos bairros residenciais do centro de Taipei, só que parecia um pouco mais antiga, um pouco mais decadente. Na minha imaginação, a cidade turística seria como um parque temático, com toboáguas e crianças empolgadas, mas não vimos nada disso enquanto arrastávamos nossas malas pelas ruas, vindos da estação. O hotel de luxo era um prédio marrom tão desinteressante que passamos na frente dele várias vezes, indo e voltando, até enfim encontrarmos a placa na porta.

O balcão da recepção estava vazio. JC tocou o sino de mesa, e vários minutos se passaram antes de uma moça surgir de uma sala nos fundos. Ela parecia perplexa com a nossa presença.

— Oi — disse JC, em chinês.

— Check-in? — perguntou ela, em inglês.

Os dois batalharam por um tempo. Era evidente que ela queria exibir sua habilidade em inglês, e JC queria provar sua fluência em chinês, mas ele não sabia as palavras para "oferta promocional", então ela venceu. Sim, nossa reserva estava confirmada. Sim, o desconto ainda estava valendo. Sim, nosso quarto estava pronto. O restaurante do hotel ficava no segundo andar, e o serviço de jantar começava às cinco e meia.

— As termas internas estão abertas agora? — quis saber JC.

— É claro — disse a recepcionista. — Elas funcionam todos os dias, das dez da manhã às oito da noite. Mas as termas do hotel são divididas entre homens e mulheres. A dos homens fica no segundo andar, a das mulheres fica no terceiro.

Podem usufruir delas sempre que desejarem, mas não podem entrar juntos.

Aquilo fazia bastante sentido para mim, porque às vezes só se podia entrar sem roupa nas termas, e parecia um tanto transgressor permitir que homens e mulheres nus desfrutassem juntos do mesmo espaço. Mas JC pareceu bem decepcionado.

— Não tem uma terma mista?

— No hotel, não.

— E nas termas públicas?

— As termas públicas seguem as mesmas regras — explicou a recepcionista. — É assim em todo lugar.

— Então não podemos ir a nenhuma terma juntos?

A recepcionista lançou um olhar para mim, depois soltou uma risadinha nervosa.

— Há uma banheira privativa no quarto de vocês, e a água vem diretamente das termas.

Tentei comunicar em silêncio que não compartilhava do desejo urgente de JC de nos banharmos juntos em uma fonte termal. Mas dava para ver o julgamento estampado no rosto da mulher. Ela sabia o que estava rolando ali.

* * *

Nosso quarto era muito menor do que aparentara na foto. A enorme área de estar se revelou um corredorzinho estreito, e não havia a cama king-size prometida, apenas a menor cama de casal que eu já tinha visto. Pelo jeito era um golpe recorrente em Taipei, e de algum modo eu continuava caindo nele. Nunca teríamos conseguido dormir de um jeito confortável se Anna tivesse ido junto. Sem chance. Alguém teria acabado dormindo no chão.

— Só um segundo — disse JC.

Ele acomodou a mochila, pegou o nécessaire de produtos de higiene e foi para o banheiro.

Fiquei sentada na beirada da cama, tentando decidir como queria que o resto do dia se desenrolasse.

Eu nunca havia tido um encontro bem-sucedido. Sempre travava na fase da comunicação, mesmo com pessoas de quem gostava. Não conseguia responder a

perguntas básicas, como se preferia um lugar no banco ou uma das cadeiras, ou se queria água com ou sem gás. Nunca tinha dificuldade para me expressar sobre esses assuntos em outros contextos, mas, em um *encontro*, parecia haver muita coisa em jogo. Era como se eu tivesse que fazer uma entrevista com o objetivo de provar que eu era uma pessoa legal e normal.

Eu era ainda pior na arte de conversar, de conhecer melhor a outra pessoa. As perguntas da outra parte nunca eram interessantes, e nenhuma das minhas respostas expressava quem eu era ou como gostava de passar o tempo. A conversa sempre tomava rumos entediantes, enquanto eu lutava para descobrir o que uma pessoa normal diria sobre temas como música, cultura e visões filosóficas da vida. O problema era que eu nunca queria saber se alguém tinha irmãos ou bichinhos, ou o quanto tinha detestado crescer no subúrbio. Queria saber o que a pessoa faria se fosse um gladiador no Coliseu, e o Coliseu fosse inundado, e ela tivesse que lutar contra um tubarão.

Quando eu estava me preparando para as entrevistas de admissão na faculdade, minha orientadora educacional me disse que seria útil fazer uma lista de características que eu gostaria que meus entrevistadores percebessem em mim. Elaboramos uma lista juntas; ou, pelo menos, eu deixei que ela me dissesse quais traços eu deveria tentar exibir. Decidimos que eu deveria tentar passar uma imagem de pessoa *curiosa*, *dedicada* e *responsável*.

Nunca me esqueci desse conselho. Pensei nele várias vezes durante o fim de semana de orientação aos calouros, quando estava tentando causar uma boa impressão em todas as pessoas que conhecia. Queria transmitir uma imagem de pessoa *intelectual*, *literária* e *profunda*, mas era difícil comunicar tudo isso com papinho para quebrar o gelo. Ao fim do semestre de outono, minha colega de quarto confessou que achava que eu passava uma imagem de frieza e indiferença. Fiquei horrorizada. Indiferença! Na verdade, eu estava morrendo de medo de ninguém gostar de mim! Não queria dar essa mesma impressão a JC, mas não conseguia decidir quais qualidades gostaria que ele associasse a mim até saber como eu queria que ele me tratasse e o que eu esperava daquela relação, mas isso, por sua vez, dependia do tipo de pessoa que eu achava que eu era. Isto é, se eu era o tipo de garota que se envolveria em um relacionamento, sexual ou não, com ele. Pensei que talvez fosse isso que meu professor de inglês queria dizer com seus discursos intermináveis sobre o círculo hermenêutico. Tudo isso passava pela

minha cabeça enquanto JC estava no banheiro, fazendo coisas que envolviam o tilintar de frascos e o rápido abre e fecha da torneira.

Minha característica marcante seria *tranquila*, decidi. Meiga, solícita e disposta a qualquer coisa. Se eu pudesse sobreviver ao resto do dia sem irritar JC, consideraria a viagem um sucesso.

— Beleza — falou JC ao sair do banheiro.

Estava usando uma quantidade de spray corporal de arder os olhos e tinha feito algo com o cabelo, de modo que os fios estavam espetados na frente.

— Então. Quer dar uma olhada em uma das termas públicas? — Ele pegou o calção de banho na mochila. — Acho que dá para contornar a coisa do gênero se não tiver muita gente por perto.

Eu não tinha levado um traje de banho. Nem me passara pela cabeça.

— Não sei se é uma boa ideia.

— É baixa temporada. Acho mesmo que ninguém vai ligar.

— Só não quero me meter em encrenca.

— Nossa, a Anna tem razão — disse ele, e eu estremeci. — Você é *mesmo* obcecada em se misturar.

— Eu… Eu só quero respeitar os costumes locais.

— Tá bem, então o que você quer fazer?

Percebi que estava em uma posição terrível. Tinha ficado tão distraída com Anna que nem me dedicara a planejar a viagem a Beitou. Tinha presumido que, quando chegássemos, as atrações iriam se materializar na nossa frente, do jeito que sempre acontecia em qualquer excursão em grupo. Só que não tínhamos um itinerário, e a única coisa que JC claramente queria fazer estava fora de cogitação. Ainda era cedo. Eu tinha que passar pelo menos oito horas com ele até ser razoável dar o dia por encerrado e ir dormir. A única coisa que eu sabia sobre Beitou era que a região era famosa pelas fontes termais. Não fazia ideia do que mais a cidade tinha a oferecer.

— Talvez a gente possa só dar uma volta — sugeri. — Tipo, explorar o resort e depois dar uma olhada no centro da cidade. Vamos só ver aonde isso vai dar?

— Tudo bem — disse JC. — Beleza. Tudo bem.

* * *

Fora do hotel, seguimos as placas colina acima até o Vale Geotérmico de Beitou.

Passamos por cerca de uma dúzia de resorts de águas termais no caminho. Todos pareciam mais chiques que o nosso, e nós dois fingimos não notar. Em todo canto, havia barraquinhas de rua vendendo ovos cozidos em gás sulfuroso. Passamos por uma pequena família de turistas alemães que pareciam muito empolgados com a iguaria, embora eu não entendesse como o gás sulfuroso faria qualquer coisa ter um gosto melhor.

O Vale Geotérmico ficava atrás de um portão de ferro. Na frente do portão, havia uma fonte de pedra, de onde corria um fluxo denso de água verde e brilhante. Uma placa na fonte explicava os benefícios daquela água sulfurosa para a saúde: era capaz de curar todo tipo de enfermidade, incluindo artrite e câncer. Passei os dedos a esmo pela torrente. Não conseguia acreditar que aquele tom de verde existisse na natureza. Era como se alguém tivesse gotejado corante alimentício ali. Era o verde vibrante dos efeitos cinematográficos, das poções mágicas. Mas eu não tinha nenhuma enfermidade para curar. Era jovem, saudável e livre de rugas. Talvez, se eu tivesse lepra ou coisa do tipo, ficasse bem empolgada com aquela água.

O caminho adiante nos prometia uma escalada pelo Vale Geotérmico e uma vista melhor das minas de enxofre, mas o portão estava trancado. O parque estava fechado para manutenção.

JC chutou o portão.

— Por que está fechado numa *sexta-feira*?

A veemência do gesto me assustou. Eu recuei.

— Não faz mal.

— Mas as pessoas vêm aqui na sexta-feira! — protestou ele, o rosto vermelho e a voz dotada de uma agudeza repentina e infantil. Por um momento, achei que ele fosse chorar. — Porra, por que fechar o lugar justo hoje?

— Não tem problema, sério. — Puxei o braço dele. — Vamos só voltar e olhar a cidade, tudo bem? Não precisamos ver as termas de perto.

— Tá bom.

Demos alguns passos juntos na descida. Por um tempo, nenhum de nós falou. Eu estava envergonhada por ter murchado, e JC estava envergonhado por ter dado chilique, e nós dois estávamos ficando malucos com o calor. Tínhamos revelado coisas demais sobre como nos sentíamos naquelas circunstâncias, e de

repente só nos restava a vontade de sumir.

* * *

Nosso humor melhorou à medida que retomamos o caminho para o centro da cidade. A senhora no trem estava certa. O verão de Beitou era implacável, e o sol conspirava com a umidade nas trilhas rochosas perto do Vale Geotérmico para criar uma atmosfera sufocante de estufa. Porém, mais perto da rua principal, havia trilhas que conduziam a uma floresta, e, depois de vários minutos na sombra, recuperei a vontade de viver.

JC estendeu o braço e entrelaçou os dedos nos meus.

Eu já esperava isso. Tinha sentido a mão dele resvalando na minha nos últimos minutos, feito um barco tentando atracar, então não estremeci quando ele enfim fez contato. Mas eu já não podia desfrutar da trilha, porque estava muito concentrada na mão dele. Não estava mais suada do que a minha, e o aperto não era desconfortável. Só era tão *grande*. Meus dedos ficaram perdidos dentro de toda aquela carne. E, toda vez que eu me mexia, ou tentava fazer uma curva, tinha que tomar um cuidado excruciante com a mão dele, que estava conectada ao restante do corpo, claro, coisa que restringia todas as minhas ações. Mas soltar a mão dele seria uma declaração tão violenta. Comentar a questão seria ainda pior. Isso quebraria a trégua que tornava a caminhada tão agradável.

Por fim, JC me soltou para ver o mapa no celular, e eu enfiei as mãos no bolso.

* * *

Quase um quilômetro depois, vimos uma placa de madeira indicando uma fonte termal pública. JC queria dar uma olhada, então seguimos o caminho até chegarmos a uma fileira de catracas. O homem no portão disse que a entrada custava cem novos dólares taiwaneses por pessoa. Depois olhou de relance para nós e acrescentou:

— E as fontes masculinas e femininas são separadas.

— Não queremos entrar nas fontes — disse JC. — Só queremos dar uma olhada. Podemos fazer isso?

O velho questionou o que ele estava procurando.

— Só quero olhar.

JC repetiu o verbo, como se essa fosse a causa da confusão. Fui atingida por uma onda de déjà-vu. Era o mesmo verbo que Anna usara para justificar a espiada nas minhas mensagens: 看. "Olhar, olhar."

Enfim o homem deu de ombros e nos deixou passar pelas catracas.

As termas públicas também não se pareciam em nada com as fotos dos resorts. Eram apenas piscinas públicas, exceto pelo fato de que o vapor subia preguiçosamente da superfície da água. Toalhas desbotadas, cadeiras dobráveis e brinquedos de plástico jaziam espalhados ao redor de duas piscinas circulares esculpidas em pedra: uma para os homens, outra para as mulheres. Na terma masculina, meia dúzia de vovozinhos musculosos se recostava na borda, os cotovelos apoiados na beirada. Usavam calções de banho combinando: tecido azul-marinho com estampa de abacaxi. Na terma feminina, um grupo de vovós completamente vestidas estava sentado na beirada, mordiscando sementes de girassol e molhando os pés.

Segurei uma risadinha. Não havia nada de erótico naquilo. Na verdade, parecia agradável. No fim das contas, desejei ter levado uma roupa de banho.

Ficamos parados por um tempo, até um dos velhos começar a nos encarar de volta. JC disse:

— Vamos indo.

* * *

Então emergiu das árvores uma vista que fez toda aquela viagem valer a pena: uma construção de três andares de madeira reluzente, com linhas retas e luzes brilhantes, balaústres de madeira ao redor de janelas que vão do chão ao teto. Um museu? Uma galeria de arte? Chegamos mais perto. Era a biblioteca pública. Tentei abrir as portas, mas estavam trancadas. Uma placa na janela pedia desculpas, informando que a biblioteca estava fechada para reforma.

— Droga.

Encostei a testa no vidro da janela. Dava até para imaginar como era caminhar entre aquelas estantes: ar fresco, madeira fresca e livros novinhos à espera.

— Tem uma atmosfera bem zen — observou JC. — Parece arquitetura japonesa.

À medida que fazíamos o caminho de volta à cidade, descobri que muitas coisas em Beitou pareciam japonesas: as casas de chá, o Museu das Fontes Termais e sobretudo a antiga estação de trem, que outrora fora chamada de estação Shin-hokutō, antes de se tornar um museu. Isso fazia sentido, já que a maioria daquelas construções tinha sido erguida durante a era colonial japonesa. Os japoneses adoravam Beitou. Haviam ficado encantados ao encontrar fontes termais tão longe de casa.

Eu estava começando a ter uma noção do que conferia aquele aspecto japonês às construções: uma estrutura elegante de madeira, um teto inclinado e certa meticulosidade no posicionamento das pedras e folhagens no paisagismo. A arquitetura japonesa me parecia bastante deliberada, como se alguém tivesse buscado permissão divina antes de colocar cada pedra na fundação. Era menos claro para mim como definir a arquitetura clássica chinesa, exceto pelo fato de que parecia mais exagerada e sempre envolvia bastante vermelho.

Eu ainda não tinha entendido bem a postura geral dos taiwaneses em relação ao Japão. Parecia bem diferente da atitude dos chineses do continente em relação ao país, como se nenhuma extensão de tempo fosse capaz de apagar o ódio deles pelos japoneses. Eu tinha crescido assistindo a novelas de guerra com meu pai. Essas novelas tinham entre trinta e quarenta episódios e chegavam na nossa caixa de correio em pacotes embrulhados em plástico. Eram todas sobre garotas inocentes do campo que se apaixonavam por garotos inocentes do campo, até os japoneses chegarem e estuprarem as garotas e massacrarem suas famílias, e então os garotos tombavam com uma heroica saraivada de balas. Meu pai era de um vilarejo anteriormente ocupado pelos japoneses, e toda vez que voltávamos ele nos fazia olhar os buracos de bala que haviam deixado nas paredes de sua antiga casa. Ele sabia de cor uma fala de *Kill Bill*, de Quentin Tarantino: "Eu desprezo os malditos japoneses!"

Meus pais não eram os únicos a nutrir esse sentimento. Minha amiga Elaine era de Nanjing e namorava Ethan, da Coreia do Sul, e, por causa dos vários crimes de guerra cometidos pelos japoneses nesses dois lugares, nenhuma das famílias permitira que eles visitassem o Japão na infância e adolescência. Nas férias de primavera, Elaine contou aos pais que ela e Ethan iam participar de

uma excursão para Tóquio, e o pai dela balançou a cabeça, suspirou e disse: "Acho que a sua geração é diferente."

No entanto, segundo a explicação da professora Sun, a experiência colonial de Taiwan sob o domínio japonês tinha sido muito melhor que a da Coreia do Sul ou da China continental. De acordo com ela, lá os japoneses tinham sido mais cautelosos e levado modernização e educação aos habitantes. Muitos taiwaneses mais velhos tinham aprendido japonês como primeira língua escrita e ainda achavam mais fácil ler em japonês do que em mandarim. Comparado ao caos e à repressão brutal do regime marcial sob os nacionalistas, eles se lembravam da época da ocupação japonesa como um período de relativa paz, prosperidade, legalidade e ordem.

Essa parecia uma forma reducionista de ver as coisas, mas a evidência cultural era inegável. Eu via os fantasmas do Japão em todo lugar, das linhas arquitetônicas minimalistas aos restaurantes de *omakase* e às onipresentes traduções japonesas dos resquícios linguísticos casuais que ouvia na rua. *Sumimasen*. *Ojiisan*, *obaasan*. E eu tinha reparado que, quando os funcionários de uma loja davam o troco, a postura educada era receber o dinheiro com as duas mãos e fazer uma pequena reverência.

Então o que definia essa relação? Nostalgia? Ressentimento?

Eu não tinha um referencial para processar as informações. Em todas as minhas aulas de história, éramos ensinados que o colonialismo era ruim e que a autodeterminação era boa. Os japoneses haviam colonizado Taiwan no passado, então decerto isso significava que eles eram maus. Mas Taiwan não alcançou a autodeterminação quando os japoneses foram embora. Não houve uma transição decolonial. Em vez disso, um regime derrotado veio da China continental e colocou toda a ilha sob lei marcial, e no momento os taiwaneses estavam encurralados entre o regime que outrora os colocara sob lei marcial, um regime autoritário que desejava absorvê-los como parte da China continental e um regime imperialista se impondo do outro lado do Pacífico. Nem uma única vez na história moderna Taiwan teve permissão para determinar o próprio futuro. Taiwan sempre fora passada de ocupante a ocupante. Na verdade, para os povos indígenas de Taiwan, os próprios chineses Han eram ocupantes. Então quem era eu para dizer que algum ocupante era melhor do que o anterior?

* * *

Beitou, infelizmente, não era tão grande assim. Jantamos em uma barraquinha de lámen e depois demos mais uma volta, mas era evidente que já tínhamos visto tudo que havia para ver. Consultei a internet, que me informou que havia um restaurante no topo de uma torre no topo de um incinerador de lixo. Sugeri isso para JC, mas ele disse que não estava mais com fome, e parecia muito esforço só para ver um incinerador. Depois que demos duas voltas ao redor da mesma barraca de frituras, JC sugeriu que voltássemos para o hotel. Quando chegamos ao nosso quarto, ele anunciou:

— Acho que a gente deveria tomar aquele banho agora.

Eu o segui pelo quarto. Encaramos a banheira, que também era menor do que o esperado. A promoção fizera parecer que cada quarto tinha a própria piscina privativa. Aquela era só um pouco maior do que uma banheira comum, só que tinha uma forma retangular esculpida no chão com um degrau no interior onde poderíamos nos sentar.

JC abriu as torneiras.

— Você se incomoda com água quente?

O que isso queria dizer?

— Alguém se incomoda com água quente?

— Depende da temperatura, acho? — respondeu JC. — Algumas pessoas não gostam de água muito quente. São muito sensíveis.

Eu me perguntei com quantas garotas JC já tinha tomado banho e se essas garotas eram sensíveis a água quente.

— O que você preferir está bom para mim — falei.

— Beleza.

Ele girou as torneiras. Ficamos sentados na borda da banheira, esperando enquanto a água se acumulava ao redor dos nossos tornozelos. JC tirou as roupas. Fez isso de um jeito tão casual que não pareceu grande coisa, então eu fiz o mesmo. Ainda tinha esperança de que aquela experiência não precisasse ser sexual. Talvez, em outros países, garotos e garotas tomassem banho pelados juntos o tempo todo.

— Estou com frio — avisou JC. — Vamos entrar.

A água chegava pouco acima da nossa bunda. A banheira não era grande o

suficiente para podermos esticar as pernas e os braços. Ficamos sentados um de frente para o outro, os joelhos dobrados junto ao peito. Eu me sentia como uma criancinha. Agitei as mãos na água como se fossem barbatanas, e JC se retraiu quando espirrei água em seu rosto.

— Isso é divertido — comentou.

Estava na cara que o objetivo daquele banho não era a limpeza. Mas, se não era o caso, por que estávamos ali? Eu não tomava banho de banheira desde que era pequena. Chuveiros pareciam muito mais higiênicos, e de qualquer forma eu jamais suportaria tomar banho naquela banheira de casa, entupida com os fios de cabelo das minhas irmãs. Nunca tinha frequentado um banho público, e não sabia bem o que fazer ali. Era para haver um prazer distinto em ficar imerso na água? Por quanto tempo teríamos que ficar sentados? Quando saberíamos que tinha dado certo?

Talvez, se eu pudesse ter uma experiência profunda e significativa com a água, essa história de sexo sumisse. Mas a água não parecia ter nada de especial. Saía imaculada e cristalina das torneiras, e não verde-jade, como a água do Vale Geotérmico. Não tinha nenhum cheiro mágico. Pelo contrário, cheirava um pouco a ovo podre. Devia ser o enxofre, e imaginei que isso era prova de que a água vinha mesmo das termas, mas ainda duvidava que o enxofre tivesse propriedades curativas, e, mesmo que tivesse, eu não tinha nenhuma doença que o enxofre pudesse curar. Tentei jogar água no rosto. Talvez tivesse algum efeito na minha acne.

— Ei — chamou JC.

Ele estava encostado na parede oposta da banheira, os cotovelos apoiados nas bordas. Seus olhos se voltaram para a própria virilha. Segui o olhar dele e vi, para meu desânimo, que ele tinha uma ereção.

JC se aproximou.

— Gosto muito de você, sabe.

— Ah — respondi.

— Estou muito feliz por termos nos conhecido. Muito feliz de você ter vindo para cá este verão.

— Eu também.

— Acho que você é uma pessoa muito especial.

— Ah! Bem, obrigada.

Ele baixou o queixo. Seu olhar tinha ficado muito intenso. A intensidade vinha das sobrancelhas, do formato arqueado. Eu me perguntei se ele tinha controle sobre isso, se praticava o movimento no espelho antes de repetir em público.

Repassei meu catálogo mental das feições de JC, tentando decidir como eu me sentia a respeito daquela situação. Sim, JC era muito bonito, mas, quando eu olhava para ele, não sentia nenhuma pontada de desejo nas partes íntimas. Na verdade, eu nunca havia sentido algo assim por um garoto de carne e osso. Entendia a luxúria como um conceito abstrato, algo que eu sentia por personagens fictícios, e, embora eu quisesse muito sentir algo assim por uma pessoa real, isso nunca tinha acontecido. Àquela altura, eu estava começando a me perguntar se havia algo errado comigo, e fiquei bem decepcionada por JC não ser o cara certo.

Só que não existia um jeito fácil de me livrar daquela situação. Ao que parecia, o velho ditado se confirmava: a única saída era ir até o fim.

Ele passou os dedos pelo cabelo.

— Olha como eu estou duro.

Eu contive um resmungo de deboche.

Tinha aprendido ao longo do último ano que os homens não eram nada sutis quando se tratava de me fazer lidar com seus pênis. Às vezes, eles agarravam minha mão e a colocavam lá embaixo. Em outras, só se aproximavam da minha coxa e começavam a se esfregar até eu assumir o controle. Ou então diziam coisas como "Olha como eu estou duro, toca aqui, sente isso". A estratégia geral parecia ser empurrar o pênis para cima da pessoa e torcer pelo melhor desfecho, e isso não pegava bem para mim ou minhas colegas mulheres, mas na maior parte das vezes funcionava.

— Muito duro — falei.

— Aposto que você consegue deixar ainda mais duro.

Joguei um pouco de água sobre os braços, o que parecia o equivalente a arregaçar as mangas. Meu primeiro ano de faculdade tinha sido muito instrutivo. Eu sabia como lidar com um pênis.

A ideia de ordenhar uma vaca surgiu na minha mente sem ser chamada, mas, uma vez lá, não consegui me livrar da imagem. Sim, era isso que eu teria que fazer. Ordenhar JC até não sobrar nada, e só então poderia ir dormir. Não queria

mais ficar na água quente. Estava me deixando tonta. Ele não tentou me beijar, o que foi um alívio. Eu não gostava de beijar pessoas que não tinham escovado os dentes após uma refeição, e eu sabia que era o caso dele. Não estava pronta para sentir o gosto de lámen de carne de porco em sua língua. Isso teria sido a gota d'água.

— Ai — disse JC.

— Desculpe.

— Acho que é a água. A fricção… Quero dizer, você tem que lubrificar.

— Ah, ok. Você trouxe lubrificante?

— Não, quis dizer com a sua saliva. Tipo, com a sua boca.

A água gorgolejava ao nosso redor. Tinha chegado na altura dos jatos ao longo da parede da banheira, e a forma como esguichavam lembrava tanto um peido molhado que eu não consegui segurar o riso.

— O que foi isso? — perguntou JC.

— 魚水之樂 — respondi. Tínhamos aprendido essa frase na aula de Pensamento e Sociedade na semana anterior. — "A alegria dos peixes na água."

Espalhei água com os cotovelos, fingindo que meus braços eram barbatanas, mas JC pareceu não achar graça.

— Significa *sexo*. Não é engraçado?

— Ok, então — disse JC, e voltou a se recostar na banheira. — Você quer tentar lubrificar?

Estava muito óbvio que ele queria que eu colocasse o pênis na boca, mas eu não queria fazer isso, então lambi a mão e voltei a tocar sua ereção. As pálpebras de JC se fecharam, trêmulas. Dava para ver o branco dos olhos. Parecia que estávamos indo bem. Toda vez que eu movia o pulso, ele estremecia um pouco, coisa que eu presumia ser o prazer crescente. Pedi que ele me avisasse antes de gozar. Não queria sujar a água.

— Ainda não.

Seus olhos permaneciam fechados. Ele franziu as sobrancelhas, e os lábios se contraíram em uma careta de concentração.

Redobrei o esforço. Parecia que estava demorando muito mais do que deveria. Meu entendimento sobre pênis era que não era preciso muito para que ficassem excitados. Mas havia algo errado. O dele estava ficando mais mole em vez de mais duro, e isso significava que o fim não estava próximo.

— Talvez se você botar na boca… — sugeriu JC.

— Mas a gente acabou de comer lámen.

Ele piscou.

— Hã?

— Eu estou muito cheia — expliquei. — Então acho que iria ficar enjoada. Não gosto de, hum, fazer boquete logo depois de comer.

— Quanto tempo você precisa esperar?

— Talvez algumas horas. Até eu digerir tudo.

— Entendi.

Continuei com a mão. Senti um arrepio de pânico; quanto tempo aquilo iria demorar? Esse era sempre o problema. Eu vivia me metendo em situações que eu deveria curtir, mas não curtia, e parecia mais uma perturbação, até mesmo uma violação, forçar o fim das coisas em vez de aguentar; manter a compostura diante da adversidade, em meio a todo aquele esfrega-esfrega molhado. Percebi que aquilo não era muito feminista da minha parte, mas a verdade era que, entre a inconveniência de suportar o ato e o horror social de admitir que eu queria parar, eu sempre escolhia a menor das agonias. Então senti uma pontada de ressentimento por JC, algo próximo do ódio, mas não podia culpá-lo por não conseguir ler meus pensamentos.

Os olhos de JC se abriam e se fechavam. Eu não conseguia decifrar sua expressão. Às vezes, ele parecia em êxtase, e eu torcia para eu estar quase no ponto certo, para eu ter apertado o botão que tornava o orgasmo inevitável. Mas então seus lábios se retorciam em uma careta, e eu suavizava a pressão para o caso de ele estar ficando assado. Dei o meu melhor, mas era inegável: JC só ficava mais mole, e minhas tentativas de reavivar a ereção só o faziam sibilar por entre os dentes.

— Foi mal — disse ele, por fim. — Acho que não vai rolar.

Ficamos sentados por um tempo na banheira. JC desligou os jatos de água. Então olhou para mim, as sobrancelhas um pouco arqueadas, como se estivesse perguntando se deveria ou não retribuir o favor.

"Ah, de jeito nenhum", quase falei. Mas não queria magoá-lo. Fingi pensar no assunto, depois suspirei.

— Sinceramente, estou meio cansada.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Ok.

Ele nem tentou esconder o alívio. Saímos da banheira, um movimento que eu não poderia fazer com dignidade, por mais que me esforçasse. Me enrolar na toalha foi um êxtase. O ar gelado nos braços, nas pernas. Minha visão escureceu, depois pulsou de volta. Me joguei de barriga na cama e fiquei só respirando por um tempo, desfrutando dos lençóis macios e secos sob o corpo.

— Vou usar o banheiro — avisou JC.

— Beleza, tudo bem.

Ele trancou a porta e não saiu de lá por um bom tempo.

* * *

O café da manhã estava incluso na diária, então passamos no restaurante do hotel na manhã seguinte antes de partirmos.

O bufê era enorme, e de certa forma desconcertante, já que eu ainda não tinha visto qualquer indício de que nós dois não éramos os únicos hóspedes. Havia fileiras e fileiras de travessas de prata ostentando pãezinhos de feijão azuki, pãezinhos de gergelim, pastéis de nata, *shumai* de camarão, conchas de camarões salteados. Ninguém me impediu, então botei um pouco de cada coisa no prato. Sempre quisera fazer isso: comer só um pedacinho de cada coisa, só porque podia.

— Uau! — exclamou JC. — Isso que é fome.

— É de graça — falei.

Mas, de alguma forma, tudo tinha o mesmo gosto. Os pãezinhos de feijão azuki eram tão doces e genéricos quanto os pastéis de nata. Até os camarões nas conchas tinham o mesmo gosto do macarrão de ovo na chapa. Logo entendi como funcionavam os bufês de hotel. Eram os mesmos ingredientes, apresentados em formatos distintos: todos os pratos salgados eram apenas óleo de gergelim e molho de soja, e todos os pratos doces eram farinha, ovos e açúcar.

Depois do café da manhã, voltamos para a estação. Era sábado, e não tínhamos aula, mas nenhum de nós sugeriu passar mais tempo em Beitou, mesmo que o Vale Geotérmico fosse estar aberto. Não conversamos muito no trem. Eu não parava de olhar de relance para JC, tentando decifrar seu humor.

Tinha receio de que ele estivesse com raiva de mim, embora eu não pudesse imaginar com o que ele estaria bravo. Talvez o fato de eu não ter conseguido fazê-lo gozar? Mas pelo menos eu tinha me esforçado. Tinha esfregado o pênis dele por uns vinte minutos, no mínimo; isso não valia de nada? De todo modo, eu tinha mais direito de estar zangada. Ele havia sido um parceiro bastante egoísta. Não tinha sequer feito menção de se aproximar do meu clitóris. E eu me sentia feliz por estar a caminho de casa.

Será que JC estava cansado ou estava emburrado? Eu queria quebrar o silêncio, mas não conseguia pensar em nada para dizer que não me fizesse parecer ansiosa ou desesperada. Tentei me convencer a não pensar demais no assunto. Tinha sido uma experiência cultural divertida, e estávamos relaxando no trajeto de volta para casa. Nada entre nós havia mudado. Pelo contrário, nossa amizade tinha ficado mais clara, e podíamos voltar ao que éramos sem a ameaça latente de sexo. Poderia ser simples assim.

JC desceu uma estação antes da minha. Tinha coisas a fazer em Ximen, afirmou.

— Tudo bem — falei. — Te vejo na segunda.

— É — respondeu ele, e saiu do trem.

* * *

Anna não estava no apartamento. Reli a última mensagem que ela me enviou: *tá bom… divirta-se?*

Estava óbvio que a interrogação no fim era passivo-agressiva. Eu não tinha mandado mais nenhuma mensagem para ela desde então e comecei a me sentir culpada.

Oi, acabei de voltar.

Ela não respondeu. Algumas horas mais tarde, tentei de novo: *Estou por aqui, você quer almoçar? Ou jantar mais tarde?*

Continuei sem resposta e comecei a ficar preocupada que tivesse acontecido alguma coisa. Dei uma olhada no Instagram e vi que ela tinha entrado alguns minutos antes. Então estava viva; só não queria falar comigo.

Eu não sabia o que fazer. Tinha reservado todo o fim de semana para Beitou, e de repente não tinha mais plano nenhum. Não sabia o que meus colegas de

turma estavam fazendo e estava com vergonha demais para perguntar.

Decidi que poderia adiantar as disciplinas do curso, então guardei meus livros didáticos na mochila e embarquei em um circuito por todas as cafeterias do bairro, saindo toda vez que terminava uma bebida. Primeiro, Youmoutoohana. Depois, Sounds Good Café. Andei um quilômetro e meio até um novo café temático de gatinhos em um bairro próximo, mas não havia nenhum naquele dia, já que estavam todos no pet shop para a escovação mensal, e sem os gatos não tinha graça. O tempo passava muito devagar. Eu fiquei estarrecida com a mudança de atividades frenéticas durante a semana, quando todas as horas eram preenchidas com aulas, ou refeições, ou trajetos no transporte público, para a tarde tão silenciosa e arrastada. Eu não queria mais incomodar Anna e com certeza não poderia mandar mensagem para JC. Tentei me concentrar nas fichas de estudos, mas meu cérebro se recusava a registrar qualquer ideograma. Eu me vi passando para a próxima palavra no automático, uma vez após a outra, mesmo quando não sabia o significado da anterior.

Eram cinco da tarde quando saí do cat café. Senti uma onda de vertigem ao colocar os pés na rua. Minha visão embaçou. Meu coração estava disparado. Só então me dei conta do problema: tinha bebido litros de cafeína o dia inteiro sem comer nada desde o café da manhã. Suando, corri para casa e fiquei deitada de bruços no sofá.

Passei muitas horas ali. Ficava mexendo na tela do celular, esperando receber alguma mensagem de JC ou Anna, mas não havia nada. Imaginei que deveria comer alguma coisa, ou beber um pouco de água, mas parecia impossível reunir o esforço necessário para qualquer ação. Fiz algumas tentativas hesitantes de voltar aos livros didáticos, mas não adiantou. Eu não conseguia me concentrar em meio a essa confusão mental. Sentia que estava esperando algo ruim acontecer, incapaz de tocar a vida até que enfim acontecesse.

Eu já tinha desistido daquele dia e me deitado mais cedo quando Anna chegou em casa.

Rolei no colchão e me sentei.

— Oi.

— Ah, oi. — Ela não acendeu as luzes. — Desculpe se eu te acordei.

— Não tem problema. Eu não estava dormindo.

— Você se divertiu em Beitou?

— Sim, foi ok. Sinto muito por você não ter conseguido ir.

— É, pois é.

Anna deixou a bolsa no chão e começou a retirar coisas dela, uma por vez. Uma garrafa de água, depois os livros didáticos, depois um guarda-chuva.

— Eu só teria chegado no fim dia, aí não valeria a pena — acrescentou.

— Não, você deveria ter ido. Eu queria que você estivesse lá também. Foi… sei lá. O clima ficou meio esquisito com o JC.

— É mesmo? — perguntou Anna.

Pensei em quanto deveria contar. Talvez mais tarde. Ela parecia cansada. Eu precisava apresentar os fatos de modo que ela não pensasse que eu queria dormir com JC pelas costas dela, ou que ela tinha sido excluída de propósito porque não queríamos alguém segurando vela. O problema era que tudo isso era verdade, pelo menos em parte, e eu precisava descobrir o que achava da situação antes de abordar o assunto.

— Tive a impressão de que era baixa temporada, sabe? Então a maioria das atrações estava fechada.

— Entendi — respondeu Anna. — Então acho que não perdi nada.

— Não, não perdeu mesmo.

Estávamos falando em um tom esquisito e gentil, como se estivéssemos cuidando de bebês. Precisávamos manter a fachada da escuridão, do silêncio amigável. Não conseguia suportar isso.

— Quer andar no Teleférico de Maokong amanhã? — perguntei. — Parece que só vai chover de manhã, então poderíamos ir depois do almoço. E aí quem sabe a gente pode dar uma olhada no zoológico se não estiver muito calor.

Anna ficou em silêncio por um instante.

— Sendo bem sincera, estou cheia de dever de casa.

— Ah, tudo bem.

— De repente a gente faz isso em outro fim de semana.

— Beleza, vai me avisando.

Puxei as cobertas por cima dos ombros. Anna ficou sentada durante um tempo no escuro, mexendo no celular. Depois ela entrou no banheiro e fechou a porta.

* * *

Anna saiu cedinho na manhã seguinte.

— Viagem de última hora — explicou enquanto fechava a mala.

Não entendi muito bem o que estava acontecendo. Ainda estava grogue de sono, e de alguma maneira ela já tinha tomado banho e trocado de roupa. Imaginei que ela iria fazer trilha com Skipper e Belinda. Não perguntei se eu poderia ir junto nem por que ela não havia me contado mais cedo. Era óbvio que era um castigo por eu ter ido a Beitou sem ela.

Eu não consegui dormir depois disso. Fiquei deitada na cama, mexendo no celular, sem prestar muita atenção. Anna e eu havíamos passado o semestre de primavera lendo blogs de viagem para Taiwan, fazendo uma lista de desejos compartilhada para os nossos fins de semana.

- Clube underground de jazz
- Bate-volta para Hualien
- Kaohsiung/Tainan?
- Teleférico de Maokong, depois zoológico. PANDAS!!!

Estávamos tão empolgadas com os pandas. Falamos deles o semestre inteirinho. Era como se eles fossem um ícone religioso, e, assim que os avistássemos, nossa peregrinação estaria completa.

Foi mal por ontem, mandei para Anna. *Beitou foi mesmo bem caído. Espero que você esteja se divertindo.*

Ela não respondeu.

Passei um tempo encarando o teto, repassando os acontecimentos daquela manhã, tentando estimar quanta culpa eu deveria sentir. Aos poucos, o arrependimento se transformou em irritação. E daí que eu tinha deixado Anna para trás? JC não a queria na viagem, senão teria ligado para ela. Não era culpa minha. Será que ela não conseguia enxergar isso? Será que não conseguia ler nas entrelinhas?

Ainda assim, foi uma coisa horrível, e eu tinha feito mesmo assim. Tinha feito tudo para que as vontades de Anna não se concretizassem. Era como se eu tivesse arrancado uma casquinha de sorvete das mãos dela e jogado direto no chão.

Mas amizades poderiam sobreviver a coisas assim. Eu só precisava dar tempo ao tempo. Haveria uma discussão, claro. Anna me chamaria de coisas horríveis, e

eu pediria milhares de desculpas, e aí poderíamos voltar a ser como éramos antes. Ela não poderia ficar brava comigo por muito tempo. Éramos colegas de quarto, afinal. Ainda tínhamos cinco semanas pela frente.

Enquanto isso, eu precisava encarar aquele domingo. Tentei me convencer de que aquilo era uma bênção: o primeiro dia inteiro que eu teria só para mim desde minha chegada. Por acaso eu não tinha ficado apreensiva, lá no começo, de que o apartamento talvez parecesse apertado demais? Mas eu havia me acostumado ao som da respiração de Anna, virando páginas ali perto. Pensei em mandar mensagem para as outras pessoas do curso, mas isso parecia um ato de desespero muito grande. Eles saberiam que eu havia sido abandonada.

Fiquei mexendo no meu celular, relendo conversas antigas. Nenhum dos meus amigos dos Estados Unidos estava acordado, e, na verdade, tínhamos nos distanciado durante as férias. Eu não tinha notícias de Flora nem dos meus pais havia semanas. Pensei em ligar para casa, mas o intercâmbio proporcionava um alívio tão grande da minha família. Eu não queria que me arrastassem de volta.

Certa vez, li numa coluna de conselhos que pessoas carismáticas sabiam ficar sozinhas, e as produtivas sabiam ficar entediadas. Então, se eu quisesse ser carismática e produtiva, eu deveria descobrir como passar o domingo sozinha. As possibilidades eram infinitas. Eu poderia ver qualquer coisa, colocar qualquer um dos filmes de três horas de duração do Novo Cinema Taiwanês que a professora Lin ficava insistindo que deveríamos assistir. Eu poderia me mimar com uma comidinha gostosa, como o *omakase* na barraquinha de sushi no fim da rua. Eu poderia até me masturbar, coisa que não fazia desde o fim do semestre anterior, quando enfim ficara com o quarto só para mim. Tentei um pouco, mas o rosto de JC flutuou diante de meus olhos, e depois disso eu não estava mais no clima.

Havia muitas horas pela frente, mas eu não conseguia fazer nada. Nenhuma atividade parecia urgente o bastante. Tentei estudar. Por mais que eu mergulhasse nas páginas, não conseguia formar as conexões entre os símbolos e os significados. Ideogramas entravam e saíam de foco. Eu me esforçava para ler as frases e esquecia como elas haviam começado antes mesmo de chegar ao fim.

No fim da tarde, eu me dei conta de que não havia dito uma única palavra em voz alta o dia inteiro.

— Hum — falei. Minha voz soava estranha, metálica e desconhecida. — Sozinha — disse em inglês. E depois repeti. — Sozinha, sozinha, sozinha.

As sílabas escapavam de minha língua, o som de um eterno sol da tarde.

* * *

Perdi Anna de novo na segunda-feira. Dormi até tarde, e, quando saí da cama para tomar banho, ela já tinha ido para a aula.

Então a situação era pior do que eu havia imaginado. Eu conhecia aquele tipo de silêncio, o ar carregado antes do trovão. Sentia aquela densidade com frequência durante a infância. Nunca conseguia determinar a interação que soava o alarme, talvez o tom resmungado de Jasmine à mesa de jantar, talvez o rosto emburrado de meu pai em resposta, mas eu sempre percebia, e Flora também, e nós pisávamos em ovos, rindo de nervosismo, até um deles começar a gritar, e aí alguém estava quebrando todos os pratos na cozinha, um por um.

* * *

A aula foi arrastada naquele dia. Não fui a única a me sentir assim. Todo mundo parecia esgotado pelo fim de semana. Estava absurdo de tão quente, o auge da onda de calor, e nós estávamos escorados, apáticos, ao lado das janelas abertas, afastando as moscas.

Durante a aula de Pensamento e Sociedade, nós passamos quase uma hora inteira encucados numa única frase: 乖悖. O ideograma 乖, que se pronunciava *guāi*, significava "bom, obediente". Eu sabia disso porque o apelido de infância de Flora era Guai-Guai, e nós sempre tirávamos sarro da cara dela por causa disso. Jasmine e eu éramos An-An e Li-Li, "conforto-conforto" e "bonita-bonita", enquanto a coitada da Flora era apelidada de "obediente-obediente". Mas, junto do ideograma 悖, 乖 de repente significava "contrário" ou "perverso". Aquele significado não se aplicava em nenhum outro contexto até então. Por que tinha mudado de repente?

— Às vezes isso acontece — explicou a professora Cai, escrevendo outro ideograma no quadro. 去, *qù*, "ir". — Este significava outra coisa em chinês clássico. Se você 去 de um lugar, significa que está saindo de um lugar. Agora, quando você 去 a um lugar, significa que está indo *a* um lugar. — Ela deu um

passo para trás e franziu a testa diante do quadro. — Hum. Chinês é bem mais complicado do que as pessoas imaginam.

— Mas como o significado pode mudar tanto assim? — perguntei.

Não conseguia pensar em nenhuma palavra em inglês com o mesmo comportamento. Parecia uma exigência básica de qualquer idioma funcional ser capaz de distinguir significados opostos.

— Bem — disse a professora Cai —, de certa forma, todos os significados contêm o próprio oposto. O contexto nos ajuda a identificar quando isso acontece.

Senti um nó se formar no estômago. Parecia que o chinês sempre seria uma fortaleza impenetrável para mim. Eu poderia memorizar milhares de ideogramas, mas ainda assim seus significados poderiam mudar diante dos meus olhos.

* * *

JC não estava me esperando no saguão na hora do almoço. Eu já imaginava que isso aconteceria, mas doeu mesmo assim. Fiquei fazendo hora por um tempinho, só por precaução, depois cruzei a rua até a Starbucks. Eu não queria um almoço de verdade, só queria me sentar em um lugar com ar-condicionado. Pedi uma coisa chamada "*scone* de chocolate com marshmallow", só que não tinha nada a ver com um *scone*. Tinha gosto de terra.

* * *

Na aula de Literatura Chinesa Moderna, estávamos lendo um conto chamado "A tribo dos generais", de Chen Yingzhen. Era a história de um velho e uma menina que pertenciam a uma banda itinerante. O velho parece sentir atração pela garota e a espia enquanto ela dorme. A menina foi vendida por sua família para ser escrava sexual e fugiu, mas decidiu voltar para casa porque, do contrário, venderiam a irmã mais nova dela para pagar as dívidas. O velho dá de presente suas economias para a aposentadoria para que a menina possa quitar a dívida, mas isso significa que ele precisa continuar tocando com a banda itinerante. Anos mais tarde, os dois se reencontram. A menina se tornou prostituta, embora tenha conseguido comprar sua liberdade. O velho está mais velho, e tão solitário

quanto antes. Os dois não transam. Eles se matam à beira da estrada.

A professora Lin nos contou que essa história era uma metáfora para a relação entre a China e Taiwan. O velho era a China: doente, pobre e feio demais para fazer qualquer coisa para ajudar a menina, que representava Taiwan: vendida e maltratada por diversos parceiros. (Tínhamos uma piada recorrente de que todas as histórias que líamos em sala de aula abordavam algum destes assuntos: (1) o trauma da Guerra Civil Chinesa; (2) o trauma da lei marcial sob o governo nacionalista; ou (3) o trauma da modernização.) A professora Lin nos perguntou se concordávamos com aquela interpretação.

Eu não sabia como fazer um comentário sobre o assunto. Shuya e Meijuan também não pareciam saber, então o silêncio se estendeu entre nós.

Àquela altura, tínhamos aprendido que poderíamos assumir duas atitudes na aula. Ou poderíamos ser diligentes e tentar seguir cada palavra da conversa feito um esquilo atento, quebrando a cabeça em busca de qualquer vocabulário novo que pudesse ser útil. Ou poderíamos ser passivos. Responder a perguntas quando fossem feitas e não oferecer nada além disso. Todos tinham dias em que não ofereciam nada, mas o problema era que nós todos decidimos não oferecer nada ao mesmo tempo. Depois de cinco semanas ali, estávamos cansados de pensar em chinês. Meijuan tinha emagrecido. Shuya vivia à beira da insolação porque ainda não tinha ar-condicionado no apartamento dele.

Em geral, quando não tínhamos muito a dizer, pedíamos que a professora Lin explicasse diversos aspectos da cultura taiwanesa. Mas já tínhamos passado a semana anterior perguntando sobre bandas itinerantes, prostituição infantil, pobreza rural e o trauma da Guerra Civil Chinesa. Não havia sobrado mais nada. Um tempo antes, havíamos aprendido o *chengyu* 抛磚引玉: "atirar tijolos e buscar jade", o que significava oferecer um comentário modesto na esperança de instigar a sabedoria alheia. Naquele dia, porém, a professora Lin estava desesperada atirando jade, e nós não lhe dávamos nem tijolos em troca.

— Então — disse ela, por fim. — Vocês têm alguma pergunta quanto ao vocabulário da história?

Todos nós fizemos que não.

— Tem alguma parte da história em particular que vocês gostariam de discutir?

Houve um folhear desinteressado das páginas dos livros. Mantive a cabeça

baixa, fingindo que estava verificando a definição de uma frase no texto. Eu me sentia mal pela professora Lin, mas não a ponto de dizer algo.

* * *

Durante a aula individual, estávamos corrigindo minha redação para a apresentação da semana.

— Até que não está tão ruim — comentou a professora Sun.

Ela colocou minha redação corrigida na tela. Parecia uma muralha vermelha.

Eu tinha me esforçado tanto naquele texto. Tinha verificado duas vezes cada frase no meu aplicativo de dicionário e me certificado de seguir cada estrutura gramatical com base em uma frase equivalente do livro didático. De onde vinham todos aqueles erros?

Meu desespero aumentava conforme a professora Sun me explicava tudo que acentuava as diferenças entre o meu estilo de escrita e o de um falante nativo. Eu jamais teria detectado aqueles erros. Nem imaginava que deveria evitar aquelas construções. Eu havia colocado uma oração causativa depois da explicação. Havia repetido uma frase introdutória quando deveria ter usado uma diferente. Às vezes, minhas frases estavam corretas do ponto de vista gramatical, mas destoavam das escolhas que um falante nativo teria feito. Por que motivo? Não havia motivo. Não havia regras. Havia uma cadência que era natural para os falantes nativos, mas eu não tinha o ouvido aguçado para identificar qual era. Só me restava tentar internalizar algumas dessas regras gerais. Eu precisava fazer construções em paralelismos, precisava usar sequências de quatro ideogramas em vez de três, precisava inserir caracteres aleatórios (cujo sentido eu nunca tinha certeza) para dar ênfase, exceto quando fosse inadequado, algo que eu não conseguia definir.

Pensei nas inúmeras redações em inglês que eu tinha sido obrigada a revisar pela máfia de pais chineses durante o ano anterior. No meu último ano de ensino médio, a notícia de que eu havia entrado em Yale, *Yélǔ*, havia se espalhado pelo vilarejo do meu pai, e todos começaram a perguntar se eu poderia dar uma olhada nas redações dos filhos deles. A cada poucas semanas, meu pai me mandava mensagens como, *Oi, a mãe de Qiuqiu quer uma ajudinha. Você está livre?* E, se eu dissesse que não, ele me lembrava de que a mãe de Qiuqiu certa vez

levara sopa dos oito tesouros para minha mãe quando ela estava parindo minha irmã, então nós devíamos esse favor a ela.

Uma vez me pediram para corrigir a redação de candidatura da minha prima para um curso de verão em Nova York. Ela se intitulava Vicky em inglês, embora jamais tivesse saído da China; havia escolhido o nome por causa do filme *Vicky Cristina Barcelona*. Assim que comecei a ler a redação de Vicky, percebi que não estavam me pedindo para dar uma leve revisada, mas reescrever o texto praticamente do zero. A escrita dela era incompreensível. Ela usava as regras de maiúsculas, pontuação e espaçamento de forma completamente aleatória. Eu não entendia como ela havia errado tanto esses últimos dois, já que as regras de pontuação e espaçamento em chinês não eram tão diferentes das regras do inglês. Eu tinha a suspeita de que Vicky havia feito a redação de qualquer jeito porque sabia que eu iria reescrever para ela, e isso fez eu me sentir explorada. Liguei para reclamar com o meu pai.

— Vicky não sabe nada de inglês.

— Claro que sabe — protestou meu pai. — Ela tem estudado todos os dias no ensino médio.

— Bem, então ela não está prestando atenção na aula, porque isso aqui é só baboseira.

— Seja mais gentil, Lily.

— Não seria responsável da minha parte entregar essa redação. — Tentei fingir que estava agindo pelo bem de Vicky, mas eu estava só sendo cruel. — Ela não está preparada para ficar um verão inteiro em Nova York. Vai passar sufoco.

Meu pai me deu um sermão sobre a necessidade de apoiar os parentes e o fato de que imigrantes chineses só cresciam na vida porque ajudavam uns aos outros, e por fim eu concordei em dar o meu melhor para ajeitar aquela bagunça. Decidi seguir o exemplo de Vicky e fazer o mínimo de esforço possível. Corrigi todos os erros gritantes, mas não me dei ao trabalho de substituir seus argumentos inacabados por ideias mais substanciais nem de reorganizar a fluidez lógica das frases. A redação não tinha uma tese; parecia poesia experimental. *Eu sempre sonhei em melhorar o meu inglês, entre os estadunidenses. Nova York é uma cidade mágica… Amigos*. No fim das contas, Vicky não passou aquele verão em Nova York, e todos deram a entender que isso era culpa minha.

Mas acabou que, em chinês, eu era tão ruim quanto Vicky. Aquilo me

aterrorizava: a possibilidade de que, não importava o quanto tentasse, eu não seria capaz nem de entender onde havia errado.

* * *

Durante o dia todo, tive a sensação de que havia algo errado no curso.

Não era só a onda de calor. Eu tinha certeza de que as pessoas estavam me encarando, mas não conseguia flagrar ninguém no momento exato. Minha nuca ficava formigando. Eu vi Margrit e Paolo aos cochichos nos armários, mas, quando entrei na área comum dos estudantes, eles pararam de falar. Por mais que eu não conseguisse definir o que estava errado, havia muitos sinais. Não poderia ser só coisa da minha cabeça.

A última vez que eu me sentira assim foi no outono do meu primeiro ano de faculdade. Minha menstruação desceu quando eu estava na academia, e, por mais que tivesse achado que alguns olhares se demoravam demais em mim, foi só quando cheguei em casa que vi que a mancha vermelha havia se espalhado por toda a minha bunda e virilha.

Depois da aula, fui ao banheiro, e uma garota que eu mal conhecia saiu da cabine e me olhou de esguelha. Pareceu me encarar por um segundo a mais do que o normal. Depois que ela foi embora, dei uma olhada no espelho. Nada de manchas. Nada de papel higiênico preso nos sapatos. Abri bem a boca para verificar meus dentes, mas não havia nada ali.

* * *

Trombei com Anna no apartamento quando ela estava de saída com sua mochila. Nós nos cruzamos nas escadas. Ela se retraiu ao me ver, como se eu tivesse surgido de repente, vindo de algum canto.

— Ah, oi.

— E aí? Você vai sair para estudar?

— Vou.

— Entendi.

Eu sabia que não deveria perguntar se poderia ir junto.

— A gente se vê mais tarde, então.

— É, ok — respondeu ela, então passou ao meu lado, parou e se virou. — Olha, sabia que as pessoas estão falando de você?

Meus olhos arderam. Retesei o maxilar; não queria que ela me visse chorar.

— Tá, e daí?

— Então você sabia. — Anna deu de ombros. — Beleza, então.

— Era para eu me importar com isso?

— Bem, acho que eu iria querer saber se estivessem dizendo por aí que paguei boquete para o JC numa banheira.

Eu sabia que isso aconteceria. No fundo, tinha passado o dia inteiro com essa suspeita, e mesmo assim ouvir em voz alta foi como levar uma marretada no peito.

— Oi?

— Está todo mundo comentando. Tipo, ninguém parava de falar disso na área comum.

— Mas a gente… Eu não fiz isso. O boquete, digo.

Anna me olhou de cima a baixo. Seu rosto se contorceu em diversas expressões, como se ela tentasse decidir se sentia ou não pena de mim.

— Tá?

— Eu não fiz, juro.

— Olha, eu não me importo com o que você e JC fizeram. — Ela endireitou os ombros para ajeitar a mochila e se dirigiu até a porta. — Mas… Enfim, é isso que andam falando. Só para você saber.

* * *

No dia seguinte, no horário do almoço, esperei JC ao pé da escadaria. Ele se retraiu quando me viu, do mesmo jeito que Anna tinha feito. Do que eles tinham tanto medo?

— Podemos conversar?

— Tá bom.

Ele esperou, as mãos nos bolsos.

— Lá embaixo — avisei. — Acho que seria melhor falarmos em inglês.

— Hã, tudo bem.

Saímos do prédio e paramos logo abaixo da cobertura, onde poderíamos ficar

na sombra. Não fizemos menção de atravessar a rua. Eu não sabia se estávamos enrolando por minha causa ou por causa dele. Mas era óbvio que não iríamos almoçar juntos.

JC esticou os braços sobre a cabeça.

— Então, o que tá rolando?

Isso me irritou. Ele sabia do que se tratava. Ainda assim, iria me obrigar a dizer com todas as letras.

— Tem um boato esquisito sendo espalhado por aí.

— Ah, é?

— Sobre o que as pessoas acham que aconteceu em Beitou — acrescentei, cruzando os braços. — Envolvendo sexo.

— Ah.

— E eu sei que *eu* não saí por aí contando para as pessoas.

— Ah — repetiu JC. — Quero dizer…

As portas do saguão abriam e fechavam o tempo todo, conforme nossos colegas passavam. O horário de pico do almoço havia começado. Várias pessoas lançaram olhares em nossa direção. Nós fomos até um canto sombreado e baixamos as vozes.

— E as pessoas têm me encarado o dia inteiro, e eu acho que todo mundo sabe, então imagino que dê para entender por que eu posso estar chateada.

JC ficou enrolando por um tempinho, batucando os dedos contra os cotovelos. Por fim, ele falou:

— Olha, eu não falei para ninguém tudo que a gente fez…

— Então o boato surgiu do nada? Esse detalhe muito específico sobre um boquete numa banheira de hotel?

JC ficou vermelho.

— Talvez eu tenha contado para algumas pessoas. Só para o Skipper, na verdade. Mas não é minha culpa se ele foi lá e espalhou…

— Mas e eu?

— Como assim?

— O que você acha que ficar conhecida como a garota que te pagou um boquete na banheira faz com a minha imagem? — perguntei, a voz engasgada. — Esse curso é um ovo, então como isso afeta meu círculo social? O que você acha?

Ele pareceu surpreso. Uma surpresa genuína, inocente.

— Bem, isso aí é meio ultrapassado.

— O quê?

— Isso aí é aquele clássico chamar todo mundo de piranha, não? Nós somos adultos, quem liga para o que a gente fez?

Será que eu estava fora de mim? Como aquilo tinha virado culpa minha?

— Mas eu nem te paguei um boquete!

— Bem, foi quase.

— Ai, meu Deus…

— Escute, Lily…

JC estava com as mãos erguidas no gesto mais condescendente possível, como se eu fosse um touro furioso e precisasse ser domado. Calma lá!

— Acho que a química… Sabe, entre nós dois, acho que não rolou química. Enfim, eu não quero nada sério este verão. Espero que você não fique muito decepcionada.

— Eu não quero nada sério com você!

— Tá, então por que estamos brigando?

O jeito que ele disse isso, o jeito que arrastou a palavra "tá", o jeito que se afastou de mim, como se eu estivesse prestes a avançar, foi pior do que levar um tapa.

Uma parte de mim ainda acreditava que poderíamos seguir em frente sem ressentimentos; que a nossa aventurazinha em Beitou, por mais constrangedora que tenha sido, poderia se tornar uma história engraçada entre amigos. De repente, eu percebi que não havia qualquer generosidade amistosa ali, e talvez nunca tivesse existido. JC não gostava de mim. Ele não se importava nem um pouco comigo; naquele momento, eu era só um problema que ele queria que sumisse.

— Deixe para lá. — Eu nem estava mais brava. Só não queria continuar perto dele. — Eu só… Está tudo bem.

— Lily, não fique assim. — De novo, ele fez aquela coisa com as mãos. — Fala sério…

— Por favor, me deixe em paz.

Eu subi correndo as escadas. JC não me seguiu, nem sequer chamou meu nome.

* * *

Passei o intervalo do almoço na biblioteca, tentando me obrigar a ler. Eu não me importava com JC, Anna nem qualquer boato sobre mim. Daquele momento em diante, eu viveria como um monge: dedicaria minha vida aos estudos e à contemplação silenciosa. Abri em um capítulo aleatório do livro de Literatura Chinesa Moderna e, enquanto me entendia com os ideogramas, senti a pulsação desacelerar e os ouvidos pararem de zumbir. Estudar sempre me acalmava. Eu gostava da dependência rítmica, dos movimentos contínuos, dos referentes estáveis. Havia um certo e um errado, sem qualquer confusão no meio, e, se eu estivesse estudando, significava que era virtuosa, e ninguém poderia gritar comigo. Eu havia aprendido esse truque fazia um bom tempo, o ato de sumir nas páginas.

A concentração imensa exigida para ler em chinês ajudava. Às vezes, o que era raro, eu ficava tão concentrada que até me perdia na história. Com mais frequência, porém, eu precisava seguir de palavra em palavra, pausando de vez em quando para procurar algum termo no dicionário. Mas isso levava tanto tempo que muitas vezes eu me esquecia de como a frase tinha começado, ou do que fazer com as diversas explicações das palavras-chave. Orações complexas eram um caso perdido. Eu sempre precisava retraçar o raciocínio só para ver como tínhamos começado em uma frase sobre a relação de mãe e filha e terminado em uma metáfora sobre gansos voarem para o sul. Era como admirar uma pintura de Chuck Close e só conseguir enxergar um único quadradinho por vez. O cerne da questão sempre estava um pouco além do meu alcance.

— Lily-tóngxué!

Era Andrew, um dos estudantes mais velhos do curso. *Tóng-xué*, 同學, significava "colega de turma". Referir-se aos outros dessa maneira era uma tradição bem antiquada. Evocava a disciplina marcial das salas de aula tradicionais chinesas. Ninguém dizia *tóngxué* a não ser por alguns poucos alunos brancos que eram muito obcecados com a cultura chinesa, e Andrew era um deles.

Eu não o conhecia direito. Só havíamos nos falado algumas vezes na área comum. Eu sabia que ele era aluno de pós-graduação, que estava em Taipei havia mais de um ano e estava escrevendo uma tese sobre óperas populares em um

vilarejo rural do qual eu nunca tinha ouvido falar. Mas ele estava sendo legal comigo, então, naquele momento, era o meu melhor amigo do mundo todo.

— Estou aqui para espalhar a palavra — anunciou Andrew. Seu sotaque me impressionava. Se eu fechasse os olhos, talvez não percebesse que ele era branco. — Vai ter happy hour hoje à noite. Você deveria aparecer.

— Hoje à noite?

Era terça-feira. Depois de um ano de faculdade, eu ainda me apegava à minha convicção puritana de que beber durante a semana era coisa de vagabundo.

— Estudantes pagam metade do preço às terças — explicou Andrew. — Todo mundo vai.

Olhei para o meu livro didático, hesitante. Aquelas páginas eram tão seguras. Mas eu já tinha perdido o fio da meada; levaria uma eternidade para voltar a me embrenhar naquela frase.

— Estou preocupada de acabar ficando atrasada.

— 今朝有酒今朝醉 — afirmou Andrew.

Aquele *chengyu* tinha se tornado um dos mais populares entre os alunos. "Se há vinho hoje, então fique bêbado hoje." Em termos coloquiais: meta o louco.

— Eu vou te mandar um e-mail com os detalhes. Pense com carinho!

* * *

Fiquei um tempão angustiada no apartamento e por fim decidi ir ao happy hour. Parecia bobeira recusar qualquer gentileza naquele momento. Eu precisava fazer amigos novos. Do contrário, não sobreviveria ao mês seguinte.

Acabou que quase todos os alunos tinham sido convidados. Anna estava parada em um canto do bar com Skipper, Belinda, Margrit e JC. Alguns deles me lançaram olhares breves quando entrei, e eu sabia que tinham acabado de falar de mim, porque estavam se esforçando muito para disfarçar.

Meu primeiro instinto foi dar meia-volta e ir embora. Mas isso tornaria tudo pior, confirmaria que eu tinha algo de que me envergonhar. Então, só fui direto até o bar. Passei por algumas pessoas familiares, que retribuíram meu olhar de maneira vaga e amigável, mas eu não sabia o nome de ninguém. Eu me dei conta de que meu círculo social ali era minúsculo. E até que fazia sentido: eu só via os alunos que tinham aulas nos mesmos horários que eu. Mas havia quase duzentos

estudantes no curso, e não era possível que todos fossem amigos de Anna ou JC. Isso me deu ânimo. Se eu não gostava do círculo social em que estava, era só arranjar outro.

— Lily-tóngxué!

Alguém sacudiu meu ombro. Eu me virei; era Andrew.

— Você veio!

— Não sei o que eu quero beber.

Estava dividida entre um martíni de lichia e um *spritz* de maracujá, sendo que os dois pareciam bem mais gostosos sem álcool.

— Posso dar um conselho?

— Hã, claro.

Ele tirou o cardápio de bebidas das minhas mãos.

— Nem perca seu tempo com os drinques. Você gosta de uísque?

Eu tentei me lembrar se gostava. Fireball era o único uísque que eu conhecia. A última vez que o bebi tinha sido numa festa de Ação de Graças no dormitório da faculdade, em doses do que as pessoas chamavam de *apple pie*, "torta de maçã".

— Olha, até que gosto?

Dava para ver Anna e JC de canto de olho. Parecia que estavam discutindo alguma coisa. JC estava falando, a cabeça baixada até perto do ouvido de Anna. Os dois olhavam para a frente, como se não quisessem que ninguém percebesse a briga. Os olhos de Anna saltaram na minha direção, e eu pisquei e desviei o rosto. Queria que ela visse que eu tinha meus próprios amigos, que estava me divertindo, então me inclinei na direção de Andrew como se ele fosse a pessoa mais interessante do mundo.

Ele estava falando sobre a indústria de uísque de Taiwan.

— É muito impressionante o que conseguiram fazer em poucos anos — comentou. — Eles não têm o conhecimento institucional das Terras Altas da Escócia, claro, mas já se transformaram num mercado enorme para uísque fabricado em uma única destilaria, e a bebida amadurece bem mais rápido aqui por causa do clima tropical, sem perder nada da complexidade…

O bartender perguntou, em inglês, se já sabíamos o que queríamos pedir.

— Kavalan Classic.

Andrew falou "kavalan" em chinês, mas o "classic" em inglês.

— Vai ser puro?

— Para mim, vai.

O bartender me olhou.

— O mesmo para você?

Eu hesitei. Como assim, puro?

— Você tem que beber puro — insistiu Andrew. — Pode acrescentar algumas gotas de água se quiser, para realçar o sabor, mas o único jeito de entender uísque é experimentando puro primeiro.

— Tá bom. Então vou querer puro, eu acho.

O bartender deslizou nossos copos no balcão.

— Um brinde — sugeriu Andrew. — *Ganbei!*

Bebi como ele me instruiu. Havia muitas instruções; Andrew não parava de falar. Eu precisava dar uma cheiradinha primeiro, observar a cor, observar os rastros. O que eram esses rastros? Andrew respondeu algo sobre espaçamento e moléculas de etanol. Pensei ter visto os rastros no copo, mas não tinha certeza. Poderia estar observando uma coisa bem diferente. Era para eu dar um golinho, manter na língua, engolir, sorver um pouco de ar e sentir o oxigênio interagindo com o sabor residual. Depois eu precisava dar outro gole, desta vez me concentrando nas notas mais sutis.

— Você consegue sentir as notas frutadas? — perguntou Andrew. — O sabor é mesmo característico desta região. Consegue sentir a manga?

Parecia importante para ele que eu sentisse o sabor da manga, então assenti.

Estava tentando determinar a idade de Andrew. Ele parecia conhecer todos os alunos de graduação, mas não poderia ter menos de vinte e cinco anos. Não tinha muito cabelo. Usava sandálias puídas de couro e exalava um leve odor por onde passava. Não era um cheiro nojento; não era que parecesse que não tomava banho nem nada disso. Só passava a impressão de que tinha andado por aí o dia inteiro e as coisas haviam se acumulado.

Andrew estava tentando dormir comigo. Eu podia não ter me dado conta disso antes, mas eu estava mais experiente depois do meu dia com JC. Dava para perceber quando os caras queriam dormir com você. Era só observar se eles viravam o corpo na sua direção de uma certa maneira, como se estivessem tentando te isolar do resto do ambiente. E, se eles estavam te tratando bem sem motivo nenhum, aí era certeza.

Eu não me sentia nem animada nem assustada com isso. Só me sentia cansada. Como aquilo tinha acontecido comigo duas vezes em uma semana? Eu não era lá muito sexy, nem sentia que estava emanando sinais fortes de desejo. Só estava disponível. Talvez, se Andrew tivesse visto Anna sentada sozinha na biblioteca, estaria ensinando a ela as técnicas de destilaria de Kavalan.

— Então, como tem sido a viagem? — perguntou Andrew. Ele já tinha terminado o Kavalan Classic e passara a beber o Kavalan Concertmaster. — Por acaso você sentiu uma espécie de despertar cultural aqui em Taipei?

— Meio que sim, é — respondi. — É esquisito. Eu nunca estive em um país estrangeiro e senti… não sei, uma conexão instantânea.

Essa foi a coisa errada a se dizer. O rosto de Andrew se iluminou, como se ele estivesse esperando para acionar uma armadilha.

— O mito da consaguinidade — cacarejou ele. — Você é da China continental, não é? Guangzhou, é isso? Eu sabia. Imaginei que fosse. Você acha que, por ser chinesa em sua essência e eles também, vocês têm algo em comum. Mas não têm! É como se houvesse uma guerra civil no meio dos Estados Unidos e algumas pessoas fugissem para a Nova Escócia e as outras fugissem para a Inglaterra. E, depois de crescer na Inglaterra, seu filho visitasse a Nova Escócia e sentisse uma "conexão instantânea". Você não acharia esquisito?

Havia diversas lacunas nessa premissa, mas eu conseguia entender a lógica de Andrew. Era esquisito, talvez antiético, que eu reivindicasse algum direito cultural naquela ilha. Ainda assim, a experiência despertou algo no meu íntimo. Por acaso era tão errado assim?

— Só que Taiwan deve ter mais da cultura que meus pais conheciam — argumentei, repetindo o que a guia de turismo dissera no Museu do Palácio Nacional. — Tipo, não é tão irracional que eu sinta certo apego.

— Mas em qual China seus pais cresceram? — questionou Andrew. — A com toda aquela cultura ou a China sob o regime comunista? Eles devem ter nascido logo depois da Revolução Cultural, não é? Depois de terem esmagado os Quatro Velhos? Então o que é que *eles* sabem sobre a cultura chinesa autêntica? — Andrew deu outro gole de uísque. — Sabe, se você parar para pensar, na verdade é ridículo que todos vocês, falantes de língua de herança, estejam no mesmo recinto.

— Como assim?

— Os pais e avós de vocês estiveram em lados opostos nesse conflito de décadas, e é bem possível que, a certa altura, tenham apontado armas uns contra os outros. Pense só. — Ele gesticulou em torno do bar com o copo de vidro. — Tem uma pessoa de Hong Kong, outra de Singapura, outra de Beijing e uma quarta de Taiwan. E havia comunistas, nacionalistas, camponeses e proprietários de terras. Os avós de vocês teriam matado uns aos outros, entende o que eu quero dizer? Mas vejam só vocês aqui, fingindo que a mera ancestralidade de vocês é uma espécie de força centrífuga. Isso não é bizarro?

Eu disse que devia ser mais fácil nos conectarmos como chineses porque nenhum de nossos pais havia cometido os assassinatos de fato. Eu não sabia se tinha provas para afirmar isso, mas tinha quase certeza de que nem meus pais nem meus avós já houvessem apontado uma arma para alguém.

— Mas aí é que está — continuou Andrew. — Vocês estão sendo arrastados por essas forças históricas. Isso só piora tudo. Vocês viram tudo acontecer e fazem pouco-caso, dizendo que tudo bem, é todo mundo *chinês*, afinal. O que caralhos isso significa? Vocês só se sentem em casa porque não conseguem ouvir a diferença no sotaque uns dos outros.

Senti um gosto amargo na boca. Não importava o que eu dissesse, parecia que minhas palavras provavam a opinião de Andrew sobre algum assunto. Eu não conseguia ver o problema em nenhuma dessas premissas, mas era cruel da parte dele zombar de nós por querermos falar o idioma de nossos pais.

— Então por que você está em Taipei?

Esse foi o certo a se dizer. Andrew se empertigou como se estivesse esperando por essa pergunta.

— *Bem.* Então, é meio que uma longa história — contou ele. — Quando eu era criança, tinha uma família chinesa que morava no nosso andar.

A mãe trabalhava de dia e ia para a aula de noite. Andrew nunca via o marido dela. Havia uma menininha alguns anos mais nova do que ele, chamada Chuchu, e a avó, que Andrew chamara de Nainai, que era como crianças chinesas se referiam a suas avós paternas, já que ele ia lá com tanta frequência que começou a falar chinês.

— Então elas eram as suas babás? — perguntei.

— Não, não — respondeu Andrew. — Não estávamos pagando nem nada… Elas não trabalhavam para a gente. Eu só ia muito lá depois da escola, e elas

sempre estavam comendo alguma coisa, então me davam um pouco. Nainai costumava fazer uns *huajuan* do zero. Eram tão gostosos, enormes e fofinhos. Eu gostava de ficar olhando enquanto ela sovava a massa. Ela me deixava salpicar a cebolinha cortada. Eu amava a hora que ela os tirava do forno. O jeito que o vapor soprava em torno do rosto dela. Eu senti que cresci meio chinês, sabe. Às vezes, eu até voltava para casa e continuava falando em chinês, e meus pais me mandavam parar com isso.

A família de Andrew havia se mudado do prédio quando ele tinha dez anos. O pai dele enfim tinha arranjado um emprego fixo, então eles foram para um lugar com mais espaço e menos baratas. Eles não deixaram o novo endereço nem mantiveram contato com a família chinesa. Andrew nunca mais as viu. Nem ao menos sabia o nome verdadeiro daquelas pessoas.

— Eu penso nelas todos os dias — confessou ele. — Eu amava tanto as duas. Minha Nainai. Aquela mulher me criou.

Terminei de beber meu Kavalan.

— É por isso que o meu sotaque é tão bom. Aprendi os tons quando era criança. Falantes não nativos sentem tanta dificuldade com os tons, mas eu peguei na hora.

Ele perguntou se eu queria ouvir alguns *chengyu* avançados, e eu respondi que não, tudo bem, eu acreditava nele.

Pensei em me levantar e ir embora. Mas não queria sair do bar sozinha, porque aí as pessoas achariam que eu era antissocial. E também porque estava bem tarde. Eu não sabia se ainda havia trens disponíveis naquele horário e não queria caminhar para casa sozinha. Olhei ao redor, mas não vi nenhum outro lugar em que pudesse ficar mais à vontade, então continuei parada onde estava e fiquei girando o copo de uísque entre as mãos.

Meu estômago roncou. Algo cheirava bem. Dei uma olhada em volta e vi que vários dos meus colegas de turma tinham pedido pizza. Todos estavam reunidos em torno de assadeiras retangulares e fumegantes, exceto nós dois. Eu queria que Andrew encerrasse o assunto para que eu também pudesse comer pizza.

Andrew começou a chorar. Eu o observei por um tempo, me perguntando se as lágrimas eram fingidas, se ele estava só tentando me impressionar.

— Eu me sinto tão idiota. — Ele fungou. — Nem tenho um número de telefone. Tentei procurar as duas, mas não achei nada. Meus pais também não

sabem.

Fiquei incomodada de ele estar fazendo tempestade em copo d'água. Aquilo não parecia motivo de choro. Não era como se fosse mesmo a Nainai dele, e não era como se aquelas pessoas tivessem morrido nem nada assim. Também pensei que, se ele quisesse mesmo, poderia recuperar o contato. Bastava fazer uma publicação na internet que viralizasse. As pessoas se reconectavam assim o tempo todo. Essa tal de Chuchu devia estar no TikTok, ou pelo menos no RedNote. Ela o encontraria, com certeza. As pessoas ficariam doidas com essa história. Talvez os dois até se apaixonassem. Talvez eles se tornassem um casal de influenciadores: o Oriente encontra o Ocidente.

Fiz uma sugestão meio confusa nesse sentido, mas Andrew continuou sacudindo a cabeça. Ele tinha certeza absoluta de que era impossível entrar em contato com Nainai e Chuchu, como se, uma vez que ele saiu daquele prédio, a família inteira tivesse deixado de existir.

Minhas têmporas latejaram. Eu estava com tanta sede. Tomei alguns goles de água, mas não adiantou. Eu nunca havia bebido nada tão forte daquele jeito e odiava a sensação. Andrew parecia presente demais. Meus ouvidos zumbiam quando ele falava. Tentei me concentrar, mas o zumbido só ficou mais e mais alto. Todos os traços físicos dele pareciam perto demais, ampliados até atingir detalhes berrantes. Algo estranho aconteceu com minha visão. Eu não conseguia visualizar o rosto de Andrew como um todo. Só conseguia me concentrar nos pormenores. Nos círculos vermelhos e úmidos ao redor dos olhos. No brilho de sua saliva, no reluzir de seu único piercing. Havia uma migalha de batata chips presa em seu lábio superior, que tremia quando ele falava. Fiquei observando, me perguntando quando aquilo cairia.

Por fim, decidi que não precisava mais tolerar aquilo. Eu era bem crescidinha. Poderia me virar pela cidade. Taipei era famosa por ser segura à noite. Havia milhares de outros lugares onde eu poderia estar naquele momento, então não existia o menor motivo, além da inércia, para continuar sentada ali.

— Olha, está meio tarde. Eu estou bem cansada.

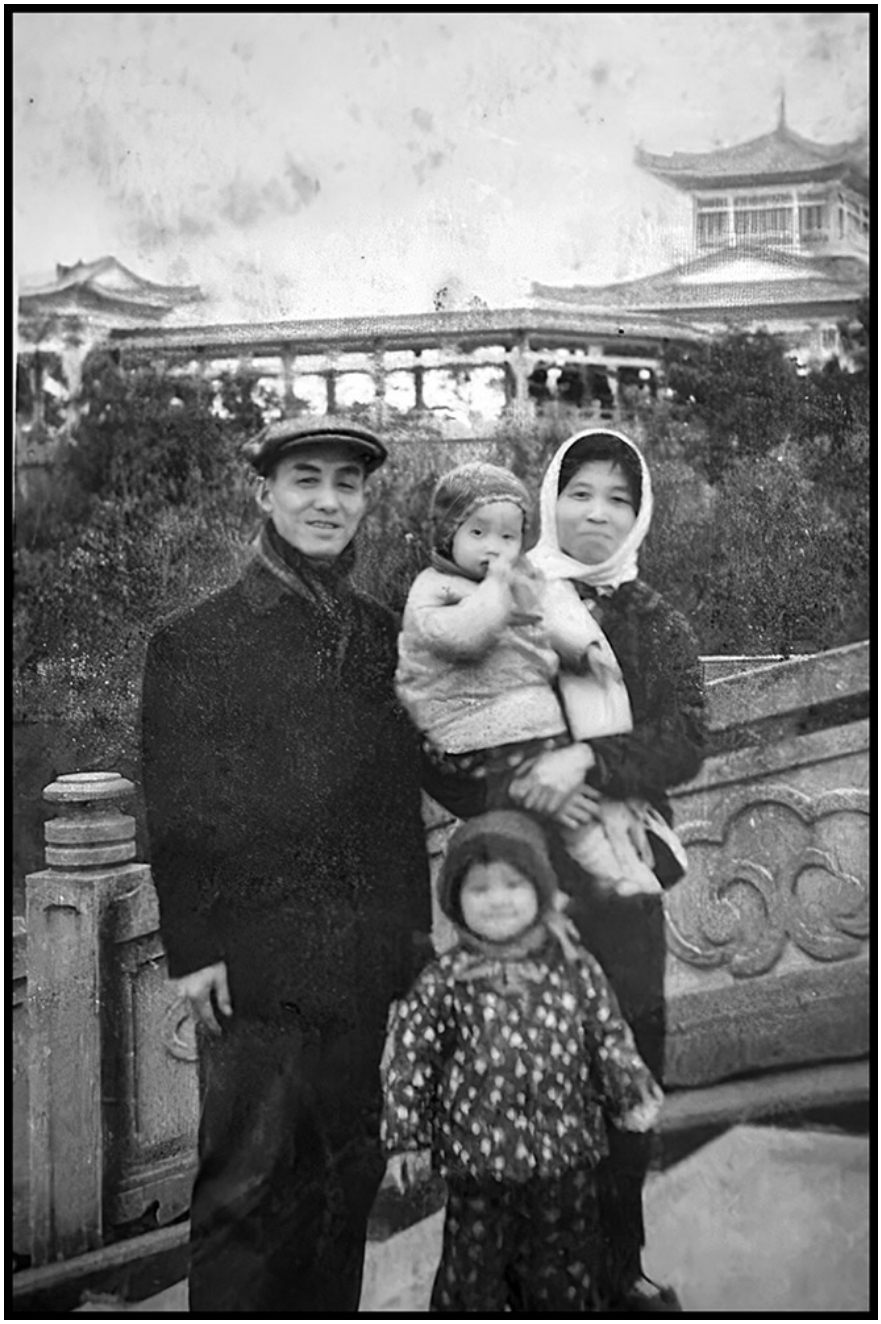
Andrew não pareceu me ouvir. Só continuou a beber seu uísque.

— Então eu vou para casa agora — anunciei.

Ele enxugou os olhos.

Desci da banqueta e me contorci para dar a volta por ele. Andrew não me

impediu. O olhar de Anna se voltou para mim enquanto eu me dirigia até a porta, mas quando viu que Andrew não estava me seguindo para o lado de fora, ela se voltou para o grupo outra vez.



4

Um sono turbulento e pegajoso. Eu me encolhi no sofá, já que era a vez de Anna usar a cama, e eu não queria deixá-la mais irritada quando chegasse em casa. Meu estômago estava embrulhado. Desejei nunca ter encostado no Kavalan. No primeiro ano de faculdade, eu tinha aprendido a máxima "tomar água ou tomar no cu", então bebi copo atrás de copo, e toda hora precisava me levantar para ir ao banheiro. Anna não voltou ao apartamento. Por volta das três da manhã, fui para a cama. Ela continuava ausente quando amanheceu. Ainda faltavam duas horas para o início das aulas, então fiquei deitada, tentando voltar a dormir. Meus dentes estavam azedos, cobertos de açúcar, mesmo eu os tendo escovado duas vezes. Eu me sentia suja até a alma. Entornei mais água, torcendo para ela limpar toda aquela poluição.

Não conseguia manter os olhos fechados. O sol estava forte. Logo após o amanhecer, por conta da posição do apartamento, os raios de sol atravessavam uma fresta entre as paredes de concreto das construções vizinhas. Mas eu também não conseguia me levantar; me sentia mole. Me encolhi de lado, de costas para a janela. Não conseguia pensar em nada melhor para fazer, então comecei a estudar as fichas. Àquela altura, já tinha acumulado tanto vocabulário que não sabia mais dizer a que lições cada palavra pertencia. O aplicativo misturava a ordem de modo aleatório. Eu poderia receber qualquer termo a qualquer momento. 紊亂: "caótico". 狠狠地: "vigorosamente", "violentamente". 烤肉串: "kebab de carne".

A tela do celular piscou. Uma mensagem da minha mãe: *Me ligue. O quanto antes.*

Encarei a tela, tentando decidir se deveria ligar para ela ou tomar banho primeiro, quando uma segunda mensagem apareceu.

Infelizmente, Gonggong faleceu.

Eu me sentei e liguei para minha mãe.

— Mãe?

— Oi, Lily.

— Vi sua mensagem.

Queria que ela dissesse que tinha sido um erro de digitação. Que era só brincadeira, ou que o avô de outra pessoa tinha falecido. Em vez disso, minha mãe começou a chorar.

Minha mãe nunca chorava. Só a tinha visto chorar uma vez, quando eu estava no ensino médio e ela achou que minha irmã Jasmine tinha morrido, e mesmo assim ela saiu de perto quando viu que Flora e eu estávamos observando. Aquele som era estranho para mim. Os soluços me pareciam falsos, a simulação de um sentimento, como se eu não estivesse ouvindo minha mãe, mas uma gravação de outra mulher chorando num filme, num audiolivro, numa demo de audição. Aquele som e minha mãe não tinham nada a ver um com o outro.

Eu me perguntei se estaria sonhando. Certa vez tive um pesadelo terrível e detalhado em que os membros da minha família eram estraçalhados por um lobo gigante enquanto eu assistia e gritava, impotente. Na ocasião, acordei com um sobressalto, lembrei que não havia lobo nenhum e me deitei alegre de alívio. A carga emocional daquele pesadelo foi tão intensa que, quando desci para o café da manhã, corri para abraçar meus pais. Decerto aquilo era só um pesadelo por causa da ressaca. Às vezes, eu sonhava com narrativas estruturadas assim; achava que tinha acordado, mas aí coisas estranhas começavam a acontecer, e meu pânico crescia cada vez mais até eu acordar de novo.

— Como? — perguntei.

— O quê?

Minha cabeça estava leve.

— Como ele morreu?

— Ele caiu — disse minha mãe. — Os dois tinham acabado de acordar. Popo… Ela estava se vestindo, teve um pouco de dificuldade com os botões. Ele se virou para olhar para ela. E aí caiu.

Era isso? Como era possível? Com certeza havia mais detalhes na história, uma virada brusca no corredor, uma escadaria, mas não tive forças para perguntar. Nem para imaginar. Eu tinha doze anos na minha última visita a Guangzhou. Nunca havia conhecido o apartamento novo dos dois. Não sabia onde posicionar a escada nem conhecia os cantos na minha imaginação. Só podia

ver a virada, o tropeço, de forma abstrata.

— Mãe. — Meus ouvidos zumbiam. — Mãe, sinto muito.

Ela não respondeu. Um longo silêncio do outro lado. Então meu pai disse:

— Oi, Lily.

— Oi, pai.

Comecei a chorar.

— Sinto muito por termos contado por telefone.

— Não, tudo bem.

— Sua mãe está muito triste.

— É, dá para perceber.

— O funeral é depois de amanhã. Ela vai para a China amanhã, com escala em Taipei. Vai ter seis horas entre os voos, então vocês podem se encontrar aí, ok? Depois de amanhã, no Aeroporto Internacional de Taoyuan.

Pedi que ele repetisse as informações várias vezes antes de ter a presença de espírito de anotar tudo.

— Esteja lá, ok? Dê uma força para a sua mãe.

— Pode deixar, pai.

— Sinto muito, Lily. Vou te mandar o número do voo por mensagem. Se cuide.

Então eles desligaram.

Fiquei sentada de pernas cruzadas na cama, fungando e encarando a cabeceira.

O conceito era choque. Tínhamos aprendido a palavra em chinês na semana anterior, 震驚. 震 era o mesmo caractere usado na palavra para "terremoto", 地震. Tudo ficava de ponta-cabeça. O mundo em desarranjo. Mas nada no conceito dizia como *se sentir* em relação a isso, como a sensação se alojava no corpo. O termo nos tirava do corpo. Um choque enorme, e a alma foge.

Verifiquei meus sinais vitais. Meus dedos estavam imóveis, meu coração parecia estável. Nenhum tremor. Saí da cama e fiquei de pé. Minhas pernas funcionavam. Ergui os braços sobre a cabeça. Minha visão não escureceu.

Então o choque ainda não tinha me alcançado. Isso me assustou. Eu não sabia quando ele iria me atingir ou como eu me sentiria. Estava triste? A tristeza seria muito intensa? E a dor? E se eu não sentisse nada? Só tinha desmaiado uma vez na vida, em outubro do ano anterior, depois de doar sangue pela primeira vez.

Estava tão confiante de que não tinha medo de sangue ou agulhas, mas, assim que a agulha saiu do meu braço e eu vi a bolsa cheia de sangue, uma onda escura me atingiu em cheio, e quando dei por mim estava deitada na maca, com um pirulito na mão. Era disso que eu tinha medo. Vertigem emocional. Se eu começasse a andar, não sabia se ou quando iria cair.

* * *

O que eu deveria fazer?

Era uma sensação muito estranha. O tempo não parou só porque eu tinha recebido uma notícia ruim. Os segundos ainda corriam, e eu permanecia ali, e meu choque não me impedia de perceber a passagem do tempo. Estava ficando entediada.

Pensei em ir para a aula, mas, quando tentei pegar os livros, senti uma inércia tremenda, como se colocar a mochila nas costas e sair de casa fosse equivalente a carregar o mundo nas costas. Não consegui. Não iria rolar.

Mesmo assim, eu tinha que sobreviver ao dia.

Não tinha com quem conversar. Como tanto Anna quanto JC não estavam falando comigo, eu não tinha um único amigo próximo na cidade. No início da semana, isso parecera um problema contornável. Palavras seriam trocadas, desavenças passadas a limpo. No momento, porém, Anna, JC e todos os outros do curso pareciam estar a planetas de distância.

Decidi agir como se fosse um sábado. Fiz minha higiene matinal. Escovei os dentes. Lavei o cabelo. Aquela sujeira preta estranha escorreu por baixo da porta, como sempre. Eu a limpei. A lixeira estava cheia, então fechei o saquinho de lixo e o levei para o térreo. Voltei correndo e lavei as mãos. Borrifei repelente nas pernas. Tranquei a porta. Peguei o guarda-chuva e atravessei o cruzamento até a loja de pudim de tofu Xiaonanmen.

— Número um, obrigada. — Àquela altura, eu tinha dominado esse diálogo. — Com gelo, para comer aqui. E uma colher.

Três colheradas habilidosas, e a funcionária me entregou a bandeja. Achei uma banqueta perto da janela e comi, passando minhas fichas de vocabulário. 各有千秋 significava “cada um tem seus méritos”. 麻痺 era “paralisia”. 俱樂部 era

“clube”. 養老 significava “se sustentar na velhice”. Marquei todas as fichas como “fácil”. Não recordava o contexto em que tinha aprendido essas palavras, mas as via com frequência suficiente para saber o que significavam. O aplicativo usava um sistema de aprendizado por intervalos: mostrava os termos com que você tinha dificuldade com mais frequência. Eu só veria aqueles cartões de novo dali a duas semanas. Fui clicando com uma velocidade ofuscante; às vezes, meu polegar se movia antes mesmo de eu processar os caracteres. Terminei o conjunto em minutos. Cliquei na opção “estudar mais”, e cinquenta novas fichas carregaram na tela.

Devorei a comida no automático, sem olhar para a tigela. Às vezes, só pegava uma colherada de gelo. Tudo bem. Não podia tirar os olhos do celular. Não podia desocupar a mente, nem por um instante. Errei a boca, e um pedaço de tofu caiu no meu colo. Água açucarada escorreu pelo meu queixo. Tive que fazer várias coisas de uma vez para resolver o problema e fracassei em todas. Limpei o queixo e fiquei com a mão toda melecada de água açucarada. Passei os dedos pegajosos pelo celular, e a tela parou de responder ao toque. A mancha se espalhou pela minha blusa. Tentei pegar o pedaço de tofu, mas ele se desmanchou nos meus dedos.

Do lado de fora, uma mulher estava parada com o filho. Eu sabia que estavam me encarando, porque, quando ergui os olhos, a mulher segurou a mão da criança e saiu correndo.

Dava para imaginar o que ela estava pensando de mim. Menina inútil. Não sabe falar chinês. Não consegue levar uma colher à boca. Arrastei o talher algumas vezes pela tigela. Não estava mais com fome. Coloquei a bandeja e a tigela no balcão e saí para o sol quente, desejando que ele me derretesse no concreto.

* * *

Tentei entender a profundidade da minha tristeza. Sabia que sentia *alguma coisa*, uma irritação atrás dos olhos, um peso opressivo que dificultava a respiração. Não era isso o luto? Mas não conseguia decidir se era um sofrimento genuíno ou motivado por pura obrigação. Não conseguia me lembrar muito bem dos detalhes do rosto de meu *gonggong*. Não conseguia distinguir o luto da culpa.

Ambos pesavam da mesma forma no meu peito.

Também tentava entender a extensão da minha perda. Não era imediata: eu não via meu *gonggong* ou minha *popo* havia anos. Houve um período em que todos moramos juntos em Boston. Os dois tinham ido para lá pouco antes de Flora nascer e ficaram até ela ter idade suficiente para a pré-escola. Mas aí, por motivos que não ficaram claros na época, meus pais decidiram que aquele jeito de viver não estava mais dando certo, e meus avós voltaram para Guangzhou.

Tínhamos visitado os dois em alguns verões quando éramos crianças, até que as viagens foram ficando mais curtas, mais espaçadas. Flora tinha acampamento de verão. Jasmine odiava os voos longos. Com o passar dos anos, nossas conversas se reduziram a videochamadas pelo WeChat. A iniciativa sempre partia da minha mãe. Eu não tinha os números dos meus avós no WeChat. Teria sido muito fácil descobrir e estabelecer contato direto com eles, e mesmo assim eu me recusei a fazer isso. Os passos adicionais envolvidos, como pedir os dados à minha mãe, adicionar os dois e usar o Google Tradutor para digitar clichês filiais em chinês, já que não tínhamos mais nada para conversar, pareciam obstáculos intransponíveis. Minha mãe era o elo que me ligava aos pais dela; só nos falávamos quando ela fazia a conexão.

Eu odiava aquelas chamadas. Pareciam tão forçadas. Não eram conversas, e sim rituais roteirizados. Sempre ligávamos para eles perto dos feriados, quando nós três já tínhamos voltado da escola, e sempre depois do jantar, quando era o fim da manhã na China. Minha mãe me colocava no centro da mesa e pronunciava em um chinês alto, articulado e exagerado o que eu deveria dizer, e então eu repetia:

Gonggong, Popo, olá! Como vocês estão?

Feliz Ano-Novo! Desejo boa saúde e felicidade!

Estou indo muito bem na escola. Estou estudando bastante.

Fui aceita em Yale. Sim, a Universidade Yale! Não, em New Haven.

Certa vez, Gonggong exclamou: "Lily está mais cheinha!" Eu estava no terceiro ano do ensino médio; tinha acabado de aprender sobre transtornos alimentares e estava pesquisando como arranjar um. Depois que desligamos, choraminguei para minha mãe:

— Como ele sabe que eu estou gorda? Como ele percebeu só de ver meu *rosto*?

Minha mãe explicou que era um elogio, um jeito de meu *gonggong* dizer que eu estava crescendo, florescendo. Mas não acreditei nela e me recusei a mostrar o rosto no WeChat pelos seis meses seguintes.

Eu sabia que minhas irmãs também odiavam aquelas ligações, porque nós sempre ficávamos ansiosas para passar o telefone uma para a outra. *Amo vocês. Amo muito vocês. Vou passar para An-An. Vou passar para Guai-Guai!*

Não conseguíamos justificar nossa antipatia. Amávamos nossos avós; tínhamos apenas memórias boas deles. Só não suportávamos a estática. Ficar sem ver os dois era melhor do que aquela conexão confusa e inadequada, que só reforçava a distância entre nós. A última conversa de verdade que tivemos com eles foi quando éramos crianças. Depois disso, já estávamos com um vocabulário defasado e um chinês ainda pior do que quando tínhamos três, quatro e cinco anos, incapazes de fazer qualquer coisa senão ecoar aquelas estrofes infantis. *Gonggong, Popo, olá! Sou eu! Estou bem. Ótima. Estudando bastante. Sim, já comi. Desejo boa saúde. Vou passar para a mamãe agora. Tchau, tchau.*

Mas eu tinha a intenção de mudar isso. Tinha o plano perfeito. Ia estudar chinês na faculdade, virar fluente em pouco tempo e aí teria todas as conversas que havia evitado com meus avós. Na minha imaginação, os dois sempre estariam lá, congelados na idade em que eu os tinha visto pela última vez, esperando até eu estar pronta para conversar. Achei que teria uma segunda chance. Achei que tinha tempo.

A última vez que falei com Gonggong tinha sido em março, quando estava em casa durante as férias de primavera. Jasmine tinha saído para algum lugar, e Flora ainda estava na escola, então minha mãe me encurralou para fazer a videochamada sozinha. Gonggong e Popo tinham se mudado para um apartamento menor àquela altura, e a cuidadora deles, A Zhu, ficava agachada ao lado dos dois, segurando o celular na altura de seus rostos para que enxergassem a tela. Eles não reagiram quando falei. Percebi que não estavam me ouvindo. Tive que repetir várias vezes, em cada momento dolorosamente ciente dos meus deslizes nos tons. A Zhu transmitia tudo que eu falava com o próprio mandarim carregado de dialeto, gritando no ouvido de Gonggong até que ele enfim assentiu. Popo não deu sinal de compreender. Ela tinha sofrido um AVC no ano anterior, e seu sorriso se curvava para baixo em uma careta permanente, como se o simples fato de nos ver lhe causasse dor. Depois de dez minutos assim, A Zhu

disse que era hora do cochilo, e eles desligaram. A tela escureceu. Por um momento, fiquei sentada em silêncio com minha mãe.

— Eles estão envelhecendo — falei.

Minha mãe fungou. Eu me virei para ela e vi que seus olhos estavam vermelhos.

— É — disse, e ficou de pé. — É o que os pais fazem.

* * *

Eu não iria ao velório porque não podia entrar na China continental, já que não tinha um visto válido.

Não teria sido difícil conseguir um visto. Eu tinha entrado e saído do continente diversas vezes ao longo da infância. Em dado momento, todos nós tivemos vistos de turismo válidos para múltiplas entradas. Mas meu passaporte expirou quando fiz dezoito anos, e isso também invalidou o visto, e renovar o documento envolvia tirar uma foto, preencher formulários e ficar de pé na fila do consulado chinês, que ficava a horas de distância, em Nova York.

Em janeiro, depois que recebi a bolsa de estudos, minha mãe sugeriu que eu visitasse a China continental depois do curso em Taipei. Taiwan não exigia vistos de cidadãos estadunidenses, ao contrário da China continental. Concordei em dar uma olhada. Mas aí o semestre de primavera começou, e eu tinha que me concentrar nas aulas, e depois nas provas. E aí o semestre acabou, um mês antes da viagem, e já não dava tempo de tirar o visto, porque seria necessário deixar o passaporte no consulado, sem previsão de retorno, já que a fila de espera era longa porque muita gente queria viajar para o exterior no verão, então eu ainda correria o risco de não conseguir entrar em Taiwan. Eu poderia pagar a taxa para um visto de urgência, mas esse processo exigia que a pessoa fosse até o consulado, e eu não tinha tempo para pegar o trem para Nova York e esperar o dia inteiro por um visto, porque era a época das provas finais, e minha passagem para casa era na manhã após minha última prova.

Deu para perceber que minha mãe ficou frustrada, que via aquilo como um sinal de que eu não dava prioridade à minha família distante. Mas ela não insistiu. Poderíamos ir no verão seguinte; iríamos nos planejar melhor. Só que agora era tarde demais e não fazia sentido, e não haveria mais verões, e eu era

uma neta horrível que não pôde se dar ao trabalho de preencher uns formulários, e não importava se eu conseguisse um visto no ano seguinte, porque nunca chegaria a tempo de ver meu *gonggong* de novo.

* * *

Quando voltei ao apartamento, Anna estava lá, sentada de pernas cruzadas no chão com Margrit, comendo bolinhos numa embalagem de isopor na mesa de centro. Abri a porta, e as duas abaixaram os palitinhos.

— Oi, Lily.

Anna se levantou. Foi um gesto estranho, considerando o tamanho do nosso apartamento. Ela não tinha aonde ir.

— Hã, oi.

Estávamos falando em inglês, então eu sabia o que esperar: Anna irritadinha.

— Oi, Lily — disse Margrit, com um aceno discreto.

Eu a ignorei. Para Anna, respondi:

— Você não voltou na noite passada.

— Ah. — Ela deu de ombros. — Pois é.

— Fiquei preocupada.

— Ficou?

— Mandei mensagem.

— Eu estava bem — respondeu Anna. — Ficou tarde. Dormi na Margrit.

Isso não fazia sentido para mim, porque Margrit morava em um dos dormitórios da universidade, que ficava duas vezes mais distante do bar do que nosso apartamento. Imaginei que a conversa de Anna com JC a tinha deixado mais irritada comigo, fosse lá qual tivesse sido o assunto, mas eu não tinha como desvendar esse mistério no momento.

— Enfim, que bom que te encontrei — retomou Anna. — Acho que está na hora de termos uma conversa sobre nosso acerto. — Ela pigarreou. — Você teve o apartamento só para você por uns dias, então acho que é justo que eu tenha o mesmo direito.

— O quê?

— Ah, vai. Não finja essa surpresa toda.

Mas eu não estava fingindo nada. Fiquei surpresa de verdade, e tinha dito "o

quê" porque queria que ela repetisse. Estava com uma dificuldade tremenda de processar qualquer fala. Na aula de Pensamento e Sociedade, tinha acabado de aprender o seguinte *chengyu*: 牛頭不對馬嘴, "a boca de um cavalo não cabe na cabeça de uma vaca". Dizia respeito à incongruência, como quando a resposta não se adequava à pergunta, ou quando duas pessoas falavam uma por cima da outra. Era a única coisa em que eu conseguia pensar no momento. Sobrepus a imagem de uma vaca ao rosto de Anna e vi seus lábios se movendo em vez dos dela.

— Bem, acho que nós duas ficamos um pouco desconfortáveis na presença uma da outra. Às vezes, este lugar chega a parecer hostil. Tentei conversar com você sobre isso e achei que poderíamos tocar o barco, mas pelo jeito não está melhorando. Tipo, eu fico ansiosa só de ouvir seus passos, sabia? E, no fim das contas, eu tenho mesmo que impor alguns limites. O espaço onde eu moro deveria ser um lugar seguro para mim. Acho que a melhor coisa para nós duas é passarmos um tempinho separadas, então você deveria procurar outros lugares para morar.

Estava na cara que ela tinha ensaiado esse discurso. Não teria sido tão ruim se ela só tivesse aparecido e dito essas coisas, porque pelo menos algumas delas eram válidas. Eu concordava. O apartamento parecia uma zona de guerra. Os passos dela também me davam ansiedade! Mas o jeito como ela disse tudo aquilo, as frases completas, o linguajar de terapia, deixava óbvio que ela tinha elaborado aquele discurso com outras pessoas, e isso significava que ela andava reclamando de mim por aí já havia algum tempo. Talvez todo mundo tivesse contribuído com alguma frase. *Fale sobre limites. Fale sobre a sua ansiedade.* Talvez todos estivessem esperando para saber como tinha sido a conversa.

Então, como eu sabia que não estava brigando com Anna, e sim com um grupo inteiro de traidores liderados por ela, fiquei menos disposta a ceder.

— Não.

— Como é?

— Você não pode só decidir me despejar e pronto, acabou — protestei. — Vá se… Vá se foder. Não.

— Meu Deus. Não podemos lidar com isso de um jeito maduro?

— Você não pode me enxotar sem eu ter para onde ir.

— Não tem um monte de lugares onde você pode dormir? Tipo, não pode

ficar com o Andrew?

— Anna, isso é muito nada a ver.

Anna e Margrit trocaram um olhar. Ficou claro que elas estavam falando de mim antes de eu chegar, talvez até prevendo que eu poderia reagir daquela forma.

— Anna, qual é?! Meu avô acabou de morrer.

Falei as palavras como se as estivesse testando, vendo se podia fazer com que se encaixassem na minha boca. Não pareciam pertencer a mim. Eu estava só experimentando o personagem, vendo que tipo de reação causavam.

Anna estreitou os olhos.

— O quê?

— Foi agorinha. Minha mãe me mandou mensagem, ela disse…

Minha garganta apertou. Não tinha dito a notícia em voz alta até então. Não tinha imaginado como seria difícil. Falar tornava aquilo verdade.

— Meu avô morreu.

— O que isso…? — Ela franziu a testa. — Agora mesmo, de verdade?

— É.

— Quando você estava em Beitou?

— Não, hoje de manhã — respondi. — Algumas horas atrás. Eu não… Quero dizer, eu descobri algumas horas atrás.

Anna não parava de me encarar. Estava tentando determinar se eu estava mentindo, e talvez parecesse mesmo mentira, mas eu não sabia como dar aquela notícia de um jeito que parecesse verdadeiro. Dava até para imaginar como ela distorceria tudo para os outros, para todos aqueles traidores à espera do relato. *Aí eu falei da história da cama, sabe. E você não vai acreditar no que ela respondeu.*

— Sinto muito — disse Margrit. — É uma perda terrível.

— Obrigada.

— Vocês eram próximos? — perguntou Anna.

Empalideci.

— Bem… Ele era meu *avô*?

— Você vai ao enterro?

— Não posso, não tenho visto.

— Entendi.

Por um momento, ninguém disse nada. Eu me encostei no batente. Estava tonta. Aquele encontro parecia ensaiado, estranho. Como se nós três

estivéssemos lendo falas de um roteiro que nunca tínhamos visto, mas não havia diretor, e ninguém dizia as coisas no tom certo. Os riscos eram tão aleatórios e inesperados. Como deveríamos reagir? O silêncio se estendeu por mais um momento, até que Anna se virou para Margrit e perguntou:

— Posso dormir na sua casa hoje à noite?

— Ah… Sim, claro.

Anna saiu da sala pisando duro e enfiou mais coisas na mochila, algumas roupas, algumas latas de repelente, uma variedade de itens de higiene. Me perguntei se ela teria coragem de levar nosso sabonete corporal compartilhado. Me perguntei quanto tempo ela ficaria fora.

— Pronto, podemos ir — disse ela para Margrit, e as duas se dirigiram até a porta.

Margrit abaixou a cabeça ao passar por mim.

— Sinto muito pela sua perda — repetiu.

— Anna — chamei.

Ela se virou. Estava muito pálida, com dois pontos vibrantes de cor nas bochechas. Eu poderia ter dito que estava sofrendo, que precisava dela e que sentia muito. Mas isso demandava mais palavras do que eu tinha naquele momento.

Apontei para a mesa.

— Você esqueceu seu caderno.

* * *

A guerra tinha sido vencida, e eu tinha o apartamento todo para mim.

Lavei o rosto. Limpei o celular com um lencinho umedecido. Troquei de blusa e enfiei a suja na máquina. Depois me sentei no sofá, me perguntando como fazer as horas passarem.

Era tão escuro dentro do apartamento. O raio de sol incinerador da manhã já tinha sumido; eu estava banhada pelas sombras outra vez. As luzes do teto mal funcionavam. Abri todas as cortinas, mas não adiantou. Nossa janela dava para outro prédio residencial, mais alto, e ficávamos na sombra. Este era o problema de Taipei: espaço de menos e gente de mais, e os prédios para abrigar todo mundo; eles não tinham para onde ir senão para cima, e estávamos presas em

paredes atrás de paredes. Como eu tinha passado tantas semanas em um cubículo tão escuro? Puxei o ar, expandi os pulmões o máximo que consegui e ainda assim senti que estava sufocando.

Todo problema mundano culminava na escuridão do apartamento. A modernização tinha sido um erro, assim como o crescimento populacional excessivo e os prédios residenciais; as mudanças climáticas estavam tornando Taipei inabitável, e todas essas coisas tinham conspirado para me tornar, naquele momento específico, completamente infeliz.

Peguei o celular várias vezes e o larguei. As mensagens continuavam ali; eu não as tinha imaginado. *Infelizmente, Gonggong faleceu*. Eu sempre fazia isso com notícias ruins. Nunca funcionava. Sempre tentava me convencer de que tudo não passava de um pesadelo e ficava muito decepcionada quando não acordava.

* * *

Minha avó ainda não sabia que o marido estava morto.

A saúde de Popo já não andava bem havia um tempo, sobretudo depois do AVC. Lembrei-me de ver um vídeo dela na cadeira de rodas e de ficar impressionada com a transformação. Nas minhas lembranças, Popo era enérgica e inteligente, sempre fazendo graça com minha mãe e minhas tias. Ela gostava de fazer caminhadas longas, balançando os braços na lateral do corpo de um jeito que eu associava a vídeos de aeróbica dos anos 1980. Minha avó não era aquela criatura magra de cabelo branco com o rosto todo flácido, caído no lado esquerdo.

Quando morava com a gente, Popo vivia orgulhosa de sua aparência, mesmo aos setenta anos. Ainda tinha cabelo preto que usava curto, com um permanente profissional, e nunca saía de casa sem usar uma blusa e calças elegantes. “Eu mantive a boa forma”, ela me dizia, passando a mão pela cintura. “Pareço mais nova do que o pessoal da minha idade, não pareço?” 身材 — “estatura”, “físico”; eu aprendi essa palavra bem cedo porque minha avó e minhas tias a usavam com frequência. Viviam preocupadas com formas de 保持身材, como manter aquele bom físico. Praticar *tai chi* todos os dias. Consumir doces com moderação. A palavra chinesa para “músculo” ficou marcada na minha memória, porque Popo

falava disso o tempo todo: 肌肉. O som era igual ao da palavra “frango”, 雞肉, então, quando ela me mostrava como dava tapinhas nos braços e nas pernas para manter o sangue circulando, eu sempre a imaginava como um frango cru e maleável.

Perguntei à minha mãe se iam esconder a notícia de Popo porque tinham medo de que o coração dela não aguentasse. Era uma pergunta idiota, mas eu precisava saber a verdade. Não podia deixar que nada se perdesse na tradução ou ficasse subentendido. Queria saber de cada detalhe e suas implicações.

— Eu não sei mesmo — respondeu minha mãe. — Gonggong era o mundo dela. Os dois ficavam juntos o dia todo, todo dia. Sabe, ele estava cuidando dela quando caiu.

Era a terceira vez que minha mãe me falava isso. Toda vez, ela repetia as palavras com uma voz atordoada, como se ainda não entendesse o que significavam.

— Ele estava se virando, para ver se ela estava bem, e caiu.

* * *

Na manhã seguinte, acordei às quatro e meia e chamei um táxi. Podia pagar; tinha economizado o dinheiro da bolsa de estudos. Vi na internet que o trajeto até Taoyuan poderia levar de trinta a noventa minutos, dependendo do trânsito. Eu não podia me atrasar. Saí com horas de antecedência só por garantia. Mas não havia trânsito algum, e o trajeto foi tão tranquilo que até estranhei. Pegamos todos os sinais abertos. Caí no sono pouco depois de entrar no táxi e fiquei decepcionada quando o motorista me disse que tínhamos chegado. Apenas trinta minutos tinham se passado. Ainda haveria muitas horas pela frente.

Eu nunca tinha visto um aeroporto vazio. Parecia surreal; quase todas as luzes ainda estavam apagadas. Entrei e tentei ver se conseguiria transformar o aeroporto em um campo de futebol aberto. Ainda achava que, se me concentrasse o bastante, poderia me convencer de que nada daquilo estava acontecendo e que tudo aquilo desapareceria como um sonho. Em outras ocasiões, no passado, eu às vezes tinha conseguido alcançar um estado de devaneio lúcido no meio de um pesadelo: eu fazia força, e então conseguia voar. Mas o piso de linóleo era sólido demais. Não consegui transformá-lo em grama.

O voo da minha mãe apareceu no painel de chegadas: São Francisco para Taipei, no horário previsto.

Eu não sabia o que esperar. Não sabia como consolar minha mãe; nunca tinha conseguido. Ela e meu pai brigavam com frequência quando eu era mais nova. Sempre por causa de dinheiro; as aulas que não podíamos fazer, os voos para a China que não podíamos pagar. Meu pai tinha as emoções à flor da pele. Ele quebrava coisas, gritava e saía de casa com raiva. A irritação sempre passava rápido; ele tinha que extravasar, e depois ficava tudo bem. Mas minha mãe virava uma pedra. Desaparecia atrás de uma máscara mortuária. Não dava para saber o que ela estava pensando, e ela nunca contava. Podia passar dias assim. Não havia bajulação nem desculpas suficientes capazes de tirá-la desse estado. Só ela podia decidir quando acabar com nosso sofrimento.

O pior era quando nós éramos o motivo da raiva, quando tínhamos mesmo feito algo errado. Ela dizia coisas tão enigmáticas. "Um dia, você não vai ter mãe nem pai", comentava comigo. Ou, se eu retrucasse, ela perguntava: "Quer que eu saia da sua vida para sempre?" Eu nunca entendia se minha mãe falava isso como uma ameaça ou se ela mesma estava assustada, se estava refletindo em voz alta sobre um mundo onde, por motivos inexplicados, ela não poderia ficar com a família. De qualquer forma, isso me deixava apavorada. Fazia com que eu me esforçasse muito para reconquistar o amor dela. Caso contrário, talvez eu deixasse de ter uma mãe, e seria tudo culpa minha.

* * *

Cheguei com mais de uma hora de antecedência. Era a única pessoa na área de desembarque, com exceção de um funcionário que passava aspirador de pó nos balcões de check-in. Às seis e meia, as luzes das lojas se acenderam. Então, algumas pessoas se juntaram a mim no portão de desembarque. Um rapaz que segurava um buquê numa das mãos e bocejava na outra. Um casal mais velho, de mãos dadas, apoiados um no outro. Vários homens com ternos escuros carregando iPads que exibiam em fontes grandes nomes como "sr. Volker" e "J. Hudson".

Sete horas. O avião de minha mãe devia ter acabado de pousar. Tentei imaginar o desembarque dela em tempo real, para estimar por quanto tempo

teria que esperar: de pé no avião, esperando a porta se abrir, na fila da imigração, tendo o passaporte carimbado, passando pela esteira de bagagens. Ela sairia antes; não tinha despachado malas. Uma gota primeiro, depois uma onda de viajantes amarrotados, piscando sob as luzes fortes como se tivessem acabado de sair de uma caverna.

— Mãe — chamei, acenando. — *Mãe.*

Ela se virou, e um alívio cansado se espalhou por seu rosto.

— Lily. Oi.

Nós nos abraçamos. Ela parecia frágil como um passarinho nos meus braços. Sempre tinha sido magra, meticulosa com a silhueta, mas aquela fragilidade era algo novo. Eu era mais alta que ela desde que me formei no ensino médio, mas de algum modo ficava incomodada toda vez que voltava para casa nas férias, ao descobrir que era maior do que ela de todas as formas. Minha mãe estava de calça de moletom e camiseta, peças que ela quase nunca usava fora de casa, e o efeito era que parecia uma menininha e uma senhora bem velha ao mesmo tempo.

Eu a observei com atenção. Vi as rugas ao redor dos olhos, os fios grisalhos no cabelo, os ombros murchos. Era como se a estivesse vendo pela primeira vez, examinando para valer seus traços, em vez de preenchê-la com a memória que eu conhecia como Mãe. Ela sempre tinha sido uma entidade, uma autoridade imutável. Para mim, meus pais pertenciam àquela categoria de "meia-idade" que ficava entre indefinida e infinita, e agora, pela primeira vez na vida, eu via que ela estava mais perto de ser uma idosa do que uma moça.

Quantos anos ainda teríamos juntas? Quantos eu já tinha desperdiçado? Agora eu tinha começado a me preocupar, e jamais deixaria de me preocupar. Já que havia pesquisado essas coisas em pânico na noite anterior, quis perguntar a ela: você está tomando suplementos de cálcio, está fazendo mamografia, já pensou em ir à academia, fazer alongamento todas as manhãs, por acaso está prestando atenção aos nutrientes, tem hobbies que a fazem se sentir realizada, já pensou em fazer jardinagem, será que pode fazer todas essas coisas para viver bastante, para que eu nunca seja uma garota sem mãe?

* * *

— Como está seu pé?

Eu tinha percebido que ela estava mancando.

— Ruim — disse ela. — Passou o verão todo doendo.

— Não vai ao médico?

— Talvez eu marque uma consulta enquanto estiver aqui. Na China tem médicos melhores.

Minha mãe mancava um pouco quando estava cansada, porque tinha apenas quatro dedos em um dos pés. O quarto dedo do pé direito acabava em um toco, tão certinho que ninguém notaria nada errado, exceto que aquele dedo era muito mais curto e não tinha unha. Ela tinha muita vergonha disso. Nunca usava chinelos ou sandálias em público, mesmo em lugares onde ninguém chegaria perto o suficiente para ver.

Nós todos vivíamos lhe dizendo para colocar uma prótese, mas ela nunca ia atrás disso. Não confiava em médicos ocidentais; achava que seus métodos eram muito invasivos. Quando teve herpes-zóster, tentou se curar aquecendo um pedaço de barbante em uma vela e queimando as lesões. A herpes se espalhou, e meu pai a convenceu a pedir uma receita para antivirais, e então a doença enfim foi embora. Ela insistiu que foi o barbante. Nós insistíamos que medicina chinesa era bobagem, que ela tinha que confiar nos médicos e aceitar ao menos um Tylenol, mas ela sempre nos lembrava daquela cientista chinesa que ganhou um Prêmio Nobel por sua pesquisa sobre medicina tradicional. De todo modo, analgésicos faziam mal. Era necessário sentir toda a dor, do contrário seu corpo não saberia que deveria se recuperar.

No entanto, minha mãe não se acanhava para contar como perdera aquele dedo. Amava contar a história.

— Eu estava andando perto de uma obra com minhas irmãs — começava. — Sempre voltávamos da escola juntas. E estávamos brincando, e lá estava… Sabe, uma coisa.

Os detalhes terminavam aí. Sempre que minha mãe não sabia uma palavra em inglês, ela preenchia a lacuna com "sabe". Mas nós não sabíamos. Na minha imaginação, era uma esteira de carga, como uma esteira ergométrica, só que tão rápida que mais parecia uma motoserra. Conforme fui crescendo, percebi que isso não fazia sentido. Por que haveria uma esteira no meio de um canteiro de obra? Mas eu não sabia de mais nada que pudesse preencher a lacuna. Talvez ela

tivesse cortado o dedo em uma viga de aço. Talvez alguém tivesse derrubado um martelo no pé dela.

— Eu fui a última pessoa a perceber. Só me dei conta do que tinha acontecido quando minhas irmãs começaram a gritar. — Nesse ponto da história, minha mãe sempre ficava agitada, balançando as mãos no ar. — Sua *dayi* foi correndo para casa buscar nosso pai. Era longe. Devo ter ficado deitada ali por um bom tempo, mas, na minha memória, seu *gonggong* chegou lá num instante. Ele me levou para a clínica, mas era tarde demais. Não conseguiram recosturar o dedo.

Em geral, a história acabava aí, com uma rara exibição do toco enquanto todos nós gritávamos e ríamos. Mas, da última vez que a contara, ela se demorou no fim. Foi depois daquela chamada no WeChat nas férias de primavera. Ela estava mal-humorada, sentindo mais saudade dos pais do que de costume.

— É disso que eu mais me lembro — falou. — O jeito como seu *gonggong* me pegou nos braços. Ele fez parecer tão fácil. Então eu parei de gritar. Não sentia nenhuma dor. Só me sentia segura.

* * *

Levei minha mãe até a praça de alimentação no subsolo. Lá eu vi um letreiro familiar, ideogramas amarelos em um fundo vermelho. A Xiaonanmen, 小南門, era uma das redes de pudim de tofu mais famosas da cidade. Tinha lojas na frente da estação de metrô Dongmen e na praça de alimentação do Taipei 101; eu tinha ido várias vezes às duas e sabia que eram boas.

— Vá se sentar — falei para minha mãe. Eu me sentia como uma guia de turismo, como se fosse responsável por garantir uma boa experiência. — Vou pedir um *douhua* para a senhora.

Quando cheguei ao balcão, me disseram que só começariam a servir pudim de tofu às dez, mas havia bolinhos com recheio de porco ensopado se eu quisesse. Paguei e levei o pager para minha mãe, junto de uma bandeja de aperitivos frios cobertos com plástico-filme. Avisei sobre a mudança no cardápio. Torci para ela gostar dos bolinhos. Meus olhos ardiam; era difícil falar sem chorar. Fiquei devastada com minha incapacidade de fazer uma coisa por ela: oferecer o pudim de tofu que eu disse ser muito bom.

— Ah, bolinhos ensopados. — Minha mãe espiou a bandeja como alguém

examinaria uma vitrine de joias no shopping, sem a intenção de comprar nada. — Os de Boston não são muito bons.

Ela cutucou a conserva de cogumelo orelha-de-pau.

— Posso trazer um copo de leite de soja — sugeri.

— Nada disso. Não faz bem para a garganta.

— E chá?

— Pode ser.

Eu me levantei para pedir um chá. Ainda não havia nenhum pronto, estava em infusão. Perguntei se tinham alguma coisa para beber, qualquer coisa. A moça do caixa deve ter percebido que eu estava prestes a chorar, porque desapareceu por um momento, depois voltou com uma xícara de água quente e um saquinho de chá que devia ter vindo da copa dos funcionários. Tentei pagar, e ela balançou a cabeça.

— Pode pegar — falou a atendente.

Minha mãe comeu feito um passarinho, pegando um pedacinho de cada aperitivo por vez e mordiscando de leve. A única coisa da qual ela pareceu gostar foi a conserva de cogumelo. Insisti que ela comesse um bolinho. Ela pegou com os palitinhos, mergulhou com cuidado no molho de soja e vinagre e então o jogou na boca.

— Hum. Muito bom.

Senti uma onda de preocupação protetora ao observá-la, como se ela fosse o bebê e eu a mãe, como se todo o sofrimento fosse desaparecer se eu conseguisse cuidar bem dela.

— Então — disse minha mãe. — O enterro é amanhã.

Com uma voz calma e distante, ela relatou os detalhes. Suas duas irmãs mais velhas viviam em Guangzhou e tinham organizado os detalhes do velório. Seria uma cerimônia pequena. Gonggong não tinha irmãos vivos. Minha geração seria representada por meu primo Sting e sua esposa. Eu não sabia o nome chinês do meu primo; desde que me entendia por gente, nós todos o chamávamos de Sting. Mais ninguém conseguiu voltar à China a tempo.

— Tem algo que a gente possa fazer? — Estava falando de minhas irmãs e eu. — Tipo, mandar um vídeo ou algo assim?

— Não, está tudo bem. Não vamos exibir vídeos.

— Vai ter, tipo… alguma tradição especial?

Eu não sabia de que outro jeito descrever.

— Não — respondeu minha mãe. — Bem, acho que vamos montar um altar. Mas eles não eram tão religiosos assim.

Eu não sabia nada de rituais funerários chineses. Nunca tinha participado de um funeral chinês, ou de qualquer funeral, na verdade. Tinha visitado o túmulo ancestral no vilarejo de meu pai, a terra onde os avós, bisavós e trisavós dele foram enterrados. Mas nunca tinha visto algo assim do lado materno. Nunca pensei em perguntar por que a família dela não tinha um.

— Tem um túmulo ancestral?

— Não, acho que ele vai ser cremado.

— Vai ter um cortejo ou algo do tipo?

— Não. Você não vai perder muita coisa, Lily. Está tudo bem. — Ela limpou a boca e pigarreou. — O importante é você se lembrar de que seu *gonggong* foi um bom homem. Não existem mais muitos homens como ele. Ele era gentil. — Ela balançou a cabeça. — Cuidou bem da família.

Comecei a chorar.

Minha mãe me observou por um tempo e depois me deu um guardanapo.

— Não chore. Faz mal para o coração.

Enxuguei as lágrimas.

— Você não quer chorar?

— Mas eu já chorei — falou minha mãe. — Logo que fiquei sabendo. E chorei um pouco no avião. Mas agora já acabei. Não dá para se sentir mal assim o tempo todo. Não faz bem.

* * *

Depois do café da manhã, colocamos nossas bandejas na bancada e pegamos a escada rolante de volta para a área de desembarque. Senti um leve pânico. O voo era só à uma da tarde; tínhamos mais quatro horas para matar. Era o tempo de conhecer a cidade, mas ela não quis sair do terminal.

Não era que eu não quisesse ficar perto da minha mãe. Só nunca sabia como interagir com ela. O amor da minha mãe se expressava por meio de preocupação, e a maioria das nossas conversas envolvia perguntar se tínhamos comido, se tínhamos dormido, se tínhamos feito todo o dever de casa e se estávamos nos

metendo em encrenca. Como eu era a filha inteligente, a filha responsável, me tornei o depósito dela para os problemas das minhas irmãs, e, sempre que eu a tinha só para mim, nossos assuntos eram se eu achava que Jasmine já estava transando, se ela tinha um namorado novo e se esse tal namorado era velho demais para ela. Eu odiava essas conversas; odiava carregar o fardo de problemas que eu não podia resolver. Toda vez que estávamos juntas, eu contava os minutos até poder ficar sozinha, e, no momento em que nos separávamos, eu era tomada pela culpa. Sempre queria correr de volta para minha mãe, me oferecer para passar a eternidade ao lado dela. Mas não queria fazer isso de verdade. Só queria sentir que era o tipo de filha que desejaria algo assim.

Certa vez, quando eu estava no último ano do fundamental, minha mãe me disse que tínhamos sorte de eu me sair tão bem na escola, porque, se dependesse do desempenho de Jasmine, meu pai teria se matado havia muito tempo. "Continue assim", dizia ela. Então era esse o tipo de relacionamento que nós tínhamos.

— Taiwan é um bom país — murmurou minha mãe, olhando ao redor do aeroporto. — Muito limpo, muito civilizado.

Eu não tinha percebido que era a primeira vez dela em Taiwan. Imaginei que meus pais estavam familiarizados com Taipei, mas que motivo eles teriam para vir até aqui? Não era a terra deles. Quando os dois voavam para casa, iam para a China continental.

— Por que a gente não se mudou para cá? — perguntei.

— Seu pai queria ir para os Estados Unidos.

— Não, quis dizer depois da guerra. — Meus avós não eram comunistas fervorosos. Não amavam Mao; sobreviveram a ele. — Por que vocês todos ficaram no continente?

— Porque seu avô é um patriota — disse minha mãe, como se isso explicasse tudo.

* * *

Os quiosques de lembrancinhas estavam começando a abrir. As grades de metal desapareceram, substituídas por luzes suaves e atendentes sorridentes com coques apertados e uniformes impecáveis. Latas com detalhes em relevo em vitrines

elegantes: bolinhos da lua, biscoitos de *nougat*, chá *oolong* e bolos de abacaxi em seis sabores diferentes. Minha mãe examinou cada prateleira com grande interesse. Um a um, ela me mostrava os itens e perguntava se eu os queria.

— Que tal um pente de madeira?

— Já tenho um.

— E esses bolos de abacaxi?

— Não gosto de bolo de abacaxi.

— Chá *oolong*? Esse *oolong* com rosas parece muito bom.

— Mãe, eu tenho mais um mês aqui. Posso tomar chá *oolong* na rua.

— Ah. — Ela devolveu a lata de chá ao lugar, e só então eu vi a expressão atordoada em seu rosto. Senti um aperto no peito. — É verdade.

Vagamos de um quiosque para o outro. Todos vendiam os mesmos produtos, mas nós tratávamos cada fachada nova como uma caixinha de surpresas, como se aquela lata de bolos de abacaxi pudesse ter os melhores bolos de abacaxi já vistos.

— E o curso? — perguntou minha mãe. — Estão te ensinando chinês?

— Sinto que meu chinês está melhorando bastante. — Percebi que tínhamos passado a manhã inteira falando em inglês, mas era tarde demais para mudar. — Também estamos aprendendo a fazer alusões clássicas. Tipo Confúcio.

Eu queria me exibir. Na aula de Pensamento e Sociedade, aos poucos fomos acumulando inúmeros dizeres dos *Analectos* que ainda eram citados com frequência no dia a dia. As palavras escaparam, antes de eu ter tempo de refletir sobre o significado. 父母在, 不遠遊. "Enquanto seus pais ainda estiverem vivos, não vá muito longe."

Minha mãe largou a lata de bolos de abacaxi e me encarou. Seus olhos estavam vermelhos. Sua mão tremeu, e, por um brevíssimo momento, achei que ela fosse me dar um tapa.

— Por que você disse isso?

— É só uma coisa que aprendemos. Desculpe, mãe… É só uma citação.

Ela balançou a cabeça, e parecia que estava falando mais com o ar do que comigo.

— Mas por que eles ensinam isso?

* * *

Subimos a escada rolante para mais uma praça de alimentação. Minha mãe não parava de perguntar se eu estava com fome. Era uma oferta de paz: eu tinha sido perdoada. Ela lia os nomes dos pratos nos cardápios como se fossem iguarias raras e impressionantes. Eu não queria mingau de arroz com pato? Arroz com frango de Hainan?

Eu cogitava aceitar a oferta sempre que ela perguntava, porque comer seria uma ótima forma de passar o tempo. Uma refeição dava estrutura. Você examinava o cardápio, pedia a comida, recebia o prato, comia aos poucos e depois pagava a conta. Juntando tudo, o processo poderia levar até uma hora, se comêssemos sem pressa. Toda vez que ela perguntava, eu me imaginava botando comida na boca, e meu estômago embrulhava. Não, eu dizia; não estava a fim, ainda não.

Seguimos em frente. A área de desembarque parecera tão enorme quando cheguei a Taiwan; todas as vitrines repletas de possibilidade, iguarias de um outro mundo. Depois de ter conhecido a cidade, estava claro que aquelas lojas eram apenas réplicas da vida real para ocupar sua atenção até que você seguisse em frente.

Eu tinha parado de olhar o relógio. Aquele era o meu mundo agora. Tinha vivido no Aeroporto Internacional de Taoyuan a vida toda. Os segundos se arrastavam, e eu tinha me resignado àquele espaço liminar, aquela sensação vazia de não ter nada pelo que esperar do futuro, mas nada para superar no passado. Era uma sensação purificadora. Penitência por não sentir o tipo certo de luto. Eu precisei escapar do tempo, da rotina e das expectativas e ver como era isso. Não havia forma no dia, apenas o silêncio e seu peso.

Caminhamos sem rumo. Seguimos por corredores só para ver aonde iam dar. Pegamos o elevador para o outro lado da área de lembrancinhas.

— Não dá para acessar a inspeção de segurança daqui — avisou um guarda.

Ele perguntou o que estávamos fazendo, e minha mãe disse que só estávamos dando uma volta. Ele pediu para ver o cartão de embarque. Então nos disse que tínhamos que voltar ao saguão principal, mesmo que as lojas estivessem abertas ao público. Eu quis discutir, mas minha mãe disse que estava tudo bem. Não tinha visto nada que quisesse comprar.

* * *

Decidimos ir até o mirante no quinto andar. Apesar de termos visto várias placas que indicavam sua existência, foi mais difícil encontrá-lo do que tínhamos imaginado. Não dava para chegar lá pelo terceiro e quarto andares. Tivemos que dar uma volta no primeiro andar e pegar uma série de escadas rolantes, depois atravessar uma série de portas que pareciam ser de entrada restrita, mas não eram. Enfim emergimos em uma varanda enorme com vista para as pistas de pouso.

Já havia cinco pessoas lá. Eram todos homens. Não pareciam se conhecer. Estavam sentados em bancos separados e usavam tipos diferentes de roupa. Um deles trajava um terno completo e óculos de sol. Outro vestia o que parecia ser um uniforme de manutenção e dormia encolhido no banco. Nenhum deles sequer olhou para nós. Só continuaram a contemplar o aeródromo.

Eu me perguntei quem seriam eles. Parecia um lugar estranho para esperar um voo, tão longe das praças de alimentação e portões de embarque. Talvez fossem viajantes frequentes. Talvez fossem a Tóquio a trabalho e voltassem para casa aos fins de semana; talvez já fossem calejados e soubessem o minuto exato em que tinham que descer para o embarque. Talvez não fossem viajar. Isso parecia mais provável. Nenhum deles tinha malas. Um deles, o rapaz que fumava na varanda, sequer usava camisa. Talvez todos trabalhassem no aeroporto em diferentes funções. Talvez estivessem no intervalo. Talvez só gostassem de aviões.

Um dos homens segurava uma câmera preta com uma lente de quase trinta centímetros, e toda vez que um avião decolava na pista ele a erguia e apertava o obturador uma dúzia de vezes até a aeronave estar em pleno voo.

Olhei para minha mãe. Ela tinha colocado os óculos de sol. Ficou sentada com os braços dobrados sobre o colo, os tornozelos cruzados. Estava imóvel, a boca relaxada. Pela primeira vez, não me senti pressionada a preencher o silêncio. Sem perguntas, sem lugares-comuns: apenas o clique ocasional da câmera e os roncos de aviões subindo e descendo. Ficamos ali sentadas por muito tempo, observando as decolagens.



5

Quando eu era criança, aprendi um truque para me abstrair das coisas ruins. Não importava se minha irmã estivesse ameaçando se enforcar, se meu pai estivesse ameaçando se enforcar, ou se todos estivessem gritando e quebrando coisas no andar de baixo. Eu determinava que nada daquilo poderia me afetar. Não tinha nada a ver comigo, e eu não poderia fazer nada a respeito, então não era real. Assim, se eu trancasse a porta do quarto e colocasse os fones de ouvido, podia fazer o resto da casa desaparecer e fingir que nada mais existia, que os baques abafados vindos lá de baixo eram alucinações e que o mundo inteiro se limitava às coisas dentro do meu quarto: a cama, a escrivaninha e meus livros. Eu ficava lá até que o perigo tivesse passado. Na faculdade, recebi a tarefa de ler passagens de *Meditações*, de Marco Aurélio, e aprendi que essa mentalidade se chamava "estoicismo". Não podemos controlar eventos externos, apenas a forma como reagimos a eles. As coisas só nos machucam na medida que permitimos.

Era importante manter a perspectiva. A perda era ruim porque tirava algo do seu mundo, correto? Certo, então fiz uma lista do que eu tinha perdido. Gonggong se fora. Minha mãe estava de luto. Isso era triste. Mas não estava faltando nada substancial na minha vida. Eu não tinha visto meu *gonggong* com muita frequência nos últimos anos. Não tinha planejado mudar isso no futuro. Na maior parte dos dias, ele não surgia na minha cabeça, então não era irracional lamentar um relacionamento que eu não tinha? O que eu tinha perdido, na verdade, era a ocasional chamada de vídeo de que eu nem gostava. Então, embora a morte dele fosse real do ponto de vista objetivo, havia um sentido subjetivo no qual ela não afetava muito minha vida. Então, se eu me esforçasse bastante, talvez não tivesse que passar pelo processo de luto. Talvez pudesse fingir que nada disso tinha acontecido e voltar a me concentrar nas aulas.

Porém, quando acordei na manhã seguinte, ainda sentia aquele peso terrível no corpo, e respirar ainda era doloroso.

Pensei em matar aula e ficar em casa pelo terceiro dia seguido. Avaliei as duas opções: o desconforto de passar horas sentada no curso, ou o desconforto de ficar sozinha em casa. Então recebi um e-mail avisando que minha presença era requisitada com urgência na secretaria. Isso bastou. Acima de qualquer coisa, eu odiava decepcionar autoridades.

— Olá, Lily. — A professora Xu, diretora do programa, me aguardava no escritório. Então eu soube que a situação era grave. — Como você está?

Ela apontou para uma cadeira à sua frente, então me sentei.

— Estou bem.

— O que você tem achado do programa até agora?

— Acho que é muito bom. — Era difícil olhá-la nos olhos. — Gosto de todas as minhas aulas.

— Fico feliz de ouvir isso. — A professora Xu se debruçou sobre a mesa. — Seus professores dizem que você está progredindo bem e que em geral é bem participativa nas aulas. No entanto, preciso frisar a política de frequência do curso. Até agora, você faltou três dias, sem comunicar a secretaria. Isso é inaceitável, Lily. Em primeiro lugar, é um desrespeito com seus professores. Se você faltar a mais aulas, vai correr o risco de reprovar no programa.

— Eu entendo.

Então eles haviam feito uma reunião para discutir se eu era ou não uma boa aluna, e, se não fosse, o que deveria ser feito a meu respeito. Isso nunca tinha acontecido comigo. Minha melhor qualidade era ser obediente. Nunca tinha sido um problema para ninguém, por qualquer motivo.

— Sei que é muito empolgante estar em uma cidade nova pela primeira vez — prosseguiu a professora Xu. — Você está longe de casa, tem bastante liberdade, e há muitas oportunidades divertidas. Talvez queira, por exemplo, passar o dia fora com seus colegas de classe. Mas insisto que você restrinja esses passeios aos fins de semana. Você está aqui com uma bolsa do governo, certo? Essas bolsas são destinadas a custear seus estudos. Não para… resorts.

Então os boatos sobre Beitou também tinham chegado aos ouvidos dela. Fiquei horrorizada. Precisava que a professora Xu entendesse que eu não era a pessoa que ela imaginava. Eu era uma garota chinesa boa e dedicada; fazia todo o meu dever de casa, assistia às aulas, não quebrava as regras e não ia a resorts de fontes termais para fazer coisas indecentes com pessoas do sexo oposto.

Mas eu *tinha* faltado a todas aquelas aulas. *Tinha* ido a Beitou com JC, entrado *nua* naquela banheira e bebido todo aquele *uísque* no bar com Andrew. Eu tinha me tornado outra pessoa em Taipei: uma garota má que não priorizava os estudos.

— Sinto muito mesmo por ter faltado à aula ontem. Meu avô faleceu.

— Ah. — A expressão da professora Xu se suavizou. — Entendi. Isso é… Sinto muito. Então você foi ao velório?

— Não, o funeral é em Guangzhou. Vai ser hoje, na verdade. Minha família está em Guangzhou. Mas minha mãe, ela…

Eu não sabia como dizer "escala". Fiquei confusa por um momento, e pronunciar cada palavra se tornou uma batalha, então tudo que consegui dizer foi mais ou menos "Ela veio aqui primeiro, e aí eu fui encontrar com ela, e depois ela foi para Guangzhou".

— Eu entendo. — Não dava para saber se a professora Xu acreditava ou me entendia, mas ela não reagiu da forma como eu havia esperado. — É muito triste saber disso, claro. Mas continua sendo uma falta injustificada.

* * *

Eu estava descobrindo que não dava para esperar muita compaixão por causa da morte de um avô. Meus outros professores reagiram da mesma forma quando eu lhes expliquei o motivo das faltas: disseram que sentiam muito, depois me lembraram do dever de casa atrasado. Fiquei decepcionada, depois me enchi de culpa por me sentir assim. Eu achava mesmo que todos seriam mais gentis comigo, dada a situação.

Tive a impressão de que avós não contavam. Irmãos contavam. Pais também. Estavam presentes na sua vida de um jeito que importava. Era possível receber muita compaixão dizendo às pessoas que sua mãe ou seu pai tinha morrido. Mas não era surpresa quando um avô ou uma avó morria. Avós eram definidos pela saúde debilitada, pela demência, pelas cirurgias de quadril e quimioterapia. A infância inteira era uma preparação para a morte dos seus avós. As pessoas entendiam quando a morte dos pais causava estragos por um ano, até por muitos anos. Perder os avós era triste, mas fazia parte de amadurecer. Era esperado que a pessoa seguisse em frente.

* * *

Em Literatura Taiwanesa Moderna, estávamos estudando uma série de histórias sobre a morte.

Tínhamos acabado de ler um conto experimental de ficção científica escrito por Bei Chuan. Tive que reler algumas vezes para entender a trama. O pai do protagonista tinha falecido havia pouco tempo, mas ele sempre o via ao utilizar a ferramenta Street View do Google Maps. No fim, ele consegue confrontar o fantasma do pai, que revela que o Google contrata fantasmas de recém-falecidos para fotografar locais distantes para seus aplicativos de navegação. Morto, o pai podia sair para explorar o mundo como nunca fizera em vida. Saber disso faz o personagem se sentir melhor com a morte do pai. Ele não se foi de verdade, afinal; só está explorando o polo Norte.

Shuya quis saber se o Google tinha patrocinado a história, e a professora Lin disse que não sabia.

A professora perguntou se algum de nós tinha perdido familiares ou se tínhamos histórias sobre luto que gostaríamos de compartilhar. Ficamos em silêncio por um momento.

— O avô de Lily faleceu há pouco tempo, claro — comentou a professora Lin.

Eu disse que não tinha nada de interessante para falar a respeito do assunto, e ela não insistiu.

Meijuan tentou:

— Meu pai morreu alguns anos atrás.

Um pai era coisa séria. Todos emitimos murmúrios solidários.

Meijuan prosseguiu. Tinha acontecido em Mianmar, no auge da pandemia. A família inteira tinha contraído Covid ao mesmo tempo. Ela e os irmãos tiveram casos bem leves, mas a febre dos pais não passava, e os níveis de saturação estavam baixos. Ela e a irmã tinham planejado levar os pais ao hospital. Naquela época, era difícil garantir uma internação hospitalar, mas as duas fizeram algumas ligações e, com a ajuda de amigos dos amigos, conseguiram dar um jeito. Elas reservaram um carro e tudo. Naquela manhã, enquanto as duas tomavam café, o pai as chamou pedindo um banho de esponja.

— No começo, nós o ignoramos — contou ela. — Quero dizer, também

estávamos cansadas, e no meio do café da manhã. Então primeiro terminamos de comer, e aí fomos ajudar. Ele estava coberto de suor. Estava sofrendo bastante. Mas ele estava daquele jeito fazia alguns dias, então achei que ainda tínhamos tempo. Aí, quando eu estava secando o pescoço dele, percebi que ele não estava respirando. E então me dei conta de que ele tinha acabado de morrer. Nos meus braços. Assim, de repente.

Meijuan fez um gesto para mostrar como tinha segurado o pai: como se ela fosse um noivo e o cadáver do pai fosse sua noiva.

Nenhum de nós disse nada, então Meijuan continuou a história. A pior parte foi organizar o funeral durante a quarentena. Ninguém podia viajar. O irmão mais novo, o único que não havia contraído Covid, teve que sair de casa e supervisionar a cremação. Todas as funerárias recusavam o atendimento se a causa da morte fosse Covid, então ele mentiu e disse que o pai tinha morrido em decorrência de um AVC.

— Por que ele teve que supervisionar a cremação? — quis saber Shuya.

— Para garantir que ele fosse cremado do jeito certo — explicou Meijuan. — Do contrário, eles poderiam só o descartar, ou até vender o corpo no mercado clandestino.

— Isso acontece bastante? — perguntei.

— Tem a ver com tráfico de órgãos? — indagou Shuya.

— Não sei — disse Meijuan. — Mas é melhor prevenir do que remediar.

— Foi difícil assistir? — perguntou a professora Lin.

— Não sei — repetiu Meijuan. — Meu irmão não contou. Ele estava bem quieto quando voltou para casa, mas depois nunca mais tocamos no assunto.

Pensei em outra amiga, da Índia, que tinha perdido o pai havia pouco tempo. Em seu vilarejo, era tradição que a família testemunhasse a cremação. Também perguntei a ela se tinha sido difícil ver o pai ser transformado em cinzas, e ela disse que não; na verdade, foi catártico, permitiu que ela reconhecesse que aquela casca terrena não era mais seu pai, que a alma dele tinha ido para outro lugar. Contei tudo isso em voz alta, porque queria treinar falar de “luto” e “catarse”. Mas empaquei na tentativa de explicar o que queria dizer com “catártico”, e meu aplicativo de dicionário parecia não reconhecer a palavra. A professora Lin também não entendeu muito bem, então tivemos que nos contentar com a frase que significava “soltar”, que também podia ser entendida como “libertação”.

Shuya perguntou a Meijuan se o irmão dela poderia ter sentido esse tipo de libertação.

— Sim, talvez — respondeu Meijuan. — Mas meu irmão não assistiu de fato à cremação. Ele só viu o corpo entrar na câmara.

A professora Lin disse a Meijuan que sentia muito pela perda dela.

— Está tudo bem — falou Meijuan, embora seus olhos estivessem vermelhos. — Já faz uns anos.

Ainda restavam quinze minutos de aula, mas nenhum de nós sabia o que dizer. Eu não tinha nada a oferecer em relação à morte de Gonggong. Não tinha estado lá; não podia dar detalhes de como *ele tinha acabado de pedir um banho de esponja*. Formulei uma frase na minha cabeça, mas não conseguia dizer em voz alta. Soava estúpida demais. Ele caiu. 倒. *Dǎo*. Uma palavra tão genérica. Eu não tinha o vocabulário necessário para exprimir a realidade dura e material do que tinha acontecido: um corpo frágil, um corrimão que não estava ali. Qualquer coisa podia *dǎo* no chão. Uma pilha de roupa suja. Água de um copo. Um bebê aprendendo a andar. Coisas tombavam o tempo todo, e era mesmo uma pena que meu *gonggong* tivesse morrido por isso.

Shuya nos contou que seus pais e avós ainda estavam vivos, então infelizmente não tinha com o que contribuir. Ele nos mostrou uma foto de uma reunião de família recente. Nós o parabenizamos por sua boa sorte.

— O marido da irmã do meu marido morreu alguns anos atrás — contou a professora Lin. — Ele teve câncer. Foi muito triste, porque ele tinha dois filhos pequenos, e tiveram que explicar a eles que o papai nunca mais iria voltar. Tiraram várias fotos dele antes de morrer. Foi fascinante, na verdade. Eles o fizeram posar em várias posições para que pudessem fazer montagens no Photoshop depois. Assim ele poderia ser inserido em eventos importantes, como formaturas, casamentos, esse tipo de coisa. Uma solução digital para o luto. Mais ou menos como no conto. — Ela nos mostrou uma foto no celular. — Vejam, aqui está ele, no cartão de Natal do ano passado. Não dá nem para perceber que ele não estava ali de verdade.

A professora Lin passou o celular pela classe. Admiramos a foto e concordamos: a montagem tinha ficado muito boa.

Ela disse que a história da semana seguinte abordaria o suicídio da irmã do autor, e era um pouco gráfica, então poderíamos pular essa parte se desejássemos.

Ela pediu desculpas por estarmos lendo tantas coisas melancólicas nas últimas aulas. Nós lhe dissemos que não tinha problema. Éramos fortes. Além disso, queríamos aprender todo o vocabulário relevante sobre suicídio. Esse era o objetivo das disciplinas eletivas. Você aprendia todo tipo de frase relacionada à complexidade da vida. Era importante aprender termos como "depressão clínica" e "queimador de carvão". Nunca se sabe quando poderiam ser úteis.

* * *

— Lily, oi! — A professora Sun estava digitando algo no teclado quando eu entrei na sala. — Vi que você tirou uma licença esta semana.

— Meu avô morreu. — As palavras saíram com mais naturalidade desta vez, depois de tanta prática. — Tive que ir encontrar minha mãe no aeroporto.

A expressão da professora se suavizou.

— Ah, Lily. Sinto muito mesmo. Mas você deveria dizer que ele *faleceu*.

Ela digitou os caracteres corretos na tela para que eu visse. 去世: "partir do mundo", no sentido literal. Ela colocou um X grande ao lado do termo que eu tinha usado: 死掉.

— "Faleceu" é muito mais digno — explicou. — "Morrer" é para animais.

Ela deve ter percebido minha expressão abalada, porque não me obrigou a repassar o vocabulário daquela semana. Em vez disso, estudamos algumas frases formais de condolências que eu poderia usar em funerais chineses, se a ocasião se apresentasse.

節哀順變: Contenha seu pesar e aceite a mudança.

節哀保重: Contenha seu pesar e se cuide.

請節哀: Por favor, contenha seu pesar.

— Essas frases são todas muito formais e elegantes — explicou a professora Sun. — Você pode dizer isso aos enlutados, e as pessoas vão ficar muito impressionadas!

Nenhuma delas parecia apropriada para enviar à minha mãe. Perguntei à professora se havia alguma frase que não tivesse a ver com contenção.

— Não, não, na verdade é um termo muito reconfortante — insistiu ela. — Acho que soa um pouco ríspido na tradução. Mas é uma expressão de gentileza. Demonstra sua preocupação.

* * *

Tudo correu bem no funeral, contou minha mãe no grupo da família. *O vovô era muito respeitado.*

Ela não entrou em detalhes nem mandou fotos. Meu pai reagiu com um sinal de positivo.

* * *

Quando voltei para casa, tirei a mochila e me deitei no chão. Fiquei de costas e encarei o teto por um tempo, refletindo sobre minha situação. Ainda teria cinco semanas em Taipei: uma eternidade. Ainda havia tantos eventos no cronograma do curso. Testes semanais. Mais quatro redações da disciplina Pensamento e Sociedade, mais quatro seminários, mais cinco textos em Literatura Taiwanesa Moderna e em Atualidades. Provas finais, uma apresentação. Uma cerimônia de formatura. Todas essas coisas não pareciam eventos reais. Pareciam obstáculos intransponíveis na pista asfaltada do tempo. Para alcançar a linha de chegada, eu teria que fazer todas essas coisas, e não conseguia fazer nenhuma delas porque mal conseguia ficar de pé.

Eu queria tanto ir para casa. Todas aquelas diferenças às quais eu pensava já ter me acostumado de repente pareciam insuportáveis: o calor, a chuva, as vielas estreitas, os mosquitos. Eu queria ver um estacionamento. Queria ver um filme sem legenda. Queria comer pizza, não uma "pizza de fruta" com pitaia e morango, uma pizza *de verdade*, com a massa fina e chamuscada e molho de tomate salgado. Mais do que qualquer coisa, eu queria estar no meu quarto, debaixo do meu cobertor, enfiando a cara na minha fronha acolchoada de bebê que tinha ficado tão fina que não podia mais ser lavada na máquina. Queria me sentar com o dever de casa todo espalhado pela mesa da sala de jantar em vez de ficar encolhida naquela mesinha de centro com os cotovelos nos joelhos, e, quando pensava em quanto tempo ainda me restava naquela cidade que não era

meu lar, sentia o pânico de uma criança perdida em um supermercado.

Comecei a fuçar o site da companhia aérea e, quando vi que antecipar meu voo na verdade seria mais econômico, senti uma onda momentânea e delirante de alívio.

Mas como eu explicaria minha decisão de desistir do curso? Não receberia créditos acadêmicos pelo programa. Talvez tivesse que devolver todo o dinheiro da bolsa, e, se eu largasse tudo, tinha quase certeza de que não receberia recursos caso decidisse vir de novo. Então, eu teria falhado na única coisa para a qual servia: estudar bastante e tirar boas notas.

* * *

Minha mãe perguntou se eu queria falar com Popo pelo WeChat. Quando a chamada começou, vi as três no sofá da sala de estar, como se estivessem posando para uma foto: Popo no meio, e minha mãe e A Zhu, a cuidadora, sentadas uma de cada lado.

— Oi, Li-Li! — exclamou A Zhu.

A Zhu era de Fujian. Eu mal conseguia entender tudo que ela dizia, porque falava mandarim com minha família, mas pronunciava as palavras como se desejasse que fossem algo diferente.

— Olá, Popo, como vai? — Palavras desajeitadas, palavras erradas, mas eu as disse mesmo assim. Eu me vi acenando e usando um tom agudo e animado, como teria feito quando era criança. — Estou em Taipei agora, praticando meu chinês. Estou com saudades.

Popo não esboçou nenhuma reação. Eu não sabia se ela tinha me escutado. Mesmo quando A Zhu gritou minhas palavras no ouvido de Popo, ela continuou impassível. Um longo momento se passou, e então Popo murmurou algo que não consegui entender. A cuidadora repetiu para minha mãe, que disse:

— É Li-Li. Li-Li, lembra?

Popo fitou os próprios joelhos.

Minha mãe falou, desta vez mais alto:

— Li-Li, sua neta. Minha filha. Número dois, lembra?

Popo fez um som que parecia *hãã*, o que poderia ser concordância ou apenas desconforto. Eu me perguntei quando, e como, poderíamos encerrar aquela

ligação.

— Li-Li tem algumas perguntas para a senhora — prosseguiu minha mãe. — Ela quer saber mais sobre a sua vida, não é divertido?

Popo fez aquele som outra vez. Todas pareceram interpretar isso como um sim.

— Vá em frente — incentivou minha mãe, olhando para mim. — O que você quer perguntar para ela?

Tudo. Tudo era uma lacuna vergonhosa para mim. Eu queria saber sobre a infância de Popo, a família dela, como era a vida no lugar de onde ela tinha vindo. Como tinha sido viver durante a guerra — as guerras. Como ela e Gonggong tinham se conhecido e como foi construir uma família durante as turbulências do regime comunista, a Grande Fome, a Revolução Cultural, a morte de Mao. Mas eu não sabia o quanto Popo aguentaria. Então perguntei apenas:

— Como a senhora conheceu Gonggong?

Aquele mesmo ciclo outra vez: A Zhu repetindo minhas palavras aos gritos, depois minha mãe, e então por fim um lampejo de vida de Popo.

Ela não deu a resposta de uma só vez. Popo parecia ter perdido a habilidade de usar frases completas. Em vez disso, balbuciava palavras soltas, às vezes ligadas, às vezes pensamentos desconexos. Após vários minutos dolorosos, o que eu entendi foi o seguinte:

— Ele era mais velho, e eu era mais nova.

"No começo, ele só observava. Eu.

"Ele estava me observando.

"Cuidando de mim.

"Ele sempre cuidava de mim."

— Entendi — disse minha mãe.

A Zhu disse algo à minha mãe, que repassou para mim:

— Lily, acho que Popo precisa descansar agora.

Fingi não ficar aliviada.

— Tudo bem.

— Diga "tchau". — A Zhu levantou a mão de Popo e a fez acenar. — Tchau, Li-Li! Vamos conversar de novo em breve!

— Popo, 我想你 — falei. Literalmente, *estou pensando em você*, "eu" +

“pensar” + “você”, mas em chinês isso tinha um peso maior. 想 tinha tantas nuances. Sinto saudade de você, quero você, desejo você, queria que você estivesse aqui. — Popo, sinto muita saudade de você.

Ela continuou olhando para o nada como se não tivesse escutado.

A cuidadora devolveu o celular para minha mãe. Ela virou a câmera para o próprio rosto enquanto ia para outro cômodo. Estava com olheiras fundas. Os fios grisalhos ao redor das têmporas pareciam mais pronunciados do que antes.

— Desculpe por isso — disse ela. — Popo sabe quem você é, ela só está muito confusa esses dias.

— Tudo bem — respondi. — Como ela está?

— Ela vive perguntando onde ele está.

— Você contou para ela que ele faleceu?

— Sim. Muitas vezes.

— Acha que ela vai entender em algum momento?

— Não sei. — Minha mãe balançou a cabeça. — Sendo bem sincera, acho que deveríamos parar de tocar no assunto. Tenho medo de ela decidir não acordar.

* * *

Na segunda-feira, tive uma crise na aula de Pensamento e Sociedade.

O material naquele dia não era tão difícil. Nossa leitura discutia se os eleitores taiwaneses deveriam ter o direito de remover autoridades corruptas do cargo por meio de um processo especial. Eu tinha estudado a lista de vocabulário na véspera e me sentia confiante: *partido político*, *voto*, *direito*, *autoridade*. Todos os ideogramas eram fáceis e reconhecíveis. Mas esse era o problema. Eram caracteres fáceis porque eram abstratos e tinham um milhão de usos diferentes, então ficava muito difícil falar sobre eles num sentido específico.

Eu precisava elaborar uma frase sobre as obrigações das autoridades eleitas para com seus eleitores. Sabia as palavras relevantes, mas não sabia como encaixá-las em uma frase. Usei todas as construções que conhecia até que a frase saiu prolixa e idiota, uma oração cheia de voltas que eu não sabia como concluir.

— Então os cidadãos, porque eles querem ter a habilidade de interrogar as autoridades, tendem a… — Parei. Minha mente ficou em branco. Eu não sabia o

que queria dizer nem como dizer. — Eles…

A professora Cai me observou, esperando. Desejei que ela desse continuidade à aula, mas não era assim que ela conduzia as coisas. Sempre deixava um silêncio se estender. Não era cruel. Era uma boa pedagogia, parte da abordagem filosófica do curso. Muitos falantes de herança ficavam estagnados no nível iniciante porque evitavam construções difíceis em conversas cotidianas. Não gostávamos de pausas constrangedoras, não gostávamos de ter dificuldade para falar, então nos mantínhamos no território fácil e seguro da estrutura sujeito-verbo-objeto. *Eu como uma maçã. Eu faço o dever de casa*. Porém, para nos forçarmos a usar orações mais complexas, tínhamos que chafurdar nos silêncios longos e frustrantes. Então ninguém na aula achou estranho, ou mesmo desconfortável, eu não conseguir botar a frase para fora. Isso acontecia o tempo todo.

A professora Cai insistiu.

— Os cidadãos tendem a quê?

Eu nunca tinha sentido aquele vazio antes. Estava acostumada a ter raciocínio rápido. Sempre sabia a resposta. O significado tinha que fluir com facilidade para mim, porque eu era uma ótima aluna. Mas as palavras não vinham. Não era como na minha segunda semana de aula, quando eu empacava com frequência porque meu cérebro estava formando conexões novas e apagando hábitos ruins. Um muro havia se erguido na minha mente. Eu estava apartada da língua, além de qualquer comunicação.

Eu não sei, tentei dizer. Mas abri a boca e percebi que também não tinha as palavras para isso.

O silêncio se prolongou. A professora Cai inclinou a cabeça. Não senti malícia nenhuma vindo dela. Não era um castigo. Ela estava decidindo até onde eu aguentaria. Mas, por fim, deve ter percebido que não havia esperança, porque se voltou para Shanhong e não me chamou de novo pelo resto da aula.

Os singapurianos mantiveram os olhos fixos nos cadernos. Shanhong me lançou um sorriso de compaixão.

Quando a aula acabou, fui até a mesa da professora Cai. Tinha que pedir desculpas por esse deslize. Queria que soubesse que eu ainda gostava dela, que estava me esforçando, que eu era a boa filha imigrante que ela esperava que eu fosse.

Mas como eu poderia explicar aquele sentimento sufocante? Era tudo tão

inútil. Eu não conseguia falar chinês e àquela altura estava claro que nunca iria aprender. Estaria sempre lutando para encontrar as palavras certas, repuxando a língua com os tons incorretos, e não importava mesmo, porque meu chinês não servia para nada, eu não morava ali e jamais moraria ali, e não tinha família ali, e não importava se eu era capaz de conversar fluentemente sobre a política municipal de Taipei, porque não votava ali, e Taipei não tinha nada a ver comigo, então a quem estávamos tentando enganar? De que adiantava tudo isso?

— Sinto muito, professora. Não vai se repetir.

Foi tudo que eu consegui dizer.

A professora Cai me lançou um olhar desconfiado. Ela ainda achava que meu problema eram as aulas perdidas, que eu era uma vadia delinquente.

— Só revise a lista de vocabulário da próxima vez — orientou. — Não é bom faltar a muitas aulas, ok?

* * *

Estoicismo, lembrei a mim mesma. Estoicismo.

Meu *gonggong* tinha partido, e eu odiava Taipei e não tinha amigos, mas nada disso deveria me incomodar, porque eu não estava lá para ser feliz, estava lá para *aprender*, minha universidade tinha bancado aquela viagem, e era nisso que eu me concentraria nas semanas seguintes: manter a cabeça baixa e fazer o dever de casa. Encontrar refúgio nas vielas do eu, disse Marco Aurélio. Escolha não ser machucado, e não se sentirá machucado. Não se sinta machucado, e não será.

Não deu certo.

Eu não era resiliente o bastante. Não importava que nada tivesse mudado nos meus dias. Eu ainda sentia como se tivesse perdido o chão, e não conseguia tirar o gosto de cinzas da boca, e quando olhava para meus livros didáticos não sentia o menor interesse em me dedicar a seu conteúdo, porque não conseguia ver sentido em nada. Tudo em que conseguia pensar era que meu *gonggong* não estava mais vivo, e eu nem tinha lembranças para acalentar, e tudo isso era culpa minha.

* * *

Quando cheguei da aula, meus joelhos cederam, e comecei a chorar antes mesmo de atingir o chão.

Eu não conseguia parar de chorar naqueles dias. Chorava todas as noites antes de dormir. Chorava em momentos aleatórios durante o dia. Chorava um pouquinho de manhã antes de sair de casa para a aula. Não era a frequência que me surpreendia, mas o ataque repentino daquelas crises de choro. Elas vinham sem aviso; uma simples fungada escalava para um pranto convulsivo em questão de segundos. Não importava o que eu estava fazendo ou no que estava pensando. Eu não tinha a menor escolha. Poderia só estar no meio do dever de casa ou no ponto de ônibus a caminho de casa, e aí lembrava que Gonggong tinha morrido, e meus pensamentos seguiam o mesmo padrão idiota. Não, ele não estava morto. Como poderia estar? Mas ele estava morto mesmo, e isso era irreversível. Eu jamais o veria de novo, e nada que eu fizesse mudaria isso. Eu refletia sobre esses fatos básicos, e aí as lágrimas começavam a se acumular nos meus olhos.

Eu sabia que não podia fazer nada para impedir as crises. Na verdade, passei a apreciar a inevitabilidade do processo. Já estava familiarizada com todos os estágios: o começo, quando meus olhos ficavam bem quentes e ardiam sob as pálpebras e parecia que uma torneira havia sido ligada atrás do meu nariz. O acúmulo, os soluços e os arquejos breves e desesperados. O ápice, a parte dolorosa, quando os soluços beiravam uma convulsão e eu não conseguia respirar e minhas costelas doíam muito. Eu sempre acabava no chão, porque ficar ereta fazia meu tronco latejar. Não conseguia me lembrar de já ter chorado tanto na vida. Nunca tinha sentido toda aquela pressão dentro de mim sem ter para onde ir. Àquela altura, o choro tinha se tornado independente de qualquer coisa que eu estivesse pensando ou sentindo, e minha mente vagava a esmo enquanto meu corpo enfrentava crises e mais crises de espasmos involuntários. Fiquei fascinada pelos fonemas do meu choro, a forma como meus soluços quase chegavam a formar sílabas inteligíveis, mas só quase.

Qual era a função linguística do meu pranto? Se os bebês choravam para chamar atenção, então por que os adultos choravam quando estavam sozinhos? O que eu estava tentando comunicar, e para quem?

Por fim, os soluços davam trégua, mas então meu nariz entupia, e eu sempre sentia um breve pânico quando não conseguia respirar. Eu era uma chorona nojenta. Coisas vazavam de todos os orifícios: lágrimas, muco, catarro. Eu não

conseguia mais respirar pelo nariz; precisava puxar o ar pela boca e depois soprá-lo em um lenço. A princípio, minhas cavidades nasais estavam tão entupidas que soprar só me dava dor de cabeça. Às vezes, meus ouvidos estalavam. Mas, se eu insistisse em soprar, o catarro começava a sair em grumos enormes e satisfatórios, e aí minhas vias aéreas se abriam.

Depois, vinha uma sensação de leveza e vazio. Eu ficava sentada, imóvel, apenas respirando. Me sentia oca. Como se uma colher tivesse retirado tudo de molhado e sujo de dentro de mim e me deixado vazia, atordoada, limpa.

Não era uma sensação ruim. Talvez essa fosse uma das funções do choro: expurgar a capacidade de sofrer, mesmo que só por um instante. Era o único momento em que eu não sentia aquele peso no peito. Eu não me sentia bem, mas não sentia nada. Ao menos, por alguns minutos depois do choro, eu não me sentia mal.

* * *

Poucos dias depois, minha mãe me mandou um vídeo de Popo.

Ela parecia sofrer muito por estar na frente da câmera. Seu rosto estava franzido numa careta de desconforto. Eu nunca sabia dizer se idosos estavam com dor ou se ficavam com o rosto contraído daquele jeito mesmo quando estavam em paz. Mas não parecia mesmo que Popo estava curtindo aquilo.

Abri o vídeo. Popo estava sentada, encarando o vazio. Então vinha a voz de minha mãe:

— Popo! Popo. Diga oi a Li-Li. Diga a Li-Li que a ama.

— Li-Li, ah. — A expressão de Popo não mudou. Na verdade, os cantos de sua boca afundaram ainda mais. Ela repetiu, sem entonação: — Olá, Li-Li. Amo você.

Isso era algo que Popo jamais diria, porque ela não falava desse jeito. Popo perguntava como estávamos indo na escola, comentava se tínhamos ficado mais altas e nos lembrava de comer direitinho e fazer exercícios. Era assim que Popo demonstrava seu amor. Ela só estava falando daquele jeito porque minha mãe estava lhe dando instruções atrás da câmera, para dizer as palavras exatas que achava que eu queria ouvir. Mesmo assim, salvei o vídeo e o assisti sem parar até cair no sono.

* * *

Eu sentia falta de Anna.

Ainda estava brava com ela pelos mesmos motivos, mas não tinha imaginado o quanto sentiria falta de sua presença física. Desejava que ela preenchesse seu canto do apartamento outra vez, com manchas de gordura e tudo. Sentia falta de cair no sono com o som de sua respiração suave e regular. Sentia falta do ronco de porquinho. Seu ronco não era irritante, estava mais para absurdo, grunhidinhos fofos que sempre começavam por volta das duas ou três da madrugada. Às vezes eles me acordavam, mas eu não me incomodava. Anna era muito insegura com seu ronco, mesmo dormindo. Se eu pigarreasse, ou até mesmo me mexesse na cama, ela sempre parava.

Mas o apartamento estava silencioso em sua ausência, e não havia nada tão assustador quanto as noites em que o sono não vinha e a escuridão era tão vasta quanto minha imaginação, quando eu tinha que preencher o vazio com tudo o que já tinha feito de errado.

* * *

Perguntei à minha mãe se poderíamos conversar no telefone sobre a história da nossa família. Ela me perguntou por onde eu queria começar.

— Quais eram os nomes de todos? — indaguei.

Eu não sabia os nomes de nenhum dos meus parentes distantes. Não tinha motivo para saber. Nós nunca os usávamos. Para mim, eles eram apenas Gonggong, Yeye, Nainai, Popo, Dayi, Eryi, e assim por diante. Na maioria das famílias chinesas, você se referia às pessoas de acordo com seu parentesco com elas. Não era necessário distinguir entre uma ou outra tia pelo nome; só as chamava de Primeira Tia e Segunda Tia, dependendo da idade. Dayi, Eryi. E Dayizhang e Eryizhang para se referir aos maridos, e assim por diante. Mas isso era tão vergonhoso. Eu não podia procurar ninguém num registro familiar. Não podia sequer encontrar seus obituários.

Minha mãe listou os nomes de todos os parentes próximos. Eu repetia cada um à medida que ela os dizia, mas eles fugiam da minha mente quase de imediato. Perguntei a ela se poderia me enviar uma lista por mensagem, para que

eu pudesse ver quais eram os caracteres usados, e ela me prometeu que faria isso.

Eu queria documentar tudo sobre todos. Em que ano tinham nascido? Onde estudaram? Quando começaram no primeiro emprego? Quando se mudaram para Guangzhou? Eu não conseguia acreditar que nunca tinha me dado ao trabalho de descobrir essas coisas. As outras pessoas sabiam essas coisas sobre os próprios avós? Eu era a única que andava vivendo no escuro?

Minha mãe disse que não sabia todas as respostas de cabeça, mas que as enviaria para mim mais tarde, se fosse assim tão importante.

— O que mais você quer saber?

Tudo. Eu não tinha nem os contornos da história, muito menos uma linha de questionamento.

— A gente poderia começar do começo. Então, sobre Gonggong… A família dele sempre viveu em Guangzhou?

— Na verdade, não — contou minha mãe. — Ele cresceu no Camboja.

— *Camboja?*

— Isso.

— Então na verdade ele é cambojano?

— Sim. Bem, ele também é chinês. Ele era de uma família de comerciantes chineses que vivia no Camboja. Havia muitos chineses morando no exterior naquela época. Eles iam a todo lugar: Vietnã, Indonésia, Malásia, todo o Sudeste Asiático.

— E como ele foi parar na China?

— Os pais dele o mandaram de volta. Queriam que ele contribuísse com o próprio país. Então o mandaram para a escola, e esperavam que ele trabalhasse para o governo quando crescesse.

— Muitos chineses faziam isso?

— Os que viviam no exterior, sim. Eles estavam morando no Camboja, mas sua lealdade pertencia à China. Então, quando pareceu que a China poderia se tornar uma república moderna, depois da queda da dinastia Qing, eles enviaram o filho mais velho de volta para ajudar a construir uma nova nação. Havia muitos sonhos naquela época, sabe. Seu avô tinha catorze anos. Eles o mandaram para se juntar às corporações juvenis Nacionalistas, e depois era para ele cursar direito. É muito triste.

Eu ainda estava tentando assimilar a ideia de Gonggong ter atravessado o

Sudeste Asiático aos catorze anos para ajudar a construir uma nação que ele não conhecia. Nessa idade, eu estava vendo *Riverdale* e chorando porque meu parceiro bonitinho de laboratório na escola não gostava de mim.

— O que é muito triste?

— É que isso significava que ele teria que viver longe de casa, e aí, depois que os comunistas tomaram o poder, ele nunca mais viu a família.

— Por que não?

— Por causa de Pol Pot — explicou minha mãe, como se eu fosse burra. — Você sabe o que foi o Khmer Vermelho?

Entendi a referência. Tinha aprendido sobre o genocídio cambojano no ensino médio. Sabia alguns detalhes muito vagos sobre Pol Pot, o Khmer Vermelho e os revolucionários camponeses que levaram foices para o interior. O que eu não entendia era o que isso tinha a ver com meu avô.

— Calma. — Eu ainda estava tentando me situar no enredo. — Então você está dizendo… que os pais de Gonggong foram alvo do Khmer Vermelho? Eles foram assassinados?

— Eles eram pessoas com educação formal, certo? E o Khmer Vermelho odiava pessoas instruídas.

— Eles eram donos de terras?

Minha mãe bufou.

— Lily, eram os comunistas. Eles não eram donos de terras. Não foram mortos por motivos políticos. Não houve nenhuma lógica naquilo. O Khmer Vermelho fez todos na cidade deles abandonarem suas casas e saírem em marcha…

— Uma marcha para onde?

— Para lugar nenhum. Não sei. Não importa. Eles só ficaram marchando, a marcha era o objetivo. E aí seu *gonggong* nunca mais teve notícias da família.

— Como assim?

— Ele não conseguiu mais informações, só isso.

— Então eles morreram?

— Acredito que sim.

— Como assim, você *acredita* que sim?

Eu não conseguia entender por que ela estava sendo tão vaga. Sentia que estava fazendo perguntas bem simples, e que ela estava sendo reticente para me

contrariar, porque quem em sã consciência apenas *acreditaria* que seus familiares poderiam ou não ter morrido?

— Não sei — respondeu ela. — Devem ter morrido. Porque seu *gonggong* nunca mais teve notícias deles.

— Ele chegou a voltar ao Camboja?

— Não, não conseguiu. As fronteiras estavam fechadas naquela época, lembra? Era muito difícil sair.

— Então como ele poderia ter certeza?

— Lily. — Minha mãe parecia exasperada. — Como ele teria descoberto?

— Mas como a gente pode não *saber*?

Eu queria uma confirmação. Queria *fatos*. Precisava que aquela história fizesse sentido: as nuances detalhadas, as datas de morte exatas, os corpos identificados e enterrados.

— Tenha dó, Lily. Não foi como uma reserva para jantar em um restaurante, está bem? Não era como se todos tivessem um lugar na fila, e nós tivéssemos os números de telefone de todos, listas de restrições alimentares e faturas de cartão de crédito e tudo o mais. Não havia documentação. A coisa apenas aconteceu, e nós nunca mais os vimos desde então, por isso sabemos que eles estão mortos.

— Eu nunca tinha ouvido essa história. — As palavras saíram mais acusatórias do que eu pretendia, embora eu de fato sentisse que alguém era culpado de algo. — Você nunca falou com a gente sobre isso.

— Bem…

Minha mãe murmurou alguma coisa. Não consegui decifrar seu tom. Ela parecia muito distante, como se fôssemos completas desconhecidas, e então eu soube que tinha feito algo errado, mas não conseguia entender o quê.

— Não é uma coisa muito feliz para se falar — acrescentou.

* * *

Durante a noite, fiquei encolhida no sofá no escuro e apresentei minhas dúvidas para a internet.

Por que o Khmer Vermelho perseguiu os chineses?

Porque os chineses eram imigrantes forasteiros, pessoas da cidade, da classe errada, e tinham roubado a terra e as riquezas dos nativos khmer.

Isso era verdade?

Era complicado. Se bem que o Khmer Vermelho também perseguiu os chams, os vietnamitas e os nativos khmer. Então era difícil argumentar que os chineses haviam sido discriminados etnicamente para o extermínio.

Quantas pessoas morreram?

Até três milhões de pessoas. Jamais saberíamos com certeza. Os detalhes eram mais qualitativos do que quantitativos. Havia tantas fotos. Pilhas de crânios, campos de extermínio, covas coletivas. Fotografias dos campos de concentração. Dossiês carimbados de vermelho: prisioneiros políticos marcados para execução.

Rolei a tela por uma sucessão interminável de fotos até não conseguir mais processar o que estava olhando. Não conseguia assimilar a ideia de que aquilo tinha acontecido com minha família, que aquele capítulo da história, que nunca foi abordado a fundo durante meus anos de ensino médio ou na faculdade, estava relacionado a mim de alguma forma.

Continuei a ler, tentando absorver os detalhes.

Eles mataram vinte e cinco por cento da população. Uma em quatro pessoas. Enviaram milhares a campos de trabalho forçado, campos de concentração e prisões políticas. Mataram pessoas por desafiarem o regime. Por semearem a discórdia. Por implorarem por comida. Mataram pessoas por adoecerem. Para atingir as cotas de execução. Em alguns casos, mataram pessoas sem motivo algum, só por diversão, porque a lâmina já estava em movimento, então que achasse algo para cortar. E teriam continuado, talvez nunca tivessem parado, só que atravessaram a fronteira e massacraram um vilarejo no Vietnã. Forçaram os moradores a se refugiarem em templos e dispararam contra eles; depois os forçaram a se refugiar em cavernas nas montanhas, então os rastrearam com cachorros e lançaram granadas nas entradas das cavernas. Os vietnamitas disseram não, basta disso, e invadiram o Camboja, e instalaram um governo fantoche. E esse foi o único motivo para o genocídio ter terminado.

Qual era o sentido? Essa era minha dúvida. Executar inimigos políticos era uma coisa. Mas o que aquele massacre gratuito e sem nexo possibilitara? O que estavam tentando construir?

Perguntei à internet: qual foi o propósito do genocídio?

A internet respondeu: o Khmer Vermelho queria transformar o país em uma utopia agrária sem classes sociais.

Por que isso exigiu matar um quarto da população?

Para livrar o país do pensamento reacionário.

Por que o Ocidente não fez nada para ajudar?

Porque o Ocidente não sabia. Porque o Ocidente não estava olhando. Porque os esquerdistas do Ocidente, as únicas pessoas que poderiam ter encontrado o Camboja num mapa, achavam que o Khmer Vermelho estava conduzindo uma revolução gloriosa, e estavam torcendo por ela.

* * *

Pesquisei imagens recentes do Camboja. A maioria dos resultados da busca eram fotografias de Phnom Penh, que se parecia com qualquer outra cidade asiática moderna: ruas de comércio movimentadas, um arranha-céu semelhante a uma barbatana, um templo iluminado à noite. Anúncios turísticos em cores supersaturadas prometiam que o Camboja era um lugar muito seguro e muito agradável de se visitar. Gorjetas eram bem-vindas, mas não obrigatórias. O ingresso para o museu dos campos de extermínio custava seis dólares. A melhor forma de se locomover era de tuk-tuk.

Eu tinha uma vaga lembrança de que o Camboja era um país budista e que o complexo de templos Angkor Wat era uma das maravilhas do mundo antigo. Pesquisei fotos de Angkor Wat: sim, era mesmo muito grandioso, cheio de templos em formato de pinhas, com muitos rostos de Buda esculpidos em pedra. Eu não sabia de mais nada sobre o Camboja. A única pessoa que eu conhecia que já tinha visitado o Camboja era Yuxiu, da minha turma. Na verdade, minha única impressão era de que o país tinha alguns vilarejos tão pobres que precisavam que estudantes do ensino médio de Singapura lhes construíssem casas e de que lá era necessário dançar em um campo de tijolos para cagar.

* * *

No dia seguinte, não saí do prédio na hora do almoço. Estava preocupada com o treinamento para ataque aéreo. Tínhamos recebido por e-mail um lembrete da secretaria no começo da manhã, que dizia:

今天下午1:30-2:30將舉行北部地區的萬安演習，請下午有課的同學在1:30前回到校園。

O treinamento anual Wan An para ataque aéreo será realizado das 13h30 às 14h30 de hoje. Se você tiver aula no período da tarde, por favor, retorne para o departamento antes das 13h30.

演習期間會出現防空警報聲音；請若你待在戶外，請配合相關人員引導就近避難。

Sirenes vão soar no início do treinamento. Se você estiver do lado de fora nesse horário, por favor, siga as orientações da polícia para encontrar um abrigo nas proximidades.

Eu não sabia onde ficava o abrigo mais próximo e não queria ser pega do lado de fora comendo macarrão quando chegasse a hora, então preferi ficar dentro do prédio. Não tinha nenhuma prova disso, mas imaginava que os abrigos públicos eram como os abrigos antibomba de Londres durante a Segunda Guerra Mundial: lugares escuros e fechados por tijolos, sem banheiros. Quando o treinamento acontecesse, eu queria ter acesso a um banheiro.

Fiquei de olho no relógio. Uma e vinte e nove. Uma e trinta. O e-mail não deu detalhes sobre a logística do treinamento, mas imaginei que um ataque aéreo decerto envolveria um alarme ensurdecedor. Mas não ouvi nada, apenas as mesmas vozes abafadas atrás das portas; páginas folheadas; rabiscos de caneta, caracteres copiados laboriosamente.

Os minutos foram passando. Mesmo assim, nada aconteceu. Pensei em sair para almoçar, mas estava com medo de que o ataque aéreo ainda pudesse começar a qualquer momento. E se o timing não fosse preciso? E se 13h30 fosse apenas o início do período estipulado? Fiquei de pé para espiar o lado de fora. Estudantes caminhavam pela rua como se fosse um dia qualquer. A atmosfera estava silenciosa. Eu me sentia insana. Era igualzinho à manhã do terremoto, ninguém havia percebido nada, exceto eu.

Será que eu tinha sido idiota por fazer tanto estardalhaço? Talvez fosse minha ingenuidade estadunidense dando as caras de novo. Talvez, por nunca ter vivido

sob o medo de uma invasão, eu estivesse em pânico por conta de uma ameaça que ninguém ali levava a sério. Mas eu tinha pesquisado sobre o treinamento na internet, e parecia ser uma coisa bem séria. A ameaça de uma invasão chinesa estava sempre à espreita. Ministros da Defesa viviam anunciando a data provável da invasão, mudando de 2025 para 2027 quando ela não acontecia, mas sempre dentro dos próximos três ou quatro anos; exercícios militares se intensificavam perto da costa; pipocavam notícias de navios petroleiros e metralhadoras. Era real. Taiwan estava se preparando para *alguma coisa*.

Pensei nos treinamentos que considerávamos normais nos Estados Unidos: os de incêndio, os de tornado, os para ataques de atiradores em escolas. Esses últimos eram os piores, já que as instruções viviam mudando. Primeiro, era para se esconder longe das janelas. Depois, para fazer barricadas nas portas. Depois, era para escapar pelas janelas. As diretrizes mais recentes eram "corra, se esconda e lute". Mas nada que fazíamos nos Estados Unidos chegava perto de nos preparar para uma guerra de verdade, para a ocupação e devastação de nossa terra natal.

— Lily! — Era a professora Sun; a sala dela era bem ao lado do laboratório de informática. — Por que não foi almoçar?

— Pensei que teria um treinamento de ataque aéreo — respondi. — Não queria ser pega desprevenida lá fora.

— Um o quê?

Dei uma olhada no e-mail, só para ter certeza de que tinha pronunciado as palavras do jeito certo.

— O treinamento de ataque aéreo?

— O *treinamento de ataque aéreo*! — A professora Sun riu. — Isso era hoje?

— É, eles mandaram um comunicado.

— Ah, não se preocupe com isso!

Ela foi embora antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa. Olhei para a tela, atordoada. Estava tão tonta de fome que os caracteres nadavam feito rabiscos diante de mim, ininteligíveis. Ainda não sabia se tinha permissão para sair do prédio. Quanto mais tempo eu passava ali, mais confusa ficava.

* * *

Skipper me abordou no corredor.

— Fiquei sabendo que seu avô faleceu.

— Ah. — Eu não falava com ele desde a viagem para Beitou. — É, faleceu.

— Sinto muito pela sua perda.

Ele usou a mesma frase de condolências que eu tinha aprendido com a professora Sun. Fiquei impressionada. Nunca tínhamos conversado direito em chinês. Mas Tingting tinha razão: o chinês dele era *mesmo* muito bom.

— Tinha strippers no enterro? — perguntou Skipper.

— Oi?

Ele explicou que, segundo Tingting, às vezes os taiwaneses gostavam de contratar strippers para os funerais, literalmente garotas seminuas rebolando em cima dos carros. O objetivo era atrair uma multidão, porque às vezes era importante para os budistas que uma multidão imensa e alvoroçada acompanhasse a partida do morto para o submundo. 熱鬧 foi a frase que Skipper usou: "quente e barulhenta".

— Acho que não foi esse tipo de funeral. — Eu estava tentando decidir se deveria ficar ofendida. — E acho que meu *gonggong* não teria aprovado a presença de strippers.

— É, eu imaginei. — Skipper coçou a nuca. — Desculpe, acho que eu só estava tentando ser engraçado.

Senti uma pressão aguda atrás dos olhos. Eu o abracei antes que começasse a chorar. Skipper ficou imóvel nos meus braços, depois ergueu uma mão e me deu tapinhas nas costas.

* * *

Para a aula de Literatura Taiwanesa Moderna, eu tive que escrever uma redação de quinhentos caracteres sobre uma experiência pessoal com suicídio. Eu não precisava escrever sobre meu próprio suicídio, óbvio. Amigos, familiares ou até relatos fictícios eram válidos. Ideação suicida ou tentativas de suicídio também valiam. Ninguém precisava ter morrido de fato. Só tínhamos que praticar o uso das seguintes frases:

自殺: suicídio

尋短見: buscar uma solução de curto prazo; eufemisticamente, cometer suicídio

愁悶: deprimido, abatido

Por sorte, eu tinha bastante material para usar. Por quinze minutos, com bastante ajuda do dicionário, eu digitei: "Minha irmã mais velha, Jasmine, certa vez ficou deprimida e abatida e tentou buscar uma solução de curto prazo dando fim à própria vida. Felizmente, ela não teve sucesso."

Para o termo "sucesso", eu usei 成功: o mesmo que usaria no contexto de tirar boas notas ou atingir uma meta pessoal, então, quando traduzida, a frase tinha mais o sentido de "Ela não alcançou sua ambição de se matar". Eu não sabia se isso era apropriado, mas não conhecia um termo melhor.

Tinha acontecido havia muitos anos, durante o que nossa família passara a chamar de "a fase difícil" de Jasmine. Usávamos a palavra "difícil" porque nenhum dos meus pais tinha o vocabulário ou mesmo o entendimento conceitual de "depressão clínica". Tudo começou quando meus pais perceberam que já tinha passado da meia-noite, que o carro da família não estava na garagem e que ninguém tinha notícias de Jasmine havia horas. Meus pais falaram com alguns dos amigos de Jasmine, e a história foi surgindo aos poucos. Jasmine andava ameaçando se matar. Jasmine tinha deixado um bilhete com alguém, em algum lugar, embora essa pessoa agora estivesse inalcançável, e ninguém se lembrava do que o bilhete dizia. Ao que parecia, existiam prints de mensagens incriminatórias, mas não podíamos ler. Jasmine tinha pedido a uma amiga que lhe arranjasse remédio para dormir, e, embora ninguém tivesse feito isso, não pensaram em alertar meus pais. Eu sempre odiei os amigos de Jasmine: adolescentes rabugentos de cabelo oleoso com roupas largas e escuras, cujos lábios se curvavam para baixo quando me viam, que riam quando eu lhes perguntava se estavam na sala de Jasmine. Não foram prestativos, pelo contrário, pareciam irritados por termos cortado o barato de Jasmine, como se o mínimo que pudéssemos dar a ela era a liberdade de morrer.

Vasculhamos o quarto de Jasmine, mas ela tinha sido cuidadosa. O histórico de navegação tinha sido apagado. Não havia nada nas gavetas. Algumas sacolas plásticas vazias e maços de dinheiro, mas o que isso significava? Encontramos apenas um item suspeito: uma garrafa vazia de vodca, guardada com indiferença

atrás da lata de lixo. Eu tinha uma lembrança vívida daquela garrafa, porque foi a primeira vez que entendi um objeto como vodca, que até então era um conceito reservado aos romances de Dostoiévski. Jasmine tinha acabado com uma garrafa de vodca de canela da marca Burnett. Entendi que isso era um sinal de vício e, na primeira vez que vi aquele rótulo vermelho e branco barato numa festa da faculdade, senti o vômito subir pela garganta.

Eu me lembrava de ficar sentada com Flora à mesa da cozinha, de joelhos encolhidos, os braços ao redor das pernas enquanto nosso pai gritava com os amigos de Jasmine pelo telefone. *Onde vocês a viram? Quando foi isso? Por que não nos contaram?* Quando ele não estava ao telefone, estava esbravejando, batendo as mãos nas paredes.

A polícia apareceu à nossa porta. No começo, pensaram que nossa mãe tinha feito uma denúncia de violência doméstica contra nosso pai, porque ela estava chorando e ele estava gritando, e tentaram prender meu pai, mas Flora e eu aparecemos correndo e protestamos em inglês, e, mesmo quando todos já tinham se acalmado, os policiais não foram muito simpáticos. Jasmine era menor de idade? Não, já tinha dezoito? Então eles não podiam fazer nada. Adultos que moravam com os pais continuavam sendo adultos; tinham o direito de não serem encontrados. E quanto ao carro? Jasmine tinha roubado o carro? Sim, eles poderiam registrar o veículo como roubado, mas isso não era tão urgente para justificar um chamado. Eles só concordaram em ajudar depois que nosso pai lhes contou que Jasmine tinha tendências suicidas. Acho que assassinato premeditado continua sendo um crime, mesmo que a vítima fosse o próprio agressor.

Gonggong e Popo estavam em casa. Tinham vindo para nossas férias de inverno, porque não tínhamos ido à China naquele verão e minha mãe estava com saudade dos pais. Foi uma visita conturbada. Flora e eu tínhamos acabado de começar o fundamental e o ensino médio, respectivamente, e estávamos enfrentando as questões de vida ou morte típicas dessas fases. Não tínhamos tempo para tomar conta de nossos avós. Jasmine havia decidido não fazer faculdade; ainda morava com a gente, mas não parava em casa. Eu só a via chegando de fininho tarde da noite e saindo bem cedo de manhã.

Nosso chinês estava enferrujado, e não sabíamos o que fazer com aqueles avós, que pareciam muito mais velhos e lentos do que nos lembrávamos. Minha mãe insistia para que passássemos tempo com eles, mas não sabíamos o que fazer.

Não precisávamos mais que eles tomassem conta de nós. Cada conversa era tingida de culpa: tínhamos que fingir que não preferíamos que eles não estivessem ali. Decidimos que sairíamos para passear com o cachorro juntos. Flora e eu caprichávamos no chinês. *Olha, um pato! Olha, um esquilo! Olha, outro pato!* Eu sempre levava um susto quando ouvia Flora falar em chinês, porque àquela altura ela já tinha passado tanto tempo com seu grupinho de amigas brancas feito bonecas Bratz que era chocante ela sequer entender o idioma. E se recusava a falar chinês em casa; sempre respondia aos nossos pais em inglês. Mas, com nossos avós, Flora entoava o chinês com toda a doçura açucarada de uma mocinha de C-drama. *Gonggong, Popo, os senhores me concederiam a honra de segurar a coleira de Jack-Jack?*

Eu me lembro de seus sorrisos pacientes, dos passos vigorosos. Popo balançava os braços imitando a marcha do Exército que aprendera na escola.

— Mantém o sangue circulando nos músculos — explicava ela. — A circulação é importante na minha idade. Vamos lá, tentem.

Nós obedecíamos. Entendíamos tudinho que ela dizia. Só não conseguíamos dar uma resposta interessante.

Éramos educadas. Pedíamos licença quando terminávamos o jantar e depois subíamos as escadas correndo. Flora passara a fazer o dever de casa trancada no quarto, em vez de se acomodar na mesa da sala de jantar, como preferia, para que Gonggong não a espiasse por cima do ombro, curioso a respeito de como se ensinava álgebra nos Estados Unidos. Era uma matemática nova? Por que ela estava desenhando caixas?

— Peça para ele parar — reclamava Flora com nossa mãe, como se Gonggong nem estivesse ali. — Não consigo me concentrar, ele é muito irritante.

A única atividade em família de que gostávamos era ver filmes. Certa noite, todos nos sentamos juntos para ver *O Poderoso Chefão*. Gonggong que tinha escolhido. Ele reconheceu a capa; aquele DVD pirata importado tinha circulado em toda a China. A princípio, Gonggong se sentara para assistir sozinho, mas a trilha sonora e o diálogo eram irresistíveis, e, quando o casamento de Connie terminou, todos nós estávamos vidrados, esperando para ver como Michael salvaria o pai de ser assassinado no hospital. Não tinha legendas; eu não sabia como meus avós estavam acompanhando o enredo. Às vezes, minha mãe se inclinava para explicar coisas como "o irmão mais velho é muito esquentadinho,

por isso que o mataram" ou "agora o mais novo vai comandar a família".

— É difícil ser o chefe da família — observara Gonggong, enquanto meu pai assentia em concordância. — Muitas pessoas dependem de você.

A polícia ligou por volta das duas da manhã. Alguém tinha identificado um carro semelhante ao nosso perto do lago. Nossos pais e os policiais que estavam em casa saíram correndo para averiguar. Flora e eu também queríamos ir, mas minha mãe não deixou.

— Fiquem de olho — alertou enquanto juntava suas coisas, embora não estivesse claro com quem ela estava falando.

Acabamos sentadas na escadaria diante da entrada da casa, apenas aguardando, abraçando os joelhos contra o peito. Eu me lembro de encarar a base da escadaria, traçando linhas nos veios da madeira. Como aquela podia ser a minha realidade? Como eu podia estar naquele momento, naquela hora; como as coisas tinham chegado àquele ponto? Na época, eu já nutria fantasias de que era capaz de provar que qualquer situação ruim era uma ilusão. Talvez, se eu me concentrasse na textura da madeira, encontraria um defeito, revelaria o sonho e acordaria.

— Por que é sempre a *nossa* família? — indagou Flora. — Outras famílias têm pessoas *normais*, por que a gente fica com a porra da Jasmine? Qual é o problema dela? Por que vive fazendo essas coisas? Que motivo ela tem para ficar triste?

Ficamos reclamando de Jasmine por um tempo. Jasmine era egoísta e narcisista, Jasmine não se importava com a gente, fazia nossos pais sofrerem, tinha piercings horríveis, o do nariz a fazia parecer uma vaca, e se ela quisesse se matar então deveria ter feito isso muito tempo atrás e nos poupado de todo aquele incômodo.

— Não digam isso — ralhou Gonggong. — Não falem assim da sua irmã.

Levamos um susto ao ouvir a voz dele. Até aquele momento, estávamos agindo como se ele nem estivesse ali. Flora e eu estávamos no nosso mundinho, e Gonggong e Popo no deles. Eu percebi, ao revisitar essa lembrança, que talvez minha impressão a respeito de Gonggong estivesse errada esse tempo todo. Será que eu tinha imaginado que ele não sabia uma palavra de inglês? De que outro jeito ele teria entendido o que estávamos dizendo?

— Sua irmã é uma boa garota — disse ele, em chinês. — Ela ama muito vocês. E vai voltar para casa.

— Como o senhor sabe? — perguntou Flora, também em chinês.

— Porque eu conheço a sua irmã — respondeu ele. — Ela está passando por um momento difícil. É difícil crescer neste país.

Ele falou com uma autoridade tão serena. Gonggong nunca falava de um jeito autoritário com a gente; sempre delegava a tarefa de nos disciplinar para nossos pais. Gonggong era apenas gentil e solícito; se o aguentássemos, então ele aproveitava nossa companhia; se quiséssemos sair correndo, ele não se importava. Ele nunca reclamava de nada que fazíamos. Também tinha criado três filhas, mas em condições bem mais duras do que aquelas. Ele sabia ser um porto seguro.

— Não se preocupem — disse Gonggong e colocou as mãos nos nossos ombros. — Eu conheço Jasmine. Sei que ela não quer morrer.

Flora começou a chorar, e então eu também chorei.

É possível que tenhamos conversado mais, mas eu só tinha lembranças vagas do resto daquela noite. Do que eu me lembrava: o poste de luz na base da escada, a borda desfiada do nosso tapete. Jack-Jack roendo um brinquedo. E Gonggong, silencioso e firme, segurando Flora e eu em seus braços até as luzes da polícia piscarem do lado de fora e um jorro de vozes inundar o corredor, e então Jasmine ser entregue em segurança em casa.

* * *

Minha mãe não entendia por que eu queria saber mais sobre o Camboja.

— De novo isso? — reclamava ela sempre que eu perguntava. — O que mais você quer saber?

O que mais? Ela mal me dera uma história. Como, afinal, tudo tinha acontecido? Gonggong chegou a confirmar que os pais estavam mortos? Alguém na família tinha sobrevivido?

— Bem, é claro, a irmã dele…

— Irmã?

— Sim, a Vovó da Califórnia.

— Ah!

Havia uma mulher em Los Angeles que nós só conhecíamos como Vovó da Califórnia, embora seu parentesco com nossa família nunca tivesse sido claro para mim. Nós sabíamos que ela era uma parente mais velha e que minha mãe

tinha morado com ela a partir do ensino médio. Nós a tínhamos encontrado em muitas ocasiões: eu a associava a viagens de infância para Los Angeles, a mercadinhos vietnamitas escuros, a chá com leite de taro granuloso e panelas fervilhantes de caldo de ossos. A Vovó da Califórnia era apenas algo corriqueiro da vida, mais um fio solto que eu nunca tinha me dado ao trabalho de seguir.

— Então a Vovó da Califórnia era sua tia?

— Isso, irmã de Gonggong. Sua tia-avó. Ela enviou uma carta para ele quando chegou a um campo de refugiados na Tailândia e lhe contou que os pais tinham morrido, assim como os filhos gêmeos dela e o marido. Ela foi a única que escapou.

— O que aconteceu com os filhos dela?

— Não sei. — Minha mãe fez uma pausa. — Talvez tenham ficado doentes. Espero que… Bem, eu só não sei.

A essa altura, eu tinha uma noção melhor de como tudo aquilo havia acontecido. Tinha lido alguns artigos acadêmicos. Tinha aprendido que o Khmer Vermelho encurralava todos que viviam nas cidades e os chamava de Novo Povo, pessoas que não eram camponeses puros, que precisavam ser abatidas pela revolução. Eu tinha descoberto dezenas de formas como meus bisavós e meus tios poderiam ter morrido. Talvez tivessem se recusado a abandonar suas casas; talvez tivessem levado tiros à porta. Talvez tivessem ficado doentes. Talvez tivessem se afogado nos arrozais, fracos demais para seguir em frente. Talvez tivessem sido espancados até a morte por pedir comida, ou andar muito devagar, ou fazer a expressão errada. E eu vi que minha pergunta era mesmo sem sentido, porque a questão não era como eles tinham morrido; era como qualquer um poderia ter sobrevivido àquela marcha da morte.

— Calma.

O pensamento tinha acabado de me ocorrer. O genocídio cambojano começou em meados dos anos 1970. Aquilo era história recente. Não era distante como a Segunda Guerra Mundial. Estava a apenas uma geração de distância, era memória viva. Os Beatles tinham se separado antes do Khmer Vermelho ter começado os massacres.

— Você já tinha nascido nessa época. Você conheceu esses parentes, certo?

— Eu não os conheci — disse minha mãe. — Era nova demais. Minhas irmãs os conheceram. Sua *eryi* se lembra muito bem da nossa avó. Dizia que ela usava

vestidos lindos. Ela era… Como é que se diz? Uma mulher delicada. Era pequena, elegante e bonita. Nós tínhamos uma fotografia dela, e Eryi a mostrava para mim o tempo todo. Isso me dava tanta inveja… Ela tinha conhecido a vovó, e eu, não.

— Você ainda tem essa fotografia?

— Ah, não… Tenho certeza de que agora já se perdeu. — Uma pausa. — Mas me lembro de como ela estava. Virada para o lado, com a mão na cintura. Nós vivíamos imitando a pose dela.

— Você chegou a perguntar o que tinha acontecido com eles? Seus avós?

— Claro que sim. Eu perguntava o tempo todo. Não conseguia entender por que não podia conhecer os dois. Ninguém me explicava nada. Quando eu era pequena, costumava me sentar fora de casa e observar os aviões cruzando o céu, e pensava que talvez fossem meus avós vindo nos visitar.

— Ah. Nossa.

— Pois é, mas eles nunca vieram, claro. Então era uma coisa boba de se pensar.

— Espere, então a Vovó da Califórnia. Então ela… conseguiu chegar aos Estados Unidos? Sozinha?

— Isso mesmo. Ah, esqueci de contar. Bem, você sabe que eu fui para a Califórnia terminar o ensino médio, certo?

— Sim.

Eu também nunca tinha perguntado os detalhes dessa história. Apenas presumira que minha mãe quis estudar fora.

— Enfim, depois que minha tia já tinha passado alguns anos morando sozinha, meu pai lhe disse que ele tinha três filhas, ou seja, que ele tinha filhos sobrando, e ela poderia ficar com um. Ela perdeu os meninos dela, lembra?

— Então eles mandaram você? Como uma substituta?

— Isso.

Nós duas ficamos em silêncio por algum tempo.

— Meu Deus — falei. — Mãe. Sinto muito.

— Por que sente muito? Eu fiquei empolgada. Fiquei tão feliz quando Gonggong me contou. Não via a hora de sair da China.

— Por que você nunca nos contou sobre isso?

— Vocês nunca perguntaram.

— Era para eu ter perguntado por que você foi enviada para substituir os filhos mortos da sua tia?

— Bem, sim. Eu teria contado tudo se você tivesse perguntado. Mas você nunca perguntou.

Ela disse isso como se fosse a coisa mais natural do mundo. Eu sabia que ela não estava dizendo aquilo para me magoar, mas doeu mesmo assim. Aquela já era minha ideia havia um tempo. Tinha prometido levar a cabo aquele projeto desde que comecei a estudar chinês. Eu ia entrevistar meus avós, ia entender de onde eu tinha vindo, teria um registro histórico completo de tudo que eles tinham enfrentado. Mas a Vovó da Califórnia tinha falecido havia anos. Gonggong estava morto. Popo mal conseguia falar; nem sabia quem eu era. Todas as minhas conexões com aquela geração haviam sido cortadas; tudo o que me restava eram as histórias da minha mãe, e ela parecia relutante em confirmar mais do que detalhes vagos.

— Lily, está tudo bem?

— Está. — Funguei. — Eu só… quero saber mais. Sinto que tem uma história que nós perdemos.

— Então você pode ler um livro de história, não pode? Não fique triste. — Ela devia ter me ouvido chorando do outro lado da linha. — As coisas só acontecem, entende? Eu saí da ilha. Seu pai saiu do vilarejo. Seu *gonggong* saiu do Camboja. É isso que as pessoas fazem; elas vivem suas vidas, e, quando as circunstâncias mudam, elas partem em busca de um lugar melhor, tudo bem? O que tem de triste nisso?

— Mãe, eu estou te incomodando?

— Não. — Uma pausa. — Por quê?

— Só quero descobrir o que aconteceu com a nossa família, mas parece que você não quer responder nada. Como se todas essas perguntas fossem irritantes.

Uma pausa mais longa. Então:

— Desculpe. Não é irritante. Eu só… Não é um assunto feliz para se conversar, entende?

Eu não sabia o que dizer. Sempre tinha imaginado que meus pais ficariam contentes com minhas tentativas de me reconectar, que tinham passado todos aqueles anos esperando que uma de suas filhas se interessasse por nossa cultura e nosso passado. Pensei que, ao estudar chinês, eu estaria fechando o ciclo. Pensei

que seria recompensada por me importar.

— Só acho que é importante. Saber pelo que eles passaram.

— Você nunca quis saber antes.

— Antes eu estava sendo idiota.

Comecei a chorar de novo. Tentei segurar as lágrimas, porque sabia que isso só a deixaria mais irritada, mas não conseguia parar.

— Mas eu quero muito saber agora, mãe. Quero saber de onde eu venho.

— Mas, veja bem… — Minha mãe começou uma palavra, depois a interrompeu, e então fez um som que não era palavra nenhuma. — Mas você *não veio* disso. Não tem nada a ver com você.

* * *

No sexto ano, minha amiga Erin Pritzker me convidou para o aniversário de oitenta anos do avô dela no hotel Fairmont, no centro da cidade. Ela me disse que seria um evento enorme; mais de cem parentes estavam vindo de fora. Eu nunca tinha ido a uma festa num salão de hotel. Minha mãe me fez usar o vestido do meu recital de piano, com sapatos de couro preto e fivelas de prata, e eu reclamei da roupa até a mãe de Erin vir me buscar e eu perceber que minha amiga estava vestida quase igual a mim.

Tínhamos lugar marcado no jantar: Erin encontrou o número da mesa em um quadro enorme que listava os nomes de todos os convidados, e quando chegamos lá encontramos cartõezinhos diante de cada guardanapo dobrado: *Erin Pritzker, Convidada de Erin Pritzker*. Havia uma grande mesa de bufê, com enormes bandejas de prata cheias de comidas que não pareciam ter qualquer relação cultural entre si, como macarrão com queijo, samosas e *piccata* de frango.

Vi um monte de meninas, moças e mulheres mais velhas que eram idênticas a como eu imaginava que Erin seria em cinco, dez, quinze anos. O mesmo cabelo loiro-escuro, os mesmos olhos verdes, o mesmo nariz arrebitado. Fiquei perplexa quando Erin me disse que não sabia o nome delas. Minha amiga dizia coisas como "Acho que essa é a Audrey?" ou "Acho que aquelas são as primas de Maryland?". Da mesma forma, nem todo mundo conhecia Erin. Várias pessoas perguntaram quem eu era, e, quando eu dizia que estava com Erin, elas pareciam confusas, até que alguém lhes dizia "A menina de Jenna", "os Pritzker", e aí

diziam para Erin "Ah, sim, como vai, como está a sua mãe?".

Imagine só, ter uma família tão grande que você nem sabe quem é quem! Eu só tinha dois primos, e ambos viviam em Guangzhou. Contei isso a Erin, que perguntou por que meus tios não tinham mais filhos. Eu havia acabado de aprender sobre a política do filho único na escola, e com certeza isso tinha a ver com a questão. Expliquei: quando os comunistas tomaram o poder, a China não tinha comida suficiente para todos, então definiram um limite de quantos filhos as pessoas podiam ter, e ninguém queria meninas, então as pessoas abortavam ou abandonavam bebês meninas até darem à luz um menino. "Uau", disse Erin. "Então seus pais teriam te largado num campo." Eu respondi que achava que meus pais eram mais progressistas do que isso, mas, sim, era possível.

Uma criança pequena andava desengonçada pelo salão, e as pessoas suspiravam de fofura aonde quer que ela fosse. Viviam a pegando e deixando que ficasse sentada em seus colos. Observei por um tempo, mas não consegui identificar quem eram os pais. Isso era seguro? Como alguém largava uma criança no meio de centenas de pessoas e confiava que nenhuma delas teria más intenções?

Várias pessoas nos disseram para nos esforçarmos na escola, e para não nos distrairmos com garotos. Várias pessoas se aproximaram de braços abertos e gritaram "Olha só como você cresceu!". Na primeira vez, fiquei observando e me perguntei: por que Erin está abraçando esse homem? Por que está falando com ele sobre a escola, e por que ele se importa? A própria Erin não sabia. Talvez fosse um tio? Um primo de primeiro grau? Que conceito interessante! Intimidade com pessoas que você não sabia distinguir numa multidão, intimidade como boa vontade presumida, intimidade como obrigação, mesmo com pessoas que você talvez nunca fosse ver de novo.

A avó de Erin me deu uma presilha de prata e disse que eu estava muito bonita. As mulheres loiras e gentis que se pareciam com versões mais velhas de Erin não paravam de perguntar se eu tinha comido bem, e, quando montaram a estação de sorvete, elas se certificaram de que eu fosse a primeira da fila. Desejei ter tias por perto. Nunca tinha sido tão paparicada em toda a minha vida.

Quando minha mãe foi me buscar, eu perguntei se poderíamos fazer Gonggong e Popo voltarem aos Estados Unidos e dar uma festa para eles no Fairmont também, e só agora eu entendia o que ela quis dizer quando respondeu

que ninguém viria.

* * *

Enquanto eu esperava o ônibus para voltar para casa, recebi uma longa mensagem de Anna.

Ela iria voltar ao apartamento. Não podia continuar invadindo o espaço de Margrit; não achava isso justo. Porém, como nosso convívio não andava nada bom, ela achava que era melhor se pudéssemos evitar o apartamento quando a outra estivesse presente. Ela iria estudar em casa naquela tarde; tinha uma apresentação no dia seguinte e precisava muito se concentrar, então será que eu poderia arranjar um lugar para ficar até a hora de dormir? Ao menos até as dez.

Pensei em resistir. A proposta de Anna era um pouco mais razoável do que me despejar, mas ela não podia exigir que eu ficasse fora de casa num dia em que a temperatura beirava os quarenta graus. Então pensei naquela sala escura, na caixa de lencinhos vazia sobre a mesa de centro, no ferro da cabeceira da cama ao qual eu tinha me agarrado, aos prantos, todas as tardes naquela semana. Subi no primeiro ônibus que apareceu e me acomodei para ver aonde ele me levaria.

* * *

Sem o apartamento para me ancorar, percebi que tinha liberdade total na cidade: poderia ir a qualquer lugar ou ver qualquer coisa, e ninguém me impediria. Até então, eu tinha me limitado a rotinas muito rígidas: de casa para a aula, depois da aula para casa. Mas isso era ridículo. Eu tinha liberdade total. Por que estava agindo como se tivesse hora certa para voltar?

Desci do ônibus na Praça da Liberdade, o complexo de parques que abrigava o Memorial a Chiang Kai-shek. Botei na cabeça que queria uma explosão completa de propaganda nacionalista para ver se eu conseguia sentir uma resposta afetiva àquela ideia de uma república chinesa pela qual meu avô tinha deixado o Camboja.

Eu era a única pessoa na praça. Era uma tarde de um dia de semana, quando todos os moradores ainda estariam na escola ou no trabalho, e parecia que o calor tinha afastado os turistas. O céu estava limpo, com um sol implacável, e a luz

refletia no pavimento branco com tanta intensidade que eu não conseguia manter os olhos abertos. Só fitava o chão, com as pálpebras quase fechadas. Minha sombra nunca estivera tão pequena. Estava tão certinha sob meus sapatos que eu quase poderia fingir que ela tinha desaparecido.

No meio da escadaria, senti uma onda de vertigem. Não tinha comido nada naquele dia. Na verdade, não tinha comido muito a semana toda. Não era minha intenção jejuar. O luto embrulhava o estômago; eu andava enjoada demais para comer. Mas tinha descoberto que, quando passava horas em jejum, atingia certa leveza, e essa leveza era boa. Eu não estava tentando morrer ou coisa do tipo, mas gostava daquela sensação de me tornar menos substancial. Quanto mais perto eu chegasse do ar, menos sentiria.

Mas o calor açoitava minhas costas, e senti uma escuridão pressionando as margens da minha visão. Meus joelhos cederam. Percebi que talvez estivesse em apuros.

Precisava de sombra, e depois de comida. Os lugares mais próximos onde eu poderia conseguir as duas coisas eram o Teatro Nacional e o Salão de Concertos Nacional, construções gêmeas que se defrontavam na ponta oposta da praça. Tinham sido construídas com aquele estilo chinês clássico e ornamental: tetos curvados de templo com telhas em laranja-queimado e colunas vermelhas chamativas dispostas nas laterais. Eu nunca havia entrado em nenhum dos dois. Da última vez que tínhamos passado ali, soldados de uniforme estavam praticando técnicas de marcha diante da fachada, e então ficamos intimidados demais para nos aproximar.

O teatro parecia fechado, mas as portas do salão de concertos estavam abertas. Entrei e me vi em um saguão lotado. Havia pelo menos cem pessoas vagando por ali. Algumas, como eu, estavam vestidas como se tivessem acabado de decidir dar uma volta depois da aula. Mas a maioria estava usando trajes formais: vestidos longos, blazers escuros e calças sociais. Um piano de cauda jazia no centro do saguão, onde as pessoas faziam fila para tirar fotos.

De onde tinha vindo toda aquela gente? A praça parecera deserta. Eu não tinha visto ninguém entrar ou sair. Vi dezenas de pessoas com roupas de mangas compridas, mas não havia uma única gota de suor em suas testas, e achei difícil acreditar que elas pudessem ter vindo lá de fora como eu. Será que existia uma rede de túneis subterrâneos que eu desconhecia?

Aquilo destoava tanto da solidão ofuscante da praça. Tive a sensação de ter saído de um filme e entrado em outro, os gêneros tinham se embaralhado. Mas estava frio lá dentro, e ninguém parecia incomodado com minha presença. Fiquei perto da escadaria no centro e repousei meus antebraços no balaústre de madeira, deixando que o burburinho de vozes me alcançasse.

— Você tem ingresso?

Ergui os olhos. Uma moça de terno preto estava na minha frente, com um leitor de ingressos na mão.

— Ah… Não, desculpe.

Ela me olhou de cima a baixo. Eu estava tentando me lembrar de como explicar que só estava dando uma volta no saguão, mas de repente ela perguntou:

— Você é estudante?

— Hã… sim?

— Temos alguns ingressos de cortesia para estudantes. — Ela me entregou um panfleto. — A programação de hoje destaca as harmonias religiosas e poéticas de Liszt. Se você tiver um documento, posso oferecer um ingresso de estudante.

Peguei minha carteirinha da NTU. Ela olhou, assentiu e fez um gesto para que eu entrasse. Comecei a seguir a multidão ao longo das cordas de veludo rumo ao salão. Bem, por que não? Eu não tinha uma grande paixão por música clássica, nem qualquer conhecimento específico sobre Liszt. Só queria fazer parte da multidão, vivenciar fosse lá o que estivessem vivenciando. Se estavam tão empolgados, então deveria ser algo que valia a pena ver.

Encontrei um lugar vazio nas primeiras fileiras e abri o panfleto. Estava em chinês, mas levei um susto ao perceber quanto do conteúdo era compreensível para mim. Não estava com dificuldade para ler. O pianista era de Israel, e era bastante renomado: tinha se apresentado em salas de concerto na Europa e nas Américas e atuado como solista com várias orquestras filarmônicas. Era a primeira vez dele em Taiwan. O Salão de Concertos Nacional estava honrado em recebê-lo.

Pensei que haveria mais pompa e circunstância quando o concerto começou, mas ninguém fez um discurso ou coisa do tipo. As luzes do palco se acenderam, e a plateia ficou em silêncio. Então apareceu o pianista, um homem de rosto austero que sequer esboçou um sorriso enquanto aplaudíamos. Ele se curvou de

leve, se sentou e tocou as teclas. Um tremor sacudiu seus ombros; então ele se debruçou e começou uma série de acordes irregulares, lentos e suaves. Verifiquei o panfleto: a *Bénédiction de Dieu dans la solitude*, de Liszt.

A mulher na fileira atrás de mim não parava de cochichar para a pessoa a seu lado, em inglês, que queria que tivessem se sentado mais no fundo. "De perto não é bom", sussurrou ela. "É como se você estivesse assistindo a um recital na sala da sua casa." Mas eu gostava de estar perto. Gostava de ver as mãos do pianista, e o branco de seu colarinho escapando do escuro do paletó. Ele me lembrava um chef. Como era mesmo o ditado? Bons chefs tinham mangas limpas? Gostei do jeito como ele erguia uma das mãos toda vez que terminava um trinado, como se quisesse tirá-lo da sopa musical. Como se o teclado fosse uma onda de ingredientes, e lá estivesse ele, mexendo a panela, sem nunca a deixar respingar.

O salão de concertos estava escuro e deliciosamente frio. Eu me recostei no banco e fechei os olhos. Senti aquela onda de vertigem outra vez. Por um momento, tive medo de que a fome tivesse me alcançado e que eu fosse desmaiar no assento. Mas então uma coisa maravilhosa aconteceu. A leveza se intensificou, mas eu não perdi a consciência. Em vez disso, meu corpo, ou minha percepção do corpo, se desfez por completo, até que restasse apenas o som. Uma tensão se desprendeu da minha cabeça. Eu estava livre daquela luta para fazer com que eu e o mundo fôssemos articuláveis. Não tinha que dizer nem interpretar nada. Sentada ali no escuro, senti meu interior, aquela parte que era capaz de reflexão consciente, flutuar para fora do meu corpo e em direção ao palco, montada nas notas e indo aonde quer que me levassem.

Como a música pintava uma imagem na sua cabeça? Fiquei me perguntando. Como era possível que certas combinações de notas causassem as mesmas emoções em diferentes ouvintes? Na minha aula de Introdução à Filosofia no primeiro ano, tínhamos aprendido como Schopenhauer argumentava que a música era a mais elevada de todas as artes, porque não tentava representar nenhuma ideia do mundo material. A pintura, a escultura e a poesia eram meras sombras da realidade, apenas aproximações de ideias, mas a música era anterior à linguagem, anterior à associação. Apenas a música capturava a Vontade.

Mas isso não podia estar totalmente certo, porque na minha mente eu conseguia ver com muita clareza a narrativa daquela peça. *Bénédiction de Dieu*

dans la solitude — a bênção de Deus, recebida na solidão. Eu não compus essa imagem do nada; vi o que as notas me diziam para ver. Vi o homem solitário rezando de joelhos, sussurrando em silêncio, *ah, Deus*. Vi seus lábios se movendo; vi sua cabeça curvada na escuridão, os olhos fechados com força e a testa franzida. Vi o sol nascer, a luz jorrando pelos vitrais, e o brilho crescendo ao redor dele. Então os acordes atingiram um crescendo, e os anjos se juntaram à canção, e eu vi aquele homem erguer o rosto e se levantar, porque suas preces tinham sido atendidas, e alguém estava ouvindo, afinal, e os céus estavam respondendo ao seu chamado.



6

Na segunda-feira, fiz um acordo comigo.

Eu me dividi em três identidades temporais. Essa era a melhor maneira de entender meu atual estado de espírito. Uma versão de mim existia antes de receber a mensagem de minha mãe, e talvez ela não estivesse se divertindo muito em Taipei, mas estava tocando a vida. Depois, no momento atual, havia um corpo e uma alma atingidos que precisavam ser cuidados, limpos, alimentados e recolocados nos lugares certos nos momentos certos. E aí, dali a vários meses ou talvez um ano, eu esperava que existisse uma versão de mim que não estaria chorando o tempo todo. Ela se sentiria muito grata de ter vivido tantas experiências culturais e decepcionada se tivesse desperdiçado seu verão no exterior. Então, se não fazia a menor diferença para mim no momento, eu poderia muito bem criar boas lembranças para essa minha versão do futuro.

Esse acordo temporal também funcionava no curto prazo. Se eu me colocasse em um local público, tinha mais chances de fazer coisas para me adequar ao ambiente. Não dava para sentar e chorar em uma cafeteria, por exemplo. Era preciso manter um mínimo de compostura. E não dava para ter uma crise no Salão de Concertos Nacional, nem passar as aulas imersa num escapismo deprimido, e assim por diante. Então, se eu conseguisse reunir a força de vontade de sair de casa, talvez fosse recompensada no futuro.

No *Zhuangzi*, havia uma história sobre um tratador de macacos que prometeu aos animais que eles poderiam comer quatro pêssegos no jantar se conseguissem se contentar com apenas três no café da manhã. Depois, claro, na hora do jantar, ele lhes dava apenas três pêssegos, mas prometia quatro para o café da manhã do dia seguinte, e assim por diante. Os macacos nunca percebiam o truque. O *chengyu* baseado nessa fábula era 朝三暮四: "três de manhã, quatro de noite." Era usado para descrever alguém astuto e pouco confiável, alguém que estava sempre mudando a história. Mas era eu que estava me enganando, e não pensei

que isso fosse tão abominável. O tratador não queria matar os macacos de fome, estava apenas tentando lhes dar certa esperança. Você poderia se iludir com várias coisas se acreditasse que, em algum momento, a vida ficaria melhor.

* * *

Claro que, quando chegava a hora, eu não queria ir.

Todas as manhãs, eu repassava a mesma dialética mental enquanto o relógio se aproximava das nove horas. Sair da cama e me constituir enquanto objeto envolvia tanto esforço, e se eu me desfizesse em um milhão de pedacinhos no ônibus, e se eu me dissolvesse numa poça no meio da aula, e se hoje fosse o dia em que a professora Cai apontasse para mim e me fizesse uma pergunta e o meu crânio se partisse enquanto buscava uma resposta?

Mas, se eu não fosse, não haveria qualquer estrutura no dia. E então eu não teria nada para fazer, e nenhuma escolha além de ficar deitada de bruços na cama, sem forças para me mexer. Qualquer atividade que valesse a pena perderia suas vantagens conforme o dia passasse, até que enfim fossem nove da noite e eu ainda não tivesse me mexido, e aí eu não seria capaz de dormir porque já havia dormido o dia inteiro. E depois eu ficaria sozinha, no escuro, pensando nos campos de extermínio.

* * *

Procurei por lugares onde eu pudesse fazer parte de uma multidão. Eu queria estar perto dos taiwaneses, mas sentia certa vergonha por ainda não ter me aproximado de um único taiwanês durante todo esse tempo, tirando minhas professoras, que eram pagas para passar tempo comigo. Fosse como fosse, eu era ainda pior naquilo do que Skipper. Eu poderia culpar a estrutura do curso: meu departamento era repleto de estrangeiros, e fora do horário das aulas não havia muitas oportunidades orgânicas de fazer amizades. De qualquer modo, parecia antiético forçar uma amizade com os moradores locais e exigir que eles contribuíssem para a minha experiência no exterior.

Por outro lado, havia muitos programas culturais públicos aos quais eu poderia me juntar. Fui atraída pelos concertos, filmes, cafeterias e multidões.

Havia parado de ler avaliações no Google Maps. Todos os dias, pegava um ônibus diferente e ficava ali até perceber que muitas pessoas estavam desembarcando, e aí eu seguia esse mar de gente aonde quer que elas fossem. Vaguei por parques industriais e shoppings. Caminhei por bairros residenciais. Acima de qualquer outra coisa, eu amava cafeterias. Não era preciso pagar muito para entrar numa delas, e era possível ficar ali pelo tempo que você quisesse, escutando as conversas flutuando no ar. Tentei não criar uma rotina. Eu procurava novas cafeterias todas as tardes, só para estar perto de pessoas trabalhando e conversando. Entrei numa loja de *bubble tea* no último andar de uma livraria perto do campus, onde todas as bebidas eram servidas com espuma de queijo. De onde havia surgido essa obsessão asiática por queijo? Se não quisesse a espuma, era necessário pedir com todas as letras. Eu fui à Tò-uat Books, onde as letras na vitrine diziam: "RESISTÊNCIA CONTRA A CHINA / LIBERDADE JÁ / #TIBETELIVRE / #HKESTAMOSCOMVOCÊ / #SALVEOSUIGURES / #UCRÂNIAESTAMOSCOMVOCÊ", e havia um letreiro azul lá dentro que dizia HONG KONG NÃO FAZ PARTE DA CHINA, e uma bandeira de arco-íris pendurada na portinha diante do quiosque de café. Quanto propósito! Eu queria me demorar lá dentro, mas estava acontecendo a reunião de um clube de leitura e todos pareciam tão sérios que fiquei intimidada.

Fui diversas vezes à Editor Books & Café, que ficava a uma curta viagem de bicicleta do campus. Assim como muitas cafeterias em Taipei, aquela foi projetada para imitar uma estética europeia, mas o lugar se recusava a se contentar com apenas um estilo. Havia luminárias de banqueiro de uma luz suave em cada mesa, com cúpulas verde-jade e base de latão reluzente. Dos alto-falantes tocava um Mozart baixinho. Havia uma enorme seleção de títulos estrangeiros traduzidos, a maioria escritos por filósofos que eu nunca havia lido. O cardápio oferecia uma seleção eclética: ali era possível pedir um café siciliano, uma *fisksoppa* sueca ou uma bolonhesa clássica. Eu pedi o curry de tomate com carne, que foi servido numa bandeja de madeira com o tipo de cloche de metal que eu só tinha visto em filmes. Meu curry não havia ficado tempo suficiente no micro-ondas; os pedaços de carne ainda estavam congelados por dentro, mas não me importei. O clima era bom. Uma menina bonita com duas longas tranças balançando pegou a mesa na minha frente, e eu a vi tirar da bolsa o livro *Inglês avançado através da literatura*. Eu estava fazendo o fichamento do meu livro

didático da aula de Literatura Taiwanesa Moderna. Ela olhou para mim, e nós duas sorrimos.

Um grupo de seis adultos entrou enquanto eu estudava. Eu os observei por um tempinho, tentando determinar qual era a relação deles. Não era muito óbvio. Todos pareciam conhecer pelo menos outra pessoa do grupo, mas nem todo mundo se conhecia. Eles ficaram se apresentando. Lá estava um velho amigo da época da faculdade. Lá estava um colega do mesmo departamento. Eles não paravam de se abraçar. Eu gostava de como eles falavam. Pareciam tão pacientes, tão gentis uns com os outros. Eles pediram o almoço, três frangos ao curry e dois ensopados de carne com tomate, e, quando as travessas de todos haviam chegado, eles deram as mãos, abaixaram a cabeça e rezaram.

* * *

À noite, eu sempre voltava ao Salão de Concertos Nacional. Eu conseguia ingressos com desconto para estudantes, e havia algum espetáculo diferente todas as noites da semana.

O público nem sempre se comportava tão bem quanto havia se comportado com o pianista israelense. Acabou que aquela foi uma ocasião especial. Eu quase não vi estrangeiros no salão de concertos depois disso. Nunca mais voltei a ver o lugar lotado. Na maior parte do tempo, só um quarto dos assentos estava ocupado. Quando músicos locais tocavam, as pessoas apareciam de bermuda e regata. Em uma apresentação de um quarteto de cordas de quatro irmãs taiwanesas, a senhora atrás de mim ficou abrindo cascas de amendoim com os dentes o tempo todo.

Uma vez, durante uma apresentação da Orquestra Sinfônica de Taipei, um celular tocou entre os movimentos musicais e continuou durante um bom tempo. O público se inquietou. Algumas pessoas riram. O maestro, um convidado estimado de visita da Alemanha, olhou para trás e atirou os braços para o alto, e sua expressão parecia dizer: *Céus, essa gente.*

* * *

Era estranho que eu tivesse passado a adorar música clássica, já que havia feito

tanta birra por ser obrigada a praticar violino quando era criança que minha mãe enfim cedera e me deixara parar.

Certa noite, eu entrei no salão de concertos por capricho sem ler a descrição do panfleto. Havia uma orquestra completa no palco, mas todos os músicos eram inesperadamente jovens. Pelo menos dois deles poderiam estar no ensino fundamental. O maestro nos contou que aquele era o recital de verão da Orquestra Sinfônica Jovem de Taiwan. Ele havia fundado o projeto em sua cidade natal, Taoyuan, para criar mais oportunidades de carreira e desenvolvimento para jovens artistas. Os músicos que ouviríamos naquela noite, todos com menos de dezoito anos, haviam passado por diversas rodadas de audições regionais e nacionais. Eram os melhores dos melhores. Senti uma leve pontada de ressentimento, embora não tocasse um instrumento fazia anos. Aquela reação era enraizada, instintiva. Qualquer criança chinesa comportada era uma ameaça.

Eu não conseguia tirar os olhos do primeiro violino: um menino alto, de membros longos, usando um terno preto que ficava muito curto nos braços. Seu cabelo estava penteado com muito capricho, exceto por um único fio que ficava caindo em cima dos olhos. Ele tocava com o corpo inteiro. Fechava os olhos sempre que a música se avolumava e se balançava de um lado para o outro, dançando em seu assento. Nos Estados Unidos, seu nome seria algo como Kevin ou Jonathan. Decerto teria tocado durante os louvores na igreja, e todos os pais teriam rasgado elogios ao rapaz, e eu teria nutrido uma quedinha confusa por ele, e todos os departamentos de admissão de faculdade teriam revirado os olhos enquanto dispensavam outro candidato asiático cuja atividade extracurricular era tocar em orquestra. Nos Estados Unidos, ele teria sido um estereótipo; ali, em Taiwan, ele era só um menino que amava seu violino. Eu me perguntei se eu teria continuado a tocar violino se tivesse crescido em Taipei e me imaginei por um instante como uma das meninas ao lado dele no palco. De cabelo preto brilhante numa trança descendo pelas costas. De vestido preto reluzente; de sapatos pretos lustrosos, batendo os pés ao ritmo da música.

* * *

Toda vez que ia ao salão de concertos, eu me perguntava por que tinha ido tão

longe só para escutar música da Europa Ocidental. Eu sentia certa culpa por gastar o dinheiro da bolsa de estudos em ingressos para espetáculos, já que, tecnicamente, os fundos eram destinados a "atividades de enriquecimento cultural taiwanês", e escutar música clássica de compositores europeus estava longe disso, a menos que se considerasse o fato de que muitos dos músicas e do público eram taiwaneses, então será que qualquer coisa com participação deles não contava como uma atividade taiwanesa?

Fosse como fosse, eu havia desistido daquele projeto de conexão autêntica. Taiwan fazia tanto sentido para mim quanto Franz Liszt. Minha família não era dali. Eu era, na verdade, a primeira pessoa da família a visitar Taipei; minha mãe era a segunda. Gonggong jamais havia colocado os pés na ilha. Ele poderia muito bem ter feito isso; essa realidade alternativa de fato existiu. Se ele tivesse permanecido com os nacionalistas, se tivesse fugido para cá em 1949 com os outros soldados e suas famílias, então talvez eu tivesse crescido visitando parentes num arranha-céu em Taoyuan, que me levariam a restaurantes de hotel onde os pãezinhos de gergelim pareciam peras. Mas não foi assim que as coisas aconteceram, e qualquer nostalgia provocada por este lugar era em relação a um passado hipotético: talvez, deveria, quem dera.

Essa ruptura foi muito libertadora. Absolvia todas as minhas experiências do fardo de precisar ter um significado. Eu não estava voltando para casa e não era uma turista. Era apenas uma estudante, e só estava morando em uma cidade entre dois milhões e meio de outras pessoas, muitas das quais amavam Liszt, assim como eu. E, por ora, nós todos chamávamos aquela cidade de lar.

* * *

Eu estava ficando boa em identificar os expatriados estadunidenses de veraneio no meio da multidão. Eles eram os mais ranzinzas e suados, e, quanto mais velhos, mais infelizes pareciam. Os meninos faziam bico enquanto se arrastavam atrás dos pais, reclamando do sinal de celular, e as garotas ficavam sentadas de mau humor, de braços cruzados, empurrando a comida no prato.

Eu sentia certa empatia. Minha mãe havia me levado a Xangai no meu primeiro verão depois de ter entrado no ensino médio, uma viagem abafada que se resumia a esperar em filas enquanto estávamos paradas na sombra, me

refrescando com um ventiladorzinho portátil que comprei de lembrancinha. Eu havia passado a maior parte do tempo me isolando do mundo com meus fones de ouvido da Skullcandy, olhando para fora de janelas de ônibus, contando as horas até o nosso voo de volta para casa.

As piores idades para voltar à China foram dos doze aos dezesseis; as piores de todas, ponto-final. Os seios estavam crescendo, assim como o restante da gordura corporal. Nada servia direito. A pele ficava oleosa, dolorida e avermelhada; nenhum dos produtos da farmácia funcionava. Era preciso comprar roupas novas de meses em meses, mas não importava com que frequência se aumentasse o tamanho das calças jeans, a sua barriga continuava saltando das laterais. Estava quente demais, úmido demais, e você estava ranzinza demais para lidar com a boa vontade de seus parentes. Todos ficavam maravilhados com o quanto você havia crescido, mas dava para ler direitinho o choque no rosto deles: você tinha sido dilacerada pelos hormônios; não era mais bonitinha. Muitos anos antes, uma de nossas tias de Guangzhou havia levado Jasmine para fazer algum tipo de tratamento que prometia resolver sua acne cística; houve uma reação alérgica, algo a ver com uma agulha, e muitas reprimendas aos berros, e Jasmine nunca mais voltou à China.

Já era complicado o suficiente se tornar um sujeito na cultura que você conhecia. Aquela era a pior época para incluir no cenário todas as possíveis versões suas que você já não poderia ser. Tudo que se via era como as crianças chinesas eram melhores do que você: sem poros dilatados, sem suor, excelentes em matemática, habilidosas em manobrar as bicicletas no trânsito. Como era cruel jogar na Ásia uma criança estadunidense alimentada com bifes e besuntada de hidratante e perguntar: você poderia sobreviver aqui? Você conseguiria se encaixar?

Tenha dó, e depois eles queriam que você falasse! Não havia problema que crianças pequenas falassem apenas uma ou duas frases em chinês. Criancinhas eram aplaudidas se conseguissem dizer qualquer coisa coerente. Mas uma adolescente de catorze anos estava chegando à vida adulta, já tinha educação, e, quando uma adolescente de catorze anos tinha que pedir para a mãe traduzir uma frase como "Tem gengibre nisso aqui?", era colocada em outro patamar de vergonha.

Eu entendia esses adolescentes; sabia que todos eles se sentiam burros, lerdos

e inadequados, assim como eu havia me sentido durante essas viagens. Era um ambiente estranho, e, embora seus pais pudessem voltar sem fazer o menor esforço, essa ponte havia se despedaçado para eles havia muito tempo. Não era mais uma possibilidade. E cada viagem ficaria mais desconfortável do que a anterior, mais alienante e degradante, até que parassem de vez.

Não importa, eu queria dizer a eles. Parem de contar os minutos. Perguntem as palavras que vocês não conhecem. Usem o celular. Usem a gramática ruim de vocês. Sejam burros, lerdos e inadequados. É só estarem presentes.

* * *

Eu só voltava ao apartamento para dormir, o que significava que com frequência só chegava lá pela meia-noite. Portanto, eu conseguia evitar qualquer interação com Anna. Às vezes, ela já estava dormindo quando eu chegava, ou pelo menos tão encolhida na cama que poderia fingir não ter me visto. Às vezes, ela passava a noite fora. Pensei em perguntar sobre seu cronograma, só para que eu pudesse passar a noite em casa uma vez na vida. Mas não queria que ela soubesse que eu me importava. Eu gostava daquele joguinho de esquiva, fingindo que nós duas tínhamos coisa melhor para fazer. Eu gostava de ficar fora de casa. Eu me orgulhava da minha capacidade de vagar por aí, livre, leve e solta.

* * *

Recebi um e-mail do site de ingressos: meu Passeio do Chá no distrito de Pinglin seria dali a vinte e quatro horas, o ponto de encontro do ônibus ficava do lado de fora de uma das entradas da estação do Taipei 101, e eu reconheceria meu guia pela bandeirinha xadrez azul e branca. Esse passeio tinha fugido da minha mente. Anna e eu havíamos reservado durante a nossa primeira semana em Taipei, quando ainda estávamos determinadas a fazer passeios diurnos todos os fins de semana. Eu decidi ir: aquela atividade tinha boas avaliações, e já estava pago. Se Anna quisesse se juntar a mim, seria muito bem-vinda.

Anna não apareceu. Eu era a única pessoa sozinha. A descrição da atividade havia prometido um tour privado, mas só então eu entendi que isso significava que era um tour privado para todos os desconhecidos que formavam aquele

grupo. Havia uma família branca da Filadélfia, algo que eu sabia porque os pais contaram sua origem para todas as pessoas nas fileiras à frente e atrás deles. Havia uma família asiático-americana vestindo roupas de Harvard da cabeça aos pés: camisetas, bonés, mochilas e tudo o mais. A mãe e o pai tinham uma beleza elegante, e seus filhos gêmeos, que pareciam ter a minha idade, eram tão altos que chegava a ser desproporcional. Havia três mulheres de Singapura com a pele mais pálida que eu já havia visto, cobertas com chapéus, óculos de sol e camisas de manga comprida. Por fim, havia no ônibus um casal mais ou menos da minha idade, talvez um pouco mais velho, cuja raça ou nacionalidade eu não teria conseguido definir nem se tentasse. Eles estavam atrasados; os dois chegaram correndo no ônibus cinco minutos depois do horário marcado. Eu pensei que talvez a menina fosse pelo menos em parte chinesa porque ela pediu desculpas ao motorista num mandarim fluente e melódico. Mas, quando eles se acomodaram atrás de mim, ficavam alternando entre francês e inglês. O rapaz era bonito, mas a menina era de uma beleza inconcebível, de pele clara, sardas e cabelo castanho grosso e levemente ondulado. Eu não conseguia parar de encarar os dois; estava com tanta inveja.

Nosso guia era um homem atarracado e sorridente de óculos. Ele se apresentou como Jackie.

— Que nem o Jackie Chan, assim vocês não esquecem.

Ele explicou que havia se denominado Jackie vários anos antes porque os turistas ficavam assassinando seu nome verdadeiro, e houve uma pausa antes que todos dessem uma risadinha.

Jackie falava em um microfone na frente do ônibus. Havia pequenos alto-falantes instalados ao longo do teto do veículo, de forma que, não importava onde estivéssemos sentados, parecia que ele estava falando direto em nossos ouvidos. Faríamos três paradas naquele dia: primeiro, numa plantação de chá; depois, num vilarejo para termos a experiência de uma cerimônia de chá tradicional; e, por último, no Museu do Chá de Pinglin. Ficava a mais ou menos uma hora e meia de distância do nosso primeiro ponto, e tínhamos muita coisa para fazer, então Jackie esperava que todos nós já tivéssemos ido ao banheiro.

Ele colocou algumas músicas pop taiwanesas nos alto-falantes, mas uma das mulheres de Singapura reclamou que a estática estava lhe dando dor de cabeça, então ele desligou. Seguimos em silêncio por um tempo, e depois Jackie nos

contou uma história de como, certa vez, em outra vida, sendo entregador de aplicativo, ele era tão propenso a cair no sono ao volante que havia passado a mastigar noz de areca enquanto dirigia, com um balde de latão no colo para poder cuspir ali. Depois ele riu e falou para não nos preocuparmos; nosso motorista era muito mais responsável.

* * *

Nossa primeira parada foi ao longo de uma estrada montanhosa, debaixo de um campo de cultivo de *oolong*: uma ladeira de arbustos verde-escuros em fileiras organizadas e escalonadas. Jackie nos contou que muitas das misturas que acreditávamos serem chás diferentes eram, na verdade, a mesma planta: as folhas só haviam passado por processos diferentes. Chá preto era apenas chá verde altamente oxidado, por acaso sabíamos disso? As mulheres de Singapura soltaram exclamações de surpresa. A família da Filadélfia acusou Jackie de estar brincando com a cara deles, mas aí um dos pais de Harvard procurou aquela informação e confirmou: chá preto e verde vinham da mesma planta. Jackie explicou que os campos que estávamos admirando eram de uma variedade especial de *oolong*, colhida apenas depois de as folhas serem mordiscadas por cigarrinhas. Esse chá era chamado de 蜜香烏龍, que podia ser traduzido como "*oolong* com notas olfativas de mel". Quando fervido, Jackie afirmava, aquele chá era tão perfumado quanto mel.

— 苦盡甘來 — respondi. Eu havia acabado de aprender aquele *chengyu* na aula de Pensamento e Sociedade. Significava: "quando as épocas de amargura cessam, as épocas de doçura começam."

— Não, não — respondeu Jackie. — É só um processo químico.

Tínhamos meia hora livre para zanzar pela plantação, mas precisávamos ficar atrás das cordas. O pai da Filadélfia esticou a mão e arrancou uma folha para mastigar, e Jackie gritou para que o sujeito parasse. O guia não conhecia o dono daqueles campos. Podíamos estacionar ali, mas só tínhamos direito à estrada. Não tínhamos permissão de tocar nas folhas de chá. Esse direito era reservado às cigarrinhas.

Todos se dispersaram para fotografar os campos. Como eu estava sozinha, a mãe da família de Harvard me perguntou se eu me importaria de tirar algumas

fotos para eles. Os gêmeos eram tão altos que foi difícil enquadrar todos. Tentei diversos ângulos, mas ou os gêmeos pareciam gigantes, ou os pais pareciam crianças. A mãe passou por todas as fotos quando eu devolvi o celular, e dava para ver que não tinha gostado nem um pouco delas, mas ainda assim disse:

— Muito bom, obrigada.

Ela falava inglês sem qualquer indício de sotaque. Eu perguntei se ela tinha família em Taiwan, e ela respondeu que não; era sino-americana, e seus pais eram da China continental, perto de Xangai.

— Mas é mais fácil entrar em Taiwan sem visto. É a primeira vez que os meninos visitam a Ásia. Nós queríamos que eles tivessem uma ideia melhor de onde vieram.

Nenhum de nós era de Taiwan, mas eu entendia o objetivo dela. Eles eram como eu: estavam usando Taiwan de entrada para o coração do império.

— Meus colegas disseram que Taiwan é, tipo, a China no modo fácil — comentou o marido dela.

Eu perguntei o que ele queria dizer com aquilo, e o homem respondeu:

— Acho que é mais fácil visitar democracias. Todo mundo falou que Taiwan seria mais seguro.

Perguntei o que eles haviam feito até então, e a mãe desatou a mencionar os clássicos: Taipei 101, Montanha do Elefante, o Museu do Palácio Nacional, o Memorial Chiang Kai-shek. Um dos filhos se interessava por jazz, então eles haviam ido a um espetáculo underground de jazz que tinham visto num folheto, mas a mulher não ficou muito impressionada com a música. Parecia mais uma produção amadora. Ninguém fez nenhum tipo de improviso; todos tocaram a partir de partituras, e não muito bem.

— Nós somos do Brooklyn — explicou a mulher. — Então o nosso padrão é um pouquinho mais alto.

* * *

Nossa segunda parada foi numa loja de chá tradicional em Pinglin. Jackie pediu que nos dividíssemos em duas mesas — numa ficariam os que falavam chinês, na outra, os que não falavam. Ele faria a tradução para o inglês na mesa dos não falantes de chinês, mas os demais poderiam escutar diretamente as palavras de

nosso anfitrião, mestre Luo. Eu me sentei na mesa dos falantes de chinês com o atraente casal talvez francês e as mulheres de Singapura. Houve certa confusão na mesa dos falantes de inglês. Parecia que não havia espaço suficiente para a família da Filadélfia e a de Harvard, então alguém teria que se juntar a nós.

Jackie perguntou se alguém estaria disposto a traduzir. Eu olhei de relance para as singapurenses, depois para o casal atraente, e, quando ninguém levantou a mão, disse que poderia tentar. Revirando os olhos, um dos gêmeos veio até nós e se sentou ao meu lado. Ele tinha cheiro de suor e azedume, de uma maneira agradável que era confusa. Era o mesmo cheiro de JC. Ai, como ele era bonito. Mas a essa altura eu já estava imune a isso.

O mestre Luo explicou que o processo de infusão que ele estava prestes a demonstrar não era muito complicado nem cerimonial. Esse tipo de coisa era uma preocupação mais japonesa. Ele só iria nos mostrar a maneira comum de se apreciar chá em casa: os métodos de extrair os sabores mais sutis e complexos das folhas. Ainda assim, o processo de infusão era bem mais complicado do que eu esperava. Primeiro, o mestre Luo encheu uma chaleira de barro com folhas secas, mais ou menos dois terços dela, de forma que as folhas tivessem espaço para expandir. Depois ele despejou água que havia sido aquecida até exatos noventa graus. Chás diferentes afloravam em temperaturas diferentes. Nós não poderíamos cometer o erro estadunidense de derramar água fervendo em cima de tudo. A primeira infusão levava apenas vinte segundos. Folhas de *oolong* deveriam passar por diversos processos de infusão, por intervalos de tempo cada vez maiores, e o verdadeiro potencial das folhas não se revelaria até a sexta ou sétima etapa.

Ele serviu a primeira infusão em xícaras estreitas de porcelana. A primeira leva nunca era muito boa, ele admitia; era mais uma ducha para as folhas, mas ainda assim tínhamos que beber. Mas não poderíamos beber daquelas xícaras. Precisávamos colocar um segundo conjunto de xícaras mais largas de cabeça para baixo por cima das estreitas e virar ambas, depois retirar as xícaras estreitas para que o chá terminasse nas mais largas. Todos derramaram o chá. O mestre Luo explicou que era preciso ter prática. Depois, ainda assim não poderíamos beber o chá, porque tínhamos que apreciar os aromas primeiro.

— Sintam o cheiro — instruiu ele, gesticulando para as xicrinhas vazias. — Deixem o sabor desabrochar.

Dei uma cheiradinha na xícara. Tinha cheiro de chá. Primeiro uísque, agora chá; onde estavam as tais notas frutadas?

— Vocês podem rolar a xícara vazia nas mãos para esquentar. — O mestre Luo demonstrou. — Sintam.

— Por que estamos rolando? — perguntou o gêmeo.

— É só para, tipo, esquentar.

Nós dois imitamos o mestre Luo, esfregando vigorosamente as xícaras entre as nossas mãos.

— Mas já está tão quente do lado de fora.

Era verdade; eu jamais teria pensado que minhas mãos precisavam se aquecer até que eu tivesse um bule de chá vazio e perfumado diante de mim.

— Acho que faz bem para a saúde.

— Globos oculares também.

O mestre Luo esfregou a xícara por cima do rosto.

— Os olhos também — falei para o gêmeo.

— Por que a gente teve que virar as xícaras? — quis saber o rapaz.

O mestre Luo tinha dado uma explicação, mas eu não havia entendido direito.

— Oxidação — respondi, e o gêmeo assentiu, como se aquilo fizesse todo o sentido do mundo. — O chá precisa respirar.

* * *

Quando concluímos a degustação, Jackie nos disse que a loja estava oferecendo dez por cento de desconto em chás a granel, só para nós, já que tínhamos sido clientes tão bacanas. Comprei um pacote do chá com aroma de mel e mordidas de cigarrinha. O mestre Luo me disse que ficava melhor em sua sexta ou sétima infusão, quando adquiria a cor de certo vinho que se pronunciava *xiáduōlǐ*, que eu pensei que pudesse ser um vinho da Sicília até que me dei conta de que ele tinha dito "Chardonnay". Decidi que pesquisaria a cor de Chardonnay mais tarde.

— Foi uma experiência e tanto — comentou a mãe de Harvard para mim. — Como foi que você ficou tão boa em chinês?

Contei a ela e ao marido tudo sobre o curso: o cronograma rigoroso, as diversas eletivas, as turmas pequenas e as pilhas de dever de casa.

— Que incrível — disse o pai. Ele se virou para os filhos. — Vocês deveriam pensar em fazer algo assim no próximo verão. Vão lá, perguntem sobre o prazo de matrícula.

— Eu acho que Harvard tem uma escola de verão em Beijing — comentou o gêmeo mais alto.

— Tem mesmo — confirmei —, mas o programa de Harvard não é tão bom quanto o nosso. O nosso é, de longe, o melhor.

Os gêmeos não pareceram acreditar em mim. Eles não me perguntaram como fazer a inscrição.

* * *

Nossa última parada foi no Museu do Chá de Pinglin.

Jackie distribuiu nossos ingressos conforme saíamos do ônibus. Ele já havia visitado aquele museu inúmeras vezes, então iria nos esperar do lado de fora. Deveríamos estar de volta ao ponto de encontro às cinco da tarde. Não poderíamos nos atrasar. Não dava para o ônibus ficar enrolando ali na frente para sempre, e tínhamos que enfrentar o trânsito da noite até a cidade. Jackie passou por nosso grupo, fazendo com que cada um de nós confirmasse em voz alta: cinco em ponto. Depois ele se despediu e voltou para dentro do ônibus.

Eu vaguei sem muito ânimo até o salão de exposição. Estava determinada, acima de tudo, a encontrar um lugar para me sentar. Havia tomado nove xícaras de chá na última hora; me sentia zonza por conta da cafeína e já estava cansada de ouvir sobre processos de seleção, secagem, oxidação e rolagem. Encontrei um banco logo após a entrada e joguei a cabeça para trás, contra a parede. Meus dedos formigavam.

Havia uma série de pinturas na parede à minha frente: uma ilustração ampliada de procariontes, uma colônia numa placa de Petri e o que eu tinha certeza de que era o Big Bang. A legenda abaixo dizia: A ALQUIMIA DA INFUSÃO / O NASCIMENTO DA CRIAÇÃO.

Bem, aquilo era interessante. Fiquei de pé. As placas na parede explicavam: o chá era feito a partir da infusão das folhas em água. Um conceito simples, mas essa metáfora, na verdade, detinha o segredo de toda a vida na Terra. O universo foi criado através da infusão. Matéria orgânica foi infundida na sopa primordial,

e a partir disso a vida como a conhecemos se formou. Procariontes se transformaram em pessoas. A infusão era uma gênese, uma metamorfose: através da infusão, o pequeno se tornou grande, o concentrado se dispersou, o duro ficou mole, o sujo se purificou e os doentes se curaram. Que observação mais simples e profunda! Eu conseguia pensar em muitas coisas que ficavam melhores depois de serem infundidas em água quente: macarrão instantâneo, shitake, brinquedinhos expansivos de gel.

Nos fundos do museu, havia uma mesa onde se podia cheirar jarros repletos de folhas de chá variadas, mas isso parecia mais uma ideia de última hora. Quem quer que tivesse feito a curadoria daquela exposição estava mais empolgado pelo significado cósmico da infusão. Havia jarros de órgãos que deviam ser falsos, suspensos em líquido. Havia uma estudante japonesa de plástico sentada em cima de uma tigela de macarrão. Havia uma exposição de três capivaras de plástico em tamanho real flutuando, felizes da vida, em uma banheira. Duas estavam bebericando xícaras de chá, e todas as três estavam com laranjas no topo da cabeça. Havia uma réplica do E.T. em tamanho real. Revirei minhas lembranças desse filme, mas ainda assim não consegui desvendar o que o E.T. tinha a ver com o prazer da infusão. Perguntei à guia do museu, que me contou que ela não tinha muita certeza, talvez o personagem só estivesse lá para ser engraçadinho.

* * *

Às cinco horas, como prometido, Jackie estava esperando à porta. As mulheres de Singapura, a família da Filadélfia e o casal francês bonito já estavam prontos no saguão, mas a maioria da família de Harvard havia sumido. Só a mãe estava presente.

— O que aconteceu? — perguntou Jackie a ela, em inglês.

— Ah, eles só estão lá embaixo procurando um banheiro — respondeu a mãe. — Vão voltar num segundinho.

Essa situação era demais para o inglês de Jackie. Pelo visto, ele só era fluente quando seguia o roteiro.

— O quê?

— Eles…

A mãe tentou passar para o chinês, mas ela não sabia as palavras, e, quanto mais nervosa ficava, mais rudimentar se tornava sua fala.

— Um momento — repetia ela. — Esperar… Você pode esperar?

Mas Jackie também estava ficando nervoso. Ele disse, em chinês, que o motorista não poderia continuar ali; eles não poderiam bloquear a passagem, vans de turismo precisavam sair. Onde eles estavam? Quanto tempo demorariam? A mãe de Harvard parecia entender, mas não conseguia formular uma resposta.

— Todo mundo precisa voltar a Taipei — continuou Jackie. — Não é justo fazer todos esperarem.

Ele apontou para mim e para as mulheres singapurenses, e todas nós ficamos imóveis, tal qual objetos cenográficos relutantes. Tentei demonstrar empatia, mas não quis interferir. O momento se prolongou, agonizante, e então por fim o marido e os filhos subiram pelas escadas. A mãe os apressou em direção ao ônibus, exigindo saber por que estavam atrasados.

— O que aconteceu? — perguntava sem parar ao marido. — Algum problema?

— Relaxa aí — disse um dos gêmeos. — Não estamos tão atrasados assim.

Isso era verdade; só haviam se passado cinco minutos do horário combinado. O motorista não parecia se importar; ele só indicou que entrássemos no ônibus. Mas Jackie e a mãe estavam agindo como se essa fosse a pior coisa que poderia ter acontecido, como se todo o passeio tivesse sido arruinado.

* * *

Ficamos todos calados no caminho de volta. Estávamos cansados e precisávamos ir ao banheiro. Havíamos bebido nove infusões de chá *oolong*, afinal. A pressão física era dolorosa, como se uma faca incandescente estivesse cravada na minha bexiga. Jackie nos explicou que o trânsito estava lento, que eles pretendiam fazer a viagem direto, sem pausas, mas houve um clamor de reclamações, e nós pegamos um desvio e fomos até uma parada. Quando voltamos à estrada, o trânsito havia piorado, e ficamos parados do lado de fora da cidade por quase meia hora. Só chegaríamos ao Taipei 101 depois das sete, anunciou Jackie, com uma expressão séria. Isso seria o melhor dos cenários; vai saber se o trânsito poderia ficar ainda pior? Ele sentia muito, mas precisávamos entender que isso

não era culpa dele, e ele esperava que isso não influenciasse nossas avaliações.

A mãe de Harvard estava esparramada na fileira à minha frente, com a bochecha encostada na janela. O marido lhe perguntou onde ela queria jantar, e ela esbravejou que não sabia, que uma vez na vida ele poderia se encarregar do planejamento da viagem.

— Vocês precisam ter aulas — disse ela aos filhos. — Perguntem sobre o curso para aquela garota.

— Tá bom, mãe — respondeu um dos gêmeos.

— Não, eu quero mesmo que vocês perguntem para aquela garota. O chinês dela é tão bom… perguntem agora mesmo.

— *Mãe* — reclamou o outro.

A mulher se recostou no assento, de braços cruzados. O marido tentou encostar no braço da esposa, mas ela se desvencilhou.

Eu poderia ter me curvado para a frente e compartilhado o que eu sabia, que houve uma época em que eu também me sentia muito insegura quanto ao meu chinês. Poderia ter contado a eles o valor exato das mensalidades e as datas do curso de verão e as bolsas governamentais que tornariam o programa quase de graça. Poderia até ter contado para a mãe que havia uma opção de aulas particulares também; que ela poderia estudar mandarim quando quisesse, já que era óbvio que ela conseguiria arcar com esse custo. Mas eu sabia que eles não queriam ouvir mais nada de mim. Aquela crise de identidade não era minha.

* * *

Encontrei um cinema independente chamado SPOT num complexo ao ar livre chamado Parque Criativo Huashan 1914, construído no terreno de uma antiga destilaria de saquê. O Huashan 1914 era frequentado tanto por bandos de adolescentes fumantes que compravam discos usados como por pais jovens empurrando carrinhos de bebês e dando uma olhada nas bolsas japonesas costuradas à mão. O responsável pela curadoria dos filmes do SPOT parecia exibir produções sem fazer distinção entre datas de lançamento, regiões e gêneros. Não havia tema; poderia ser neorrealismo italiano num dia e cinema de artes marciais de Hong Kong no outro. Eu comecei a comprar ingressos para qualquer filme que estivesse passando naquela tarde. Queria descobrir do que os

cinéfilos taiwaneses gostavam.

Acabei assistindo a uma série de três filmes de Ryusuke Hamaguchi: *Como Se Nada Tivesse Acontecido, Paixão* e *I Love Thee for Good*. Os filmes de Hamaguchi contavam sobre como homens e mulheres queriam transar, mas algo sempre atrapalhava. *Paixão* foi meu favorito. Falava de um grupo de amigos que se reunia depois da faculdade, tentando resolver seus antigos envolvimentos sexuais ao fazer perguntas safadas e pesadas. Eles não podiam se recusar a responder a nenhuma pergunta, precisavam ser transparentes. Isso me lembrava de muitas festas de faculdade a que eu tinha ido no ano anterior. Com frequência jogávamos um jogo chamado Na Berlinda, em que uma pessoa precisa responder com sinceridade a todas as perguntas feitas durante sessenta segundos. As perguntas costumam abordar com quem transaram, ou com quem queriam transar, ou quem detestavam por transar com alguém com quem a pessoa queria transar. Mas nunca se conseguia arrancar uma resposta direta de alguém, por mais que a pergunta fosse bem específica. Era o mesmo caso de *Paixão*, do Hamaguchi. Todos estavam com tesão, mas cansados, falando em códigos, tentando se comunicar com uma única pessoa por quem sentiam interesse, mas de uma maneira velada para que o outro não pensasse que estavam *muito* interessados.

Por que era tão difícil ser sincero? O que aconteceria se dissessem na lata: *Eu quero transar com você*? E se eu tivesse dito para JC: *Eu quero ir para casa*?

Era estranho, mas eu achava isso tudo meio reconfortante. Então nem todas as barreiras eram linguísticas. Você poderia ser fluente em japonês e ainda assim não conseguir comunicar nada essencial. Em *Paixão*, havia dois personagens que conversavam em círculos sobre seu código de ética, seu desdém pelos amigos mais piranhudos e suas filosofias opostas sobre o amor, durante quase duas horas; dava para ficar com a sensação de que eles se detestavam, mas aí os dois brigaram em um banheiro e o cara empurrou a menina debaixo do chuveiro e o ligou, e as coisas pareceram tão violentas que por um instante fiquei receosa pela menina, mas aí os dois começaram a se beijar. Então a linguagem só podia levar você até certo ponto. Às vezes, você simplesmente precisava dar uns pegas, de roupa e tudo, no chuveiro.

O único problema com os filmes de Hamaguchi eram as legendas. Os personagens falavam em japonês, e a tela exibia três conjuntos de legendas:

inglês, japonês e chinês. Eu entendia um pouco dos três. Falava inglês. Estava quase fluente no chinês. Tinha tentado aprender japonês no ensino fundamental quando passei pela minha fase *otaku*, e, apesar de ter esquecido quase toda a gramática mais complexa, as partes fáceis — *sumimasen, arigatou gozaimasu, ganbatte!* — estavam gravadas no meu cérebro. Eu deveria ter acompanhado as legendas em inglês. Mas tinha entrado na sala de cinema preparada para ler chinês, então, quando via as legendas no idioma, meus olhos eram atraídos por elas primeiro. Assistir a um filme triplicado não foi nada bom. As três legendas transmitiam coisas um pouco diferentes. Dava para entender o enredo como um todo, mas as nuances pareciam importantes. Por exemplo, havia uma diferença enorme entre "Deixa para lá" e "Você jamais conseguiria entender".

* * *

Eu não sabia se meu chinês estava ficando melhor ou pior, apenas que minhas falas estavam cada vez mais estranhas. Na minha aula individual, eu havia decidido parar de moldar meus pensamentos para caberem nos padrões gramaticais apresentados. Em vez de responder a perguntas com construções diretas sugeridas pelo livro didático, eu tentava manipular quaisquer que fossem os bloquinhos disponíveis para expressar fosse lá o que eu estivesse pensando no momento. Quando eu não tinha um conceito, tentava ir pela tangente até que a professora Sun entendesse o que eu queria dizer. Ela me perguntou se eu acreditava em reencarnações, e eu não sabia como dizer "a imortalidade da alma", então falei:

— Será que uma alma é capaz de voltar? De onde é que ela volta? O que é uma alma? Do que ela é feita? É uma lembrança? Sem lembranças, será que uma pessoa é uma pessoa?

— Arrá! — respondeu a professora Sun.

E escreveu a seguinte frase no quadro: 靈魂不滅. "A alma é imortal"; "no sentido literal", "a alma não perece".

* * *

A cidade e todos os seus símbolos não me davam mais dor de cabeça. Eu já não

sentia qualquer pressão para interpelar aquele muro de significado. Havia passado a me sentir confortável com a incompreensão e sentia essa leveza no meu corpo. Todos os tendões do meu maxilar relaxaram. Não me importava se não conseguisse decifrar uma placa de rua ou uma conversa passageira. Percepções eram como água cristalina passando pela minha mente. Elas iam e vinham, mas nada permanecia. Bastava daquela busca frenética por significado. Eu poderia sustentar uma observação, piscar para ela e depois deixá-la partir.

A professora Sun me ensinou uma frase legal: 沈澱 — *chéndiàn*, "se assentar". Procurei no dicionário. Era um termo da química: assentar, precipitar. A professora o utilizou para falar sobre minhas emoções. Ela me contou que achava que nos últimos dias eu parecia mais calma, menos nervosa. Com uma das mãos, imitou um copo, e com a outra fez uma colher misturando o líquido ali dentro. Achei que isso significasse que eu estava afundando em depressão, mas ela disse que se assentar não era uma coisa ruim.

— A água fica mais límpida depois de a poeira se assentar — explicou a professora. — Significa que você separa todas as coisas ruins e sujas. É só esperar, e, aos poucos, as coisas se encaixam.

* * *

Vi um filme de 1982 chamado *Nômade*, do diretor de Hong Kong Patrick Tam. Como de costume, eu não sabia nada sobre o filme quando fui ao cinema, e durante a primeira hora achei que era só uma comédia romântica sobre quatro jovens de Hong Kong de bobeira numa ilha: Louis, Kathy, Pong e o personagem com o nome mais improvável, Tomate. Mas então o ex-namorado de Kathy, Shinsuke, chega do Japão. Parece que ele está tentando conquistar Kathy de volta, mas tem bem mais em jogo. Shinsuke está sendo caçado pelo Exército Vermelho japonês, um grupo de terroristas comunistas que ele abandonou. Shinsuke tenta convencer Kathy a escondê-lo, mas o Exército Vermelho o localiza, e aí a maioria dos personagens acaba morrendo. No meio disso, entra um canhão lança-arpão. A moral da história é que ninguém é capaz de fugir do passado. Você pode se distanciar e fingir que não tem nada a ver com você, mas aí talvez um terrorista surja e faça seu ex-namorado cometer *seppuku* na praia.

Meu sofrimento não era tão especial assim. Andrew tinha razão sobre uma

coisa naquela noite no bar. Se perguntar por aí, todos os asiático-americanos de primeira, segunda e terceira gerações deviam ter uma história triste em algum ponto da árvore genealógica. Os booms de migração que levaram nossos pais aos Estados Unidos estavam relacionados aos danos da Guerra Fria. Da China continental? Alguém foi pego pela Revolução Cultural. Da China continental nos anos 1980? Alguém estava fugindo de Beijing depois do Massacre na Praça da Paz Celestial… Bem, isso ou alguém entrou na faculdade. Vietnamita? Saigon capitulou, e depois disso estavam todos se amontoando em barcos. Hmong, laosiano, cambojano? Pode ir esquecendo.

A história mutilava a todos. Não éramos os únicos amaldiçoados. E minha tragédia pessoal não vinha do fato de que tudo isso havia acontecido, e sim de que ninguém havia pensado em me incluir nessa história: a indignação de uma criança ao perceber que nem tudo girava em torno do próprio umbigo.

* * *

Recebi outra notificação de uma reserva que eu havia esquecido: um bate-volta ao Parque Geológico de Yehliu. Eu também não lembrava que lugar era aquele, ou por que havíamos achado que valia o passeio, mas eu não tinha nada melhor para fazer naquele fim de semana.

Meu motorista era Jackie.

— Olá! — Parecia que ele não tinha me reconhecido. — Somos só nós dois hoje?

O veículo comportava até seis pessoas, mas fui a única a dar as caras. Era um dia de calor recorde, o terceiro consecutivo em que se quebrava o marco anterior. Era bem provável que os outros tivessem preferido ficar perto de um ar-condicionado.

Mostrei a Jackie o meu código de reserva e mencionei que havia participado da excursão de chá de Pinglin.

— Ah, que legal! — Ele não deu o menor indício de que se lembrava de mim. Insistiu em falar comigo em inglês, apesar de eu estar respondendo em chinês. — Você está viajando sozinha?

— Pois é, acho que sim.

— Taipei é um ótimo lugar para isso. É bem seguro!

Jackie colocou sua playlist de pop taiwanês, e lá fomos nós.

— Teresa Teng — contou ele, apontando para o rádio. Imaginei que esse fosse o nome da cantora. — Você conhece a Teresa Teng? É uma história bem triste. Ela morreu na Tailândia, com apenas quarenta e dois anos.

Perguntei a Jackie como ela havia morrido, e ele meneou a cabeça.

— Jamais saberemos.

O Parque Geológico de Yehliu ficava em um pequeno cabo pouco depois da costa da ponta norte de Taiwan. A praia era salpicada de pedras escuras e irregulares, que se estendiam pela areia feito minhocas alvoroçadas tentando se libertar.

— Pedras hudu — informou Jackie.

Eu não conhecia essa palavra.

— Vudu?

— Não, hudu.

Jackie pesquisou a definição no celular e passou o aparelho para mim. A palavra era, de fato, hudu: um pináculo de pedra alto e fino criado a partir de milhões de anos de erosão. O Parque Geológico de Yehliu tinha algumas pedras hudu únicas no mundo, segundo Jackie. As pessoas vinham de todos os cantos para ver essas rochas.

Ele me deixou na entrada do parque com duas garrafas de água e um mapa impresso das formações rochosas mais icônicas do parque.

— Daqui a uma hora, a gente se encontra bem ali.

O guia apontou para uma cafeteria do outro lado do estacionamento. Reforçou a situação do trânsito na volta, e eu prometi que não me atrasaria.

Perambulei sem pressa entre as pedras, tomando o cuidado de beber da minha garrafa de água de poucos em poucos minutos. O conselho era sempre manter os lábios úmidos, era assim que se prevenia a desidratação sorrateira. A temperatura ao ar livre havia atingido trinta e oito graus, sob o tipo de céu claro e ofuscante que fazia os ouvidos zumbirem, e eu era uma das poucas pessoas na ilha. Os outros turistas incluíam um casal de asiáticos munidos de mochilas de hidratação e três mulheres alemães animadas. Se eu me colocasse entre as formações rochosas, conseguiria bloqueá-los de vista. Então seria como se eu fosse a única forma de vida presente. Eu havia chegado não apenas ao outro lado do mundo como a outro planeta, um outro reino por completo, onde não havia língua

nenhuma a ser falada, nenhum símbolo no ar, apenas as ondas quebrando contra as pedras.

Segui a trilha no mapa de Jackie até que já tivesse identificado e fotografado todas as formações rochosas. Havia o Sapato de Fada, a Colmeia, a Pedra Tofu e um conjunto de Velas do Mar. Aprendi que a formação mais famosa era a Cabeça da Rainha, que para mim lembrava a cabeça de Nefertiti: o longo arco de seu pescoço e a coroa volumosa despontando por trás. A erosão era um grande problema, de acordo com o mapa. O pescoço da Cabeça da Rainha havia desgastado numa velocidade preocupante; era pouco provável que ela fosse sobreviver até o fim daquela década.

— *Schlep* — disse uma das alemãs, fazendo um gesto de guilhotina diante do pescoço.

Mas nem tudo estava perdido. Havia uma rocha sucessora: a Princesa Fofinha, que tinha o mesmo pescoço alongado, embora um perfil menos definido. Turistas eram encorajados a se agruparem em torno da Princesa Fofinha para fotos, de modo que deixassem a Cabeça da Rainha em paz e adiassem sua decapitação por mais uns cinco anos.

* * *

Minha mãe continuou a me ligar durante alguns dias para me atualizar da situação em Guangzhou, mas nunca parecia conseguir falar por muito tempo. Era a primeira vez que ela voltava à China em muitos anos, e as irmãs a levaram em inúmeras viagens bate-volta para fora da cidade, na tentativa de compensar o tempo perdido. Ela mandava fotos todos os dias. Até aquele momento, elas haviam escalado uma montanha, ido a um spa e tirado fotos enquanto vestiam trajes tradicionais de uma minoria étnica não especificada. Minha mãe e sua irmã mais velha, minha *dayi*, faziam a mesma pose aonde quer que fossem: lado a lado, com os braços esticados por cima da cabeça para formar um coração.

Minha mãe não queria conversar sobre o estado de Popo, mas queria conversar sobre uma autora taiwanesa chamada Chiung Yao. Ela era muito querida por seus romances. Tinha cometido suicídio no inverno anterior, embora não tivesse sido nada trágico. Foi assim que a minha mãe contou. Foi planejado. A mulher estava chegando aos noventa anos e só queria deixar essa vida com

dignidade.

Chiung Yao tinha nascido no mesmo ano que Popo, então, se eu quisesse saber mais sobre as histórias dos meus avós, minha mãe sugeriu que eu lesse as memórias de guerra da autora. Havia um ótimo vídeo de YouTube sobre o assunto. Ela me mandaria um link.

— Caramba — comentei. — Por acaso elas se conheciam?

— Não, mas eram da mesma geração.

— As duas eram de Guangzhou?

— Não, Chiung Yao era de Chengdu. Mas partes da jornada delas foram parecidas. Pelo menos, no quesito emocional. É só você ler. Você queria saber mais sobre a história deles, não queria?

As memórias de outra pessoa. Senti um nó no estômago. Será que isso era o mais próximo que eu iria chegar?

Quis dizer à minha mãe como aquilo era absurdo, que era equivalente a mandar uma criança ler os livros de John Steinbeck para entender mais sobre como a geração dos avós dele haviam sobrevivido à Grande Depressão. Mas as palavras ficaram presas na minha garganta porque, quando pensei no assunto, aquilo não era tão absurdo assim.

* * *

Haveria outro recital de Liszt no Salão de Concertos Nacional. Alguém, em algum lugar, havia declarado que aquele era o Verão de Liszt. O espetáculo foi concebido em torno da obsessão de Liszt com a morte, o que, de acordo com o meu livreto, talvez fosse inspirado pelo caso fatal de febre tifoide do pai de Liszt, quando o compositor tinha quinze anos.

Liszt também fora inspirado pelo afresco medieval chamado *O triunfo da morte*, em Pisa, pintado por Buonamico Buffalmacco. Havia a reprodução de uma foto borrada no meu panfleto; o afresco não estava em excelentes condições. Eu o segurei na altura dos olhos e forcei a vista para enxergar no escuro. Consegui identificar o que parecia um grupo de caça: homens a cavalo se deparando com três caixões abertos na mata. Esses caixões continham um corpo fresco, um cadáver em decomposição e um esqueleto. Os caçadores apontavam, boquiabertos. Em outro lugar, um grupo de mulheres, talvez as esposas dos

caçadores, estava sentado, todas alheias com seus bordados, enquanto, acima delas, anjos e demônios carregavam corpos nus, talvez para o céu ou o inferno. O livreto explicava: a morte está em todo lugar, inescapável, e de fato triunfante.

A apresentação começou com um concerto de piano intitulado *Totentaz* — a *danse macabre*, a dança com a morte. *Totentaz* abria com uma batida rítmica: notas musicais individuais e ameaçadoras, depois reforçadas pelos naipes dos metais. A marcha se intensificava, depois recuava a um arrastar de notas, depois se intensificava de novo. Trinados intermináveis de piano, subindo e descendo pelas teclas, e, conforme ficavam mais altos, imaginei que os anjos e demônios saltavam das páginas e se entremeavam pela multidão. Senti uma dor lancinante no maxilar, de tanto trincar os dentes. Meu coração estava acelerado. Alisei o maxilar e me forcei a respirar fundo, ao mesmo tempo que o concerto também desacelerava para um fluxo pensativo. Eu estava assustada. A música jamais havia provocado uma reação tão visceral em mim.

Mas essa não foi a mesma morte que acometeu meu *gonggong*, tentei me convencer. Fechei os olhos com força, na esperança de ignorar os arpejos crescentes. Gonggong não foi levado em correntes, não foi arrastado por um pandemônio frenético. A morte chegou com gentileza. Eu precisava acreditar nisso. A morte foi uma queda, depois um sussurro e por fim seja lá o que viesse depois.

* * *

Parei de sair durante a penúltima semana de curso. Eu precisava estudar para as provas de meio período.

Chamavam de meio período, mas na verdade eram as provas finais: avaliações exaustivas que determinavam nossas notas. Os instrutores não gostavam de dar provas na última semana de aula, porque aí não teríamos a sensação de encerramento. A professora Xu havia explicado isso durante a orientação. Entregar provas em silêncio não era jeito de se despedir.

Todos os dias, eu estudava na Youmoutoohana das quatro e meia da tarde até a hora de fechar. Qualquer conteúdo das últimas sete semanas poderia cair nas provas. Fiquei abismada com as lacunas na minha memória. Eu folheava as páginas do livro didático até um capítulo anterior e descobria que não me

lembrava de ter lido aquelas palavras ou aquelas passagens. Isso parecia impossível, já que havíamos decorado essas listas com tanta intensidade mal fazia uma ou duas semanas. Deveriam ter ficado registradas na minha cabeça. Mas, quando tentei reconectar as velhas sinapses, os receptores não estavam ali. Quando havíamos discutido o impacto da Segunda Guerra Mundial na identidade chinesa provinciana?

Eu costumava pensar que o aprendizado era um processo interminável e expansivo, que eu poderia acrescentar mais e mais coisas no meu cérebro até que um dia eu saberia de tudo e conseguiria me lembrar de qualquer informação na mesma hora. Eu tinha uma boa memória, essa era minha maior qualidade. Mas no momento parecia que minha mente não era tão grande assim, e, se eu quisesse espaço para novos conceitos, teria que retirar o acesso a outros. Talvez, para aprimorar meu chinês, eu tivesse que regredir no inglês. Eu nunca havia considerado a possibilidade de que pudesse haver um limite máximo para as informações alojadas no meu cérebro, que eu poderia tentar o quanto quisesse, mas jamais saberia tudo de que precisava.

* * *

Como meus pais tinham conseguido passar por aquilo?

Eles haviam enfrentado uma transformação bem mais difícil, só que ao contrário. Não haviam passado apenas o verão nos Estados Unidos. Eles haviam *se tornado* estadunidenses. Por outro lado, não fizeram isso de forma passiva, absorvendo pedacinhos da cultura conforme surgiam. Eles haviam superado os atritos de construir uma vida: tinham alugado apartamentos, estudado para obter diplomas, passado por entrevistas de emprego, solicitado a cidadania. Meu pai me contou que havia se comprometido a aprender inglês ao absorver o "melhor" da cultura anglófona. Isso significava assistir a filmes. Ele havia feito um curso sobre cinema moderno americano durante seu último semestre na Universidade de Pequim e chegado na Califórnia já familiarizado com obras-primas como *Apocalypse Now, O Poderoso Chefão* e *Tubarão*. Meus pais amavam as obras estadunidenses. Estavam dispostos a rever um filme até dizer chega. Eu me lembrava da minha mãe sentada num banquinho na cozinha depois do jantar, vendo *Questão de Honra* pela enésima vez. Ela já conhecia tanto as falas que as

pronunciava alguns segundos antes dos próprios atores. *Fui claro? Claríssimo*. Sua piada favorita era que o filme deveria ser renomeado como *Questão de Beleza*. No clímax, quando Jack Nicholson explode na cara de Tom Cruise na sala de tribunal, minha mãe se levantava e declarava em sincronia:

— Vocês *me querem* naquela parede. Vocês *precisam de mim* naquela parede!

Será que eu conseguia fazer algo assim? Eu não conhecia nenhuma fala icônica de filmes chineses. Não conseguia nem mencionar diretores icônicos chineses além de Zhang Yimou, que era o mesmo que dizer que seu diretor favorito era Steven Spielberg.

Só que meus pais moravam nos Estados Unidos havia décadas, e ainda assim não tinham a fluência de um nativo. Mal conseguiam lidar com pronomes de gênero. Mandarim falado não tinha gênero; "ele", "ela", "isso" soavam como *ta*. Meus pais, portanto, atiravam "ele" e "ela" a torto e a direito, sem a menor consideração pelo sujeito; ao telefone, quando reclamava sobre meu pai, minha mãe com frequência o chamava de "ela". Isso virou um problema no ensino médio, quando aprendi que errar o pronome de alguém era motivo de ofensa. Eu sugeri que meus pais usassem algo neutro, mas eles nunca se lembravam disso. Na faculdade, enfim descobri o segredo: meu pai chamava alguém de "ele" se a palavra anterior terminasse em consoante e "ela" se terminasse em vogal.

O inglês deles piorava quando tentavam ser levados a sério. Isso ficava cada vez mais evidente conforme eu crescia. Em reuniões de pais e mestres, em consultas médicas, em filas de caixas de supermercado, na inspeção de segurança de aeroportos, o inglês deles ficava mais rebuscado, só que menos confiante. Vogais enunciadas com exagero, consoantes firmes, uma dicção quase vitoriana, como se estivessem lendo um livro didático de jardim de infância, e mesmo assim eles precisavam se repetir, mesmo assim não conseguiam se fazer entender. Quando a situação era muito séria, o inglês dos meus pais ficava incerto, forçado, apequenado. Com a polícia, eles mal conseguiam se expressar. Mais de três décadas depois, a língua deles ainda os traía.

* * *

Na aula individual, a professora Sun perguntou se eu já havia começado a trabalhar no rascunho do meu trabalho de conclusão.

O projeto era uma prova disfarçada. Para nos formarmos no curso, precisávamos escrever uma redação usando mil ideogramas e depois fazer uma apresentação oral diante do corpo docente. O tema da minha redação era como a linguagem impactava nossa personalidade e as percepções de mundo. Um tempo antes, eu havia lido um conto chamado "História da sua vida", de Ted Chiang, no qual a protagonista aprende um idioma alienígena e, assim, passa a ver o futuro. Ela consegue ver o futuro porque o idioma alienígena é circular, e os verbos têm uma relação diferente com causalidade, então compreender a estrutura gramatical da língua também altera sua percepção do tempo. Ela sabe, por exemplo, que terá uma filha, antes mesmo de a menina ser concebida, e que essa filha morrerá muito jovem. A representação da linguagem em "História da sua vida" de Chiang adotava uma versão extrema da hipótese de Sapir-Whorf ao afirmar que nossas percepções do mundo são estruturadas inteiramente pela linguagem. A maioria dos linguistas da atualidade concordava que a versão extrema da hipótese de Sapir-Whorf não era verdadeira, mas a versão mais moderada era convincente: nossas percepções de mundo e nosso entendimento de nós eram, sim, influenciados por certo contingente linguístico.

Tentei expressar tudo isso para a professora Sun com o vocabulário que eu tinha.

Ela parecia confusa.

— Então você quer escrever sobre alienígenas?

— Não, é só um exemplo.

Eu titubeei. Não sabia como dizer "determinismo linguístico" ou "identidade pessoal" em chinês. Eu havia colocado esses termos no meu rascunho, mas não conseguia me lembrar de como dizê-los em voz alta.

— Meu argumento é que alienígenas pensariam sobre o tempo e o espaço de uma maneira bem distinta da nossa. Então estou sugerindo que as pessoas vivenciam o mundo de maneira diferente em línguas diferentes e também têm personalidades diferentes em línguas diferentes.

— Você se sente uma pessoa diferente quando fala chinês? — quis saber a professora Sun.

— Com certeza. Em inglês, eu sou mais confiante. Em chinês, eu me sinto mais jovem e ingênua. E você… você tem uma personalidade diferente em inglês?

— De jeito nenhum — respondeu ela. Passou a usar o inglês só para ilustrar o argumento. Suas vogais em inglês eram uma bagunça, mas ela as pronunciava com muito gosto. — Eu sou a mesma pessoa, não importa o que aconteça.

Eu acreditava nela. Talvez uma personalidade forte ultrapassasse qualquer barreira linguística. Mas eu não era tão enérgica quanto a professora Sun. Eu ia aonde quer que a língua me levasse, e, quando não contava com ela, definhava.

A professora Sun disse que meu projeto tinha potencial e que estava ansiosa para a apresentação, mas recomendou acrescentar algumas anedotas para dar um toque pessoal. No dia da prova, eu teria sete minutos para apresentar o projeto. Poderia usar slides e fichas com anotações, mas não era permitido ler o discurso palavra por palavra. Eu receberia a pontuação máxima se conseguisse apresentar tudo de cabeça. Depois, receberia uma pergunta da plateia. O ideal seria que alguém fizesse a pergunta de forma espontânea.

— A pergunta pode vir de qualquer um — avisou a professora Sun. — Então certifique-se de que seu discurso será interessante, para que as pessoas queiram interagir com você. — Ela me deu uma piscadinha conspiratória. — Mas eu vou preparar uma pergunta, só por precaução.

* * *

Fiz as avaliações de meio período: quatro provas escritas e uma entrevista oral de vinte minutos, agendada para o meu intervalo de almoço. Às quatro horas, saí do departamento aos cambaleios, com os olhos injetados. Não sabia se havia me saído bem e estava tentando decidir o quanto eu deveria me importar.

Se eu não fosse boa intelectualmente, o que me restava? Estudos eram o mais próximo que a minha família tinha de uma religião. A escola era a saída. Meu pai havia aprendido álgebra numa sala de aula de vilarejo, com piso de barro, sem água encanada nem eletricidade. Minha mãe se formou na Universidade da Califórnia com uma bolsa de estudos integral. Os dois haviam me ensinado os prazeres da análise: mergulhar de cabeça em um problema, avaliar todos os ângulos até que as peças começassem a se encaixar. E eu tirava tudo de letra; do jardim de infância até o meu terceiro ano do ensino médio, meus boletins eram impecáveis. Eu era um prodígio, a queridinha dos professores. Eu não passava raspando, só tirava nota máxima. Quando recebi a notícia de que tinha entrado

na faculdade, meus pais berraram e depois ligaram para minhas tias e meus tios para que eles também pudessem berrar, ainda que não entendessem qual era o motivo de tanta gritaria. De um vilarejo até os Estados Unidos e depois a Yale, eu havia conseguido; eu era o objetivo final, a terra prometida.

Mas isso não levou à cura do câncer nem a uma Medalha Fields, nem à presidência, nem à criação do próximo Facebook; tudo aquilo levou apenas a um cubículo no laboratório de informática do departamento de línguas estrangeiras da Universidade Nacional de Taiwan, confundindo ideogramas que meus pais haviam aprendido quando eram crianças, construindo orações de que os professores deles teriam dado risada, penando numa prova oral para me lembrar do termo para "sociedade". E, quando eu pensava no assunto, aquilo era um retrocesso tão devastador que minha vontade era atirar todos os livros didáticos na rua.

* * *

Na tarde seguinte, a professora Sun me perguntou se eu queria escutar a gravação da minha prova oral.

Eu perguntei se era mesmo necessário.

— Acho que é uma boa ideia — admitiu ela. — Os examinadores fizeram muitas anotações. — Ela abriu um arquivo de áudio no computador. — Ninguém gosta de ouvir a própria voz numa gravação, mas você vai superar esse incômodo rapidinho.

Os sons que saíam dos alto-falantes me espantaram. Eu nunca tinha escutado minha voz em chinês. Da minha perspectiva, meu chinês soava como meu inglês, disfarçado e distorcido. Mas, vendo de fora, eu soava como um ser distante, inteligível. Com uma sensibilidade estrangeira. Eu não conhecia aquela pessoa. Se a escutasse falando na rua, teria pensado que era uma desconhecida. A professora Sun estava explicando meus erros de pronúncia, as expressões que eu havia deturpado, todos os *chengyu* que eu havia empregado nos contextos errados. Eu não conseguia prestar atenção. Estava tão fascinada pela gravação, por aquelas sílabas fluindo no ar sem o menor esforço.

Eu não conseguia acreditar. Não era fluente o bastante para escutar os defeitos; para mim, a pessoa na gravação parecia chinesa. Eu conseguia imaginá-

la caminhando por aí, indo às aulas, rindo em bares com os amigos. Aquela outra pessoa, nascida na China, criada em Taipei, uma nativa daquelas ruas. Ela não era impossível. Ela poderia ter existido.

* * *

A professora Cai nos contou que talvez a cidade tivesse que ser paralisada pelos próximos dias. Era época de tufões, o que explicava os aguaceiros constantes, mas a previsão do tempo indicava que uma tempestade maior e mais perigosa chegaria a Taipei em breve. Então era bem provável que tudo fechasse no dia seguinte, mas só teríamos certeza quando os meteorologistas do governo emitissem suas recomendações oficiais.

A professora Lin disse que os meteorologistas eram propensos a paralisar a cidade mesmo quando havia apenas uma garoa.

A professora Sun pediu que eu tomasse muito cuidado ao sair. Tufões chegavam de mansinho. O ar parecia calmo, até que não estava mais. Certa vez, um primo dela estava voltando para casa durante um tufão e quase teve o olho arrancado por um pedaço de sucata.

Lee, nosso senhorio, também enviou uma mensagem de alerta para Anna e para mim: *Logo, logo vai chegar um tufão! Por favor, fiquem abrigadas e sigam as instruções do governo*. Em seguida, três emojis de ondas, um emoji de cocozinho e um rezando. Essa era a maneira de Lee nos lembrar de não jogar papel higiênico no vaso sanitário.

* * *

Na manhã seguinte, o céu estava limpo, o ar quente e parado como sempre. Achei que a tempestade havia passado reto por nós, mas quando acordei havia um e-mail da secretaria: as aulas tinham sido canceladas; poderíamos ficar em casa até a segunda-feira seguinte. Essa ideia me apavorava. Eu não tinha aonde ir nem o que fazer, e não poderia zanzar pela cidade por causa do toque de recolher. Fazia três dias que eu não via Anna. Eu teria que continuar sendo minha própria companhia.

O tempo se arrastava. Tomei um longo e caprichado banho e depilei cada

centímetro visível de pele. Revisei todas as fichas de vocabulário, depois adiantei os estudos para o dia seguinte, e também para o próximo. Na hora do almoço, fui comprar um *onigiri* de frango na lojinha de conveniência 7-Eleven. Pensei em estocar comida, assim como minhas professoras haviam recomendado, mas nada lá parecia gostoso o bastante para ser comprado em grande quantidade. Até comprei um pouco de papel higiênico, um pouco de sopa, uma vela e um isqueiro, para o caso de ficar sem energia.

A tempestade chegou em Taipei mais tarde naquele dia. Eu sempre presumi que tempestades chegavam feito deslizamentos de rochas: vinham de algum lugar e tinham destino certo. Durante a tarde, porém, o olho da tempestade simplesmente se materializou sobre a cidade. Tudo engrossou, e parecia que a atmosfera estava passando pelos estados da matéria, do gás ao líquido e ao sólido, até que a umidade se tornou quase tangível. Fomos engolidos pelas nuvens. Eu conseguia sentir a eletricidade no ar, o leve amargor de ácido sulfúrico debaixo da língua, e, apesar de os ventos ainda estarem silenciosos, parecia que tudo estava aumentando de tom, e não acabaria até que os céus se abrissem e os raios caíssem.

* * *

Anna voltou de noite.

Eu me empertiguei.

— Oi.

Saiu em inglês; falar em chinês parecia fingimento.

— Oi.

Anna não parecia incomodada de me ver. Estava com duas sacolas de mercado penduradas nos braços. Ela fechou a porta com uma cotovelada, tirou os sapatos aos chutes e cruzou a sala de estar.

— Você estocou comida para o tufão?

— Esqueci.

— E aí? Você vai morrer de fome?

— Não sei. — Eu apontei para a mesinha de centro, para minha sacola intocada de aquisições da lojinha de conveniência. — Eu comprei uma vela.

— Bem, eu comprei comida.

Eu a ajudei a abrir a porta da cozinha minúscula.

— O que você comprou?

— Um pouco de tudo.

Anna transferiu o conteúdo de suas sacolas de compras para dentro da geladeira. *Onigiri* embalado em plástico, caixas de leite de soja sem açúcar, ovos pochê marinados em chá, bolinhos de porco no vapor com o óleo escorrendo através da caixa.

— Ah, também comprei macarrão instantâneo.

— Nossa.

— Você pode comer um pouco se quiser.

— Não, vou só voltar no 7-Eleven. Acho que ainda está aberto.

— Não, é sério. Eu comprei demais. Vai estragar. Só come, vai. — Anna me contornou. — Eu vou tomar banho, tá? Estou toda grudenta, está muito úmido.

— Tá bom.

Anna entrou no banheiro. Eu tirei minhas coisas da cama e me sentei na beirada do sofá enquanto encarava minhas mãos. Inspirei e expirei, me obrigando a ficar calma. Ela estava sendo legal. Eu deveria ser legal. Aquilo já era um progresso.

Ela saiu do chuveiro, corada e molhada.

— Bem melhor — comentou.

Eu tentei me lembrar de todos os motivos pelos quais a detestava. Era difícil trazer à mente uma animosidade real. Eu sabia que poderia ficar brava, mas isso exigiria bem mais esforço. Já havia repassado suas falhas tantas vezes em pensamentos, e tudo acabava sendo irrelevante.

Anna espiou pela janela.

— Está tão calmo lá fora.

— Não é?

— Parece esquisito ficarmos presas aqui dentro.

Eu contei a ela o que a professora Sun dissera sobre os ventos: como eles poderiam ser perigosos ainda que tudo parecesse calmo por trás de uma janela, como você poderia estar caminhando pela rua e quase ter o crânio perfurado por um pedaço de sucata.

Anna soltou uma risada sarcástica.

— E de onde vai surgir essa sucata?

— Sei lá, está jogada por aí.

— E onde tem sucata jogada em Taipei?

— Em prédios velhos? Canteiros de obras? Sei lá.

Nós espiamos pela janela. Uma garoa havia começado, tão fraca que não teríamos percebido se não fosse pelas gotículas acinzentadas na calçada.

— Eu fui a uma festa de furacão uma vez — contou Anna. — Perto de Orlando. É uma tradição por lá. Estava visitando uma amiga do acampamento e tinha um furacão de categoria dois previsto para o fim de semana, e todo mundo ficou empolgado porque isso significava que cancelariam as aulas e o trabalho naquele dia.

— Deu medo?

— Não, eram só mães brancas bebendo vinho e tentando aprender um *dougie*, o passo de hip hop — respondeu Anna. — Juro. Elas tinham uma tábua enorme, tipo um esqui de madeira, com cinco buracos onde dava para encaixar copinhos de doses. Elas ficavam paradas em fileiras de cinco e tomavam um shot. E foram, tipo, uns oito. Lá eles amam furacões. É tipo um feriado caído do céu.

Isso fazia certo sentido para mim. A tempestade anulava todas as desculpas. Não dava para seguir com o dia; você precisava cancelar seus planos e se abrigar em casa. E não dava para saber se a tempestade destruiria tudo e todos, então você precisava ser legal com todo mundo, só por precaução.

Anna fez macarrão instantâneo para o jantar. Senti uma pontadinha de carinho enquanto a observava abrir as tampas de papel com todo o cuidado, colocar os pacotinhos de tempero e encher com água até a linha marcada. Ela colocou pratinhos de cabeça para baixo por cima das embalagens enquanto os macarrões descansavam.

— Isso prende o vapor — explicou.

Depois colocou um timer no celular para dois minutos e meio e, quando ele tocou, ela retirou as tampas com muito cuidado e colocou as embalagens em cima dos pratinhos para pegar o que escorresse. Eu acendi minha vela e a coloquei no meio da mesinha de centro, embora ainda tivesse luz. Anna me passou um conjunto de palitinhos descartáveis.

— 趁熱吃 — disse ela. Palavras de uma mãe chinesa. — Coma antes que esfrie.

* * *

— Eu sinto muito — falei, por fim, assim que havíamos terminado de comer. Levei todo esse tempo para reunir coragem. — Sobre o JC.

— Ah. — Anna soltou uma bufadinha debochada. — Não, eu que sinto muito. Foi tudo tão idiota. Na verdade, agora ele está namorando a Margrit.

— Mas ela não tem noivo?

— Acho que eles terminaram.

— Sério? — Pensei naquele sujeito legal de bochechas coradas na tela do celular de Margrit. — Isso aí parece uma decisão e tanto.

— Não tem muito a ver com o JC — explicou Anna. — Quero dizer, talvez um pouquinho. Eles parecem gostar bastante um do outro, é bem nojento. Mas acho que Margrit queria uma desculpa para se livrar daquele relacionamento. Helmut é muito tradicional, sabe. Ele quer que a Margrit vire dona de casa e cuide dos filhos deles assim que se casarem. Mas a Margrit fala tantos idiomas, e ela não conseguiria fazer uso deles numa fazenda de ovelhas.

* * *

Decidimos assistir a um programa taiwanês chamado *Wave Makers*.

Era uma novela sobre dois jovens assessores políticos trabalhando em uma campanha antes da grande eleição. O tema principal era assédio sexual na política taiwanesa. A protagonista, uma jovem recém-formada que fora assediada pelo candidato do partido de oposição, o antigo professor dela, era interpretada por uma atriz chamada Gingle Wang. Eu a achava bem cativante.

— Faz sentido — comentou Anna. — Ela é bonita do jeito que você gosta.

— Como assim?

— O rosto dela está sempre com essa expressão, como se alguém tivesse acabado de gritar com ela, e ela faz biquinho, e agora você precisa cuidar dela. — Anna apontou para a tela, onde Gingle estava fazendo beicinho. — Desculpe, mas é bem irritante.

— Ela age assim porque está chateada!

— Sim, eu sei, mas dá a impressão de que ela faz isso por hábito. Tipo, para chamar atenção. — Anna estava dando uma olhada na página da Wikipédia de

Gingle Wang. — É só que acho que ela tem lábios bem finos. Você não acha que os lábios dela são finos demais?

Eu nunca havia prestado muita atenção nos lábios de Gingle Wang, mas, depois do comentário de Anna, ficou impossível de ignorar. Tentamos ver outro episódio, mas Anna só conseguia aguentar até certo ponto aquela expressão de Gingle Wang, então colocamos um filme taiwanês: *Um Romance do Além*, uma comédia sobre um policial homofóbico que acaba casado sem querer com o fantasma de um cara gay. Gingle Wang também estava naquele filme, mas fez menos biquinho, e o papel dela não era tão relevante a ponto de incomodar Anna. O filme consistia no policial (ex-)homofóbico e no fantasma gay se unindo para combater o crime.

Nós duas estávamos morrendo de sono no arco final. Senti Anna apoiando o rosto no meu ombro, mas não quis acordá-la. Uma vez na vida, não me importei com o tempo arrastado. De repente eu entendia o prazer das tempestades. Elas faziam qualquer abrigo parecer mais precioso. Do lado de fora, os ventos açoitavam, as chuvas rugiam. Que segurança mais precária dentro daquelas quatro paredes. Eu gostava desta cena; tentei memorizar os detalhes. A vela bruxuleante. O caldo quente e apimentado se acomodando no meu estômago, e a respiração suave e regular de Anna.

* * *

A professora Lin tinha razão. A tempestade nem foi para tanto; passou depois de algumas horas de chuva, e no dia seguinte o céu estava limpo. Às duas da manhã, a secretaria enviou um e-mail comunicando que as aulas seriam retomadas, afinal. As apresentações finais seguiram conforme o planejado.

Cada turma de Pensamento e Sociedade deveria se apresentar como um comitê: ficaríamos sentados atrás de uma mesa comprida na parte da frente da sala e faríamos nossos discursos um após o outro. Não era obrigatório que escutássemos as apresentações das outras turmas, mas muitos estudantes ficaram para prestigiar os amigos. A sala de aula estava abarrotada. Os alunos não paravam de entrar, mas só havia espaço para ficar de pé no fundo.

Eu fui a última. Havia terminado de escrever minha redação só na noite anterior e ficado acordada até tarde decorando tudo. Usei as frases mais difíceis

como mnemônicos, bases que eu havia entalhado no meu cérebro: determinismo linguístico (語言決定論), a hipótese de Sapir-Whorf (薩丕爾沃爾夫假說), metáforas conceituais (概念比喻). Eu só precisava acertar esses termos. Todo o resto era material adjacente. Falei sobre como algumas culturas tinham vocabulários mais ricos para descrever cores ou sabores do que outras e como isso se correlacionava a um paladar mais aguçado. Falei sobre como aprender outros idiomas não poderia nos ajudar a ver o futuro, mas como de fato mapeavam o espaço de maneira diferente em relação ao tempo. Em inglês, por exemplo, o futuro estava à sua frente. Em chinês, o futuro estava para trás. O termo para "gerações futuras", 後代, usava o mesmo "後" de "trás". Contei para todo mundo o que a professora Sun me dissera: que o chinês acreditava que você poderia ver o passado, mas que só se poderia andar de costas, sem ver nada, em direção ao futuro.

Contei para eles minha teoria de que falar vários idiomas alterava não apenas nossas percepções de mundo como também nosso entendimento de nós mesmos. Fiz uma piada, "Alguns de nossos colegas de turma parecem virar outra pessoa quando sobem do segundo para o terceiro andar!", e todas as professoras riram. Eu só tinha mais dois parágrafos para dar conta; já estava quase no fim.

— Eu sempre senti vergonha da minha versão chinesa — admiti. — Ela era jovem demais, imatura demais, inarticulada demais. Resumindo, ela era uma idiota. Eu quis mantê-la escondida dentro de salas de aula, dentro de um espaço seguro de aprendizado, até que ela tivesse me alcançado, até que ela não passasse vergonha ao abrir a boca. Mas, conforme o tempo passava, a discrepância entre meus dois eus nunca diminuía, e fiquei tão envergonhada que não a deixei falar até que fosse tarde demais. Meu avô… bem, meu avô faleceu há pouco tempo.

Eu havia praticado essa transição uma dúzia de vezes, mas não consegui evitar o soluço.

— E isso me afetou muito, porque eu sempre senti que o propósito de aprender um idioma era se comunicar com outra pessoa — continuei. — O objetivo de aprender chinês era o acesso. Eu queria conversar com a minha família, essa era a questão. Mas agora eu me pergunto: o que acontece quando você chega tarde demais na conversa? De que o chinês adianta então? Eu quis esperar até que me tornasse alguém com quem meu avô realmente pudesse

conversar. Mas não fui rápida o bastante. Tudo que tenho são perguntas, mas pelo menos aprendi a fazê-las nos termos dele. Posso me mover pelo mundo na língua dele, ao menos um pouco. E isso vai ter que bastar. Hã. — Eu pigarreei. — Enfim, esse foi o meu discurso. Obrigada, pessoal.

A sala estava no mais absoluto silêncio quando terminei. Não era um tipo de silêncio impressionado. Alguém deveria me fazer uma pergunta, mas ninguém ergueu a mão. Eu desejei ter falado sobre investimento direto estrangeiro na China, ou cultura de dieta e exercícios entre os jovens nos Estados Unidos. Algumas das professoras se inclinaram para a frente, de sobrancelhas erguidas, como se estivessem preocupadas de que eu estivesse prestes a chorar. Eu nunca havia superado aquele instinto constrangedor de que se alguém era chinês, devia ser meu parente. E eu entendi que não poderia tratar minhas professoras como se fossem meus pais, que era injusto e suspeito de um ponto de vista racial. Mas aí, de repente, eu senti uma gentileza acolhedora na sala.

A professora Sun ergueu a mão.

Eu apontei para ela.

— Sim?

— Então, o que você perguntaria a ele?

— Perdão?

— Se você pudesse ter aquela última conversa com seu *gonggong* neste exato instante — prosseguiu ela, sorrindo. — O que você perguntaria a ele?

Me conte sobre seus pais.
Assunto delicado, né? Delicado é a palavra certa?
Como é que eles contaram que iriam te mandar de volta?
Parecia um país estrangeiro?
De que maneira ele parecia ser seu?
Como era seu mandarim?
Quanto tempo demorou para aprender?
De que autores gostava?
Também escutava Liszt?
Os Grandes Líderes... por acaso os conheceu?
Parecia de verdade?

Alguma coisa?
Quando o sonho desmoronou?
Durante a guerra...
No Exército...
Quando os japoneses...
Depois da guerra...
Durante o Grande Salto Adiante...
Durante a Grande Fome...
Durante a Revolução Cultural...
Quando Mao morreu...
Por que não foi embora?
Chegou a tentar?
Por acaso cantou aquela música sobre Chiang Kai-reka?
Qual foi a última vez que os viu?
Quando foi que descobriu?
Quando foi que teve certeza?
Por que nunca foi visitar sua irmã?
Meus tios...
Por que escolheu minha mãe?
Por acaso se arrependeu?
Já fez perguntas a alguém que não podia responder?
Com quem você fala no escuro?



钟德睿

Fatos conhecidos, contornos de uma vida. Enviado aos catorze anos para morar com parentes que nunca tinha visto, para um país onde nunca havia colocado os pés, sem motivos, a não ser um sonho. Naquela época, sonhos tinham valor. Dinastias ruíram, impérios se ergueram, grandes potências travaram guerras e os mapas do mundo foram redesenhados num instante. No começo do século XX, a grande narrativa era a evolução civilizacional. Darwin e Spencer chegaram à China, e os intelectuais chineses concluíram: adapte-se ou seja extinto. A modernidade estava chegando ao Oriente; a Raça Amarela estava tirando o atraso. Esta nação está doente, escreveu Liang Qichao; ignorante, débil, retrógrada; nós precisamos de um povo novo, precisamos nos fortalecer. Na escola, lendo Rousseau e Tocqueville, o menino também foi instigado por esse devaneio coletivo, as bases constitucionais de uma nova China. A dinastia Qing foi destituída, a Assembleia Nacional declarou uma república e a democracia despontou no horizonte. Depois veio a guerra, e depois disso a guerra civil. Ele se alistou no Exército, onde desenvolveu hábitos que manteve pelo resto da vida: lavar bem as mãos, porque isso prevenia a disenteria; manter a postura ereta; passar as calças com tanto afinco até ficarem retas feito uma régua. A Guerra Fria: promessas de uma utopia chegando ao fim no estreito, mas, de ambos os lados, famílias foram dilaceradas, jornais fecharam as portas, manifestantes desapareceram. Ele não foi embora para Taiwan, e não ousou se arrepender dessa decisão.

Todos estavam morrendo de fome. Estavam morrendo de fome até no Camboja, onde a terra era tão fértil que diziam que se poderia cagar no solo e as sementes germinariam. Mas, de alguma maneira, a fome veio, assim como sussurros de coisas piores, mas pouquíssimas notícias conseguiam passar pelas fronteiras. O silêncio era um tormento. Por fim, uma carta chegou de um campo de refugiados na Tailândia. Da irmã: nossos pais se foram. Meu marido se foi. Meus filhos se foram. Somos os únicos que sobraram. Ele nunca perguntou mais detalhes. Não estava presente; não tinha o direito. Sua irmã fora professora de inglês antes da guerra. Ela havia prestado serviços

de tradução no acampamento, e por conta disso os estadunidenses lhe disseram que a enviariam para onde ela quisesse. Califórnia ou a China continental? Ela pediu o conselho do irmão: como andam as coisas por aí? Não venha, implorou ele. Vá.

O mundo deu uma guinada para a direita. Os ditadores comunistas renunciaram ou foram depostos; suas utopias agrárias jamais chegariam a acontecer. A China abriu seus mercados e convidou o mundo a adentrá-los. Todos os vizinhos dele estavam abrindo negócios: lojas de aparelhos eletrônicos, lojas de tênis. Criadores de porcos ficaram milionários. Aqueles foram os anos dourados. Sonhos voltaram a ter valor. Quando as fronteiras relaxaram, ele sentiu que havia vencido. Esteve certo, afinal, de se manter em sua posição, de insistir até o fim. A loucura não poderia durar para sempre. As coisas haviam de regredir à normalidade. Suas três filhas foram para a faculdade, e depois todas encontraram bons empregos e maridos com empregos ainda melhores. Compraram casas. Mostraram a ele a água encanada, a eletricidade, os assentos de privadas de porcelana: bidês importados do Japão, muito mais higiênicos, acionados por um simples botão. Ainda com lembranças vívidas dos anos da fome, e agora eles nem piscavam nos banquetes no Sky No. 1, um restaurante onde se podia reservar uma sala privativa num arranha-céu muito acima da Guangzhou em desenvolvimento. Os garçons traziam frango macio sobre cogumelos, costela bovina caramelizada com mel, camarões no vapor sobre camas de macarrão de arroz. O estômago dele doía. Ele disse que queria inhame, e vinte minutos depois o chef enviou um prato com pedaços esculpidos de taro, mandioca e batata-doce japonesa; metade cozida no vapor, a outra metade salteada com açúcar mascavo cristalizado. Os velhos preferiam comida simples, brincava a garçonete. Ela tirou uma foto para eles, mostrou-lhe no celular, e ele ficou espantado com aquela visão: o patriarca, a matriarca, cercados por filhas rechonchudas e bem alimentadas. Será que somos da realeza?, perguntou ele, e elas riram; Ba, todo mundo come assim agora.

Sua filha mais nova foi para Los Angeles, e depois para a UC Irvine, onde se casou com o primeiro estudante de engenharia chinês que ela conheceu. O emprego dele os levou até Massachusetts, onde compraram uma casa com diversos quartos e um jardim na frente onde ele poderia plantar macieiras e acreditar que os dois ficariam ali tempo o bastante para ver a colheita. O espaço era diferente no subúrbio. Não havia ônibus, não havia calçada, era necessário dirigir só para comprar umas frutas de manhã, mas ele jamais aprendeu como fazer isso. Era tudo tão silencioso. Não havia vizinhos espiando das janelas; nada de varais pendurados entre os prédios. Aquela era a terra das

liberdades individuais. Cada um no seu quadrado, e, se alguém ficasse parado na sua calçada, dizia a filha dele, você tinha a permissão de lhes dar um tiro.

Queriam que ele ficasse lá. O sonho de todos era ir aos Estados Unidos, criar raízes e abrir caminho para os demais; todos conseguiam um green card, *se naturalizavam, arranjavam um emprego e um plano de aposentadoria, e depois traziam os pais também. Mas ele não gostava de depender dos outros. Gostava de conhecer cada rosto da vizinhança e de poder sair pela porta sabendo direitinho aonde iria e quando chegaria. Então, quando o genro o puxou de canto e perguntou se poderiam conversar, ele sentiu alívio.*

Até logo. Não tão logo. Eles estavam ocupados demais para uma visita, e o voo era longo demais. Quando as meninas vieram, perguntaram o tempo todo quantos dias ainda faltavam para ir embora. Não tinham a menor paciência para aquela terra de vasos sanitários no chão, wi-fi duvidoso, sem ar-condicionado. Elas queriam o Nintendo, estavam chateadas de perder uma festa de aniversário, não gostavam da comida que a popo *delas cozinhava em casa: do jeito que ela jogava tudo dentro da panela a vapor para o café da manhã, ovos, pãezinhos de carne de porco e fatias de pão. Muito encharcado, reclamavam elas. Quem é que coloca pão de sanduíche numa panela a vapor? Vamos jantar direito, disse a filha dele, e lá se foram eles, de novo, para o Sky No. 1. As meninas não deram a mínima para a vista. Poluição demais, disseram; não dá para ver nada. Elas choramingavam que o suco de laranja tinha um gosto esquisito e sentiam calafrios diante dos pés de galinha em conserva e fatias frias de tripas, e não sabiam servir chá para os mais velhos, e não repetiam o prato quando eles lhe ofereciam mais comida. Ele as olhava e tentava sentir orgulho. Estrangeiras tagarelas e rechonchudas. Elas estavam felizes, mas não eram dele.*

Ele foi de carro com elas até o Aeroporto Internacional de Baiyun e esperou com elas na fila para despachar as bagagens. Quando é que a gente vai decolar?, perguntavam as meninas o tempo todo. Quanto tempo demora o voo?

É sempre bom te ver, ele disse à filha. Volte para casa logo. Ela encontrou seu olhar cansado. Sim, logo… mas aquilo não era uma promessa, era mais um adiamento.

Ela não gostava da China. A cada vez que ia até lá, achava o lugar mais estranho. O cantonês dela titubeava; quase não tinha oportunidade de usá-lo. Ela odiava a poluição, os táxis. Achava que a comida era suja; não deixou as próprias filhas comprarem batata-doce de vendedores ambulantes. As multidões a deixavam nervosa. Havia pessoas demais naquele país, e ela não gostava de como a olhavam na rua:

aquela mulher com três filhas, numa época em que a maioria só recebia permissão de ter um filho. Quem ela havia subornado? Certa vez, quando estava grávida da caçula, caminhando de mãos dadas com as outras duas, ela fora parada em uma faixa de pedestre por um policial, e precisara sacar seu passaporte estadunidense de dentro da bolsa para que o sujeito a deixasse em paz.

Doze horas mais tarde, ela mandou uma mensagem: cheguei bem, estamos em casa.

Agora era impossível encontrar tempo para que toda a família pudesse viajar junta. O trabalho estava instável para o genro; ele vivia apavorado de ser demitido, e não poderia tirar aqueles dias de férias. As três meninas estavam na escola, então nove meses por ano já estavam fora de questão, e, quando estavam de férias, elas tinham acampamentos de verão ou festas do pijama. Não é justo, reclamavam elas. Não conseguiam concordar em mais nada, mas era só nisso que elas se uniam: por que a gente tem que passar todas as nossas férias na China*?*

Talvez no próximo verão, disse a filha dele; e depois o verão seguinte a esse, e por fim era delonga inútil. Não era culpa de ninguém. A separação era só uma questão de tempo. Ele sabia que a havia perdido. Ele a havia perdido no dia em que decidira abrir mão dela, como se os filhos fossem intercambiáveis, como se um pudesse valer por dois, e não fazia a menor diferença que o sonho da vida dela sempre tenha sido ir embora.



7

Tinha chovido durante a noite, e o ar da manhã estava fresco e doce. Todos estavam de bom humor. Os corredores estavam repletos de abraços e despedidas, contatos de e-mail trocados, promessas de visitas. Era difícil acreditar que estávamos na última semana de aula, que o curso poderia acabar dali a apenas três dias, sendo que ao longo dos últimos dois meses parecia que passaríamos o resto da vida com a cara enfiada nos livros.

Eu estava animada para ter minha aula individual. Não via a professora Sun desde a minha apresentação, e estava torcendo para que ela me dissesse que eu havia feito um excelente trabalho.

— Ah, oi, Lily! Sente-se, sente-se. — A professora Sun estava dando risada para o celular quando entrei na sala. — Um dos meus ex-alunos acabou de ter um bebê!

Ela virou o aparelho para me mostrar um homem branco segurando um pacotinho nos braços, a esposa escondida no fundo.

— Nossa, parabéns! Ele mora nos Estados Unidos?

— Não, em Taipei! É uma história bem interessante. — Ela bateu palmas. — Ele era estudante de economia quando eu o conheci. Queria trabalhar em um daqueles grandes bancos, sabe? Estavam todos abrindo filiais na Ásia naquela época, e ele queria aprimorar o chinês para se tornar o chefe da divisão em Xangai, ou algo assim. Acho que talvez as chances dele não fossem muito boas lá nos Estados Unidos. Sabe, ele não era *tão* bom assim com economia; pelo menos foi a impressão que tive. Mas todos estavam tentando fazer sucesso na Ásia.

— E ele conseguiu?

— Chegou bem perto! Ele até fez uma entrevista para uma filial de Xangai de algum banco. Teve que viajar lá para Nova York. — A professora Sun soltou um suspiro. — Mas, no fim das contas, ele não passou.

— Por que não?

— Bem, eu tinha uma suspeita. Sabia que não ia dar certo. Rapazes jovens assim não aguentam a pressão. Disseram algo maldoso a ele, e aquilo o deixou estarrecido. Ele ficou na defensiva e depois não conseguiu se recuperar.

— Nossa. Ele te contou isso?

— Não, mas imaginei que só podia ter sido isso. Dava para ver pela cara dele quando falou que não tinha dado certo. Às vezes fazem esse tipo de coisa nessas grandes empresas. Eles testam o candidato de propósito; querem ver como reage sob circunstâncias adversas. O setor bancário é bem estressante, e é necessário lidar com muitos clientes desagradáveis. Mas esse aluno não se daria bem num ambiente desses. Ele até era simpático, mas sempre teve uma constituição fraca. Não conseguia lidar com críticas. Enfim, essa experiência foi um baque psicológico para ele. — A professora fez um gesto com a mão. — Naquela época, eu fiquei preocupada com ele… ele parecia estar deprimido de verdade. Ainda frequentava as aulas, mas dava para ver que só estava presente de corpo. Não fazia o dever de casa e não conseguia se concentrar em nada. Por fim, eu falei que ele estava desperdiçando o valor da mensalidade ao aparecer assim e não aprender nada, então ele largou o curso.

— Que pena — comentei.

— Mas agora ele está bem! Não voltou para os Estados Unidos, acho que era infeliz lá. Ele se casou com uma moça daqui, acredita? Abriram uma empresa de consultoria educacional em Taipei. Eles ajudam alunos taiwaneses a entrar em universidades e cursos de verão em outros países, esse tipo de coisa. Os negócios vão bem, pelo visto. Acabaram de comprar o primeiro apartamento deles e tudo. — Ela se virou para o computador e começou a clicar em alguns arquivos. — Você quer ver fotos do casamento dele?

— Ah… claro.

— Prontinho!

Ela colocou uma selfie na tela. O rosto dela visto de perto, exagerado. Acima, o noivo exibia um sorriso distraído, como se a professora Sun o tivesse encurralado no corredor pouco antes de ele subir ao palco. Dava para ver o que ela quis dizer com constituição fraca. Era algo no queixo dele, no jeito que se dobrava no pescoço.

— Foi um casamento legal?

— Na verdade, foi um pouco constrangedor. Os pais dela bancaram tudo. Um

banquete bacana, um hotel bacana, tudo. Uma ocasião em que você se veste bem, sabe? Aí a família dele apareceu de bermuda e camiseta. Como se estivessem indo à Disney. Você conhece a Disney?

— Ele não avisou que seria um casamento arrumadinho?

— Tenho certeza de que avisou, mas, bem… — A professora Sun deu de ombros. — Talvez eles não se importassem? Ou talvez não achassem que era um casamento de verdade.

— Como a família da noiva reagiu?

— Ah, foram uns santos! Sorriram o tempo todo. Na verdade… está vendo essa estampa? — Ela deu zoom na saia da mãe da noiva, para que eu pudesse ver o brocado. Símbolos de felicidade conjugal estavam costurados por todo o tecido: fênices e dragões e patos-mandarins se beijando. — Foi costurado sob medida. Mandaram fazer ternos especiais para a família inteira. Eles queriam mesmo impressionar. Mas aí, quando viram que os pais do noivo não tinham nada para vestir, eles literalmente tiraram a roupa do corpo. Olha só!

A professora foi passando as fotos até mostrar uma da família. Os pais da noiva, de mãos dadas e radiantes de orgulho, pareciam minúsculos ao lado de dois gigantes brancos de bermudas cáqui. Os pais do noivo estavam usando os paletós do terno bordado, que ficou tão pequeno neles que as mangas mal passavam dos cotovelos. Os pais da noiva emanavam uma alegria tão magnânima, com os peitos estufados, os queixos erguidos. Cada um apertava um dos braços da filha com tanta força que, mesmo de longe, dava para ver as veias saltando nas juntas dos dedos.

— Ninguém disse nada? — perguntei.

— E iam falar o quê? No dia do casamento dela?

A professora mostrou outra selfie, dessa vez com a noiva e o noivo. Eu examinei o rosto da moça. Ela era uma mulher singela de aparência gentil. Seu rosto estava meio escondido por uma franja de adolescente. Ela lembrava um pouco Jasmine, com seu evidente desejo de passar despercebida. Será que ela tinha entendido aquele menosprezo? Fiquei imaginando. Será que havia chorado depois? Será que havia brigado com o marido? Será que havia sequer dito nem que fosse um insulto velado aos sogros? Será que tinha se arrependido de tudo aquilo? Será que agora estava feliz? Qual era a opinião dela sobre o bebê?

— Você acha que eles vão ser felizes? — perguntei.

— Ah, claro, ele adora a esposa. As coisas mudaram da água para o vinho depois que ele a conheceu. Foi ela quem teve a ideia da empresa, e ela faz todo o trabalho de atendimento ao cliente. Para ser sincera, a mulher salvou a vida dele; não consigo nem imaginar onde ele estaria sem ela. E os filhos terão dupla nacionalidade. Isso é ótimo. Isso significa que, não importa o que aconteça, eles terão para onde ir. Quero dizer, se a China continental invadir… rá, rá. Enfim! — A professora Sun fechou os arquivos das fotos. — O que íamos fazer hoje mesmo?

— Meu discurso — respondi.

— É verdade.

A professora voltou até o arquivo geral. Fiquei pasma com o tempo que ela passou rolando para baixo. Havia pastas de 2010 ali, o que significava que ela estava naquele curso havia mais de uma década. Eu me perguntei se ela contaria histórias sobre mim aos seus futuros alunos, se bater uma punheta numa fonte termal sobreviveria à minha estadia em Taipei.

Chegamos à minha pasta: Chen Li-Li. Ela clicou para abrir o documento do meu discurso. Mais uma vez, um mar de vermelho surgiu.

— Não está ruim — disse a professora. — Mas acho que você está ficando desleixada com as partículas. Vamos repassar de novo os três usos da partícula *de*?

* * *

Depois das aulas, Anna e eu pegamos a linha verde até a parada de Songshan, caminhamos dois quarteirões e depois andamos em círculos até que um zelador enfim nos deixou entrar no saguão residencial trancado e nos mostrou o elevador para o terceiro andar, que dava acesso ao restaurante xangaiense que estávamos procurando.

Yale havia organizado um banquete para todos os seus bolsistas em Taiwan naquele verão. Havia dois professores presentes do departamento de Estudos do Leste da Ásia; um representante do Ministério da Educação de Taiwan, que havia financiado nossos gastos habitacionais; e algumas pessoas mais velhas que imaginei que eram os ex-alunos ricos que haviam patrocinado nossas mensalidades. Rayer estava lá, assim como alguns alunos de pós-graduação que tinham ido a Taiwan com bolsas de pesquisa. Eu me sentei entre Skipper e

Anna. Do outro lado da mesa estava JC, que de alguma maneira havia conseguido um lugar para Margrit, embora Margrit não tivesse qualquer ligação com Yale. Havia um arranjo floral no centro da mesa, e, quando ajustei minha cadeira, a decoração bloqueou o rosto de JC.

O representante do Ministério da Educação fez um brinde e nos parabenizou por nossa dedicação ao estudo da língua chinesa e por nossa ajuda na manutenção da relação muito especial entre os Estados Unidos e Taiwan. Depois demos a volta na mesa, e cada um foi compartilhando uma experiência de algo que havia nos marcado naquele verão. Falamos em inglês; nem todos os patrocinadores eram fluentes em chinês. Rayer falou com muita paixão sobre algumas revistas impressas que ela havia encontrado nos arquivos da NTU, publicações de alunos queer que não foram digitalizadas e, portanto, eram inacessíveis nos Estados Unidos. Ela precisaria de mais verba para voltar e escanear tudo no outono. JC falou que gostou de aprender a moldar bolinhos de abacaxi no Museu de Bolo e Confeitaria Kuo Yuan Ye. Skipper contou a todos sobre os modelos de barco no Museu Marítimo Permanente. Eu mencionei as apresentações acústicas do Salão de Concertos Nacional, e os patrocinadores concordaram que era um tesouro pouco valorizado.

Os patrocinadores perguntaram se acreditávamos que aprender chinês havia moldado a trajetória de nossa carreira. Nós todos assentimos e mais uma vez demos a volta na mesa e compartilhamos nossos planos futuros para aquele idioma. Os alunos de pós-graduação falaram sobre suas dissertações e teses. Além do projeto de literatura queer taiwanesa de Rayer, havia também projetos sobre o cinema da Guerra Fria e representações literárias de chinesidades étnicas em conflito. JC disse que estava pensando em fazer carreira na diplomacia. Anna falou que estava se candidatando a um estágio numa firma multinacional de capital de risco localizada em Xangai no próximo verão, coisa que eu não sabia. Fiquei impressionada. Todo mundo tinha tanta certeza do futuro! Eu admiti que não havia feito planos tão concretos assim, mas queria trabalhar ou estudar em Taipei de alguma maneira, desde que arranjasse uma bolsa.

— Você deveria se inscrever para dar aulas de inglês — sugeriu Rayer, e os demais alunos de pós-graduação concordaram.

Sempre havia oportunidades para ensinar inglês; acomodação e alimentação seriam custeados, e a bolsa era boa. Eles recomendaram alguns programas que

sempre estavam recrutando e dos quais haviam participado.

Eu já havia ouvido falar daqueles programas. Estava começando a receber propagandas por e-mail. Parecia que minha presença em Taipei havia me colocado em uma lista de e-mails direcionada a alunos bilíngues de graduação. As qualificações eram tão tranquilas que chegava a ser suspeito. Não era necessário ter nenhuma capacitação especial para lecionar inglês, nem mesmo um diploma de bacharelado. Alunos de graduação poderiam se candidatar à vaga de professor dos cursos de verão. Bastava ser uma pessoa responsável, organizada e aventureira.

Todos os meus instrutores de chinês tinham diplomas avançados em pedagogia de idiomas estrangeiros. Eu sabia que a professora Lin havia escrito sua dissertação de mestrado sobre padrões linguísticos regionais de falantes de herança dos Estados Unidos, e por isso ela soubera que eu havia crescido no nordeste do país no instante em que eu abrira a boca. Eu havia encontrado a dissertação dela na internet, escrita tanto em inglês quanto em chinês. Mas, pelo visto, lecionar inglês não exigia habilidades aprimoradas pela prática. Você só precisava usar suas vantagens já existentes: seu conforto inato com inglês coloquial e, num mundo ideal, sua associação a universidades da Ivy League. O prestígio já era o bastante.

Eu disse a todos que queria voltar a Taiwan, mas não sabia se gostaria de dar aulas de inglês. Continuaria a refletir sobre o assunto.

* * *

O tempo estava voando de novo. Comecei a receber e-mails sobre o semestre de outono, notificações sobre matrícula em disciplinas, listas de leitura e formulários para acomodação. Alguns amigos do ensino médio queriam fazer uma viagem de carro ao longo da costa do Maine antes de voltarmos à faculdade. Era estranho me lembrar de que eu tinha uma vida nos Estados Unidos, uma vida depois de Taipei, e que essa era, de fato, a minha vida. Eu fiz uma chamada no Zoom com minhas colegas de quarto para discutir nossos arranjos de moradia. Foi a conversa mais longa que tive em inglês desde minha chegada a Taipei, e, quanto mais falávamos, mais eu odiava o som da minha voz; minha língua solta e enganosa. Eu falava tão rápido. Conhecia todos os eufemismos: *limites,*

adaptações de convivência, divisão igualitária de tarefas. Senti um pouco de culpa quando desligamos, como se eu tivesse sido desmascarada. Então Paolo tinha razão, afinal. Eu não menti em relação a nada, mas havia brincado com as palavras, manipulado as frases para garantir a reação mais receptiva. Eu não conseguia fazer isso em chinês.

Minha mãe mandou uma mensagem para mim e minhas irmãs avisando que o aniversário de nosso pai cairia no dia 28 de agosto naquele ano, então que por favor estivéssemos com nossos cartões e presentes à mão no dia, para que ele não ficasse chateado. Meu pai comemorava o próprio aniversário de acordo com o calendário agrícola do vilarejo dele. Mas ninguém jamais havia nos ensinado a usar esse calendário. O padrão de desvio era impressionante. Às vezes, o aniversário dele era no fim de julho; às vezes, caía no meio de agosto. Meu pai nunca nos contava quando seria. Ele sempre esperava até tarde no dia, ou no dia seguinte, e aí mandava uma mensagem nos dando bronca por termos esquecido seu aniversário, mostrando como aquilo o fazia se sentir renegado. Nós retrucávamos que não sabíamos, e ele dizia que deveríamos ter descoberto, e todo mundo estava errado, mas todo mundo também estava um pouco certo. Pais chineses amavam fazer joguinhos como esse: punir os filhos por coisas que eles nunca nos ensinaram.

* * *

Meus colegas da aula de Pensamento e Sociedade queriam jantar fora para comemorar a jornada que havíamos enfrentado juntos. No corredor, tivemos conversas frenéticas sobre convidar ou não a professora Cai, se seria apropriado ou se passava dos limites, até que enfim nos arrastamos juntos para dentro da sala e a convidamos a se juntar a nós. Ela sorriu, mas recusou; sempre jantava com a família. Mas esperava que nos divertíssemos.

Fomos a um restaurante de *hot pot* a vários quarteirões a sudeste do campus, um point de estudantes da NTU de que Shanhong tinha ouvido falar através de um amigo de um amigo. Fizemos o pedido num cardápio laminado, marcando os itens com canetinhas apagáveis com ponta de feltro. Poderíamos pedir qualquer tipo de caldo, qualquer variedade de proteína, por menos de cinco dólares americanos cada. Escolhemos quatro opções: o caldo de tomate, o de cogumelos

selvagens, o de abóbora e o especial de frutos do mar. Havia pequenos botões debaixo da mesa para aumentar ou diminuir o fogo, um bufê de molhos e acompanhamentos ao longo da parede ao fundo e um frigobar de sorvete à vontade para a sobremesa. Todos concordamos: o custo-benefício ali era excelente.

Fora da sala de aula, ainda não conseguíamos parar de falar em *chengyu*.

— Um restaurante barato e delicioso é como a pena de uma fênix, ou o chifre de um unicórnio — disse Yuxiu.

Eu concordei:

— Bons produtos, preço baixo.

物美價廉.

O garçom veio com jarros para repor nosso caldo assim que as panelas começaram a chiar e soltar fumaça. Liping exclamou que ele estava 雪中送炭: "tal qual o imperador Taizong da dinastia Song, que enviou carvão ao seu povo num dia nevado quando eles estavam passando necessidade". Mas Shanhong declarou que ele estava mais 及時雨, "a chuva oportuna que salvava colheitas ressecadas".

Yuxiu pediu ao garçom para tirar uma foto nossa, e nós nos espremos contra a parede para que pudéssemos caber no enquadramento. A foto ficou horrorosa, com iluminação baixa e uma mancha de gordura na lente. A perspectiva estava toda errada, então Shanhong e eu, que estávamos mais próximos da câmera, saímos com as caras redondas e os braços parecendo presuntos. Yuxiu nos mandou o arquivo, e eu salvei a foto no meu álbum de favoritos.

Aonde iríamos depois? Trocamos endereços de e-mail, usuários das redes sociais e itinerários de verão. Shanhong ficaria no curso por mais um semestre e depois iria procurar emprego na cidade. Yuxiu iria se formar no ano seguinte e entraria no serviço público de Singapura. Liping estava pensando em passar um semestre de intercâmbio em Harvard, e eu prometi que ela poderia ficar hospedada comigo se fosse mesmo para lá. Nós concordamos que precisávamos manter contato. Havíamos sobrevivido aos altos e baixos da aula de Pensamento e Sociedade, e isso nos uniu feito os irmãos do Juramento do Jardim dos Pêssegos. Nós tínhamos 風雨同舟: "estado no mesmo barco cruzando o vento e

a chuva". Nós tínhamos 同甘共苦: "compartilhado as mágoas e alegrias da vida juntos".

* * *

Anna e eu começamos a contar nossas últimas experiências. Nossa última ida até as aulas. Nossa última tigela de pudim de tofu doce da barraquinha japonesa na rua Yongkang: nosso pedido de sempre com calda de gengibre e açúcar mascavo, crocante de amendoim e feijão azuki. Um último copo de *bubble tea* da 50 Lan. Um último pacote de espaguete de micro-ondas do 7-Eleven. Um último frasco de repelente da farmácia Watsons e uma última picada do tamanho de um punho na minha coxa, em um dia que eu havia me esquecido de passar o spray. Um último intervalo de almoço; e no último dia de aula, Anna me mandou uma mensagem dizendo que tinha encontrado a barraquinha de *onigiri*, a minha obsessão. Eu segui a rota no Google Maps, e lá estava, um restaurantezinho verde com uma janelinha de pedidos para viagem. Como eu poderia ter deixado aquilo passar? Estava ali o tempo todo, espremido entre a hamburgueria e o lugar de macarrão vietnamita. Pedi um *onigiri* de ovas de salmão e um de atum, e nem precisei praticar ler os ideogramas na placa.

* * *

Na aula de Literatura Taiwanesa Moderna, Shuya perguntou se ele podia comprar os volumes seguintes do livro didático de literatura na secretaria do curso. Ele queria continuar lendo literatura taiwanesa no próprio tempo.

— Ora, claro que pode — respondeu a professora Lin. — Mas a sua leitura melhorou tanto! Você não precisa de um livro didático para compilar os trechos. Pode ir direto a uma livraria.

— Mas o glossário ajuda muito — argumentou Shuya.

— Que bom — disse a professora Lin. — Mas os glossários são retirados de um dicionário. Você tem o seu dicionário.

— Mas então quem eu deveria ler? — perguntou Shuya.

A professora Lin escreveu no quadro uma lista de escritores taiwaneses famosos e amados: Bai Xianyong, Chen Ruoxi, Wu Mingyi, Zhu Tianwen. As

obras deles eram bastante difundidas; poderíamos encontrar os livros em qualquer livraria, até mesmo nos Estados Unidos. Isso já seria um bom começo.

* * *

Na minha aula individual, a professora Sun e eu repassamos uma lista de termos associados à filosofia chinesa antiga: legalismo, benevolência, piedade filial, humanismo. De repente, já eram quatro da tarde, e a aula tinha chegado ao fim.

— Ora, Lily! — Ela bateu palmas. — Então a nossa última aulas juntas terminou!

Meus olhos arderam.

— Professora, eu amei de verdade estudar chinês com você.

— Eu também, Lily! Você me ensinou algumas coisinhas bem interessantes. Eu gostei, em especial, de ouvir sua opinião sobre idiomas alienígenas.

— Eu adoraria manter contato. Posso mandar uns e-mails depois?

— Mas é claro! — A expressão dela se fechou. — Se você quiser correções no seu chinês, ou algo do tipo, então vai ter que combinar os valores de aulas particulares com a secretaria do curso. Mas eu não ofereço aulas particulares, então vai acabar com outro professor. — Ela espiou o relógio. — Muito bem, já deu nossa hora. Tchau, Lily! Boa viagem!

Saí da sala envergonhada. De alguma maneira, me senti rejeitada. Será que eu havia entendido errado a nossa relação?

Mas não dava para guardar mágoas. A professora Sun passava oito horas sentada com alunos titubeando em seus vocabulários, chorando por causa de suas redações. Ela havia assumido uma figura maternal para mim, e talvez essa fosse a abordagem pedagógica dela. Quanto mais confortável e confiante eu me sentisse, mais riscos eu correria. Ela havia me visto aprender a me expressar, a me tornar articulada, a me tornar *uma pessoa* em chinês. Ela entendia isso. E devia saber que, para facilitar nossa separação, era melhor fingir que não.

* * *

Tivemos que fazer uma prova de conclusão antes de recebermos nossos históricos escolares da secretaria. Não contava para as notas; era só para acompanhar nosso

progresso. Era on-line, então Anna e eu a fizemos na Youmoutoohana. Aquela era a nossa última noite na mesinha de canto, bebendo chá de osmanthus com cevada e ouvindo um cover de "Englishman In New York" com sotaque japonês.

A princípio, achei que tivessem me passado o link errado. A prova de conclusão parecia ser idêntica ao teste de admissão: as mesmas frases de exemplo, as mesmas passagens de compreensão textual. Cliquei no link várias vezes, mas tudo continuou igual.

Achei as primeiras perguntas mais difíceis desta vez. Antes, eu havia logo clicado em qualquer resposta que parecesse certa. No momento, porém, eu estava usando a razão em vez da intuição, e isso me dava mais dúvidas em relação a tudo. E então, quando cheguei à parte de leitura e compreensão, tinha ainda menos tempo do que na minha primeira vez. Rolei até aquele bloco de texto ameaçador, e meu instinto foi me encolher. Mas eu vinha decifrando blocos de texto o verão inteiro. Meus olhos seguiram o primeiro ideograma, depois o seguinte, e assim fui deslizando, desvendando o código aos pouquinhos. Estava tudo legível para mim. Meu pânico diminuiu, e a história se revelou.

Era uma carta de uma aluna para os pais, contando como tudo em seu quarto havia sido revirado. O trecho não tinha nada a ver com um colapso nervoso, afinal. Nem falava sobre um ladrão. Ela estava contando aos pais sobre uma tempestade. A garota havia deixado a janela aberta enquanto saía com as amigas, e o vento havia entrado e espalhado todos os seus pertences no chão. Ela só havia *pensado* que tinha sido um ladrão. Mas nada foi levado. O trecho era engraçado, e não trágico. O estrago não tinha sido feio.

* * *

Acordei pela última vez no apartamento minúsculo da rua Yongkang. Anna havia pegado um voo para a China continental na noite anterior; iria visitar a família da tia paterna em Guizhou. Ela havia me confessado que estava morrendo de medo da viagem. Seriam duas semanas de calor sufocante no interior do país, de banquetes no jantar entre enxames de moscas e frangos recém-abatidos; uma procissão interminável de pessoas mais velhas de quem ela precisava fingir que se lembrava. Mas pelo menos agora ela conseguia se comunicar. Pelo menos, quando as pessoas perguntassem o que estava cursando,

ela conseguiria responder mais do que só "matemática".

Esvaziei a geladeira, que estava abarrotada de *onigiris* dormidos que sobraram do nosso estoque do tufão. Lavei as xícaras de chá uma a uma e as coloquei no armário da cozinha. Retirei meu último amontoado de roupa lavada de cima do sofá. Ainda estava um pouquinho úmido, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Fechei o último saco de papel higiênico usado e o levei até as latas de lixo lá embaixo. Dei uma boa olhada no lugar antes de fechar a porta. Os lençóis pareciam uma cena de crime: duas marcas de silhueta de um amarelo vibrante e nítido de dez semanas de suor, protetor solar e repelente de inseto. Havíamos dormido ali durante setenta e cinco noites e não havíamos trocado a roupa de cama nem uma vez sequer porque era grande demais para colocar na lava e seca. Eu senti orgulho de nossa resiliência.

Lee se ofereceu para me ajudar a pedir um táxi, mas eu peguei o trem. Sabia a rota de cor: seguir pela linha vermelha até a Estação Central de Taipei e de lá o trem expresso para o aeroporto. Isso acrescentava meia hora ao trajeto, mas era bem mais barato. Enquanto descia as escadas rolantes, revirei os olhos para os turistas vindo na outra direção, pessoas que não sabiam que deveriam ficar paradas à direita se não fossem andar.

* * *

Do Aeroporto Internacional de Taoyuan até o Aeroporto Internacional de Boston, via São Francisco.

Comi uma tigela de mingau de arroz com gema de ovo e cebolinha na praça de alimentação antes de passar pela triagem, e aí fui até o meu portão. Ainda tinha algumas centenas de dólares do dinheiro da bolsa de estudos. Eu queria gastar tudo em lembrancinhas. As taxas na casa de câmbio do aeroporto eram exorbitantes, e eu não sabia se voltaria para tirar o dinheiro da conta se o deixasse ali. Depois de passar pela inspeção de segurança, dei uma olhada na loja de lembrancinhas do Museu do Palácio Nacional perto do meu portão. A professora Cai nos contou esse truque no nosso último dia de aula: se você não tiver espaço na mala para itens de valor, então despache a bagagem e compre suas lembrancinhas depois do raio X. Contei meu dinheiro e escolhi um conjunto de presentes que daria quase aquela quantia exata: algumas caixas de chá *oolong* com

infusão floral para minhas colegas de quarto, marcadores de livro de jade para Flora, uma miniatura da escultura da *Acelga de Jadeíta* para Jasmine e um conjunto de xícaras de chá de porcelana para os meus pais.

A mulher no balcão perguntou se eu estava ali para visitar minha família, e eu expliquei que tinha vindo estudar chinês.

— Para quê? — questionou ela. — O seu chinês é excelente.

Eu neguei com educação, usando a frase padrão que meus pais haviam me ensinado muito antes para aceitar elogios: 哪裡哪裡, que literalmente significava "Onde? Onde?". Onde estava esse chinês excelente? Aqui que não estava.

Eu sabia que meu chinês não era bom. Ainda não conseguia ler prosa com a facilidade que gostaria e não conseguia interpretar coisas como conferências de negócios sem fazer uma preparação extensiva. Talvez eu soasse fluente nas conversas do dia a dia, mas nem isso duraria muito tempo. Fazia menos de vinte e quatro horas que eu havia saído de uma sala de aula e já conseguia sentir minhas novas sinapses se dissolvendo. Ainda estava revisando as fichas de vocabulário, mas os termos pareciam inúteis sem contexto. Será que, a essa altura, fazia diferença saber o termo para fissão nuclear? Para servir vinho envelhecido em novas jarras?

Ainda assim, eu guardava com carinho a lembrança daquela fluência. Eu a senti ali, por um breve instante. Sabia que era possível. Se eu voltasse, e se continuasse a tentar, se mergulhasse de cabeça nessa vida de novo, se me submetesse a uma disciplina surreal, era possível que eu a recuperasse.

Quando cheguei ao portão de embarque, vi que os mesmos dois estudantes estavam no meu voo de volta: a menina com o moletom de Harvard e o menino com quem ela tinha flertado. Eu não os vi o verão inteiro. Taipei não era tão minúscula assim, afinal; nossos caminhos não haviam se cruzado.

Os dois estavam parados muito perto um do outro. Eu não consegui desvendar a relação deles. Já não eram meros desconhecidos, mas também não pareciam um casal. Havia uma intimidade física casual entre eles que não existia antes. A garota se inclinou na direção dele para contar uma piada. Ele riu e bagunçou o cabelo dela.

Eles pareciam diferentes. A frase "virou nativo" me veio à mente. O rapaz havia descolorido o cabelo para um acobreado vibrante. A menina usava calças folgadas, talvez até o exato par que eu havia visto na vitrine do ateliê japonês na

rua Yongkang.

A menina me flagrou observando os dois. Seu olhar se demorou em mim por um momento, e pareceu que ela também me reconheceu. Eu me perguntei se as mesmas perguntas estavam cruzando sua mente, se eu tivera o mesmo itinerário de verão, se estava julgando os dois, se iria a Boston a passeio ou estava voltando para casa. Eu sabia que eles não haviam participado do meu curso, o que significava que deviam ter feito um dos programas mais fáceis. Tentei me sentir superior por conta disso, mas não consegui.

A comissária de bordo me perguntou em inglês o que eu gostaria de beber, e, quando respondi em chinês, as palavras pareceram forçadas. Eu havia voltado a fingir, do jeito que fazia em restaurantes chineses. Todas as outras conversas ao meu redor estavam acontecendo em inglês. Eu estava em um avião repleto de pessoas de partida: pais imigrantes e filhos que haviam voltado para visitar familiares no verão.

A menina de Harvard e seu amigo estavam na fileira logo atrás de mim. Os dois conversavam sobre como não deixar o chinês enferrujar ao longo do ano. O rapaz estava se candidatando para bolsas de pós-graduação no outono e não tinha certeza se teria tempo para cursar algum idioma entre as disciplinas obrigatórias. Eles conversaram sobre arranjar professores particulares, quanto isso custaria, se conseguiriam verba da universidade, se as plataformas mais baratas de aulas particulares na internet eram confiáveis, se aqueles professores tinham alguma formação. A menina dera uma olhada em sites de amigo por correspondência, mas eles pareciam suspeitos, e ela não tinha certeza se era uma fachada para um esquema de tráfico sexual.

Eu também tinha dado uma olhada no meu catálogo de cursos para o semestre de outono para ver como poderia manter minhas habilidades linguísticas. Mas eu já não poderia fazer os cursos intensivos diários, e as únicas disciplinas disponíveis a essa altura eram aulas com muito conteúdo. Eu poderia ler trechos de romances chineses do início do século XX ou fazer um estudo em cinema de artes marciais do Leste Asiático. Pareciam interessantes, mas não chegavam nem perto do nível de imersão que eu havia experimentado em Taipei. Eu voltaria a um mundo de inglês. O chinês voltaria a ser um idioma isolado, de sala de aula: confinado a apenas setenta e cinco minutos nas tardes de terça e quinta-feira.

A garota de Harvard e seu amigo passaram a falar de como torciam para voltarem logo a Taipei. Talvez durante o inverno? Talvez para as férias de primavera? Quando não estivesse um calor tão absurdo. Eles precisavam aproveitar a oportunidade, porque e se a China invadisse Taiwan e acabasse com a liberdade do lugar? O presidente não se importava em proteger Taiwan. O presidente nem sabia onde Taiwan ficava. Xi Jinping era destemido, os Estados Unidos haviam desistido da primazia na região Ásia-Pacífico e os mísseis poderiam ser lançados a qualquer momento. Era tudo uma grande piada até que se tornasse real.

O rapaz comentou que talvez fosse a Beijing no ano seguinte porque Princeton tinha um bom curso por lá, e a menina perguntou:

— É, pode ser, mas e se eles começarem a fazer estadunidenses de reféns?

Mas eles não eram jornalistas, traficantes de drogas nem filhos de CEOs, então será que isso queria dizer que estavam seguros? Os dois debateram sobre o nível de segurança de entrar na China continental nos próximos cinco anos. Falaram sobre as diferenças entre os ideogramas simplificados e os tradicionais. O rapaz achava que os simplificados deveriam ser muito fáceis de aprender depois que alguém se tornava fluente nos tradicionais, e ele estava feliz de ter estudado em Taipei, que havia retido a verdadeira cultura chinesa, ou seja, a cultura anterior à Revolução Cultural.

Os dois concordaram que havia sido um verão incrível. Queriam voltar. Torciam para que pudessem fazer isso, seria um sonho virando realidade, mas não tinham certeza se conseguiriam dar conta.

Eu entendia o motivo. Verões eram recursos valiosos. Verões eram a oportunidade para vagas de pesquisa ou estágios de consultoria ou trabalho voluntário. Era preciso ter uma experiência vasta no verão se você quisesse se formar e arranjar um emprego, e ninguém iria contratar uma pessoa que havia passado todos os verões estudando um idioma estrangeiro. Eu havia aprendido o conceito de vantagens comparativas numa aula de economia no último outono. O comércio era melhor para todo mundo se todos os países se limitassem à sua especialidade, ainda que outro país se saísse melhor produzindo a mesma coisa. Então, seguindo essa lógica, estudantes dos Estados Unidos deveriam se agarrar à sua vantagem comparativa de serem bons em inglês e deixar os empregos que exigiam fluência em chinês para as pessoas que haviam crescido falando o

idioma. Esses alunos estavam acostumados a serem bons nas coisas. Precisavam estar em uma zona de conforto, um lugar onde não ficassem sempre para trás, penando para seguir o ritmo, pedindo aos seus interlocutores para que repetissem o que tinham dito e assentindo para fingir que haviam entendido.

Eu conhecia várias pessoas que tinham se formado na faculdade e passado a trabalhar na Ásia, e havia certos detalhes quanto ao seu status de expatriadas, como diplomas ocidentais, sotaques nativos, o prestígio cultural de um passaporte dos Estados Unidos, que facilitava a vida delas, claro. Ainda assim, parecia um martírio. Falar um idioma não era uma habilidade generativa, tal qual tocar violão ou construir móveis. Não tornava ninguém especial de forma alguma; o idioma chinês não valia mais só porque tinha sido mais difícil de aprender. Aprender chinês só tornava a pessoa meio competente em uma vida que milhões de outros já estavam vivendo.

Mas talvez aqueles dois pudessem dar aquele salto. Talvez eles se tornassem diplomatas, ou funcionários da inteligência naval, ou estudantes de doutorado pesquisando músicas do povo hakka nas montanhas. Talvez abrissem as próprias empresas de consultoria educacional. Talvez encontrassem parceiros taiwaneses e formassem famílias. Ou talvez apenas passassem pelas exigências de idioma estrangeiro de suas universidades, parassem de desperdiçar créditos em aulas de chinês e seguissem com a vida. Taiwan seria uma anedota reservada a jantares sociais. Você sabia que em Taipei…? Que em chinês…? Naquele ano, eu… A comida é tão… Quando o meu chinês era melhor. Quando eu voltei.

Fosse como fosse, eu esperava que eles tivessem aproveitado o verão.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada a Hannah Bowman, Havis Dawson, Liza Dawson, Nicholas Runyan, Anna Ange e toda a equipe da Liza Dawson Associates por me representarem durante a minha carreira. Agradeço à equipe editorial da William Morrow e Borough Press, assim como a todos que trabalharam na publicidade, marketing, arte e produção deste livro: May Chen, Ann Bissell, Liate Stehlik, Jennifer Hart, Kaitlin Harri, Kelly Rudolph, Danielle Bartlett, Kelsey Manning, Deanna Bailey, Ella Rumsey, Ploy Siripant, Jeanie Lee, Marie Rossi, Renata de Oliveira, Hope Ellis, Abbie Salter, Sian Richefond, Susanna Peden, Joe Jackson, Megan Smith, Frankie Gray, Fleur Clarke, Leah Woods, Robyn Watts, Harriet Williams, Ruth Borrow e Holly Martin. Obrigada a Laura Cherkas por ter cedido seu tempo com tanta cortesia a minhas revisões. Obrigada a Whooli Chen por ilustrações de capa tão maravilhosas. Agradeço a todos os meus professores da ICLP, em especial à professora Sun, que é ainda mais exuberante na vida real do que a sua versão fictícia. Obrigada às minhas livrarias independentes locais, Narrative Bookshop, Porter Square Books e Harvard Book Store, por seu apoio constante. Obrigada à minha família: mamãe, papai, James, Grace e Matt. Obrigada aos amigos que nos mantiveram firmes durante nosso luto. E obrigada, sempre, a Bennett, meu porto seguro, minha luz, meu ombro amigo. Eu te amo.

SOBRE A AUTORA



© Mike Styer Photography 2021

R.F. KUANG é escritora, tradutora de mandarim e bolsista da Marshall Scholarship. Mestra em Filosofia na área de Estudos Chineses por Cambridge e em Estudos Chineses Contemporâneos por Oxford, atualmente cursa o doutorado em Literatura e Línguas do Leste da Ásia em Yale. Vencedora dos prêmios Nebula e Locus por *Babel ou a necessidade de violência*, Kuang também é autora de *Katábasis* e da trilogia best-seller *A Guerra da Papoula* — que foi indicada a diversos prêmios, incluindo o Hugo — e por dois anos consecutivos recebeu o British Book Awards, por *Babel* e *Impostora: Yellowface*.